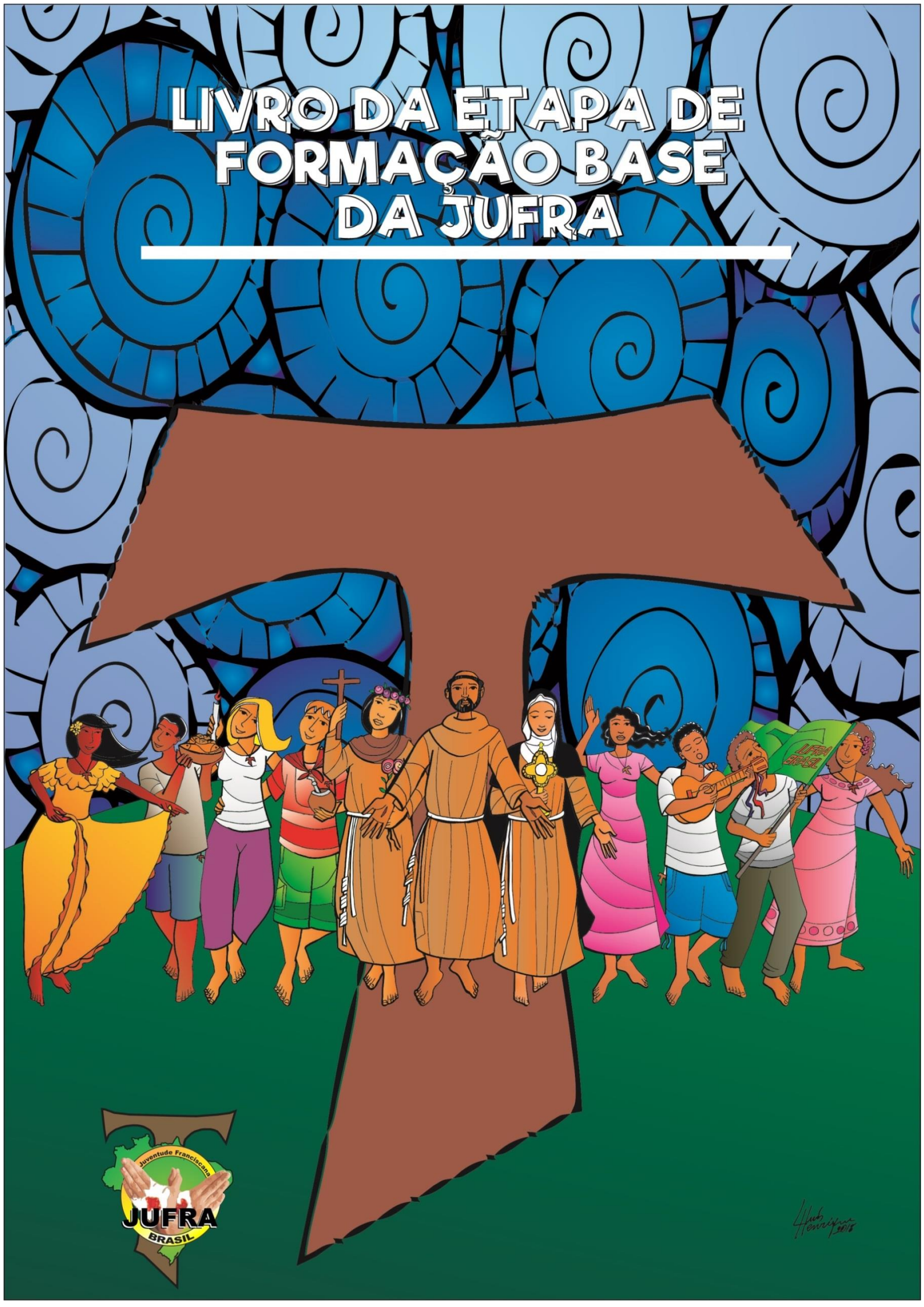


LIVRO DA ETAPA DE FORMAÇÃO BASE DA JUFRA



44
Henrique 2018




LIVRO DA ETAPA DE FORMAÇÃO BASE DA JUFRA

1ª Edição

(De acordo com as novas Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil)

Março/2018



APRESENTAÇÃO

É com imensa gratidão e profunda alegria que lançamos o novo Livro da Etapa de Formação Base da Jufra do Brasil. O famoso livro da FBJ saiu!

A Jufra do Brasil nesses últimos anos deu grandes passos na busca de acompanhar o ritmo de tantas mudanças que estamos vivendo. Tivemos momentos ímpares e inesquecíveis na caminhada ao longo desse período. Quanta coisa mudou, como nosso olhar está cada vez mais aberto e os nossos passos estão cada vez mais firmes!

Em 2014, com o IV Congresso Nacional Extraordinário em Mogi Mirim/SP, tivemos a concretização do nosso sonho de reformular as Diretrizes de Formação. Em seguida, era a hora de reformular todo o material formativo referente a cada uma das etapas, tudo de acordo com as Novas Diretrizes recém-lançadas.

Construído a muitas mãos, enriquecido de tamanho amor e cuidado pela Equipe de Formação (2013-2016), o livro da Etapa de Formação Inicial (EFI) foi lançado em fevereiro de 2016, no XVI CORJUFRA, sendo adotado oficialmente como material para essa etapa.

Agora concluímos outro passo neste processo. Esse livro chega até nossas fraternidades locais como fruto de uma abençoada construção, alicerçada no amor, paciência, cuidado e dedicação. As dezenas de irmãos/ãs que compartilharam seus conhecimentos e experiências são os/as mais diversos/as. Conseguimos ampliar nosso horizonte e trazer muita gente boa até aqui. A Família Franciscana de todos os ramos participaram; irmãos/ãs leigos/as e religiosos dos diversos carismas da nossa Igreja, e avançamos mais, contamos com a preciosa colaboração de uma irmã de outra denominação religiosa cristã. Esses diversos olhares, experiências e conhecimentos na busca de um único objetivo: "Aprofundar a vivência franciscana do(a) jufrista, levando-o(a) a uma experiência de vida fraterna, criando condições para que viva o Evangelho no contexto da realidade atual, buscando a transformação de si mesmo(a) e da sociedade à luz do carisma franciscano." (Diretrizes de Formação da Jufra do Brasil)

As propostas de encontro estão organizadas seguindo a mesma metodologia do livro da EFI, *Ver - Iluminar - Agir – Celebrar*. Nesse intuito desejamos que os/as jufristas espalhados pelo nosso imenso Brasil consigam "Ver com olhar de Deus, Julgar segundo discernimento do Espírito e Agir segundo o exemplo de Jesus." (Paulo Suess)

Parafraseando o que disse frei Francisco, em sua carta ao querido frei Antônio: "Fico feliz que ensineis as coisas de Deus a estes jovens, cuide porém, que a formação não acabe com o espírito de oração e devoção." Que este instrumento de formação, não seja fim, mas ferramenta de oração, e sobretudo de transformação de consciência cristã, humana e de nossa identidade franciscana. Que nos leve a rezar, e a construir o amor, "ao redor do qual nos propomos a construir com entusiasmo um mundo mais humano, onde haja fraternidade, justiça e paz." (Manifesto da Juventude Franciscana)

Realizamos mais um sonho, graças a disponibilidade em servir de tantos/as irmãos/ãs. Redação, Equipes de Revisão, Correção Ortográfica, Diagramação, nossos agradecimentos. Que Santa Rosa de Viterbo, interceda por cada um/uma junto a Deus. E aos pés de Nossa Senhora Aparecida, colocamos este livro e todos os envolvidos, para que amparados por sua proteção de mãe, e por seu impulso, tal qual nas bodas de Caná, saibamos reconhecer que é chegada a nossa hora de colocar os pés no chão, a mão na massa e o nosso espírito em Jesus Cristo.

A todos uma boa leitura, uma boa formação. Deus abençoe a todos nós.

Abraço Fraterno,

Juliana Caroline Gonçalves Almeida
Secretária Nacional de Formação (2016-2019)

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

(Triênio 2016-2019)

ORGANIZAÇÃO

Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL (Triênio 2016-2019)

CAPA

Luis Henrique Alves Pinto

DIAGRAMAÇÃO

Roberto Alves

EQUIPE DE EXECUÇÃO

Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL (Triênio 2016-2019)

Washington Lima dos Santos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO FRATERNAL NACIONAL (Triênio 2016-2019)

Antônio Gean de Sousa, JUFRA

Muhammed Hochay da Costa Araújo, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL DE AÇÃO EVANGELIZADORA (Triênio 2016-2019)

Sabrina Ferreira da Silva, JUFRA

SECRETÁRIA NACIONAL DE INFÂNCIA, MINI E MICRO-FRANCISCANOS (Triênio 2016-2019)

Igor Guilherme Pereira Bastos, JUFRA

SECRETÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, JUSTIÇA, PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO (Triênio 2016-2019)

Maria Aparecida Pereira Brito, OFS

ANIMADORA FRATERNA NACIONAL (Triênio 2016-2019)

Frei Wellington Buarque de Souza, OFM

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL (Triênio 2016-2019)

Frei Alexandre Patucci de Lima, OFM Conv

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL (Triênio 2016-2019)

Ana Carolina Miranda, OFS

FORMADORA REGIONAL DA OFS - SE 1(MG) (Triênio 2017-2020)

SECRETARIA NACIONAL DA JUFRA DO BRASIL (Triênio 2013-2016)

Elson Matias de Lima

ASSESSOR PARA REGISTRO E ARQUIVO

CONSELHEIRO INTERNACIONAL DA JUFRA - AMÉRICA DO SUL - CIOFS

Equipes de Revisão

- CONHECIMENTO FRANCISCANO -

Vinicius Fabreau, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO REGIONAL DE FORMAÇÃO SE 3 (SP) (Triênio 2015-2018)

Mateus Agostini Garcia, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO FRATERNAL REGIONAL SE 3 (SP) (Triênio 2015-2018)

Maria Aparecida Pereira Brito, OFS

ANIMADORA FRATERNA NACIONAL (Triênio 2016-2019)



- CONHECIMENTO DA IGREJA -

Muhammed Hochay da Costa Araújo, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL DE AÇÃO EVANGELIZADORA (Triênio 2016-2019)

José Douglas Soares Cordeiro de Souza, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE B (Triênio 2016-2019)

Frei Alexandre Patucci de Lima, OFM Conv

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL (Triênio 2016-2019)

- CONHECIMENTO HUMANO -

Ana Carolina Miranda, OFS

FORMADORA REGIONAL DA OFS – SE 1(MG) (Triênio 2017-2020)

Márcio Bernardo de Oliveira Ramos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA SUDESTE (Triênio 2016-2019)

- CONHECIMENTO SÓCIO-POLÍTICO-SOCIAL -

Elson Matias de Lima

ASSESSOR PARA REGISTRO E ARQUIVO (Triênio 2016-2019)

CONSELHEIRO INTERNACIONAL DA JUFRA – AMÉRICA DO SUL – CIOFS

Gleice Francisca Pereira da Silva, OFS

FRATERNIDADE TOMÁS DE CELANO - FOZ DO IGUAÇU/PR

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Encontros

Yolanda Aparecida Ribeiro, JUFRA

FRATERNIDADE MONTE ALVERNE - SÃO JOÃO DEL REI/MG

Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL (Triênio 2016-2019)

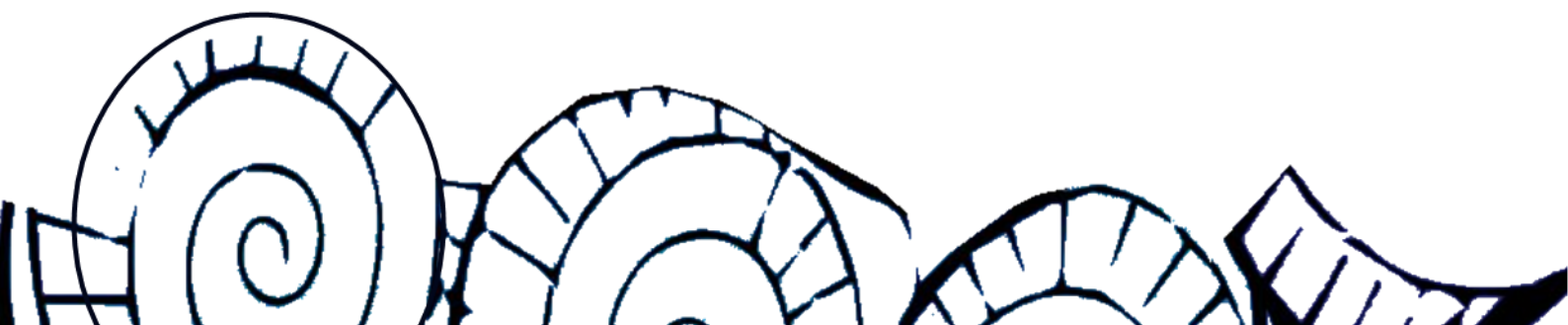
Autores

José Douglas Soares Cordeiro de Souza, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE B (Triênio 2016-2019)

Antônio José Tenório da Silva, JUFRA/OFS

FRATERNIDADE LUZ CLARA – BOM CONSELHO/PE



SECRETARIADO FRATERO NACIONAL (SFN)

(Triênio 2016-2019)

SECRETÁRIO FRATERO (PRESIDENTE) NACIONAL
Washington Lima dos Santos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA NORTE
Adrielly Alves da Silva, JUFRA

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE A
Jéssica Maria de Lima Rocha, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE B
José Douglas Soares Cordeiro de Souza, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA CENTRO OESTE
Maricélia Moraes Ribeiro, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA SUDESTE
Márcio Bernardo de Oliveira Ramos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA SUL
Bruno Oliveira Soares, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO
Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL DE AÇÃO EVANGELIZADORA
Muhammed Hochay da Costa Araújo, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, REGISTRO E ARQUIVO
Danielle Maria dos Santos e Silva, JUFRA/OFS

ASSESSOR PARA REGISTRO E ARQUIVO
Elson Matias de Lima, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, JUSTIÇA, PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO (DHJUPIC)
Igor Guilherme Pereira Bastos, JUFRA

SECRETÁRIA NACIONAL DE INFÂNCIA, MICRO E MINI-FRANCISCANOS
Sabrina Ferreira da Silva, JUFRA

SECRETÁRIO NACIONAL DE FINANÇAS
Humberto Martins de Lima, JUFRA/OFS

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL
Frei Wellington Buarque de Sousa, OFM

ANIMADORA FRATERNA NACIONAL
Maria Aparecida Pereira Brito, OFS



ÍNDICE

CONHECIMENTO FRANCISCANO

• Aprofundamento da história e organização da JUFRA	10
• Ordens franciscanas	20
• Aprofundamento sobre Santa Rosa de Viterbo	24
• Vivência do carisma franciscano;	28
• Valores franciscanos (minoridade, paz, opção pelos pobres, justiça, vida evangélica e integridade da Criação)	32
• Santos franciscanos	36
• Conhecimento da Infância, Micro e Mini-Franciscanos	40
• Regra como fonte de inspiração	46
• Introdução às Fontes Franciscanas e Clarianas	52
• Documentos Básicos da JUFRA (Manifesto, Carta de Guaratinguetá: a JUFRA que queremos ser, Estatuto Nacional, Diretrizes de Formação, Regimento Interno e as Orientações de Evangelização para a Juventude Franciscana)	58
• Diretório das Mútuas Relações OFS/JUFRA	62
• Diretrizes para a Animação Fraternal	66
• Estatuto para a Assistência Espiritual e Pastoral à OFS/JUFRA	72
• Organização da Família Franciscana do Brasil	76

CONHECIMENTO DA IGREJA

• Projeto salvífico de Deus	82
• Jesus Cristo: vida e missão	86
• Sacramentos	90
• A caminhada da Igreja: as primeiras comunidades cristãs, a Igreja na Idade Média e a Igreja a partir do Concílio Vaticano II	96
• A Igreja na América Latina e no Brasil	100
• Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil	104
• O jovem e a Igreja (organizações juvenis na Igreja)	108
• Igreja e a transformação social: Doutrina Social da Igreja	116
• Estudos bíblicos e Leitura Orante da Bíblia	122
• Catolicismo popular	126
• Organização da Igreja	130
• As Grandes Opções Da Igreja Latino-Americana E Caribenha; Conferências Episcopais (Documentos da Igreja)	134
• Diálogo ecumênico e inter-religioso	138

CONHECIMENTO HUMANÍSTICO

• Dinâmica da vida em grupo	142
• Afetividade e sexualidade	146
• Relações de gênero	150
• A família e as novas relações	156
• Liderança a partir da mística do serviço	160
• Realidade das juventudes hoje	164
• Projeto Pessoal de Vida	170
• Novas mídias e as novas relações	174
• Personalidade e relações interpessoais	178
• Saúde e bem-estar	182

CONHECIMENTO SÓCIO-POLÍTICO-AMBIENTAL

• Estrutura dos sistemas econômicos, políticos e sociais	186
• Conhecimento da realidade brasileira	192
• Democracia e participação popular	198
• Meios de comunicação social	204
• Estatuto da Juventude e Políticas Públicas de Juventude	208
• Culturas e identidades do povo brasileiro	214
• Sustentabilidade e justiça socioambiental	218
• Direitos Humanos	222

APROFUNDAMENTO DA HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA JUFRA

APROFUNDAMENTO DA HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA JUFRA

INTRODUÇÃO

Espontaneamente e a critério da Equipe de Formação.

OBJETIVO

Aprofundar o conhecimento dos(as) jufristas sobre a Juventude Franciscana (JUFRA), para que se reconheçam como continuadores(as) desta História, valorizando a memória pessoal e coletiva a partir do protagonismo juvenil.

MATERIAL

Materiais para a ambientação do lugar do encontro e cópias das letras do Hino e do Salmo para as Orações e do Texto de Aprofundamento.

AMBIENTAÇÃO

Imagem de São Francisco de Assis e de Santa Clara, livros, fotografias e outros materiais antigos e atuais da JUFRA.

ACOLHIDA

Acolher cada participante na entrada do local com o abraço e o desejo de Paz e Bem; Cuidar para que o espaço esteja organizado e ambientado com os símbolos antes dos(as) participantes chegarem.

VER

A Equipe de Formação responsável pelo encontro prepara previamente a melhor forma de apresentar o texto em anexo, de forma simplificada e criativa, podendo partilhar essa tarefa com outros irmãos e irmãs jufristas e/ou "eternos(as) jufristas" e outros franciscanos(as). A apresentação poderá ser feita com exibição de slides, organização de cartazes com textos e fotografias, poesias, vídeos, folheto de cordel, encenação de teatro, montagem de paródia, etc.

ILUMINAR

Cantar o Hino "Antes que te formasse", do Ofício Divino das Comunidades

Antes que te formasse (Jeremias 1)

1. Antes que te formasse/ Dentro do seio de tua mãe,
Antes que tu nascesses/ Te conhecia e te consagrei.
Para ser meu profeta/ Entre as nações eu te escolhi,
Irás onde enviar-te/ E o que te mando proclamarás!

Tenho de gritar, tenho de arriscar,

Ai de mim se não o faço!

Como escapar de ti, como calar,

Se tua voz arde em meu peito?

Tenho de andar, tenho de lutar,

Ai de mim se não o faço!

Como escapar de ti, como calar,

Se tua voz arde em meu peito?

2. Não temas arriscar-te/ Porque contigo eu estarei,

Não temas anunciar-me/ Em tua boca eu falarei.

Entrego-te meu povo/ Vai arrancar e derrubar

Para edificar/ Destruirás e plantarás.

3. Deixa os teus irmãos,/ Deixa teu pai e tua mãe

Deixa a tua casa/ Porque a terra gritando está.

Nada tragas contigo,/ Pois a teu lado eu estarei;

É hora de lutar/ Porque meu povo sofrendo está.



Leitura Bíblica: Mateus 13,1-23

Refletir juntos/as:

1. Qual frase do Hino mais ressoou em nosso coração? Ele tem algo a ver com nossa História pessoal e coletiva? E em relação à JUFRA?
2. Quais os significados da semente, do semeador e dos diversos terrenos? Qual a relação desse Evangelho com a JUFRA?
3. Qual a importância do conhecimento sobre a História e Organização da JUFRA?

AGIR

Procurar irmãos(ãs) antigos/as da JUFRA, visitá-los(as) e trocar informações sobre a História da JUFRA; Procurar Fraternidades mais próximas ou fazer contato via internet com esses irmãos(ãs), se na localidade nunca houve JUFRA; Buscar compreender as semelhanças e diferenças entre os tempos históricos da JUFRA; Pesquisar materiais antigos e atuais da JUFRA do Brasil e de outros países, como atas, fotografias, livros, cadernos de anotação, entrevistas, matérias em sites, revistas e blogs, etc; Contribuir com as Secretarias de Comunicação Social, Registro e Arquivo, cuidando desde já e sempre do Arquivo permanente da Fraternidade Local, Regional e Nacional.

GESTO CONCRETO E CELEBRATIVO

Organizar e montar uma exposição sobre a História da Fraternidade Local, com características da identidade e realidade da JUFRA, contando também com informações sobre a JUFRA nos níveis Regional, Nacional e Internacional, bem como possíveis aprendizados vividos neste encontro; Convidar a Comunidade, familiares dos(as) jufristas, ex-jufristas e amigos(as) para visitarem a exposição; Fotografar o processo de construção e realização da exposição e enviar notícias para o Regional e Nacional a fim de partilhar a experiência.

CELEBRAR

Cantar juntos/as o Hino "Nos Caminhos da História", agradecendo a Deus pela Juventude Franciscana e pela vida das Fraternidades Locais, Regionais, Nacionais e Internacional.

Nos Caminhos da História – (EM A EM G A EM)

Ô, ô, ô, ôô! Sou Jufrista! Juventude, Paz e Bem! (bis)

- No peito levo um tau, / No coração amor,

Partilhar o meu carisma / Seja onde for.

Confirmar o ideal / E lutar por ele.

Juventude Franciscana eu sou! (3x)

- Um novo Francisco, / Uma nova Clara

Novos tempos, nova ação!

Mostra a JUFRA que queremos ser!

No rosto de cada irmão, / No rosto de cada irmã,

Reconstruindo a casa do Pai.

Nos Caminhos da História... (3x)

Rezar o Pai-Nosso, de mãos dadas...




MOTIVAÇÃO FINAL

Espontaneamente e a critério da Equipe de Formação.

TEXTO DE APROFUNDAMENTO

Um chamado 800 anos atrás

A história da Juventude Franciscana (JUFRA) está interligada ao nome e à experiência de Francisco de Assis e da Ordem Franciscana Secular (OFS), ainda no século XIII. Ao longo dos séculos, milhares de homens e mulheres foram membros dessa Ordem e buscaram encarnar em suas vidas a mensagem do Evangelho no estilo de Francisco de Assis. Os primeiros companheiros e companheiras de Francisco eram jovens, e em sua juventude souberam compreender e assumir este sentido profundo para a vida: Viver o Evangelho em Fraternidade.



Com a expansão do movimento franciscano e suas Ordens, famílias inteiras passaram a assumir o compromisso franciscano de vida, assim, também as crianças e adolescentes começaram a desejar fazer parte deste movimento, e no século XIV nasce o que se poderia dizer de “embrião da Juventude Franciscana”, a “Arquiconfraria do Cordão de São Francisco”, ou “Cordígeros”, para que meninos e meninas pudessem conviver mais profundamente com a proposta franciscana.

Uma nova organização de jovens

Já no século XX, em diversos países, inclusive o Brasil, iniciaram-se experiências locais de “Juventude Franciscana” ligadas aos frades ou à OFS. Nesse período, os jovens que entravam na OFS, a partir dos 15 anos de idade, confundiam-se com os adultos no estilo e características de vivência da mesma vocação secular, observando a mesma formação e metodologia. Isso gerava dificuldades, tanto para os jovens, quanto para a OFS. Em 1950, ocorreu em Roma um Congresso Internacional da OFS, e a juventude se fez presente manifestando seu desejo de uma organização própria dos jovens, dentro de sua realidade, com pedagogia e metodologia adequadas à maneira de ser e às aspirações da juventude. Assim, a iniciativa foi aprovada e nasceu oficialmente a Juventude Franciscana (JUFRA) no mundo, reconhecida juridicamente pela OFS e pela Igreja.

Com o impulso dado pelo Congresso de Roma, rapidamente a JUFRA expande-se para várias nações, organizando Fraternidades Nacionais em países como: Itália, Espanha, Suíça, Alemanha, Estados Unidos, Canadá, Venezuela. Mais tarde, também Brasil, Argentina e Paraguai, bem como os continentes asiático e africano. Em pouco tempo, tornou-se uma organização mundial distinta da OFS em sua natureza, estilo e dinâmica de viver o carisma franciscano no meio dos jovens, porém inserida na Família Franciscana e ligada intimamente à própria OFS.

A JUFRA no Brasil e do Brasil

Entre as décadas de 1940 e 1960, também ocorreram experiências locais da JUFRA em terras brasileiras, em municípios como: Bagé-RS (1946), Petrópolis-RJ, Belém-PA (1954), Taubaté-SP, Luzerna-SC, Belo Horizonte-MG (1961), Ponta Grossa-PR (1967 e 1968), Sobral-CE (1968), Nilópolis (1968), Florianópolis-PI (1968), entre outros. Destas, as experiências das duas Fraternidades de Ponta Grossa-PR foram recebendo destaque, pois se tornaram logo conhecidas e admiradas pelo testemunho e dinamismo dos jufristas e o empenho de seu assistente e promotor, Frei Eurico de Mello, OFM Cap. Essa referência em relação à JUFRA de Ponta Grossa-PR foi reforçada pelo Regional da OFS PR/SC.


Nesse período, a OFS ainda não estava unificada – o que veio acontecer em 1972 – mas ainda ramificada e dependente de cada um dos grupos da Ordem dos Frades Menores, chamadas Obediências: Franciscanos, Capuchinhos e Conventuais. Sendo assim, a JUFRA de Ponta Grossa-PR, ligada aos Capuchinhos, foi convidada a participar da reunião anual do Conselho Nacional da OFS Capuchinha, em Recife-PE, em janeiro de 1971, sendo representada pela jufrista Ivone Barszcz. Nessa reunião esteve presente o Ministro Geral dos Capuchinhos, Frei Pascoal Riowski, o qual solicitou à OFS que desse ao movimento jufrista uma organização nacional. Ivone foi nomeada Presidente Nacional da JUFRA e voltou a Ponta Grossa-PR com o encargo de organizar uma Equipe Nacional com os jufristas da sua Fraternidade. Essa data é considerada a fundação da JUFRA do Brasil.

Anos 70 e a afirmação da autonomia pedagógica e organizativa da JUFRA

Durante os anos de 1971 e 1972, a Equipe Nacional dedicou-se intensivamente à elaboração da primeira redação dos Documentos Básicos, dos Treinamentos (hoje, Retiros Iniciais) e seus Tirocínios (hoje, Etapas de Formação). Em fevereiro de 1972, realizou-se no Rio de Janeiro-RJ a reunião histórica de unificação dos Conselhos Nacionais da OFS do Brasil. Nessa reunião, pela primeira vez esteve presente a JUFRA do Brasil, através da Secretária Executiva Nacional (nova denominação dada ao cargo de Presidente Nacional) Ivone Barszcz e do Assistente Nacional, Frei Eurico de Mello, OFM Cap., que apresentaram os resultados dos trabalhos da Equipe Nacional. Na oportunidade, decidiu-se que: O Secretário e o Assistente da JUFRA do Brasil integrariam o Conselho Nacional da OFS; O Secretariado Nacional da JUFRA, com função de coordenação e assessoria técnica, seria o órgão oficial para a JUFRA de todas as obediências franciscanas; e que a JUFRA do Brasil se dividiria em 11 Regiões, juntamente com a OFS do Brasil.

Depois desse processo inicial, com apoio e autonomia de trabalho, os Documentos Básicos foram remodelados e novamente redigidos pela Equipe Nacional da JUFRA, considerando as sugestões, avaliações e emendas recebidas de muitos jufristas e pessoas ligadas à JUFRA, em dois documentos: Esquema Funcional da JUFRA e Manifesto da Juventude Franciscana. Nesse momento, assumiu a Secretária Executiva Nacional a jufrista Maria de Lourdes de Paula, membro da SEARA (Sociedade Escatológica de Arautos do Reino do Amor), que a partir de então ficou liberada inteiramente para o trabalho de coordenação e assessoria técnica dos dois movimentos.

Embora a aprovação do Conselho Nacional da OFS fosse de importância fundamental, o Secretariado Executivo Nacional entendeu que esses Documentos deveriam ser submetidos a discussão, avaliação, emendas e aprovação dos próprios jovens. Para tanto, deu-se um grande passo no protagonismo jufrista: a convocação do 1º Congresso



Nacional de Assistentes e Dirigentes da JUFRA. Realizado de 12 a 20 de dezembro de 1972, em Ponta Grossa-PR, o 1º Congresso Nacional contou com a presença de um assistente e dois jovens de cada uma das 11 Regiões da OFS do Brasil (exceto a 2ª Região – Pará-Maranhão-Amapá). Nesse Congresso foram discutidos e aprovados os Documentos Básicos: o Manifesto e o Esquema Funcional, bem como o Plano Nacional de Implantação da JUFRA, que constituía-se basicamente na estratégia da Equipe Nacional em visitar os Regionais da OFS/JUFRA para montagem de Equipes Pilotos nos Regionais, a partir de 1973, com treinamento e habilitação de pessoal capacitado, para que expandissem a JUFRA pelos recantos do Brasil, primeiro com as Equipes Regionais, e em seguida com Equipes Pilotos nos Distritos e nos Locais.

Ao longo dos anos, a JUFRA foi organizando-se e realizando suas atividades, destacando-se os Congressos Nacionais, seu órgão máximo de legislação, deliberação e eleição. O 2º Congresso Nacional, em Ponta Grossa-PR, em 1974, reforçou o Plano Nacional de Implantação e os Treinamentos, aprovou a criação de um Boletim Nacional com o título "JUFRA" e comprometeu-se que os Regionais exerceriam a "Unidade na Pluralidade", ou seja, a unidade nacional dentro das múltiplas formas de trabalho das Equipes Pilotos e da OFS. O 3º Congresso Nacional, em 1977, em Salvador-BA, seguiu a mesma linha dos anteriores, mas por ser o término do primeiro Plano Nacional de Implantação (1972-1977), priorizou a elaboração das "Metas da JUFRA dentro do Franciscanismo", que eram: Despertar os jovens para a vivência do carisma franciscano, criando-lhes condições para que vivam o Evangelho no contexto da realidade atual e renovem o franciscanismo secular no meio dos valores da sociedade atual.

Anos 80 e a reformulação da caminhada para continuar no compromisso

Uma atenção especial merece o 4º Congresso Nacional (CONJUFRA, nova denominação a partir desse Congresso), em Salvador-BA, em 1980, no qual a temática aprofundada foi "JUFRA e engajamento pastoral". Esse CONJUFRA decidiu que deveria "(...) acontecer uma constante conversão na atuação pastoral da JUFRA, voltando-se para as atuais orientações da Igreja da América Latina na busca de libertação integral do homem e por consequência na construção de um mundo mais humano e fraterno". Ao mesmo tempo, crescia a necessidade de atualizar e adaptar os Treinamentos de Formação às novas realidades sociais, culturais e eclesiais, bem como uma maior atenção às crianças e adolescentes da "Mini e Micro-JUFRA", a redistribuição geográfica dos Regionais e a contribuição anual de cada Regional de um salário mínimo para atuação do Secretariado Nacional.

Após uma caminhada de mais de dez anos da JUFRA do Brasil, já com 15 Regionais constituídos e seus respectivos Secretariados Executivos em plena atividade, e com quase 5.000 jufristas espalhados pelo Brasil, chegou-se ao 5º CONJUFRA, em 1983, em Salvador-BA. Neste Congresso, questionou-se o conteúdo e a metodologia dos Treinamentos e seus Tirocínios, decidindo pela reelaboração dos documentos de formação, a intensificação do relacionamento OFS-JUFRA e a participação no Conselho Nacional de Leigos (CNL). Em 1984, a JUFRA iniciou sua participação no Conselho Nacional de Leigos e integrou um grupo de trabalho de elaboração de um documento sobre os leigos/as levado pelos bispos do Brasil ao Sínodo Mundial em Roma, em 1987.

Em 1984, aconteceu o chamado de "Acordo de Anápolis", no qual a OFS, em sua Assembleia Nacional, reconheceu a validade do Itinerário Evangélico de Formação da JUFRA para a profissão na OFS daqueles/as jovens com essa vocação franciscana secular. Nesse mesmo período, a JUFRA do Brasil começou a participar dos encontros e congressos internacionais, a partir de 1983, com a presença no Capítulo Geral da OFS, em Roma. Nessa mesma cidade, em 1985, a JUFRA do Brasil participou da Abertura do Ano Internacional da Juventude, com o papa João Paulo II, ocasião esta que deu início às Jornadas Mundiais e Diocesanas da Juventude. Em nível de América Latina, também em 1985, em Bogotá, Colômbia, a participação no 1º Congresso Latinoamericano da OFS e JUFRA e em 1987 do 2º Encontro Latinoamericano da JUFRA, em Buenos Aires, na Argentina.

Toda a década de 1980 foi marcada pela revisão pastoral da JUFRA, com o aprofundamento da autocrítica à sua metodologia formativa e reflexão de quais mudanças deveriam ser tomadas em sua identidade e organização ou não, motivado pelo contexto socioeclesial bem diversificado. Tal realidade marcou firmemente o 6º CONJUFRA, em São Luís-MA, em 1986, com o aprofundamento da temática: "A Igreja e a conjuntura latinoamericana". O clima de tensão e conflitividade durante o Congresso era o reflexo direto da realidade social, política e eclesial do período, da qual os jufristas estavam inseridos. Os seis dias de Congresso não foram suficientes para o aprofundamento necessário das questões, pois a realidade exigia da JUFRA uma resposta madura e consciente, principalmente para uma organização que já atingia diretamente cerca de sete mil jufristas. Por isso, foram realizados dois CONJUFRA Extraordinários, o 1º em 1987, na cidade de Conceição do Mato Dentro-MG, e o 2º em 1988, realizado em Vitória da Conquista-BA.

No ano seguinte, em 1989, em Ponta Grossa-PR, realizou-se o 7º CONJUFRA, com a função de eleger o novo Secretariado Executivo Nacional e aprovar os documentos estudados nos Congressos Extraordinários: Manifesto da Juventude Franciscana, Itinerário Evangélico de Formação e Esquema Funcional. Após uma década de tensão e conflitividade e da novidade da aprovação dos documentos reformulados, constata-se uma baixa considerável nas estatísticas da JUFRA, para cerca de três mil jufristas e vários Regionais em crise. A partir desse CONJUFRA, a Equipe Nacional passou a ser composta por jufristas de Regionais diversos e não apenas do Regional do Secretário/a eleito.

Anos 90 e a articulação inter-Regionais e revisão formativa da JUFRA

No âmbito da JUFRA, destacam-se os Encontros de Áreas, como espaço de formação, reflexão, fortalecimento mútuo e confraternização entre os Regionais. Os quatro Congressos Nacionais desse período dedicaram-se à reformulação de documentos: o 8º CONJUFRA, em 1992, em Campo Grande-MS, com a elaboração do Diretório das Mútuas Relações entre OFS e JUFRA e a progressiva implantação da Animação Fraterna e do Estatuto da Assistência Espiritual; o 9º CONJUFRA, em 1995, em São Cristóvão-SE, com a revogação do antigo Itinerário Evangélico de Formação e aprovação "ad experimentum" por seis anos das Diretrizes da Formação da JUFRA do Brasil, com a Etapa de Formação Básica da JUFRA (FBJ) e Etapa de Formação Franciscana (EFF), ambas iniciadas por um Encontro Inicial, e a Formação do Jufrista Professo, além da implantação do "dízimo" por jufrista para contribuição fraterna Local, Regional e Nacional; o 10º CONJUFRA, em 1998, em Porto Alegre-RS, dedicou-se ao aprofundamento da importância da Formação na JUFRA; e o 3º CONJUFRA Extraordinário, em 1999, em Brasília-DF, à revisão completa do Estatuto Nacional, com adaptação às Diretrizes de Formação, com aprovação "ad experimentum" por cinco anos.

Anos 2000 e a renovação da realidade jufrista do Brasil

No ano 2000, a Família Franciscana realizou em Canindé-CE um grande Congresso Celebrativo dos 500 anos de Franciscanismo no Brasil, e na oportunidade a JUFRA reuniu os jufristas presentes num encontro chamado "JUFRAÇO". Nesse período, a JUFRA do Brasil lançou seu primeiro CD, "Meu Verdadeiro Ideal" e a 1ª edição do livro da Formação Básica da JUFRA (FBJ) e da Etapa de Formação Franciscana (EFF). No 11º CONJUFRA, em 2001, em Paulista-PE, houve a aprovação definitiva das Diretrizes de Formação e a instituição do Dia Nacional do Jufrista para 06 de março, Festa de Santa Rosa de Viterbo. Na oportunidade, também se celebraram os 30 anos da JUFRA do Brasil. Já em 2004, no 12º CONJUFRA, em Curitiba-PR, a reflexão foi em torno do tema: "Clara: Uma fonte de vida para a JUFRA", onde se instituíram as Diretrizes de Formação da Infância, Micro e Mini-Franciscanos e a revisão e aprovação definitiva do Estatuto Nacional e atualização do Estatuto da Animação Fraterna e do Diretório de Mútuas Relações OFS/JUFRA. Nesse CONJUFRA foi acrescentada uma nova Etapa nas Diretrizes, chamada Etapa de Formação para Iniciantes, com a publicação do 1º livro em 2005. No ano de 2006, outro fato marcante para a JUFRA do Brasil foi a acolhida do 1º Encontro Internacional da JUFRA da América do Sul, em Mogi Mirim-SP, com o lema "JUFRA mostra tua cara", com 130 participantes, onde também foram comemorados os 35 anos da JUFRA do Brasil. No mesmo ano foi lançado o material de formação dos Mini Franciscanos. Já em 2007, a Amazônia acolheu o 13º CONJUFRA, em Castanhal-PA, com o tema: "Juventude Franciscana: Há 35 anos buscando reviver o sonho de Francisco e Clara de Assis". No mesmo ano, aconteceu a revisão e atualização do livro da FBJ, com novas informações e contribuições vindas das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, com a CNBB, e da Conferência Episcopal de Aparecida, reconhecendo a identidade dos jufristas como discípulos/as missionários/as.

Em 2007, em Vilanova i la Geltrú, na Espanha, aconteceu a 1ª Assembleia Internacional da JUFRA, na qual o Brasil esteve presente, e onde foi constatada a presença da JUFRA em 45 países dos cinco continentes, com cerca de 50.000 membros em todo o mundo, quando foi constituída a Coordenação Internacional da JUFRA, e nesta equipe, o jufrista professo Anderson Moura (RJ/ES) foi integrante como Conselheiro para a América do Sul. Em 2009, a JUFRA do Brasil lançou o material de formação para Micro Franciscanos e realizou o Encontro Nacional de Formadores/as, em Fortaleza-CE, onde as principais conquistas foram a partilha permanente do processo formativo entre os Regionais, a edição de Cadernos Nacionais de Formação, como atualização permanente dos livros de formação, e o trabalho em rede dos subsecretários/as de Formação. A partir deste Encontro, iniciou-se na JUFRA mais uma novidade: a realização de reuniões nacionais on-line para encaminhamentos de decisões e materiais, no intervalo das reuniões presenciais, bem como a publicação de vídeos no canal YouTube, como mensagens a Congressos, homenagens e memórias da JUFRA.

Anos 2010 e a expansão da atuação da JUFRA na Igreja e na Sociedade

A década de 2010 teve início marcada por uma expansão ainda maior do acesso à comunicação e, neste contexto, aconteceu o 14º CONJUFRA, em 2010, em Mossoró-RN, com a reflexão do tema: "O jufrista como protagonista de sua própria história" e o lema: "O desafio é ser jovem". Esse Congresso aprovou a disponibilização online dos livros de Formação, revisou novamente o Estatuto Nacional e legitimou o trabalho permanente em rede iniciado com o Encontro Nacional de Formadores/as. Nesse trabalho, percebeu-se a interação que deveria haver entre as Subsecretarias de Formação,

DHJUPIC (Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação), Ação Evangelizadora e Infância, Micro e Mini Franciscanos, incorporando as últimas três à Equipe Nacional de Formação, nas reuniões online e nos Cadernos Nacionais de Formação. Nesse ano, a JUFRA do Brasil lançou a Cartilha de Novas Fraternidades, para primeiros contatos com a JUFRA. Iniciou-se a participação oficial da JUFRA do Brasil nas atividades do Grito dos/as Excluídos/as, do Setor Social da CNBB e a parceria com os movimentos sociais e populares nacionais.


A Subsecretaria de DHJUPIC realizou sua primeira reunião online para o trabalho colegiado com as Fraternidades Regionais e Locais, sendo a primeira iniciativa preparada em comum a Jornada Franciscana Nacional pelos Direitos Humanos, de 01 a 10 de dezembro, com atividades descentralizadas nas Fraternidades Locais, trazendo de volta à cena a temática da Campanha da Fraternidade do referido ano. A 1ª Jornada fez repercutir a JUFRA do Brasil em vários meios de comunicação, em sites, rádios nacionais e internacionais e na TV, conseguindo espaço daí em diante para divulgação de outras atividades. A partir desse momento a JUFRA do Brasil destaca-se na participação e apoio às mobilizações e campanhas, como: Contra a Violência e o Extermínio de Jovens, organizada pelas Pastorais da Juventude; Movimento Gota D'Água, contra a usina Belo Monte e pela vida do Povo e do Rio Xingu; Contra as mudanças no Código Florestal; Solidariedade aos Guarani-Kaiowá; dentre outras.

O trabalho integrado das Subsecretarias Nacionais e Regionais na Formação e DHJUPIC passou a acontecer também na Ação Evangelizadora, a partir da sua 1ª reunião on-line. Essa articulação permanente trouxe conquistas importantes, como a publicação digital do livro da FBJ, com as novas normas ortográficas, a continuidade dos Cadernos Nacionais de Formação e a atualização frequente dos blogs dos serviços, concebendo a Formação Integral do Jufriista. A JUFRA integrou a primeira equipe de Coordenação Nacional da Pastoral Juvenil, ligada à Comissão Episcopal de Pastoral para a Juventude-CNBB.

Em 2011, motivando a celebração dos 40 anos da JUFRA do Brasil, ocorreu a Peregrinação dos Estandartes de Santa Rosa de Viterbo, percorrendo quase todas as Fraternidades Locais da JUFRA, culminando com o grande Encontro Celebrativo Nacional, em outubro, em Guaratinguetá-SP, reunindo mais de 200 jufriistas, "eternos-jufriistas", irmãos/ãs da OFS e religiosos/as de várias gerações, na reflexão do tema: "JUFRA do Brasil: 40 anos, construindo o Reino nos caminhos da História", contando inclusive com a presença de Ivone Barszcz, primeira presidente nacional. O encerramento foi realizado na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida-SP, com a Celebração Eucarística presidida por Dom Frei Leonardo Ulrich, OFM, então Secretário Geral da CNBB. Em seguida, foi lançada a "Carta de Guaratinguetá: A JUFRA que queremos ser!", um documento pastoral da JUFRA discutido em grupos e escrito coletivamente no Encontro e ratificado pelo 15º CONJUFRA, traçando metas concretas para a atuação da JUFRA na Juventude, na Família Franciscana, na Igreja e na Sociedade, como ressignificação do Manifesto da JUFRA.

No ano seguinte, em 2012, o Rio de Janeiro-RJ sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, intitulada de Rio+20, e paralelamente, as organizações e movimentos sociais e populares organizaram a Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental. Pela primeira vez, a JUFRA do Brasil organizou uma delegação própria para marcar presença num evento desta importância, com doze jufriistas, numa articulação com o Enlace das Juventudes e o SINFRAJUPE (Serviço Inter Franciscano de Justiça, Paz e Ecologia) e em parceria com a Pastoral da Juventude (PJ) e a Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade (REJUMA). A JUFRA marcou presença em várias atividades, como: o Seminário da Campanha Mundial Contra a Economia Verde e a Mercantilização da Vida; a Marcha dos Povos, reunindo 80 mil pessoas; a Vigília Ecumênica por respeito aos Direitos Humanos e da Natureza; a Roda de Diálogo com a PJ, CNBB e Cáritas sobre a 5ª Semana Social Brasileira; e a composição na Delegação Franciscana Internacional de JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação), outro fato inédito. Nessa articulação, a JUFRA foi convidada pela CNBB, através da Comissão Episcopal de Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, a ser integrante da 5ª Semana Social Brasileira (2011/2013), sobre: "A participação da sociedade no processo de democratização do Estado brasileiro", participando de seus encontros e atividades, com as Pastorais Sociais, na produção de textos e vídeos e da Mesa de Abertura de um Seminário Nacional.

A JUFRA encontrava-se numa nova prática, em novos tempos, e estes exigiam novamente uma resposta, um renovado modelo formativo, que foi sendo construído na prática, na articulação permanente e nas experiências e lições da História, sem deixar nada do que foi conquistado nessa História. Essa resposta teórica à prática começou a nascer na realização do Encontro Nacional de Formadores/as e Animadores/as Fraternos/as, em Brasília-DF, em 2012, com o tema: "Formar e Animar a JUFRA que queremos ser", a partir da análise da realidade brasileira e os desafios das Juventudes, interligando com a realidade formativa dos Regionais, a perspectiva do Documento 85 da CNBB "Evangelização da Juventude", dos documentos da JUFRA do Brasil e a integração entre as Subsecretarias de Formação, DHJUPIC, AE e IMMF. A principal conclusão do Encontro foi propor ao 15º CONJUFRA a realização de encontros locais, distritais e regionais e de um Congresso Extraordinário Nacional de revisão das Diretrizes de Formação.



O 15º CONJUFRA foi realizado em 2013, no município de Santa Maria-RS, quinze dias após a tragédia que vitimou mais de 200 jovens num incêndio na Boate Kiss, local visitado em solidariedade pelos congressistas. O tema do Congresso foi “JUFRA, tua missão é servir!” e o lema “Eis-me aqui, envia-me (Is 6,8)”. Durante esse CONJUFRA, a Igreja Católica recebeu a notícia da renúncia do Papa Bento XVI e, no mês seguinte, a eleição do primeiro Papa vindo da América Latina e de nome Francisco, era o reconhecimento da legitimidade da Igreja “pobre e dos pobres”. No meio do ano, a JUFRA do Brasil acolheu em São João del Rei-MG o Encontro Internacional da JUFRA, com a participação de 19 países e quase 200 participantes, onde foi refletido o tema: “Ide e anunciai!”. Nos dias seguintes, durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro-RJ, a JUFRA participou de três principais espaços: a Tenda das Juventudes com a mediação da JUFRA na mesa “Desafios socioambientais da humanidade e a juventude”; o Espaço Franciscano, com a Família Franciscana de vários países, com atividades celebrativas, formativas e culturais; e o Encontro com o papa Francisco, no Hospital São Francisco na Providência de Deus, antigo Hospital da Venerável Ordem Terceira. Ainda naquele ano, a 8ª Assembleia Nacional do SINFRAJUPE aprovou para a JUFRA uma vaga permanente em sua Equipe Executiva Nacional, a ser ocupada preferencialmente pelo/a Subsecretário Nacional de DHJUPIC.

Com as pesquisas da Assessoria Nacional de Arquivo e Memória, descobriu-se um prontuário de 30 de maio de 1974, intitulado “Juventude Franciscana – JUFRA”, referindo-se a uma investigação confidencial da Polícia Militar, durante a Ditadura Militar, à JUFRA. O documento possui 122 páginas, com vasta quantidade de anexos com os materiais de organização e formação da JUFRA do Brasil à época e, em nome da Ditadura Militar, concluía referindo-se à JUFRA: “(...) julga-se conveniente a observação das atividades da JUFRA na área, bem como contribuir-se para o não incentivo ao ingresso de jovens nessa organização.”.

Em 2014, como previsto e aprovado no 15º Congresso Nacional em 2013, ocorreu o 4º CONJUFRA Extraordinário, em Mogi Mirim-SP, com o tema: “Novos Tempos, Nova Formação” e o lema “Eis que faço novas todas as coisas (Ap 21,6)”, exclusivamente para revisão e aprovação das Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil e do Estatuto Nacional. As principais alterações foram: as etapas de Formação passaram a ser chamadas de Etapa de Formação Inicial (EFI), Etapa de Formação Base da JUFRA (FBJ) e Etapa de Formação Franciscana Secular (EFF); a substituição das “subsecretarias” por “secretarias”; a instituição oficial das Equipes de Formação nos níveis Nacional, Regional e Local, formadas pelas secretarias de Formação, DHJUPIC, AE e IMMF, Animação Fraternal e Assistência Espiritual; a transformação dos “Encontros Iniciais” em “Retiros Iniciais”; as atividades de DHJUPIC e AE passaram a ser consideradas como parte do processo formativo; e a eleição do/a Secretário/a de Formação em todos os níveis. Ainda em 2014, foram promovidas a 1ª Semana de Promoção Vocacional da JUFRA (PROVOCAE), com o tema: “Lançar a rede é importante, mas não se pode esquecer do barco” e a 1ª Semana Nacional da Infância, Micro e Mini Franciscanos, com o tema “Pequenos Franciscanos, Grandes Sonhos”, com atividades organizadas nas Fraternidades Locais. A JUFRA do Brasil também participou da 2ª Assembleia Internacional da JUFRA, em Samobor, na Croácia, para aprofundar e melhorar a unidade das Fraternidades Nacionais no processo formativo e nas Celebrações Iniciais das Etapas de Formação.

Em 2015, a JUFRA do Brasil iniciou a organização de seu Arquivo Nacional permanente, com sede fixa no Secretariado Nacional da OFS do Brasil, no Rio de Janeiro-RJ. Nesse ano, deu-se início ao compromisso de enviar um/a jufrista para participar do Projeto da Missão Franciscana na Amazônia, realizado anualmente no mês de janeiro. Em julho de 2015, a JUFRA do Brasil esteve presente no Encontro Mundial de Movimentos Populares com o Papa Francisco, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, nas discussões sobre Terra, Teto e Trabalho. Nessa mesma motivação também foram realizadas as Escolas de Formação em DHJUPIC e Ação Evangelizadora, nas Áreas, em preparação ao 1º Seminário Nacional, em Petrópolis-RJ, de 04 a 07 de setembro, tendo como assessor principal o teólogo Leonardo Boff, atividade que foi proposta no 15º CONJUFRA, em Santa Maria-RS. O Seminário aprovou o Documento “Luzes para Nossa Juventude”, contendo pistas e estratégias para os serviços de DHJUPIC e AE. Como maior desafio, nesse período também se deu início à reelaboração dos livros das Etapas de Formação conforme as atuais Diretrizes da JUFRA, e no Capítulo Nacional da OFS, em Castanhal-PA, foi lançada a Cartilha para Animação Fraternal, explicando didaticamente os objetivos e o funcionamento deste serviço da OFS à JUFRA, e instituindo o dia 04 de março como Dia Nacional do Animador/a Fraternal/a.

Em 2016, realizou-se o 16º Congresso Nacional, em Campo Grande-MS, refletindo o tema “Jovens líderes a serviço do Evangelho” e o lema “Sou muito jovem, não sei falar. Não tenhas medo, vou te guiar!” (Jr 1,7-8). Na oportunidade, foram lançados o livro da Etapa de Formação Inicial (EFI) e o livro de Mini Franciscanos. Nesse período, iniciou-se a experiência de Colegiado da Assistência Espiritual e de colaboradores para a Animação

Fraterna à JUFRA. Nesse período, a situação política no Brasil agravou-se com o processo de impeachment, o que levou a campanha “JUFRA pela Democracia” em consonância com as declarações emitidas pela CFFB e OFS do Brasil, em defesa das conquistas democráticas e da reforma política. Com o aniversário da Encíclica “Laudato Si” do Papa Francisco, foi realizada a Semana “Laudato Si” e a Exposição Itinerante. Nesse mesmo ano, também foi instituída a Rede de Benfeitores/as da JUFRA do Brasil, para que ex-jufristas e pessoas amigas possam contribuir financeiramente com as atividades do Nacional.

Em 2017, o Secretariado Fraternal Nacional aprovou uma logomarca para a Infância, Micro e Mini Franciscanos, valorizando a identidade e o crescimento do trabalho com as crianças e adolescentes. O contexto de crise social e política brasileira agravou-se com a votação e aprovação de várias reformas que retiram direitos e conquistas populares, como no âmbito trabalhista e previdenciário, o que levou à mobilização popular de milhares de pessoas, sindicatos e movimentos sociais, e a JUFRA do Brasil aderiu e mobilizou para a realização da Greve Geral juntamente com o apoio de dezenas de bispos, Dioceses e organizações religiosas. Um marco histórico também foi a nomeação da Irmã Patrícia Francisca Dutra como a primeira mulher Assistente Espiritual Nacional da OFS e JUFRA do Brasil. A realização do Capítulo Nacional das Esteiras pela Conferência da Família Franciscana do Brasil, no marco dos seus 50 anos, serviu para o estreitamento dos laços fraternos para a atuação conjunta na Igreja e na Sociedade enquanto franciscanos/as. A atuação e a perspectiva da JUFRA do Brasil também refletiram na eleição da Coordenação Internacional da JUFRA e Conselho Internacional da OFS, sendo escolhidos como Conselheiro para a América do Sul e sua substituta dois jufristas professores brasileiros, Emanuelson Matias e Rebecca Nascimento, respectivamente. E assim a JUFRA do Brasil prossegue construindo o Reino nos caminhos da História...

ORGANIZAÇÃO DA JUFRA DO BRASIL

NÍVEL LOCAL:

- Fraternidade Local – Unidade básica de vivência e organização da JUFRA, na qual o/a jufrista recebe a formação integral (cristã, franciscana, humana e sócio-político-ambiental), com o objetivo de viver plenamente o Carisma Franciscano de seu compromisso de vida, inserido/a em seu grupo social;
- Assembleia Local – Instância de planejamento, avaliação, legislação e eleição da Fraternidade Local e ocorre no mínimo a cada três anos;
- Secretariado Fraternal Local (SFL) – Órgão de coordenação e representação da Fraternidade Local, com mandato de no mínimo um ano e no máximo três, a critério da Assembleia respectiva, podendo haver uma reeleição;
- Conselho Fiscal Local – Órgão de acompanhamento, orientação e fiscalização da gestão financeira do Secretariado Fraternal Local para zelar pelo bom e regular emprego dos recursos econômicos da Fraternidade Local.

NÍVEL REGIONAL:

- Fraternidade Regional – Unidade intermediária, entre os níveis Local e Nacional, de vivência e organização, que congrega as Fraternidades Locais em um determinado território de um ou mais estados da Federação;
- Congresso Regional (CORJUFRA) – Instância de planejamento, avaliação, legislação e eleição da Fraternidade Regional, e ocorre no mínimo a cada três anos;
- Distrito – Subdivisão organizativa e territorial que ocorre em Regionais que possuem considerável número de Fraternidades Locais, com quantidade e nomes à critério da Fraternidade Regional;
- Secretariado Fraternal Regional (SFR) – Órgão de coordenação e representação da Fraternidade Regional, com mandato de três anos, podendo haver uma reeleição;
- Conselho Fiscal Regional – Órgão de acompanhamento, orientação e fiscalização da gestão financeira do Secretariado Fraternal Regional para zelar pelo bom e regular emprego dos recursos econômicos da Fraternidade Regional.

NÍVEL NACIONAL:

- Fraternidade Nacional – Unidade de vivência e organização que congrega todas as Fraternidades Locais e Regionais do território nacional;
- Congresso Nacional (CONJUFRA) – Instância de planejamento, avaliação, legislação e eleição da Fraternidade Nacional, e ocorre no mínimo a cada três anos;
- Área – Subdivisão organizativa e territorial nacional de acordo com a localização e o número de Regionais à critério da Fraternidade Nacional;
- Secretariado Fraternal Nacional (SFN) – Órgão de coordenação e representação da Fraternidade Nacional, com mandato de três anos, podendo haver uma reeleição;
- Conselho Fiscal Nacional – Órgão de acompanhamento, orientação e fiscalização da gestão financeira do Secretariado Fraternal Nacional para zelar pelo bom e regular emprego dos recursos econômicos da Fraternidade Nacional.

NÍVEL INTERNACIONAL:

- JUFRA Internacional – Agrupamento das Fraternidades Nacionais da JUFRA reconhecidas oficialmente pela correspondente Fraternidade Nacional da OFS ou pela Presidência do Conselho Internacional da OFS. Não se constitui como “Fraternidade Internacional da JUFRA”, mas parte integrante da Fraternidade Internacional da OFS.
- Conselho Internacional da OFS / Capítulo Geral – Instância máxima de planejamento, avaliação, legislação e eleição da Fraternidade Internacional da OFS, e ocorre no mínimo a cada seis anos, e é o nome dado à reunião do Conselho Internacional da OFS.
- Presidência do Conselho Internacional da OFS (CIOFS) – Órgão de coordenação, animação e guia da OFS em nível internacional, a partir das orientações e decisões do Capítulo Geral;
- Assembleia Internacional da JUFRA – Instância de planejamento, avaliação, legislação e eleição da JUFRA em nível internacional, ocorre no mínimo a cada seis anos e suas decisões devem ser confirmadas pela Presidência do Conselho Internacional da OFS.
- Coordenação Internacional da JUFRA – Órgão que reúne os/as Conselheiros/as Internacionais da JUFRA, que representam e acompanham as áreas pelas quais foram eleitos/as, sendo também membros do Conselho Internacional da OFS.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Juventude Franciscana: JUFRA. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/Deops/Prontuarios/BR_SP_APESP_DEOPS_SAN_P002800_01.pdf> Acesso em: 06 março 2015.

BARSZCZ, Ivone. Anos 60: JUFRA e Missão, p. 5. CARVALHO, Maria de Lourdes Nunes. Anos 70: JUFRA e Identidade, p. 6-7. MOTA, Hoberdam. Anos 90: JUFRA e Organização, p. 8-9. BARBOSA, Jackson dos Santos. Anos 2000: JUFRA e os Desafios do Novo Século, p. 10-11. in: JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, V Caderno Nacional de Formação, Nº 05/2012.

CENTRO NACIONAL DA JUFRA. Juventude Franciscana: Documentos Básicos da Juventude Franciscana no Brasil, Ponta Grossa-PR: Centro Nacional da JUFRA, 1973.

FERREIRA, Alex Sandro Bastos. JUFRA: Um luminoso ideal de vida, há 60 anos! in: JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Caderno Nacional de Formação, Nº 01/2010, p. 04-05.

GARAGIOLA, Frei João de Deus. Juventude Franciscana: 20 anos de história no Brasil, Petrópolis-RJ: CEFEPAL, 1991.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Caderno Nacional de Formação, 9ª Edição, 2014.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Etapa de Formação Franciscana, Recife-PE: Secretariado Fraternal Nacional, 2001.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Etapa de Formação Básica da JUFRA: Edição digital, São Paulo-SP, Secretariado Fraternal Nacional, 2011.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Etapa de Formação Básica da JUFRA: 2ª Edição revisada. Fortaleza-CE: Secretariado Fraternal Nacional, 2007.

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL, Etapa de Formação para Iniciantes, Fortaleza-CE: Secretariado Fraternal Nacional, 2005.

JUVENTUDE FRANCISCANA, Formação da JUFRA do Brasil: 1ª Etapa, Campo Grande-MS: Secretariado Executivo Nacional da JUFRA do Brasil, 1994.

JUVENTUDE FRANCISCANA, Formação da JUFRA do Brasil: 2ª Etapa, Campo Grande-MS: Secretariado Executivo Nacional da JUFRA do Brasil, 1994.

JUVENTUDE FRANCISCANA, Relatório Trienal 2010-2013: Secretariado Fraternal Nacional, 2013.

MELO, Frei Eurico de. Os Jovens Procuram Cristo: Movimento Nacional de Juventude Franciscana, Ponta Grossa-PR: Centro Nacional da JUFRA, 1973.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, A Vida em Fraternidade, Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Julho/Agosto, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2013.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Maio/Junho, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2004.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Maio/Junho, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2009.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Maio/Junho, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2010.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Março/Abril, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2011.

ORDEM FRANCISCANA SECULAR DO BRASIL, Paz e Bem, Setembro/Outubro, Rio de Janeiro/RJ: OFS do Brasil, 2010.

PAULA, Maria de Lourdes de. Mensagens dos Ex-Secretários(as) Nacionais para os 40 anos da JUFRA: Secretária Executiva Nacional da JUFRA do Brasil (1972/1977). Juventude Franciscana do Brasil, 2011.

SCHNITKER, Frei Fernando (org.). OFS: Espírito e Vida, Lagoa Seca-PB: Movimentos Franciscanos, 2002.

Constituições Gerais da OFS

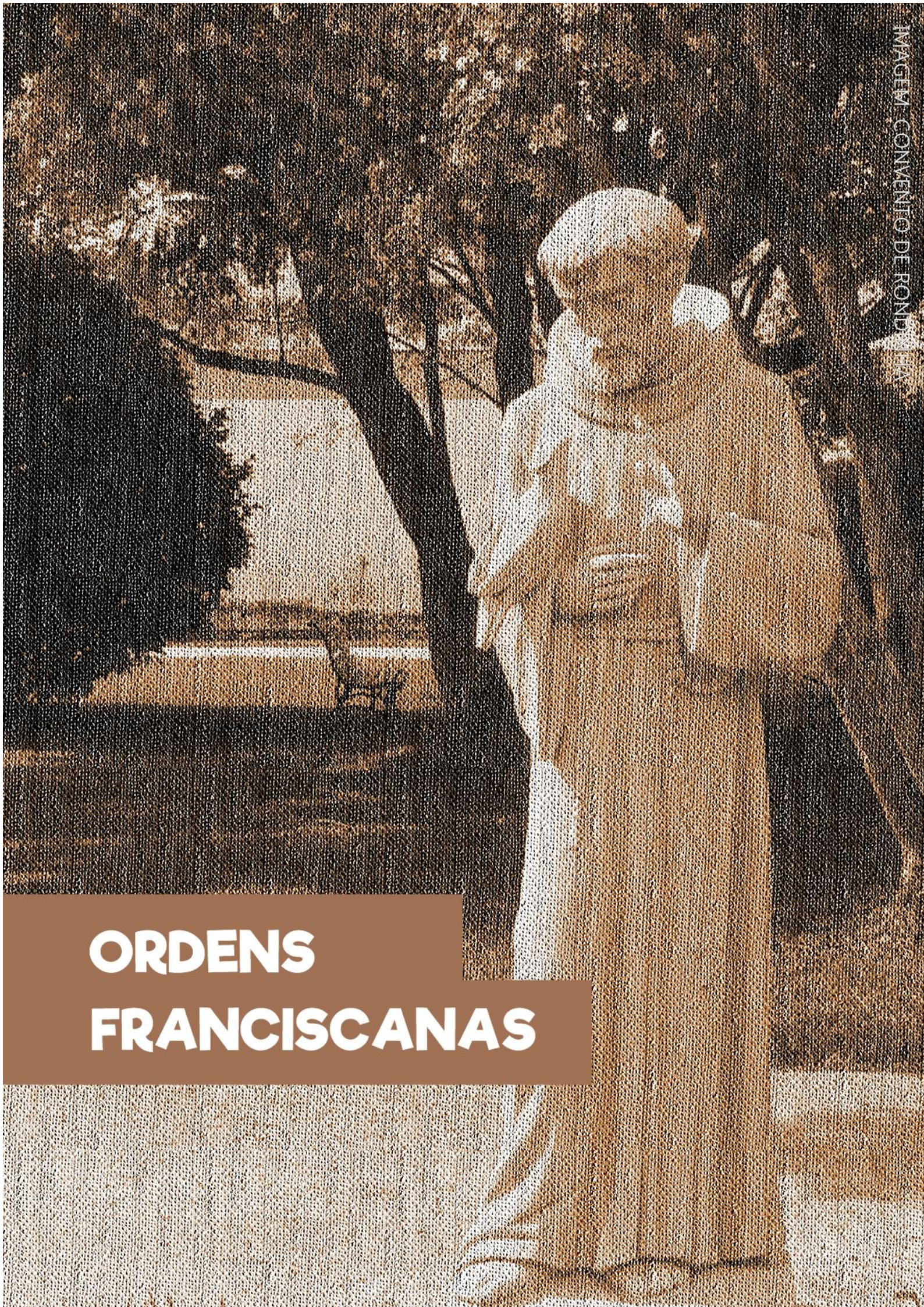
Estatuto Nacional da JUFRA

Reglamento Internacional de la Juventud Franciscana – CIOFS



Emanuelson Matias de Lima, jufrista professo, natural de Santa Rita/PB, residente em Foz do Iguaçu/PR, formado em História pela UEPB, graduando em Gestão Pública pela UNIOESTE, Conselheiro Internacional da JUFRA – América do Sul – CIOFS, Assessor Nacional da JUFRA do Brasil para Registro e Arquivo 2016/2019 e Subsecretário Nacional de DHJUPIC 2010/2013.

ORDENS FRANCISCANAS



ORDENS FRANCISCANAS

INTRODUÇÃO

“Sua palavra era um fogo ardente que penetrava o íntimo do coração e enchia de admiração todas as inteligências (...). Começaram a vir a São Francisco muitas pessoas do povo, nobres e plebeus, clérigos e leigos, querendo por inspiração de Deus militar para sempre sob sua disciplina e magistério” (1Cel 36,37).

A inspiração divina que toca e transforma profundamente a vida do jovem Francisco não se restringe somente a ele mesmo. Deus se utiliza de Francisco para que muitos redescubram a vida verdadeira que brota da Fonte perene do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Surgem então as Ordens Franciscanas que vivem de modos diversos um único e mesmo carisma.

OBJETIVO

Crescer no conhecimento das Ordens Franciscanas com suas diferentes formas de viver o carisma franciscano.

MATERIAL

Imagem de São Francisco; Bíblia; cópias dos textos do item VER; três fitas do mesmo tamanho, mas de cores e materiais diferentes (ex.: papel, tecido, plástico etc.). Nas fitas estarão escritos os nomes: 1ª Ordem, 2ª Ordem e 3ª Ordem; se possível, alguns recortes com imagens que representam as três Ordens. Um bombom ou balinha para cada membro.

AMBIENTAÇÃO

A sala do encontro poderá ser organizada da seguinte forma: as cadeiras em círculo, no centro a imagem de São Francisco e a Bíblia (aberta nas páginas dos evangelhos), as fitas coloridas estarão unindo a imagem de Francisco à Bíblia (os nomes das fitas estarão colocados para baixo e no momento oportuno serão revelados). Os recortes podem ser espalhados junto ao cenário do centro da sala.

ACOLHIDA

Após as boas vindas, feitas de forma espontânea, inicia-se uma pequena dinâmica de acolhida. A dinâmica propõe despertar no grupo a consciência de quanto necessitamos uns dos outros. Deixe em cima de cada cadeira o bombom ou balinha e fale para o grupo que cada um pode comer a sua bala desde que não abra com as mãos. Deixe-os tentar. Depois, fale, novamente assim: Vocês não podem abrir a bala com as suas mãos.

Leve-os a pedir a ajuda do outro que está ao seu lado para abrir a bala. Como reflexão da dinâmica, pode-se associar a necessidade que temos, enquanto Família Franciscana, da ajuda recíproca para darmos um testemunho mais eficaz de nosso carisma na Igreja. Nenhuma Ordem sozinha poderia desempenhar em plenitude nossa missão de “encher a Terra com o Evangelho de Cristo”.

VER

Um pouco da história e das características de cada Ordem.

1ª Ordem

Após a conversão de Francisco, um grupo começou a se formar ao seu redor com o desejo de seguir o seu exemplo. Homens nobres, cavaleiros, ricos, pobres, letrados ou não, todos davam tudo que possuíam aos pobres e passavam a viver como pregadores itinerantes. Assim começou a história da primeira fraternidade dos frades menores. No ano 1209/1210, Francisco e seus companheiros vão a Roma com um escrito contendo umas passagens do Evangelho escolhidas por Francisco como norma para sua forma de vida e de seus irmãos. Essa primeira Regra foi aprovada só oralmente pelo Papa, por isso é chamada Regra Não Bulada (RNB). Mais tarde, uma nova versão foi aprovada por uma bula papal em 1223, a chamada Regra Bulada (RB) que continua válida até hoje.

No curso da história, as tensões que surgiram com o grande número dos frades geraram outros movimentos dentro da própria Ordem: os Espirituais, Bernardinos, Descalços, Alcantarinos, Recoletos e muitos outros, isto devido a divergências no modo de viver o carisma. Daí nasceram os três ramos da Ordem que hoje conhecemos, são independentes e autônomas, porém reconhecem Francisco como seu fundador, obedecendo à sua Regra de 1223.

- OFM – “Observantes”: entre as três, tem o maior número de membros, popularmente conhecidos como “frades menores”.
- OFMConv – Conventuais (1517): esse nome surgiu por forma a identificar as comunidades de frades que moravam em conventos, no trabalho, em igrejas chamadas conventuais.

• OFM^{Cap} – Capuchinhos (1525/1528): surgiu como uma comunidade contemplativa e seu nome foi derivado de um pontudo capuz, usado por seus membros.

Essas cisões trouxeram consequências para as congregações femininas e da Ordem Terceira (O.F.S), pois a agregação a um ou outro desses “movimentos da ordem” foi chamada de “obediência”. Importante ressaltar que existe a busca para um caminho de reunificação. O próprio Papa Francisco incentiva os frades nessas tentativas, tanto que em 2016 celebrou-se o chamado “Capítulo Generalismo” com a presença dos ministros gerais.

2ª Ordem

Iniciada por Clara de Assis no ano de 1211/1212, quando ela deixa a casa paterna em direção à Porciúncula onde lhe esperavam Francisco e outros frades. O mesmo carisma de Francisco começa a ser vivido por Clara de maneira muito própria escolhida livremente por ela. Clara encerra-se no claustro de São Damião e aí vive a doação de sua vida pela Igreja e por toda a humanidade. Muitas jovens e até viúvas seguiram o ideal de Clara que logo se irradiou por toda a parte. Logo o mosteiro de São Damião contava com 50 irmãs, e toda a Itália foi se embelezando com a construção de vários mosteiros que adotavam o modo de viver das Damianitas, assim eram chamadas as irmãs de São Damião. Uma característica singular que distingue o mosteiro de Clara de todos os outros de sua época deu-se por um pedido seu ao papa. Clara pede o Privilégio da Pobreza, sem precedentes na história: ela queria viver assim a altíssima pobreza. Santa Clara foi a primeira mulher a escrever uma Regra, que ela teve alegria de ver aprovada antes de sua morte.

Hoje a Ordem das “Damas Pobres de São Damião” chama-se Ordem de Santa Clara. Assim como na Ordem dos frades, muitos foram os altos e baixos na Ordem das Clarissas, muitas outras regras foram impostas, mas também muitas reformas fizeram florescer o carisma original. Hoje, a maioria dos mosteiros vivem a Regra de Santa Clara e outros vivem a Regra do Papa Urbano IV, conhecida como regra urbaniana que foi apresentada dez anos após a morte da santa.

Atualmente a Segunda Ordem Franciscana é formada pelas:

- Clarissas – OSC
- Clarissas Capuchinhas – OSC^{cap}
- Concepcionistas – OIC*

* A Ordem da Imaculada Conceição foi fundada em 1489 em Toledo, na Espanha, por Santa Beatriz da Silva, por um pedido de Nossa Senhora. Professam Regra própria. Têm sua devoção central na Imaculada Conceição e em São Francisco, são chamadas Concepcionistas Franciscanas. Têm em sua história uma grande influência do carisma franciscano, levam vida contemplativa claustral e por isso fazem parte da Segunda Ordem Franciscana.

3ª Ordem

Além dos primeiros companheiros de Francisco, muitos vinham até ele pedir sua orientação: pessoas do povo, nobres, plebeus, leigos e clérigos desejosos de viver também uma vida de penitência. Desse movimento, surgiu mais tarde a OFS. No início, espontaneamente, sem organização própria, mas em 1221 foi aprovada oficialmente pelo Papa Gregório IX a primeira Regra “Memoriale Propositi” com a primeira denominação Ordem da Penitência. Em 1289, o Papa franciscano Nicolau IV, com a Bula “Supra Montem” reconhecia São Francisco como fundador da Ordem da Penitência e a denominava de Ordem Terceira de São Francisco. Essa regra, com pequenas alterações, existiu até 1883, quando o Papa Leão XIII aplicou uma reforma, visando ampliar a contribuição dos terceiros franciscanos diante dos problemas sociais da época. A Regra aprovada em 24 de junho de 1978 pelo Papa Paulo VI é a mais recente e atual regra de vida, comprometida com autêntico espírito franciscano em textos breves, simples e profundamente evangélicos, tendo como característica principal a secularidade. Desde então, a Ordem Terceira passou a chamar-se Ordem Franciscana Secular.

No caminhar da história, homens e mulheres se recolhiam numa torre ou na muralha da cidade para fazer penitência. Eram chamados reclusos e seguiam a Regra da Ordem Terceira. Surgiram ainda mulheres e depois homens que passaram a levar vida em comum, constituindo Irmandades, seguindo a mesma Regra. Nasceram daí as diversas Congregações Franciscanas.

Atualmente são duas as formas de vida da Ordem Terceira Franciscana:

A Terceira Ordem Regular (TOR) – Formada pelas inúmeras Congregações Femininas e Masculinas e alguns Institutos com a mesma Regra comum, aprovada por São João Paulo II, no dia 08 de dezembro de 1982.

A Ordem Franciscana Secular – Das ordens com o maior número de membros em todo o mundo. Inicialmente chamada “Ordem da Penitência”, é formada por leigos e também clérigos, que vivem no meio de suas famílias e da sociedade o carisma franciscano. Organizam-se em fraternidades que se unem em federações nacionais, e chega-se até uma unificação em nível mundial, dirigida por um Ministro Geral.

A O.F.S no Brasil, a partir de 1972 foi unificada sob uma única obediência, constituindo Conselhos de nível Nacional, Regional e Local. Historicamente, está ligada à OFM e abrange todo o território nacional, organizada em 16 regionais com aproximadamente 18 mil membros. No mundo, a O.F.S está presente em mais de 112 países, sendo 70 fraternidades nacionais constituídas e aproximadamente 300.000 membros.

Nela, os irmãos e irmãs são impulsionados pelo Espírito Santo a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular e pela Profissão a viverem o Evangelho à maneira de São Francisco.

ILUMINAR

Pode-se dividir três grupos. Cada grupo receberia o texto de uma das três Ordens, para um maior aprofundamento.

O grupo então partilha entre si o texto: Houve algo de novo que descobrimos? O que já sabíamos? O que podemos acrescentar?

O grupo organiza então um modo de apresentar a "sua Ordem" aos demais grupos.

(Elabora-se ainda no grupo uma pequena prece por essa Ordem. No momento CELEBRAR essa prece será rezada).

Após as apresentações, o(a) animador(a) convida todos a olharem para a simbologia no centro da sala. Depois, os nomes das fitas serão revelados. Aí, explica-se que assim como as fitas, que são diferentes entre si, se assemelham por estarem na mesma direção, assim as nossas Ordens se diferem entre si no modo de viver, mas caminham na mesma direção sob a mesma inspiração de Francisco: viver o Santo Evangelho. Não tendo privilégios entre elas de melhor ou primeira, ao contrário unidas no carisma, seguem evangelizando no seu próprio estado de vida.

AGIR

"Francisco e Clara apontaram eles próprios o caminho aos diversos membros da Família para virem ao encontro uns dos outros" (Anton Rotzetter).

Busquemos nós nosso modo próprio de irmos ao encontro uns dos outros. Que tal uma visita a um dos mosteiros da Segunda Ordem, a algum Convento dos frades ou irmãs Franciscanas? Ou ainda uma partilha fraterna com algum membro da Ordem Franciscana Secular? Assim, no mútuo conhecimento, cresçamos na unidade entre nós e na motivação comum de testemunhar que é possível viver hoje, concretamente, nosso ideal de observar o Santo Evangelho.

CELEBRAR

No momento orante o coordenador convida a todos a se darem as mãos e rezar:

Peçamos ao Senhor que Nossas Ordens ofereçam à Igreja e ao mundo o testemunho de uma fecunda complementariedade, numa atitude de respeito mútuo, de comunhão e recíproca ajuda.

Neste momento serão feitas as preces elaboradas nos grupos e outras espontâneas.

Finaliza-se com a oração de São Francisco, rezada ou cantada.

MOTIVAÇÃO FINAL

Fica o convite para cada um de nós, como jovens franciscanos, revermos o modo como vivemos nosso carisma.

Será que ao conhecer melhor as Três Ordens você não sentiu despertar o desejo de saber se alguma dessas formas de vida seria o seu modo próprio de seguir Jesus e viver seu Evangelho?

Deixemo-nos questionar!



Irmã Maria Chiara da Assunção de Nossa Senhora, OSC (Irmã Chiara), nascida no estado do Maranhão, residente no Mosteiro de Canindé-CE. Atualmente está na etapa de pós-noviciado (juniorista) na Ordem de Santa Clara (OSC).

APROFUNDAMENTO SOBRE SANTA ROSA DE VITERBO

APROFUNDAMENTO SOBRE SANTA ROSA DE VITERBO

INTRODUÇÃO

O objetivo deste encontro formativo é proporcionar uma reflexão crítica a partir da experiência de Santa Rosa de Viterbo sobre a nossa vocação franciscana secular contemporânea. Quando nos aproximamos de textos espirituais históricos, sejam as Fontes Franciscanas ou a biografia de algum santo, precisamos tomar duas atitudes intelectuais: a primeira é entender o contexto histórico do "evento" (algum fato ou palavra expressa pelo santo). Em segundo lugar, deve-se procurar conexões com a realidade atual. Quais os significados e valores que podem ser importantes na nossa realidade e quais os que perderam seu sentido original?

Não vamos aqui reapresentar a biografia de Santa Rosa. Supomos que ela tenha sido trabalhada na etapa da formação inicial. Vamos apenas fazer referência a algumas informações básicas para contextualizar nossa reflexão. Santa Rosa viveu entre 1233 e 1251 em uma época muito complicada, por conta das transformações sociais que aconteciam e pelas intensas disputas de poder. Particularmente no território que hoje conhecemos como Itália não havia um estado unificado, mas cidades relativamente autônomas que eram objeto de disputa entre o imperador e o papa.

Santa Rosa, por seu amor à Igreja, tomou decididamente o partido do papa e pagou o preço de ser exilada de sua cidade natal. Hoje, aquelas disputas estão longe da nossa memória e da nossa vivência cotidiana. Não se trata mais de tomarmos partido naquelas questões, mas buscarmos na experiência de Santa Rosa os valores que continuam importantes na nossa realidade atual.

OBJETIVO

Este encontro formativo pretende fazer os/as jufristas compreenderem que os modelos de santidade mudam conforme os contextos históricos e devem ser adaptados para os novos tempos. No momento atual da história, a igreja nos pede a valorização da vocação secular e leiga.

Em suma, o objetivo é fazer perceber que o mesmo amor à igreja que no século XIII levou Santa Rosa a defender o papa e a igreja em questões seculares, nos deve levar a valorizar nossa vocação secular e nossa tarefa de cristãos no mundo moderno.

MATERIAL

- 1 - Um cartaz com o TAU e a expressão Paz e Bem.
- 2 - Um dispositivo para tocar algumas músicas missionárias.
- 3 - Sugestão: "Desamarrem as sandálias" "Se calarem a voz dos profetas" e "Tu és Minha Vida", "Padroeira da JUFRA"

AMBIENTAÇÃO

A sala de reuniões deve estar organizada em um círculo de cadeiras. Ao centro, um cartaz com o TAU e a expressão PAZ e Bem. Se for possível, levar um "player" com músicas missionárias que expressem nosso desejo de levar o amor de Deus ao mundo no qual vivemos.

ACOLHIDA


A ideia central deste encontro formativo é a de que a experiência de Santa Rosa, atualizada para o nosso mundo moderno, nos leva à vivência do amor de Deus nos ambientes nos quais estamos inseridos: família, trabalho, estudo, etc. Então, nossa acolhida pode ser feita da seguinte maneira: que cada um(a) seja incentivado a falar um pouco das suas atividades cotidianas, no trabalho, estudo, etc. Que cada um(a) seja incentivado a falar dos seus sonhos e projetos para o futuro... Ao final, podemos encerrar com o seguinte mantra, repetido três vezes: "Para ser missionário não é preciso viajar ao Japão, basta levarmos o amor de Deus aos que partilham nossa vida".

VER

O que a experiência de Santa Rosa de Viterbo inspira no jovem contemporâneo?

Sua biografia nos diz que ela nutria o profundo desejo de tornar-se monja. Naquele tempo, o modelo de perfeição cristã era o modelo monástico que destacava o ideal da "Fuga Mundi", fuga do "MUNDO", palavra que designava, naquela época caos moral.

Os cristãos daquela época alimentavam uma espiritualidade de desprezo do "mundo", que era entendido como desprezo do mal, do pecado, da corrupção que se encontrava na cidade. Consequentemente, para eles, a perfeição Cristã só poderia ser obtida separando-se da corrupção da sociedade.



Mesmo São Francisco, tão original em relação ao seu tempo, expressava-se com o vocabulário de sua época. Embora tenha deixado claro que não desejava o modelo monástico, quando recusa a Regra de São Bento em favor do seguimento do Evangelho liberto de todas as restrições institucionais, ele define, no seu testamento, sua conversão com a expressão “deixei o século”. No seu ambiente, o século era compreendido como o “lugar de oposição a Deus”, em contraposição àqueles que vivem a penitência. O “mundo” ou “século” é o lugar onde se praticam os vícios, onde se praticam as concupiscências carnis, a vaidade, a ganância etc. Por isso a Ordem Franciscana Secular foi originalmente denominada “Ordem da Penitência”.

Naquele tempo, no seu contexto histórico, era muito difícil pensar a vocação secular como algo positivo. A posição do leigo e do secular na Igreja era vista do ponto de vista da insuficiência e da subordinação. A palavra leigo era usada para diferenciar o povo em sua maioria iletrado que não tinha acesso ao conhecimento e tampouco à escrita.

Entretanto, muita coisa muda com a formação histórica da sociedade moderna. Do ponto de vista político, a ideia de democracia supera a monarquia absoluta teocrática, o surgimento da ciência moderna desloca a filosofia e a teologia do centro do conhecimento e, como consequência, vai se formando uma sociedade na qual a pluralidade substitui as rígidas hierarquias do passado.

Durante os séculos em que essas transformações se operavam, a instituição eclesiástica resistiu muito. Muitos padres e teólogos pensavam que as formas de organizar o mundo moderno negavam Deus e não apenas ao papel político da igreja na sociedade. Até meados do século XX, o conhecimento teológico se dedicou à reafirmação da autoridade da Igreja, apresentando-a como “sociedade perfeita”, fora da qual não há salvação. Uma organização hierárquica em que se reafirmava a velha ordem e na qual os leigos e seculares seriam o rebanho a ser conduzido e pastoreado pela hierarquia.

Entretanto, ao longo dos séculos XX e XXI, diversos movimentos dentro da Igreja elaboraram uma releitura do Evangelho, buscando uma aproximação com este mundo moderno. Essas novas formas de pensar a igreja se expressam no Concílio Vaticano II. Entre outras definições, o concílio pretendeu superar a distância entre povo e clero, designando, na Constituição Dogmática Lumen Gentium, que todos os cristãos são o Povo de Deus, o corpo místico de Cristo. Nota-se o esforço de superar, nesta definição, uma organização hierárquica que estabeleça superiores e inferiores, mas papéis distintos ou formas diferentes de viver o seguimento de Cristo. Para isso, o concílio propõe um “retorno às fontes”, isto é, um retorno à essência do cristianismo, num esforço de se libertar daqueles acréscimos históricos, compreensíveis no seu tempo, mas que ofuscavam a mensagem original de Cristo.

ILUMINAR

Mas em que consiste a especificidade da vocação franciscana secular? No aspecto mais geral, a nossa vocação está expressa no primeiro item do capítulo II da nossa Regra: “observar o Evangelho de Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens”. E é justamente buscando as fontes evangélicas e observando a vida de Jesus que percebemos que ele não busca se afastar do mundo ou se refugiar numa ilha de perfeição (ou busca da perfeição). Pelo contrário, deixa sua condição divina e se ENCARNA, assume o mundo plenamente, com a morte, com a dor, com os limites da condição humana. Ele ama o mundo e vai ao seu encontro para redimi-lo com seu amor.

Durante sua trajetória no mundo, ele não se coloca entre reis e nobres, mas se aproxima do povo simples. Em sua pregação apresenta a boa nova em uma linguagem simples, próxima do povo. Suas parábolas falam da realidade cotidiana (as flores do campo, a atividade do pescador, o vinhedo) e apresentam um Deus próximo e acolhedor. Ele se afasta das regras de pureza e apresenta o amor como o valor supremo, maior inclusive do que as normas firmemente estabelecidas em seu tempo, como o repouso sabático (Mc 3,1-6). Em outra passagem, ele reafirma a prevalência do amor e da amizade, inclusive sobre o rito sacrificial no Templo (Mt 5,21-24).

Jesus percebe com clareza que a ênfase na norma nos afasta das pessoas. Ele opta, portanto, por se aproximar justamente da parcela marginalizada da sociedade. Ele não vem para julgar e condenar, mas para resgatar com seu amor. Isso fica claro em Mc 2,15-17: “Ora, estando Jesus à mesa em casa de Levi, estavam também ali reclinados com ele e seus discípulos muitos publicanos e pecadores; pois eram em grande número e o seguiam. Vendo os escribas dos fariseus que comia com os publicanos e pecadores, perguntavam aos discípulos: Por que é que ele come com os publicanos e pecadores? Jesus, porém, ouvindo isso, disse-lhes: Não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos; eu não vim chamar justos, mas pecadores”

Numa sociedade marcada por uma cultura patriarcal, na qual as mulheres tinham pouquíssimo espaço, ele admite mulheres entre seus seguidores, como se pode observar em Lc8, 1-3: “Logo depois disso, andava Jesus de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e iam com ele os doze,

bem como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios. Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Susana, e muitas outras que os serviam com os seus bens”.

Ao se aproximar dos desclassificados do seu tempo, ao mesmo tempo ele critica os preconceitos da sociedade na qual ele viveu e a apresenta uma manifesta esperança na construção de um Reino que supere todas as formas de segregação.

Essas passagens deixam claro o amor que Jesus dedica ao mundo e sua preferência pelos marginalizados. O exemplo de Jesus é o elemento central na vocação franciscana secular.

Se não podemos fugir da nossa condição de viver numa sociedade, num determinado tempo e lugar, estar no mundo seguindo o exemplo de Cristo é a nossa vocação. A oração e a Eucaristia devem estar no centro da nossa vida. São os momentos nos quais podemos “recarregar” nossas energias na graça do Senhor. A plena realização de nossa vocação franciscana se dá no mundo do trabalho, da ciência e da cultura, das artes, da política, da família, etc. Nesses lugares, estaremos seguindo o Evangelho quando promovermos a paz, quando formos capazes de amar o próximo até as últimas consequências e quando tomarmos definitivamente o partido dos mais pobres e marginalizados.

Santa Rosa de Viterbo foi um exemplo vibrante de amor à igreja do seu tempo. Hoje, a releitura do Evangelho promovida pelo Concílio Vaticano II nos permitiu também descobrir a beleza da vocação secular e do papel que temos a realizar no mundo contemporâneo.

AGIR

Neste momento, organizados em grupos de dois ou três, vamos tentar retomar os nossos projetos e sonhos dos quais falamos no momento da acolhida. Vamos partilhar uma reflexão: “Como esses sonhos e projetos podem ser expressão do amor de Deus no mundo atual?” e “Como podemos colaborar com nossa vida para que o amor de Deus tenha expressão no nosso mundo, na nossa realidade?”.

CELEBRAR

Aqui, podemos retomar as músicas missionárias, lembrando que o nosso mundo cotidiano é o objeto de nossa missão e que não se trata de pregar com palavras, mas com nossos atos de amor. Finalmente, podemos rezar juntos:

“Deus, nosso Pai, à medida que nos transcorrem os séculos, vemos com mais clareza a vossa ação no mundo. Na verdade, vós sois um Deus fiel e agis com força e poder dentro da história dos homens, abalados por tantas contradições. Mas vós conduzis vosso povo através dos tempos. Moveis os corações dos homens para que encontrem a paz. E suscitais, segundo as necessidades de cada época, pessoas capazes de ler as entranhas dos tempos, pessoas fortalecidas com as vossas promessas antigas, mas sempre novas. Por isso, Senhor, hoje nós vos suplicamos humildemente; a exemplo de Santa Rosa, façamos de nossa vida um tempo de conversão, de fidelidade a Deus e de amor à paz.”.

MOTIVAÇÃO FINAL

Vamos amar o mundo como Jesus amou, nos comprometendo com nossa vida com sua obra de salvação que nada mais é do que viver e expressar o Seu amor.



Edson Armando Silva, professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Mestrado em História Econômica do Brasil pela Universidade Federal do Paraná, doutorado em História Cultural do Brasil na Universidade Federal Fluminense, com tese intitulada “Identidades Franciscanas no Brasil: a Província da Imaculada Conceição – entre a restauração e o vaticano II”. Começou a participar da JUFRA em 1975, professando em 1982. Foi Secretário Executivo Regional da IX região (Paraná e Santa Catarina) e Secretário Executivo Nacional, atualmente integra a Fraternidade Frei Eurico de Mello da OFS em Ponta Grossa/PR.

VIVÊNCIA DO CARISMA FRANCISCANO



VIVÊNCIA DO CARISMA FRANCISCANO

INTRODUÇÃO

Fala-se muito do Carisma Franciscano e é sempre bom voltar à compreensão do que isto significa. A palavra Carisma, do grego charis, tem uma multiplicidade de significados, mas podemos dizer que é escutar uma grande convocação, pois Carisma é uma grande inspiração originária que fundamenta um determinado modo de vida. Um Carisma traz realização, nobreza ao modo de ser, brilho, vitalidade suave e forte ao mesmo tempo. Um Carisma Inspiracional dá sentido ao carisma pessoal e isto fascina. Não é um modo de ser e fazer qualquer, mas é ser e fazer a partir do pedido do Crucificado. Há autoridade em quem não sabe o que é morte, e por isto pode pedir a cada instante que se instaure vida em meio a ruínas. O Carisma Franciscano nasceu colocando pedra sobre pedra e construiu Fraternidade onde não havia mais convivência. O Espírito fala e uma vida faz. Para a Palavra de Deus é a certeza de que "a cada um é dada a manifestação do Espírito Comum em vista do Bem Comum" (1Cor 12,5). Para a teologia é graça como dom natural e virtude conquistada. É trabalhar para transformar. Para a vida vivida de maneira religiosa é encarnar o Evangelho não como texto, mas como encontro pessoal com Jesus Cristo, transformando esta verdade em Fraternidade e Missão, em proveito do Reino e do Povo de Deus.

OBJETIVO

Propiciar aos jufristas o aprofundamento do carisma franciscano a partir do conhecimento do modo de ser e viver de Francisco e Clara de Assis, motivando-os a uma experiência de conversão do projeto de vida.

MATERIAL NECESSÁRIO

Cruz de São Damião, pano marrom, Bíblia, Fontes Franciscanas, velas, flores, faixas criativas com os múltiplos significados da palavra carisma: A palavra Carisma vem do grego "CHARIS" e tem múltiplos significados: escutar uma convocação misteriosa; acolher como uma atração benevolente; alegria, realização, entrega, encanto, nobreza de ser, fascínio, brilho, vitalidade suave e forte. Pedacos de papel com as "Peculiaridades do Carisma Franciscano" (momento "Ver") colados em balas doces. Folhas de papel e lápis de cor para o momento "Celebrar".

AMBIENTAÇÃO

Criar um altar, dispendo em um canto da sala o tecido marrom e sobre ele as velas, as flores e faixas com os significados da palavra carisma. Ao centro e em destaque deve estar a cruz de São Damião. As cadeiras devem estar dispostas de forma a "envolver" esse altar como parte do círculo. Ao redor da cruz estarão as balas com os papéis colados.

ACOLHIDA

- Oração diante do Crucifixo (cantada como mantra).

VER

Animador/a: Muitas vezes ouvimos em diferentes contextos a palavra "carisma": "Fulano é cheio de carisma"; "Ciclana é muito carismática"; "Beltrano abraçou o carisma carmelita". O que nós entendemos por essas expressões? (Deixar falarem.)

Nas faixas que temos junto à cruz de São Damião encontramos algumas definições. Elas nos inspiram e nos fazem refletir sobre a convocação que também nos foi feita um dia e que se renova sempre: fomos convocados misteriosamente, através de convites muito diversos, a seguirmos o carisma franciscano. O que isso quer dizer? O que isso muda na minha vida? O que é essencial nesse modo de vida? (Deixar falarem.)

"No coração da vida franciscana está a EXPERIÊNCIA DE FÉ em Deus, o encontro pessoal com Jesus Cristo, o beber nas Fontes Franciscanas (escritos e biografias), o modo de ser de São Francisco de Assis, sob qualquer aspecto que se revele a oração, fraternidade, obediência, pobreza, pureza de coração, minoridade e presença no meio da humanidade, como um Projeto de Vida." (cf. Doc. De Medellín, 1971, pg.11)

Carisma é uma grande inspiração originária que fundamenta um determinado modo de vida.

PARA A PALAVRA DE DEUS CARISMA É: "A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum" (1Cor 12,5).

PARA A TEOLOGIA CARISMA É: É graça como dom!

PARA O FRANCISCANISMO CARISMA É: Viver e encarnar o Evangelho, como encontro pessoal com Jesus Cristo; transformar esta verdade em fraternidade e missão em proveito do povo de Deus e do Reino.

PARA O FRANCISCANISMO CARISMA É: Viver e encarnar o Evangelho, como encontro pessoal com Jesus Cristo; transformar esta verdade em fraternidade e missão em proveito do povo de Deus e do Reino.

PARA OS DOCUMENTOS FRANCISCANOS CARISMA É:

1- DEUS E SUA GRATUIDADE: Ele é a fonte dos carismas e os distribui a quem, quando e como lhe aprouver: não há como merecê-los nem forçá-los, são gratuitos.

2- O SER HUMANO E SUA SENSIBILIDADE: Deus respeita a sensibilidade humana, que tem o poder de acolhida ou recusa, de adesão ou fuga à graça.

3- O TEMPO E SUAS VICISSITUDES: o Carisma irrompe em diferentes épocas e lugares, obedecendo a desígnios que desconhecemos, surpreendendo-nos com inesperadas primaveras."

("Reviver o Sonho de Francisco e Clara de Assis no chão da América Latina e do Caribe", nº 3, pg.7)

Nesse momento, o/a animador/a do encontro convida que cada irmão/ã pegue um papelzinho com uma bala. Cada um lê o que está escrito no papel como se saboreasse a bala, degustando o sabor do significado de cada peculiaridade do carisma que torna nossa vida mais doce.

Peculiaridades do carisma franciscano

- Saber que o Evangelho não é livro, mas é Alguém. É o encontro pessoal com as palavras de Jesus Cristo. O Evangelho não é um acréscimo de bons conselhos, mas uma Grande Intuição e Inspiração.

- Não é ter o Evangelho apenas como um texto moral que reúne um conjunto de normas para uma conduta humana, mas é nele encontrar a Pessoa de Jesus Cristo.

- Antes de ser doutrina, moral, política, mensagem de salvação e anúncio é uma história real de vida, retrato e presença de Jesus Cristo.

- Mais que a Regra de Vida é ENAMORAMENTO! É muito diferente observar uma lei ou uma forma de vida e apaixonar-se por Alguém! Uma coisa é AMAR, outra é apenas cumprir.

- AMAR O SENHOR JESUS DE UM MODO TOTAL! Sua Natureza Divina na Existência Terrena, encarnação, eucaristia, paixão! Ele é Palavra, menor, criança, irmão, pobre, vivo e presente!

- Ele é Dom de Deus e Dom da Humanidade. Com Ele aprendemos que EXISTIR é AMAR!

- É ser um permanente beijo de Deus! É o modo como, pela Encarnação, Deus toca de um modo especial o ser humano.

- Ser franciscano(a) é ser feliz e saber-se amado(a)! É ser hóspede da Providência e da Misericórdia. Sentir e estar no mundo como uma casa.

- É ser Irmão e Irmã! Quem não se sente na irmandade não é da família franciscana. Ser irmão(ã) não é apenas um sentir afetivo, mas é consanguinidade, é corpo e alma que determina o ser franciscano(a).

- Não viver um ao lado do outro, mas sim um voltado para o outro. Não é pirâmide de relações, é círculo, é roda, é encontro, é Fraternidade.

- Não é ter cargo de mando, mas prestar um serviço. Nosso único título é ser Irmão e Irmã!

ILUMINAR

Dividir a fraternidade em três grupos, em que cada um deles deverá refletir os seguintes textos:

1Cel 9, 22

Testamento de São Francisco 14-26

Regra Não Bulada 1, 1-2

Momento para partilha dos grupos.

AGIR

Depois de tanta riqueza sobre o nosso carisma, precisamos repensar nossa caminhada a partir da coerência com o projeto de vida que abraçamos. Coloquemo-nos em posição confortável e propícia à reflexão. Ouçamos atentos a cada interpelação de coração aberto, questionando nossas palavras, pensamentos e ações, fazendo uma revisão de nossa vida fraterna.

A convocação para vir participar da Família Franciscana tem revisitado os nutrientes de nossa escolha? Há urgência de tomar consciência de nossa Vocação Franciscana e Missão em anunciar a Boa Nova a nossos contemporâneos.

Na vida religiosa, fala-se muito em crise vocacional. Não é verdade que faltem vocações! Na verdade é que não existe PAIXÃO pela VOCAÇÃO nos que estão dentro do Carisma. Tenho sido um ser apaixonado pela vida franciscana?

Tenho levado ao mundo um jeito de viver com lucidez, criatividade, paixão, radicalidade, autenticidade, visão de futuro, diálogo fecundo com a pós-modernidade?

NOSSO CARISMA ESTÁ NA CASA DO MUNDO! Por isso temos que encher a terra com o Evangelho de Cristo e cuidar da criação, defender a vida, lutar pela justiça, pela paz e pelo bem. O que tenho feito nesse sentido?

Que o nosso Carisma ajude a qualificar a humanidade: integridade, santidade, serviço, fraternidade, dimensão contemplativa, missionariedade (não é apenas ir de qualquer jeito, mas mergulhar profundamente em todas as experiências).

Tenho buscado esses valores?

O franciscano(a) deixa de lado medos e negatividades. Sai com uma generosa entrega. Cura as rotinas, cansaços, resignações, ciúmes e egoísmo asfixiante. Constrói o futuro com os sonhos, de nossos santos e santas: Francisco, Clara, Isabel, Antônio, Galvão, Luís de França... Meu medo me paralisa? Me faz ser obstáculo na caminhada da fraternidade?

O nosso futuro é o máximo de cuidado pelas nossas Fraternidades. Superar fronteiras étnicas, religiosas, geográficas e preconceituosas. Nossa fraternidade é aberta a todos, sem distinção?

Viver a simpatia e sermos muito simpáticos. Não rígidos demais, mas flexíveis e seguros. Tenho sido aberto a transformações pessoais?

Ser franciscano "se trata de oferecer uma resposta não de acomodação, nem de mediocridade, mas de uma vida renovada e fortalecida no essencial, de tal forma que reproduza a audácia, a criatividade e a santidade do jovem Francisco de Assis". Tenho buscado sair da minha "zona de conforto"?

Não somos um clube ou grupo qualquer, mas irmãos(as) que pertencem a herança de uma grande família espiritual. Num mundo fragmentado e conflitivo, a Família Franciscana é um sinal profético enquanto não se fecha, mas se abre a todas as pessoas, povos, à criação inteira e valoriza a igualdade e a diversidade. É uma Boa Nova de familiaridade, amizade, esperança, respeito e mútua aceitação. Vive a sinceridade, confiança, alegria, sensibilidade, delicadeza, educação, humor, participação, aceitação, espírito festivo e o perdão. Vive com muita solidariedade, porque nenhuma fraternidade é auto-suficiente. Nossa fraternidade tem sido esse sinal profético no meio em que convivemos?

Momento para partilha.

CELEBRAR

Ouçamos a música "Canta, Francisco" que traz muitos elementos da força do carisma franciscano. A partir dessa inspiração e de tudo o que partilhamos no encontro de hoje, cada jufrista retrate em um desenho a relevância do franciscanismo em sua vida.

Como gesto concreto, os desenhos podem ser expostos em algum local visível na paróquia, além de postagens em redes sociais acompanhadas do testemunho sobre a vivência do carisma.

O encontro pode terminar com os irmãos abraçados cantando a música novamente, de forma festiva.

MOTIVAÇÃO FINAL

Vamos encontrar novos jeitos e novas motivações para levar a Boa Nova. Hoje, temos muitos cristãos batizados, mas pouco evangelizados; muitos indo a cultos festivos, mas com fé frágil e vacilante e indiferente ao Evangelho. A Fraternidade Franciscana pode ajudar com seu modo de ser nas Paróquias. Colocar naturalmente no projeto pastoral paroquial mística franciscana. Sair de uma pastoral de manutenção para uma pastoral missionária, solidária e participativa. Que os jovens da JUFRA, unidos à OFS e a todos os ramos da Ordem Franciscana vivam de comunhão e de fraternidade, com forte sentido de pertença!



Frei Vitório Mazzuco OFM, é natural de Campo Limpo Paulista, São Paulo. Nasceu no dia 28 de abril de 1953 e ingressou na Ordem dos Frades Menores no dia 20 de janeiro de 1973. Fez a profissão solene no dia 2 de agosto de 1977 e foi ordenado sacerdote no dia 7 de julho de 1979. Estudou Filosofia e Teologia de 1974-1979 no Instituto Teológico Franciscano, Petrópolis. Fez Mestrado em Teologia com especialização em Teologia Espiritual Pontifício Athenaeum Antonianum, Roma, Itália.



Ana Carolina Miranda, natural de São João del Rei/MG. Iniciou sua caminhada na JUFRA na Fraternidade Monte Alverne em sua cidade natal. Assumiu a formação local, regional (SE 2011-2014) e nacional (2013-2016). É graduada em Letras pela UFSJ e atua como professora de inglês. Fez o Master em Evangelização pelo ITF- Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis. Professora na Ordem Franciscana Secular onde assume a formação regional SE1 (2017-2020).

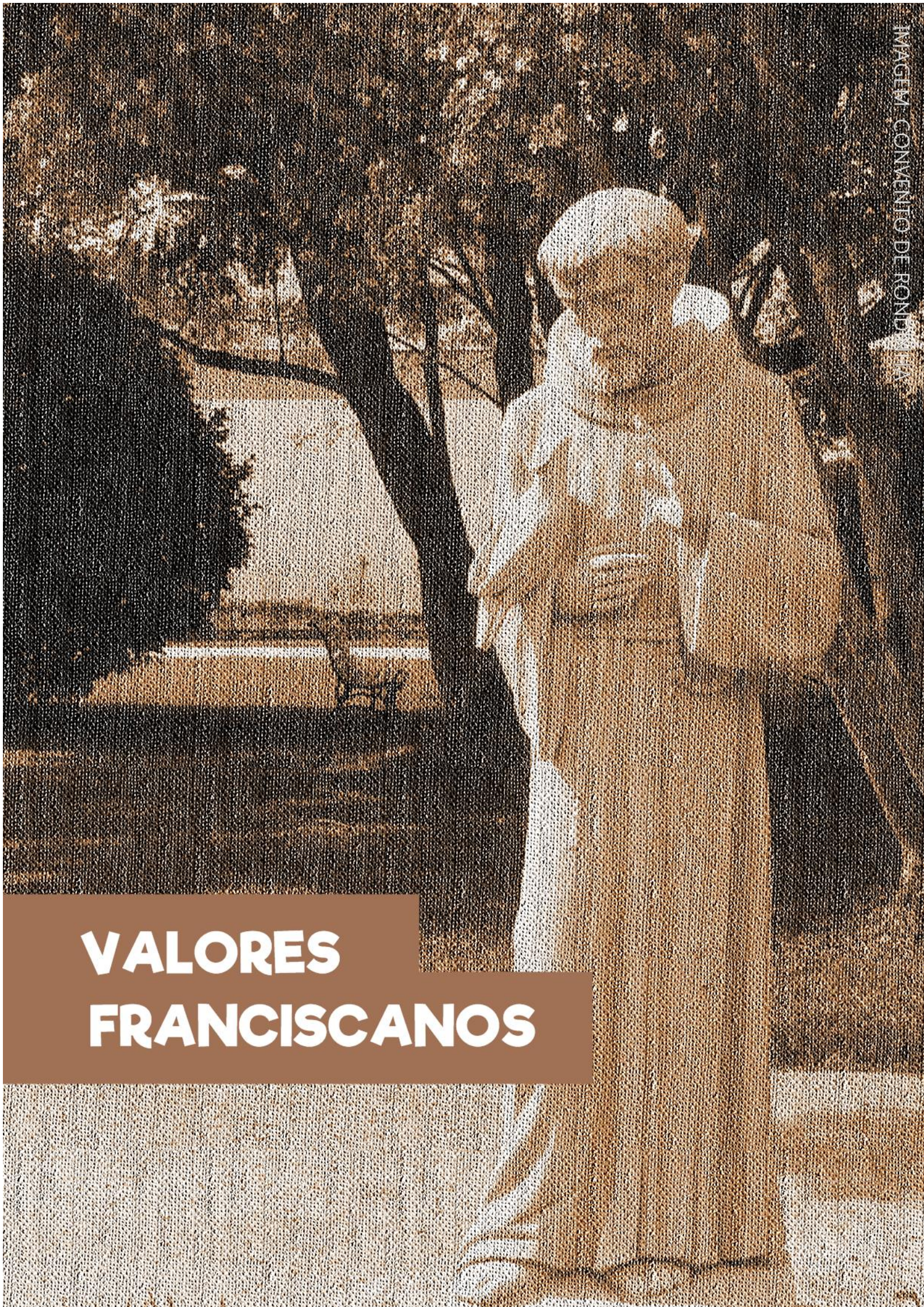


Juliana Caroline Gonçalves Almeida, natural e residente em Triunfo/PE. É graduada em Letras, Master em Evangelização pelo ITF- Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis. Jufrista da Fraternidade Estrela de Assis e Professora na Ordem Franciscana Secular na Fraternidade Santa Izabel da Hungria, ambas de Triunfo/PE. Exerceu diversos serviços na sua fraternidade local, além da função de Formadora Regional NE B1- PE/AL (2013-2016) e Formadora Nacional da JUFRA do Brasil (2016-2019).



Márcio Bernardo de Oliveira Ramos, natural de Nilópolis/RJ, graduado em Administração. Iniciou sua caminhada nos Mini Franciscanos na Fraternidade Ternura e Vigor e hoje é jufrista professo na Ordem Franciscana Secular. Secretário Nacional para a Área Sudeste (2016-2019), já foi Secretário Fraternal e Formador Local e Regional (SE2). Coordena a Comunicação e a Animação Vocacional da OFS (SE1).

VALORES FRANCISCANOS



VALORES FRANCISCANOS

Minoridade, Paz, Opção pelos Pobres, Justiça, Vida Evangélica e Integridade da Criação

INTRODUÇÃO

As juventudes são ricas de valores e é difícil encontrar uma juventude apática e indiferente às diversas realidades, muito embora cada grupo específico possua uma identificação particular seja de cunho social, político, eclesial, cultural, etc. Mas quando falamos de Juventude Franciscana, quais valores essa parcela da juventude cultiva? O que é característico dessa identidade que os iguala ou diferencia das demais juventudes? Para responder a essas questões é necessário olhar a própria experiência do nosso irmão São Francisco e aquilo que ele nos deixou como síntese de vida, oração e reflexão espiritual. São Francisco, pelo seu testemunho, nos deixa um condensado de valores que por sua vez nos inspiram e desafiam. Minoridade, pobreza, justiça, paz, diálogo, respeito com a criação, trabalho, alegria, e tantos outros são sinais de uma vida radicada no Evangelho que, por sua vez, tão bem foi compreendida por Francisco e que hoje deve ser encarnada pela juventude que se identifica com o carisma do jovem e pobrezinho de Assis.

OBJETIVO

Instigar os/as jufristas para o conhecimento e redescoberta dos valores franciscanos, que são em última instância os valores do Evangelho. E para além disso, incentivar uma eficaz identificação e aplicação desses valores na realidade em que cada fraternidade se encontra.

MATERIAL

Bíblia, fontes franciscanas, tecidos, vela (caso seja à noite), pequena planta, fotos e/ou recortes de revista e jornais (que demonstram situações de pobreza e miséria, de conflitos e injustiças, de catástrofes e depredações ambientais, abandono, tristeza, solidão, etc.), alguns galhos secos, aparelho de som que possa tocar música instrumental/sons da natureza ou violão, caso alguém toque o instrumento.

AMBIENTAÇÃO

Preparar o local do encontro de forma circular (com cadeiras ou com esteiras, tapetes, almofadas) tendo ao centro, sobre os tecidos de cores vivas: Bíblia, Sandália, Fontes, Imagem de Francisco e Clara (caso possua), Cruz (preferência de São Damião), a plantinha e a vela acesa (caso seja noite), sendo estes objetos torneados pelos galhos secos e imagens ou recortes que retratam desafios dos nossos tempos, como se descreve no material ou conforme a realidade onde se está. Deixar o som bem suave ou quem toca violão dedilhar bem calmamente.

ACOLHIDA

1. A música instrumental deve introduzir os jovens no espaço do encontro cultivando, desde já, o valor franciscano do silêncio e percepção do espaço e da mística.
2. Quando todos estiverem acomodados, quem conduz o encontro acolhe os presentes como de costume e os convida a acolher a presença de Deus e dos irmãos mediante o canto de Zé Vicente:

*"Abrirei meus lábios num canto de amor(bis)
Ao Deus da plena vida o meu louvor(bis).
Abrirei meus lábios e o meu coração(bis)
Pra te acolher ó minha irmã, ó meu irmão(bis)
Glória seja ao Pai, e ao Filho nosso Bem(bis)
Glória ao Divino Espírito Amém(bis)"*

Ou outro a escolher.

VER

1. Neste momento, quem conduz o encontro convida os presentes a andarem no espaço do encontro e observarem os objetos colocados ao centro, tendo ao fundo uma música ambiente. Depois de um tempo, orienta os presentes a retornarem aos seus lugares.
2. Estando todos em seus lugares, pergunta-se:



- Sobre o que observamos e o que esses objetos nos recordam?
 - Existe algo de valor ou desvalor que nos identifica ou nos desafia?
 - A disposição dos objetos nos remete a alguma coisa?
- É importante deixar que os participantes exponham suas impressões.

ILUMINAR

Coordenador: "A vida franciscana enriquecida com tantos valores é um dom da Trindade, que nasce da escuta de Cristo no Evangelho, sendo este o centro e a âncora da nossa vida. Os valores franciscanos possuem o desafio de serem vivenciados de modo dinâmico, seja no âmbito pessoal ou fraterno, em vista da missão na Igreja e no mundo. É dinâmica porque se dá no caminho, caminhando. Temos como referência a experiência de Francisco de Assis e das primeiras fraternidades, as fontes, o patrimônio cultural, espiritual, intelectual, missionário, e tantos outros valores importantes que, ao longo dos anos, fizeram com que se tornasse indelével a marca e a responsabilidade de sermos franciscanos".

Após a motivação, ler a Saudação às Virtudes de São Francisco presente nas fontes franciscanas (ou conforme abaixo) de modo compassado ou ainda outros textos conforme indicação.

SAUDAÇÃO ÀS VIRTUDES

Salve, rainha sabedoria, o Senhor te guarde por tua santa Irmã, a pura simplicidade! Senhora santa pobreza, o Senhor te guarde por tua santa Irmã, a humildade! Senhora santa caridade, o Senhor te guarde por tua santa Irmã, a obediência! Santíssimas virtudes todas, guarde-vos o Senhor, de quem procedeis e vindes a nós! Não existe no mundo inteiro homem algum em condições de possuir uma de vós, sem que ele morra primeiro. Quem possuir uma de vós e não ofender as demais, a todas possui; E quem a uma ofender, Nenhuma possui e a todas ofende. E cada uma por si destrói os vícios e pecados. A santa sabedoria confunde a Satanás e todas as suas astúcias.

A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo e a prudência da carne. A santa pobreza confunde toda a cobiça e avariza e solitudes deste século. A santa humildade confunde o orgulho e todos os homens deste mundo e tudo quanto há no mundo. A santa caridade confunde todas as tentações do demônio e da carne e todos os temores carnis. A santa obediência confunde todos os desejos sensuais e carnis e mantém o corpo mortificado para obedecer ao espírito e obedecer a seu Irmão, e torna o homem submisso a todos os homens deste mundo, e nem só aos homens, senão também a todas as feras e animais irracionais, para que dele possam dispor a seu talante, até o ponto que lho for permitido do alto pelo Senhor (cf. Jo19,11)

Breve silêncio e meditação.

Outras sugestões:

- Espelho da Perfeição (fontes franciscanas): 5ª parte, cap. 85, 1-13.
- Mt 5, 1-16

AGIR

Coordenador: *Francisco entendia que os valores humanos não se encontram separados, mas fazem parte da pessoa humana em sua totalidade. Ele mesmo se transformou em virtude pela sua experiência com o Cristo marginalizado, formou a fraternidade universal com toda obra da criação e nos deixou a responsabilidade de fazermos o mesmo de forma desprendida, simples e confiante. É preciso por isso não reter nada do que herdamos, do que possuímos e do que conquistamos como valores da nossa vida e espiritualidade. São Francisco nos ensina que 'devemos restituir tudo ao Senhor com as palavras e a vida': sendo pobre entre os pobres, cultivando a paz e o bem, sendo promotores da justiça, sendo irmão daquele que nos é diferente na religião, na sociedade, respeitando e reconhecendo o valor do todo criado, sendo otimista com a humanidade e fazendo com que as pessoas, sobretudo as marginalizados, redescubram o valor que possuem de serem filhos(as) de Deus, etc. Porém, é necessário compreender o mundo e a realidade em que vivemos hoje, a fim de darmos uma resposta coerente e atual do nosso carisma e identidade. Por isso, envolvidos neste espaço que nos fala por seus símbolos, quais ações concretas podemos realizar para darmos*

Por isso, envolvidos neste espaço que nos fala por seus símbolos, quais ações concretas podemos realizar para darmos testemunho no mundo, na Igreja, na natureza, junto às pessoas, dos valores franciscanos que possuímos?

Elencar vários compromissos e privilegiar três para serem cumpridos nos âmbitos Eclesial, Humano e com a Natureza.

CELEBRAR

Coordenador: *Os valores Franciscanos possuem como medula o Evangelho que é a regra de vida de todo e qualquer franciscano. Desta feita, somos convidados a celebrar os dons que Deus nos deu em Francisco, nosso irmão que se tornou Evangelho vivo e nosso modelo de seguimento a Cristo.*

Neste momento, o coordenador convida os participantes a fazerem uma prece de louvor a Deus por um valor que a fraternidade possui (Louvemos a Deus pelo valor...). Após cada louvação, canta-se: *"Irmão Francisco se fez ideal de vida, plena vida se tornou (bis)".*

Em seguida reza-se o Pai-Nosso e canta-se a Oração de São Francisco.

MOTIVAÇÃO FINAL

Coordenador: *Descobrir e reconhecer que somos jovens cheios de valores que nos motivam e nos põem em um estado de alegria. Porém, não podemos parar por aqui; os valores e os dons que possuímos não são catálogos que acessamos quando nos mandar a vontade. Eles existem na medida em que são cultivados, atualizados, aplicados gradualmente na vida, testemunhando a nossa missão de franciscanos de modo dinâmico, no caminho, passo por passo. Os valores, da mesma forma que nos potencializam, também nos comprometem a sermos no mundo: menores entre os menores, irmãos e defensores da criação, promotores da justiça e da paz por diferente meios, inclusive do diálogo com as culturas e religiões e tudo isso deve ser exercido com audácia, lucidez e resistência, sendo munido do dom de sermos irmãos que são enviados ao mundo para anunciar as maravilhas e os valores do Reino de Deus.*

Neste momento, todos se saúdam desejando Paz e bem e enquanto se canta:

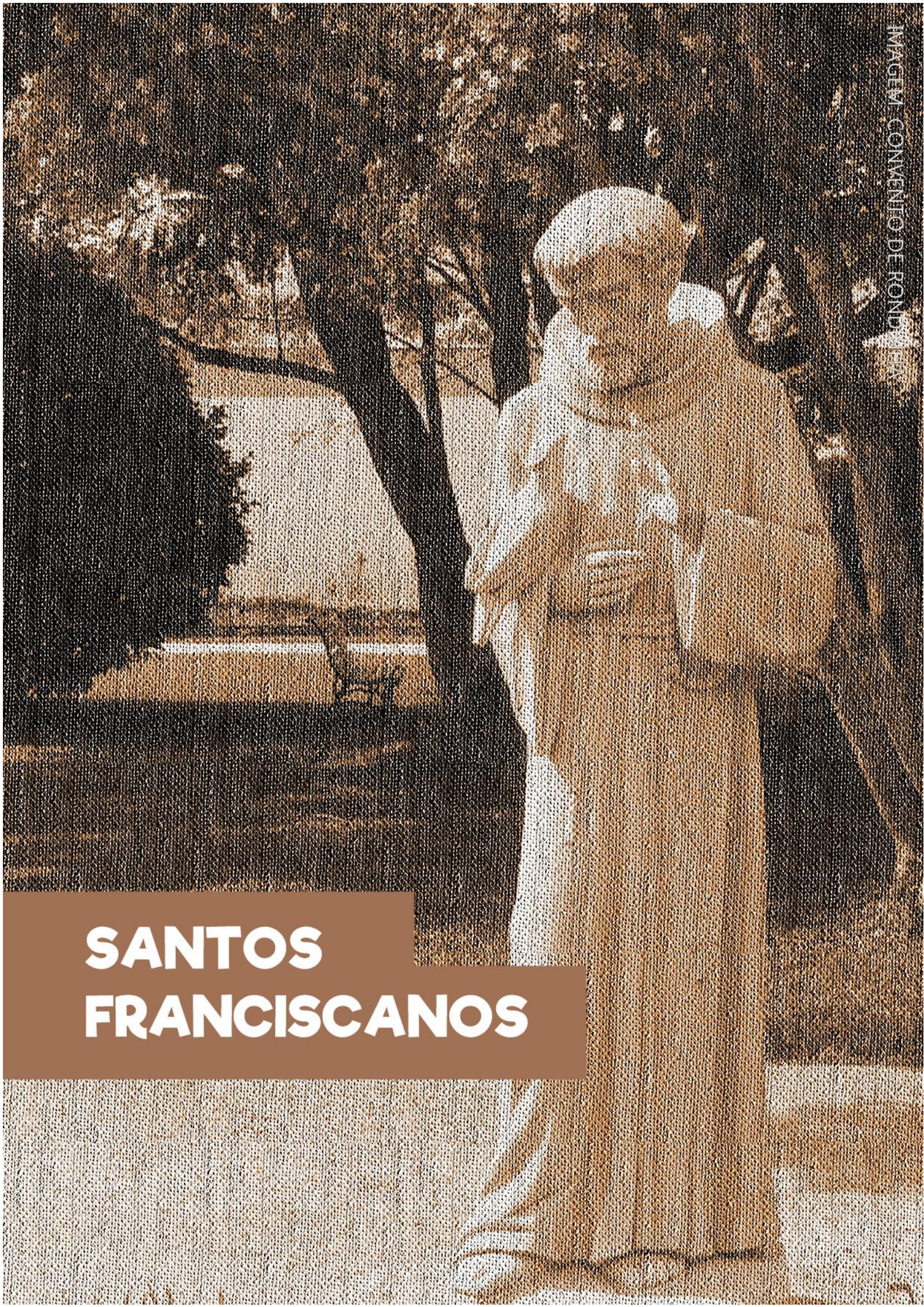
"Irmãos vamos recomeçar, vamos recomeçar, servir ao Senhor, pouco ou nada fizemos então comecemos o nosso labor".

Antes de sair, recordar os compromissos que foram assumidos no AGIR e se possível estabelecer o período para a realização deles.



Frei Faustino dos Santos OFM, nascido na cidade de Penedo - Alagoas, porém criado em Piaçabuçu – Alagoas. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco e Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza. Pertencente a Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil da Ordem dos Frades Menores, Secretário Provincial (2018).

SANTOS FRANCISCANOS



SANTOS FRANCISCANOS

INTRODUÇÃO

Desde o Antigo Testamento, o povo escolhido, recebeu do Senhor Deus o convite, ou melhor, o imperativo de ser santo: "Santificai-vos, e sede santos, porque eu sou o Senhor, vosso Deus" (Levítico 20, 7); "Serás inteiramente do Senhor teu Deus" (Deuteronômio 18, 13).

No Novo Testamento, Nosso Senhor Jesus Cristo reafirma este forte apelo: "Sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito"; e São Paulo também aponta para nossa vocação à santidade: "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (I Tessalonicenses 4, 3).

Na verdade, todos nós somos chamados à santidade. O Concílio Vaticano II, por meio de seu documento "Lumen Gentiun" (Luz dos povos), nos fala claramente desse nobre convite: "Todos os fieis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade" (LG 40).

Já a Liturgia da Igreja nos aponta para a Santidade de Deus: "Na verdade, ó Pai, vós sois Santo e fonte de toda santidade" (Oração Eucarística II). De fato, o Senhor nosso Deus, que é Santíssimo, que é infinitamente Santo, que é a origem de toda vocação a santidade, nos convoca a uma vida de íntima relação com Ele, por meio de Jesus Cristo, o qual nos redimiu por sua Cruz e nos enviou o Espírito Santo.

Este mesmo Espírito Santo nos é dado no Sacramento do Batismo, e é por sua Graça e Força que nós somos incorporados à Igreja e ao Povo Santo de Deus. O Catecismo da Igreja Católica, em seu número 2813 nos diz: "Na água do Batismo fomos 'lavados, santificados, justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus' (I Coríntios 6, 11). Durante toda a nossa vida, nosso Pai 'nos chama à santidade' (I Tessalonicenses 4, 7)".

OBJETIVO

Queremos com este encontro entender um pouco das raízes bíblicas e doutrinárias sobre a nossa vocação à santidade, compreendendo que ela não é algo distante e impossível, mas uma realidade acessível a todos nós, desde que nos deixemos guiar pelo Divino Espírito Santo. Além disso, pretendemos recordar alguns Santos de nossa Família Franciscana, incentivando assim a devoção aos nossos Santos, podendo-se, inclusive, tomar um em especial, para tê-lo como particular modelo e intercessor na caminhada humana, cristã e jufrista. Sugere-se uma visita ao site: http://www.franciscanos.org.br/?page_id=6864

MATERIAL NECESSÁRIO

Crucifixo; Bíblia; Fotos ou imagens dos Santos da Família Franciscana, que são ou não conhecidos pela fraternidade. Podem-se utilizar flores e /ou velas. Convém ainda que o animador do encontro procure algumas curiosidades sobre os santos e santas franciscanos, de modo a contribuir com a formação e despertar a curiosidade dos participantes.

AMBIENTAÇÃO

Propomos uma ambientação circular, em torno ou diante dos símbolos religiosos (imagens, Bíblia, fotos, etc.).

Enquanto os irmãos e irmãs chegam, pode-se colocar um fundo musical que trate sobre santidade, como por exemplo "Que Santidade de vida" (Monsenhor Jonas Abib), "Em Santidade" (Ministério Adoração e Vida), "Quando a gente encontra Deus" (Padre Zezinho, SCJ) etc.

ACOLHIDA

Sugerimos distribuir logo na chegada do encontro pequenas fotos de alguns dos Santos Franciscanos mais conhecidos: São Francisco, Santa Clara, Santo Antônio, São Pio de Pietrelcina, São Maximiliano Maria Kolbe, Santa Rosa de Viterbo, Santa Isabel da Hungria etc.

VER

Fazer a leitura Bíblica de Mateus 5, 1-12. Pode ser feita por apenas uma pessoa (em alta voz) ou por todos (cada pessoa lê um versículo). Após a leitura, sugere-se fazer um momento de silêncio para melhor acolher a Palavra de Deus, meditando-a e guardando-a no coração.

1 "Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. 2 Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo: 3 Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus! 4 Bem-aventurados os que choram, porque serão

consolados! 5 Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! 6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados! 7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! 8 Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! 9 Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! 10 Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus! 11 Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. 12 Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós”.

LUMINAR

No texto que acabamos de ler, que é o início do “Sermão da montanha”, Jesus apresenta de maneira clara e categórica, o caminho que ao Céu conduz.

“O caminho das bem-aventuranças é o caminho percorrido pelos santos. De modo superlativo, percorreu-o Jesus, que quis tomar sobre si todas as misérias e tribulações humanas para ensinar-nos a santificá-las. Em Cristo pobre, sofredor, manso, misericordioso, pacífico, perseguido e por este caminho entrado na glória, acha o cristão a mais perfeita realização das bem-aventuranças evangélicas” (Do livro “Intimidade Divina, do Frei Gabriel de Santa Maria Madalena, OCD).

Sabemos que o caminho da santidade é desafiador e muitas vezes repleto de sacrifícios. É uma porta estreita (Mateus 7, 13), porém é a segura estrada que nos conduz ao Paraíso.

Não podemos pensar que a santidade é tão somente o fruto do esforço humano, que procura alcançar a Deus com suas próprias forças; na verdade, a santidade é, antes de mais nada, um dom do amor de Deus e uma resposta do homem à iniciativa divina, de tal modo que precisamos constantemente buscar uma vida de íntima comunhão com Deus, pois ainda temos um longo caminho a percorrer, como nos lembra o Seráfico Pai São Francisco: “Comecemos, irmãos, a servir ao Senhor Deus, pois até agora apenas pouco ou em nada progredimos” (I Celano 103, 6).

É preciso responder com generosidade ao chamado de Deus, assim como fizeram os Santos, cada um ao seu modo: Santo Antônio como grande pregador da Palavra de Deus; São Pio de Pietrelcina como incansável confessor; São Maximiliano Maria Kolbe como corajoso mártir num campo de extermínio nazista; Santa Clara de Assis em sua pobreza e pureza; São Francisco de Assis em seu completo despojamento e austeridade; Santa Isabel da Hungria em sua humildade e caridade para com os pobres; Santa Rosa de Viterbo com seu espírito de penitência; São João XXIII, o franciscano secular que quando papa, ficou conhecido como o “papa bom”, etc.

Como podemos ver, cada santo procurou responder de modo único a Deus! E temos tantos outros exemplos de santidade na Família Franciscana e na Igreja: Beata Dulce dos Pobres; Santa Teresa de Calcutá; Santa Teresinha; Santo Antônio Galvão; São Luís, rei de França; e tantos outros. A Igreja e principalmente a Família Franciscana, celebra ainda no dia 29 de novembro a festa de Todos os Santos e Santas da Ordem Seráfica, data para se fazer memória de todos os franciscanos e franciscanas que ao longo de 8 séculos alcançaram a santidade de suas vidas, por vezes sem o reconhecimento oficial.

Sábio é o convite feito a nós, por São João Paulo II: “Jovens de todos os continentes, não tenhais medo de ser os santos do novo milênio!”. Portanto, cabe a cada um de nós, recomeçar a cada dia a seguir e servir a Jesus Cristo, que é a razão de nossa vida, pois, como nos lembrou o Papa Emérito Bento XVI: “Cristo não nos tira nada; Ele nos dá tudo”!

AGIR

Propomos algumas perguntas ou motivações para serem partilhadas em fraternidade:

- Conhecemos alguma história da vida de um (a) Santo (a)? Temos alguma devoção especial?
- Ultimamente, o que está me impedindo de ter uma vida mais íntima com Deus, mais participativa na Igreja e mais solidária com os irmãos e irmãs?
- A partir de hoje, em que eu posso me esforçar mais para buscar uma vida de santidade?

CELEBRAR

Rezemos juntos esta oração (Louvores a Deus Altíssimo), composta por nosso Seráfico Pai São Francisco de Assis (Conferir: Fontes Franciscanas e Clarianas – Bilhete a Frei Leão).

“Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas.

Vós sois forte, vós sois grande, vós sois altíssimo, vós sois o rei onipotente, vós ó Pai Santo, sois o rei do céu e da terra. Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses, Vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro. Vós sois amor, caridade; vós sois sabedoria, vós sois humildade, vós sois paciência, vós sois beleza, vós sois mansidão,

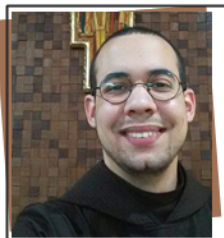
vós sois segurança, vós sois quietude, vós sois regozijo, vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça, vós sois temperança, vós sois toda nossa riqueza até à saciedade.

Vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois protetor, vós sois guarda e defensor nosso; vós sois fortaleza, vós sois refrigério. Vós sois esperança, vós sois nossa fé, vós sois nossa caridade, vós sois toda a nossa doçura, vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador”.

MOTIVAÇÃO FINAL

Concluamos este encontro com um trecho da homilia do Papa Francisco, na Solenidade de todos os Santos, em 1º de novembro de 2016: “Mas, se alguma coisa há que caracterize os Santos, é o fato de serem verdadeiramente felizes. Descobriram o segredo da felicidade autêntica, que mora no fundo da alma e tem a sua fonte no amor de Deus. Por isso, os Santos são chamados bem-aventurados. As Bem-aventuranças são o seu caminho, o seu destino, a sua pátria. As Bem-aventuranças são o caminho de vida que o Senhor nos indica, para podermos seguir os seus passos”.

Fonte adicional: http://www.franciscanos.org.br/?page_id=6864



Frei Hércules de Vasconcelos Moreno OFM Cap., nascido na cidade de Bananeiras/PB, residente na cidade de Caruaru/PE, bacharel em Administração de Empresas pela UFPB, graduando em Licenciatura em Filosofia pela FAFICA. Pertencente a Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil – Ordem dos Frades Menores Capuchinho, Assistente Espiritual Regional da JUFRA – Regional PE/AL (2016-2019).



CONHECIMENTO DA INFÂNCIA, MICRO E MINI FRANCISCANOS

CONHECIMENTO DA INFÂNCIA, MICRO E MINI FRANCISCANOS DIRETRIZES DA IMMF

INTRODUÇÃO

Na JUFRA existe a proposta de trabalhar desde a infância o carisma franciscano. Assim, tem-se em sua organização o serviço de Infância Micro e Mini Franciscanos (IMMF), com o objetivo de despertar nas crianças e nos adolescentes o compromisso com o reino de Deus.

As diretrizes da Infância Micro e Mini Franciscanos (IMMF) são orientações para a caminhada formativa das crianças, pré-adolescentes e adolescentes que se sentem motivados a conhecer e vivenciar a espiritualidade franciscana em Fraternidade.

Essas orientações têm a finalidade de proporcionar maior aprofundamento, vivência e testemunho dos valores humanos e cristãos, bem como convocar, desde cedo, para o compromisso com vida fraterna em sociedade.

OBJETIVO

Despertar os jovens para a importância da IMMF e apresentar, de forma resumida, suas diretrizes de formação.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, vela, Crucifixo de São Damião, fotos da fraternidade com a IMMF local – as que possuem – ou fotos de crianças em diversas realidades do mundo; Impressão das diretrizes de formação da IMMF; livros de formação para micro e mini franciscanos; imagem de São Francisco e o logo usado como símbolo da referida secretaria.



AMBIENTAÇÃO

Colocar a imagem de São Francisco de frente para Cruz de São Damião e entre eles as fotos sugeridas. Disponibilizar a Bíblia, as diretrizes, o logo e os livros de formação juntos com a vela.

ACOLHIDA

Irmãos e irmãs, paz e bem! No encontro de hoje, vamos conhecer um pouco mais da secretaria de IMMF, suas diretrizes formativas e discutir sua importância para a fraternidade. Iniciando, vamos olhar atentamente o símbolo que representa essa secretaria e ouvir/cantar a música do "O Biruta" do Padre Zezinho.

O BIRUTA

(Padre Zezinho)

Ah Ah Ah Ah
Ah Ah Ah Ah
Oh Oh Oh Oh
Francisco Francisco Francisco
Francisco ficou biruta
Francisco ficou lelé
Da cuca, da cuca, da cuca
Francisco conversa com a chuva
Conversa com a nuvem
Conversa com a neve
Francisco conversa com a folha
Conversa com o vento
Conversa com o sol

Se esconde no meio da mata
Pra longe da gente e se põe a rezar
Às vezes se põe de joelhos
Se esquece do mundo e começa a chorar

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
https://www.youtube.com/watch?v=9Hwy1eU_OV4



Vai ver que é alguma menina
Alguma dondoca de Assis
Vai ver que é uma linda donzela
Que ele gostou dela e ela não quis

Esse símbolo reúne harmoniosamente todos os elementos que o serviço de IMMF busca viver com as crianças e adolescentes desse país, respeitando suas realidades e identidades diversas. Essa música retrata com alegria, leveza e de forma lúdica um pouco da "loucura" – ou radicalidade – escolhida por Francisco como opção de vida. Sintonizados com essa alegria e ludicidade, ousamos apresentar o evangelho à luz do carisma franciscano para os(as) pequenos(as) seguidores de Cristo.

VER

Coordenador: A história da IMMF está intimamente ligada à JUFRA. Constatamos que a experiência inicial da Mini JUFRA deu-se com crianças que eram irmãos e irmãs mais novos de jufristas. Essas crianças buscavam imitar seus irmãos mais velhos, acompanhando-os nas atividades da JUFRA. Assim, após a aprovação dos novos documentos básicos da JUFRA em 1989, houve a necessidade da criação do Itinerário Evangélico de Micro (pré-adolescentes) e Mini (adolescentes) Franciscanos. Esse Itinerário era composto dos objetivos, encontro de formação inicial, linhas gerais e as temáticas que foram o embrião das diretrizes hoje existentes.

Leitor 1: As diretrizes da IMMF buscam preparar a criança, o pré-adolescente e o adolescente para o futuro ingresso em uma fraternidade de JUFRA, promovendo o desenvolvimento sadio e integral da personalidade infanto-juvenil, o gosto pela vida em fraternidade, oferecendo às crianças, pré-adolescentes e adolescentes, condições de relacionamento consigo e com as outras pessoas. Também se deseja sensibilizá-los para as questões sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas, despertando uma visão crítica da realidade, o espírito de liderança de modo a fazer brotar neles o compromisso cristão na vivência da espiritualidade franciscana, cultivando o espírito de oração para o relacionamento saudável e construtivo na vida familiar.

Leitor 2: As idades da Infância Micro e Mini Franciscanos devem ser fixadas pelos Congressos Regionais de acordo com a realidade de cada regional. As durações apresentadas pelas diretrizes para cada nível de formação são apenas sugestões. A Formação para a Infância Franciscana começa desde o seu ingresso, até que a criança complete a idade máxima de oito (08) anos para participar da Fraternidade de Micro Franciscanos.

Leitor 3: A Formação para os Micro Franciscanos é dos nove (09) aos onze (11) anos, quando o pré-adolescente completa a idade mínima para ingressar na Fraternidade de Mini Franciscanos. A Formação para os Mini Franciscanos acontece dos doze (12) aos catorze (14) anos, quando o adolescente inicia um acompanhamento mais intenso, formativo e mais próximo das atividades que os irmãos jufristas desenvolvem, pois aos 15 anos, ele já estará com a idade mínima para ingressar na Fraternidade de JUFRA. Em 2014, a Juventude Franciscana reunida em congresso decidiu que todo o itinerário formativo percorrido pelo adolescente advindo das fraternidades de Mini Franciscanos seria levado em consideração, estando o Mini Franciscano pronto para realizar o Retiro Inicial da Etapa de Formação Base da JUFRA e, após realizar seu compromisso, iniciar sua caminhada enquanto jovem na JUFRA.

Leitor 4: As diretrizes são sugestivas para facilitar o norteio no desenvolvimento do serviço com os pequenos, mas o compromisso em realizar esse trabalho é fundamental. Uma JUFRA que se preocupa com as crianças e com os adolescentes é uma JUFRA que se importa com seu presente e que se preocupa com o seu futuro. A IMMF é o futuro da JUFRA e também o seu presente. Uma fraternidade que tem IMMF é adornada, é animada e torna o sim ao compromisso de jufrista mais alegre, mais firme. O trabalho e o cuidado com os pequenos franciscanos determinarão a ideia do tipo de JUFRA que somos e que seremos amanhã.

Coordenador: Para concluir este momento, vamos olhar com atenção para o quadro que resume todo o conteúdo das etapas de formação da IMMF, que estão dispostos nas suas últimas diretrizes. Existem livros com as propostas de encontros para todo processo formativo.

(Abrir para discussão, partilhas ou dúvidas sobre o assunto, ou mesmo consulta aos materiais levados. Pode-se distribuir as diretrizes atuais e fazer uma discussão de temas que poderiam ser acrescentados, além do já proposto, de acordo com realidade da fraternidade local).

ILUMINAR

(Ler o trecho do Evangelho de Mt 19, 13-15)

Coordenador: Podemos observar que a preocupação de Jesus em se manter próximo das crianças é intensa. É um genuíno exemplo de pureza! Em Mateus, Jesus observa: "Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos Céus pertence aos que são semelhantes a elas." Há dois fatos interessantes nessa passagem: as crianças se sentiram atraídas por Jesus a ponto de causarem tumulto e os próprios discípulos acharem necessário intervir, e logo são repreendidos pelo Mestre. Vejamos, poucas são as pessoas que têm esse "magnetismo" com as crianças. E as características em comum nessas pessoas são: a doçura, a simplicidade, o sorriso constante, a paciência, a alegria, a jovialidade, a espontaneidade... Elementos que Jesus apresentava, que muito jovem tem, que o jufrista tem!

Somos, pois, lançados a esse desafio: servir a Deus cultivando o Evangelho de modo todo franciscano nas crianças. Através desse serviço, seremos também evangelizados ao nos aproximarmos da pureza de "ser como criança". Quais as nossas dificuldades? Temos materiais e uma imensa demanda. Há muitos adolescentes e crianças que necessitam dessa orientação evangélica. O que nos falta? Coragem para começar? União para prosseguir e não desanimar?

Com nossos pequenos, somente é preciso ter uma abertura generosa, confiante, muitos sorrisos e uma entrega para acolhê-los na iniciação à caminhada franciscana. Esse é o tempo em que estão sendo formados o caráter, a personalidade, a afetividade e os valores que serão a base de suas condutas durante a vida, a inserção em convívio fraterno e através de uma formação lúdica, atual, diversificada e orientada para a fé, construiremos uma JUFRA comprometida com o projeto do PAI Francisco.

Música: Amar como Jesus amou

(Pe. Zezinho)

Um dia uma criança me parou
Olhou-me nos meus olhos a sorrir
Caneta e papel na sua mão
Tarefa escolar para cumprir
E perguntou no meio de um sorriso
O que é preciso para ser feliz?
Amar como Jesus amou
Sonhar como Jesus sonhou
Pensar como Jesus pensou
Viver como Jesus viveu
Sentir o que Jesus sentia
Sorrir como Jesus sorria
E ao chegar ao fim do dia
Eu sei que dormiria muito mais feliz
Ouvindo o que eu falei ela me olhou
E disse que era lindo o que eu falei
Pedi que eu repetisse, por favor
Mas não dissesse tudo de uma vez
E perguntou de novo num sorriso
O que é preciso para ser feliz?
Depois que eu terminei de repetir
Seus olhos não saíram do papel
Toquei no seu rostinho e a sorrir
Pedi que ao transmitir fosse fiel
E ela deu-me um beijo demorado
E ao meu lado foi dizendo assim
Amar como Jesus amou.



CELEBRAR

Coordenador: Façamos nossos pedidos.

Pai, seja a simplicidade e a pureza de coração das crianças um exemplo no qual devemos inspirar-nos para sermos fiéis a ti e, conseqüentemente, merecer o Reino dos Céus.

Pai, que a exemplo de Francisco, que nunca mediu esforços para levar a tua palavra a todos, possamos sair

do nosso comodismo e lançar esse novo projeto de implantar a IMMF em nossa fraternidade.

Pai, que nosso compromisso em dizer sim à vocação franciscana esteja aceso em nossos corações. Que possamos ser teus imitadores a ponto de atrair nossos "pequenos franciscanos" a viverem o mesmo chamado.

Deixar o momento livre para preces espontâneas e pessoais.

AGIR

Para as fraternidades que já têm IMMF implantada, cabe como sugestão fazer um encontro conjunto entre as fraternidades, seja formativo, oracional – um retiro, por exemplo – seja um momento celebrativo de aniversário da fraternidade. De modo a tornar efetivo a convivência de toda a fraternidade de JUFRA com a IMMF.

Para as fraternidades que não tem implantado nenhum modelo de serviço com as crianças, cabe um planejamento de um dia para inscrições na paróquia, buscando iniciar os trabalhos. Nesse momento das inscrições, é interessante proporcionar pula-pula, pipoca, palhaços, a fim de atrair pais e crianças. Muito em breve, certamente iniciarão um grupo de IMMF.

ORAÇÃO FINAL

"Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele."(Provérbios 22,6). Senhor, Pai de Infinita Bondade, que possamos observar esse provérbio e aplicá-lo à realidade de nossa fraternidade, lançando as sementes do Evangelho do teu Filho Jesus nos corações dos pequenos, a fim de que seguindo Tua ordem deixemos que as "criancinhas" nos ensinem como entrar no Reino dos Céus, para assemelhar nossos corações um pouco mais aos corações delas, na Pureza e no Amor. Amém!

Momento Novo

Deus chama a gente pra um momento novo
de caminhar junto com o Seu povo.
É hora de transformar o que não dá mais
Sozinho, isolado, ninguém é capaz.

Não é possível crer que tudo é fácil
Há muita força que produz a morte
gerando dor, tristeza e desolação.
É necessário unir o cordão.

Por isso vem entra na roda com a gente
Também,
Você é muito importante.

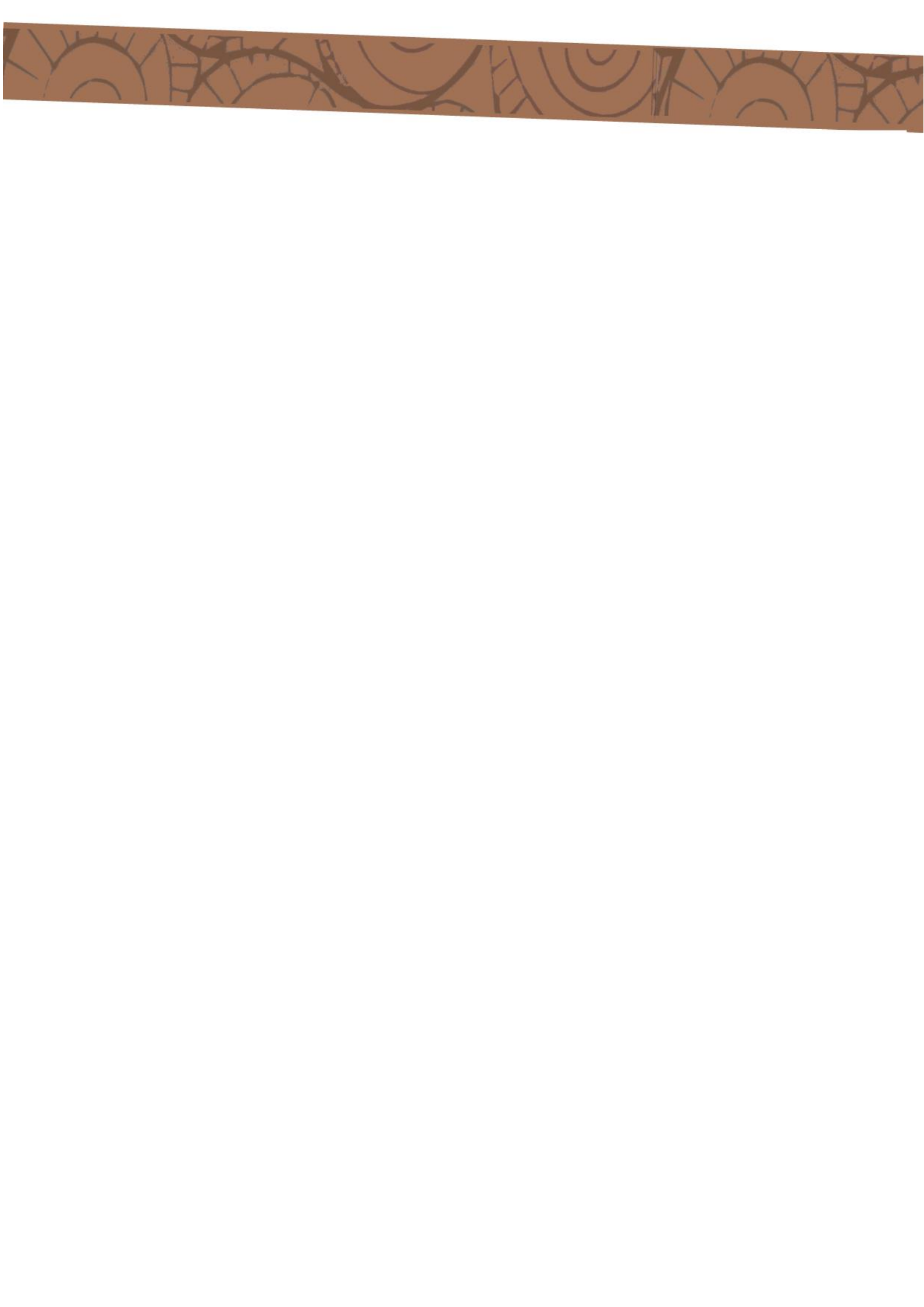
A força que hoje faz brotar a vida
habita em nós pela sua graça.
É ele quem nos convida pra trabalhar,
o amor repartir e as forças juntar.



Sabrina Ferreira da Silva, nascida na cidade de Canindé/CE, residindo em Fortaleza há 15 anos. Graduada em Enfermagem. Jufrista da Fraternidade Aliança de Assis e Secretária de IMMF Nacional (2016-2019).



Rebecca Nascimento de Oliveira, nascida e mora em Aracajú/SE. Graduada em Letras - Português/Inglês, com especialização em Psicopedagogia. Jufrista professora da OFS. Secretária Nacional de IMMF (2013 até 2016)



REGRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO

A REGRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO

Foi ao ouvir o Evangelho acerca da missão dos apóstolos (Mt 10, 7-13), que Francisco compreendeu o real significado da voz do Crucificado, e imediatamente exclamou: "É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração" (1Cel8,22).

INTRODUÇÃO

O seguimento de Jesus Cristo para os franciscanos e franciscanas, assim como para todo cristão é um grande desafio e um privilégio humano que dá sentido à nossa existência e presença no mundo. O fato de se proporem a viver o Evangelho como irmãos e irmãs é comum a todos. Depois, temos o modo de viver como Irmãos Menores, sem nada de próprio, estes são os religiosos. As irmãs da mais absoluta pobreza são as Clarissas. Os seculares, ou chamados terceiros franciscanos desejam viver no espírito dos conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade. Para tanto assume concretamente sua vocação franciscana secular através do compromisso da Regra e Vida da Ordem Franciscana Secular. Esta Regra para o(a) jufrista é fonte de inspiração para seu compromisso franciscano de vida.

A Regra Franciscana foi elaborada pela necessidade de orientar a vida de homens e mulheres que procuravam ser fiéis ao projeto de Deus, a partir de um encantamento ao seguimento radical do Evangelho de Jesus Cristo, pelos exemplos e testemunhos de Francisco e Clara de Assis. Assim, a Regra Franciscana é a luz que orienta e conduz o fazer e o viver de todos os franciscanos a partir de uma profunda afeição interior para com o ideal originário; é a participação viva em tudo aquilo que Francisco e seus seguidores amaram profunda e intensamente.

A Regra deve ser como o vigor originário que faz o franciscano caminhar, crescer, viver e consumir-se na intimidade sempre nova e mais intensa com a Paixão, o Amor e a Fé em Jesus Cristo. A Regra ou a Vida Franciscana é aquilo que assumimos como realidade, isto é, a causa mais cara e preciosa, que vale a pena abraçar por toda a vida e por toda a eternidade, que para os seculares é confirmada no momento da profissão na OFS.

OBJETIVO

Favorecer e motivar o estudo e a meditação da Regra Franciscana Secular como fundamento para o discernimento vocacional. Apresentando-a como desafio e esperança de fidelidade a Deus. Levar a compreensão da Regra enquanto principal referência para nossas atitudes enquanto Cristãos e Franciscanos(as) Seculares.

MATERIAL

Toalha (branca ou marrom); Imagem de São Francisco; Bíblia; Escritos e Devocionário Franciscanos; vela num castiçal; flores; símbolos da CFFB, Regra da OFS e da JUFRA. Preparar uma lembrança para todos os participantes.

AMBIENTAÇÃO

No chão colocar a toalha (branca ou marrom) com a imagem de São Francisco, ao redor os símbolos da CFFB, Regra da OFS e da JUFRA; a Bíblia (aberta em um dos Evangelhos) em destaque e ao lado a vela e flores. Organizar as cadeiras em U, ou em círculo de acordo com o costume.

ACOLHIDA

Preparar com antecedência uma lembrança a ser entregue na chegada dos participantes, pode ser uma citação bíblica e antes de começar procurar acolher com sorriso e atenção a todos e todas.

Iniciar com um mantra para que se concentrem e se preparem para o início do encontro; dar as boas-vindas, e em seguida fazer a invocação ao Espírito Santo que pode ser rezando, Vinde Espírito Santo! Enchei os corações dos vossos fiéis..., ou cantando "A nós descei Divina Luz", ou outro a escolha. Enquanto invoca-se o Espírito Santo, aproveita-se para acender a vela que deve estar colocada em um castiçal ao lado da Bíblia.

VER

A Regra Franciscana é revelada e inspirada pelo próprio Jesus Cristo, pelas experiências, testemunhos e exemplos de Francisco e Clara de Assis, no seguimento radical do Cristo, conformando a vida ao Evangelho. "A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens. Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito

Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância. Os franciscanos seculares se empenham, além disso, na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho” (Capítulo II – Artigo 4, da Regra). Sendo assim, ela inspira a todas e todos que de coração sincero buscam e têm como forma, norma, a Regra e Vida.

No entanto, é importante lembrar que a Regra não é uma cartilha que apresenta o passo a passo da vida Franciscana, também não é simples estabelecimento de normas e objetivos e materiais. É sim uma Fonte que inspira e auxilia nas nossas ações e comportamentos em diferentes situações para nos elevar a um nível de humanidade e ao compromisso com a construção do Reino de Deus.

A “Memoriale Propositi” (primeira regra da Ordem da Penitência, hoje chamada de OFS) é constituída pela Exortação de São Francisco aos irmãos e irmãs da penitência – Carta aos Fiéis (1221). São Francisco não escreveu propriamente uma Regra, mas orientava aos homens e mulheres penitentes que o procuravam. Atribui-se portanto este documento a São Francisco com a ajuda do Cardeal Hugolino e depois do Papa Gregório IX (1230).

O corpo da nova Regra é formado por três capítulos. O primeiro fala sobre a natureza da OFS; o segundo apresenta a forma de vida segundo o Evangelho, a espiritualidade do franciscano secular, sua vida cristã e a vivência dos Sacramentos, sua vida de oração e conversão permanente, sua vida segundo os conselhos evangélicos e o seu testemunho apostólico de fraternidade no mundo. O último capítulo dá normas sobre como viver em Fraternidade, quais os serviços e organização. Tendo a fraternidade local como a unidade mais importante, nela se desenvolve a vocação franciscana, base para a vida apostólica na Igreja.

A Regra e Vida quer realçar a secularidade, a vivência do Evangelho a partir do carisma franciscano, não no convento, não em mosteiros, mas principalmente no mundo, no próprio estado de vida, na profissão de cada um(a) para a construção de uma sociedade e um mundo mais fraterno.

Breve Histórico

É importante recordar que a atual Regra e Vida (1978) deu-se com a colaboração de expoentes terceiros franciscanos de todo o mundo. Foi por ocasião do Concílio Vaticano II que veio revolucionar muitas coisas na Igreja, se pôs em plena luz a vocação do leigo orientando as organizações/movimentos da Igreja para um *aggiornamento*, ou atualização. Uma volta às origens e atenção às necessidades dos tempos atuais, assim está a Regra traz um conteúdo profundamente franciscano e evangélico. Foi aprovada pelo Papa Paulo VI com a bula *Seraphicus Patriarcha* em 24 de junho de 1978, pouco antes de falecer. São João Paulo II em 1982 recomendou intensamente a todos(as) os(as) franciscanos(as) seculares “Estudai, amai, vivei a Regra da Ordem Franciscana Secular... ela é um autêntico tesouro nas vossas mãos, sintonizada no espírito do Concílio Vaticano II e correspondente ao que a Igreja espera de vós. Amai, estudai e vivei esta nova Regra, porque os valores contidos nela são eminentemente evangélicos”.

Esta nova Regra substituiu a de Leão XIII (1884) promulgada mediante a constituição apostólica “*Misericors Dei Filius*” e já acentuava o caráter da profissão, inclusive dava um aspecto menos clerical às orações penitenciais. Anterior a esta os chamados terceiros franciscanos tiveram a Regra do Papa franciscano Nicolau IV (1289) esta que reconhecia São Francisco como fundador e portanto os “visitadores” deviam pertencer aos frades menores, deixando os terceiros sob a direção da Primeira Ordem.

em nosso estado secular, assumimos a Regra como fonte de inspiração para colocarmos em prática os conselhos evangélicos.

Precisamos de referências para não nos desviarmos no caminho do Evangelho. A Regra é nossa grande referência, uma verdadeira Fonte de Inspiração para nossa caminhada cristã e franciscana, pois trazem em si os valores, princípios e orientações do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Alegremo-nos portanto, porque o carisma franciscano conserva ainda hoje o vigor para o bem da Igreja e da comunidade humana apesar de serpejar de doutrinas acomodáticas e do crescimento de tendências que afastam os homens de Deus e das coisas sobrenaturais” (Paulo VI, *Seraphicus Patriarcha*)

Concluir cantando (ou outro escolha):

Foi Deus que me criou, me quis me consagrou. Para anunciar o seu amor. (bis)

1. Eu sou como chuva em terra seca, (bis)

Pra saciar, fazer brotar. Eu vivo pra amar e pra servir! (bis)

É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz! (bis)

Foi Deus que me criou...

2. Eu sou como a flor por sobre o muro (bis)

Eu tenho mel, sabor do céu. Eu vivo pra amar e pra servir. (bis)

É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz! (bis)

Foi Deus que me criou...

3. Eu sou como estrela em noite escura. (bis)

Eu levo a luz, sigo a Jesus. Eu vivo pra amar e pra servir! (bis)

É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz! (bis)

Foi Deus que me criou...

4. Eu sou, como abelha na colméia. (bis)

Eu vou voar, vou trabalhar. Eu vivo para amar e pra servir! (bis)

5. Eu sou, sou profeta da verdade. (bis)

Canto a justiça e a liberdade. Eu vivo para amar e pra servir! (bis)

É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz! (bis)

Foi Deus que me criou...



ILUMINAR

Leitura orante: Jo 8, 31-35 e/ou Mt 22, 34-40

Antes da leitura do trecho do Evangelho, cantar (ou outro à escolha):

1. Eu vim para escutar! Tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.

2. Eu gosto de escutar! Tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.

3. Eu quero entender melhor! Tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.

4. O mundo ainda vai viver! Tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.

A exigência da Regra é vivermos o Evangelho e a prática do Evangelho está no cumprimento da vontade de Deus.

A observação da Regra se torna verdadeira fonte de inspiração quando tememos transgredi-la, e de coração sincero queremos pô-la em prática em nossa vida. Contudo e para tanto, é preciso conhecê-la profundamente para vivê-la fielmente, pois, não se ama, nem se vive o que não se conhece.

Vamos aqui lembrar que a presença franciscana na sociedade é inspirada e inspiradora, e que as pessoas em geral esperam de nós um testemunho de acordo com o que pensam sobre os franciscanos.

Em duplas, ou em trios, pedir para responderem as questões abaixo:

1. Por que Deus nos chama para ser franciscano ou franciscana?

2. Que testemunho e exemplo as pessoas esperam dos franciscanos e franciscanas?

3. O que mais influência as nossas opiniões e decisões sobre assuntos polêmicos?

4. Qual é a Regra e Vida Franciscana?

AGIR

Um grande desafio é confrontarmos nossas atitudes e comportamentos com os valores, princípios e orientações da Regra. Não podemos ser incoerentes. Se assumirmos a Regra como fonte inspiração que seja de coração que se faça em nós as palavras de nosso Pai Seráfico São Francisco: "É isso que quero, é isso que procuro é isso que vou fazer de todo o meu coração, com todo meu entendimento" (1Cel8,22).

É fundamental nossas experiências concretas de vivência da Regra. Ao contrário do que muitos podem pensar, se inspirar e viver a Regra, ou seja, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, não se limita ou se condiciona as Celebrações Eucarísticas nos Domingos e Festas, isso deve ser a culminância da experiência do Evangelho.

A Regra, por ser o próprio Evangelho, nos inspira em diferentes dimensões: na nossa relação com Deus e com o próximo particularmente os empobrecidos, com a Criação de Deus e conosco mesmo. A Regra também motiva e fundamenta nosso comportamento em diversas situações corriqueiras, como cumprimentar as pessoas com a quais nos encontramos no dia-a-dia. Também é possível se inspirar na Regra Franciscana para decidir sobre

engajar-se em uma pastoral ou contribuir com uma ação da Igreja, considerando o nível de coerência e a relevância da mesma em relação ao Evangelho.

Procuremos conhecer mais sobre a Regra e Vida, inclusive aproximando-se de irmãos(ãs) professos na OFS para partilhar, buscar orientações, tirar dúvidas e trocar experiências.

CELEBRAR

Rezar o mantra:

Ó Luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser permanece em nós, em seguida pedir aos participantes que expressem os sentimentos e as inspirações despertadas neste encontro.

Após todos expressarem pedir para observarem os símbolos e objetos na sala, e quem sentir vontade, falar sobre o símbolo que mais lhe chamou atenção dizendo por que. Pode-se fechar esse momento com a "Oração breve do vocacionado: Senhor, tu nos chamas e voltas a nos chamar. Tu nos amas e não paras de nos amar. Dá-nos forças para correspondermos ao teu chamado e ao teu amor. Amém!". Devocionário página 33. (momento em silêncio)

MOTIVAÇÃO FINAL

A partir do momento em que abraçamos a Regra Franciscana como nossa vocação, devemos sempre buscar corresponder a seus princípios e seguir suas orientações. Na OFS, a profissão definitiva ou compromisso evangélico definitivo, é o sinal e momento de nosso compromisso ao serviço do Reino de Deus. Nela, reafirmamos a promessa de nosso batismo, e segundo os exemplos e testemunhos de Francisco e Clara de Assis,



Nunes Dantas da Silva; natural da Cidade de Areia/PB. Residente atualmente em João Pessoa/PB, formação acadêmica: Licenciatura Plena em História - UFPB. Professo na Ordem Franciscana Secular, OFS, Fraternidade Santa Clara de Assis, (2004). Foi Coordenador de Formação no Regional NE B1, PB/RN, assim como em sua fraternidade local. Exerceu o serviço de Animação Fraterna da Fraternidade de JUFRA, Irmão Sol com Irmã Luz, Santa Rita, PB. Foi Coordenador da Escola de Fé e Política Dom Fragoso, na Paróquia São José, José Américo, João Pessoa, PB.





INTRODUÇÃO ÀS FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS



INTRODUÇÃO ÀS FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS

INTRODUÇÃO

Coordenador(a): Hoje queremos conhecer as Fontes Franciscanas e Clarianas, ou seja, o compêndio dos Escritos chegados até nós como matéria prima da espiritualidade franciscana. Matéria prima saída da mão dos nossos precursores Francisco e Clara, assim como dos seus amigos, confrades e irmãs que compartilharam a vida primitiva há mais de 800 anos. Deixaram por escrito, para que seja transmitida de geração para geração. O seu nome "Fontes" já nos evoca seu significado: sempre brota a água sem cessar, e não se esgota, na medida que bebe ou tira uma porção. Se utilizar um balde, recolherá a água num balde, se retirar para beber num copo, será um copo de água que beberá. Sabemos que não temos a capacidade de beberde uma só vez toda a água que as Fontes deixam brotar e derramar. Por isso mesmo, precisamos saciar-nos mais e mais vezes, voltando sempre às Fontes (às origens).

Podem existir milhares de livros sobre São Francisco e Santa Clara, mas as Fontes são essência e os demais são derivações dessa fonte

OBJETIVO

O objetivo do nosso encontro é entender a importância de ler, estudar e aprofundar este livro chamado "Fontes Franciscanas", dando-lhe devida importância como a fonte que jorra essência. A leitura e o conhecimento das Fontes Franciscanas e Clarianas nos ajudam a entender o modo de ser e agir como franciscanos, assim como atuar na Igreja e na sociedade. Vamos nos apaixonar por esse carisma, conhecer a vida e a santidade do nosso Seráfico Pai, de Santa Clara e dos primeiros companheiros e irmãs que alicerçaram a Família Franciscana.

MATERIAL

Uma fonte ou um poço (Se possível, disponibilizar água potável para o momento Agir.); cartazes com nomes dos Livros das Fontes Franciscanas e Clarianas, divididos em quatro cores, preparar crachás com essas mesmas cores e nomes.

AMBIENTAÇÃO

Se for possível, montar uma fonte (ou um poço) no meio da sala, colocar o livro das Fontes Franciscanas e Clarianas; uma vela acesa ao centro e os cartazes com os nomes dos livros ao redor da fonte. Distribuir entre os participantes os crachás com os mesmos nomes. Se o número dos participantes for menor, pode-se utilizar os seguintes nomes: Frei Celano, Frei Elias, Frei Antônio de Pádua, Frei Leão, Freis Ângelo, Frei Rufino, Frei Leão, Clara, Irmã Inês, Irmã Pacífica e Francisco – estes vão fazer as respectivas leituras no ponto Iluminar.

ACOLHIDA

Pode-se acolher os membros distribuindo os crachás. Em silêncio, podem sentar-se ao redor da fonte, observando-a. Após alguns minutos de silêncio, o coordenador motiva os participantes sobre o significado da Fonte, usando a introdução deste texto. Em seguida, entoam o canto "Fonte d'água viva".

VER

Abrindo agora a nossa Fonte, vamos dar uma olhada no texto: As Fontes Franciscanas e Clarianas são um conjunto de vários livros escritos e recolhidos em várias épocas e em vários lugares até chegarem a nós como estão agora. A última edição publicada com todos os textos atuais foi no ano de 1976, pela coordenação do Frei Caetano Esser, OFM. Olhando para as Fontes, temos uma 1ª série de livros, chamados os Escritos, nos quais estão contidos as várias Cartas, Orações e bênçãos que São Francisco mesmo escreveu em várias ocasiões, endereçando a pessoas diferentes. Temos uma 2ª série de livros chamados Biografias: Livros escritos sobre São Francisco pelos seus confrades que viveram com ele. Eram muitos, mas chegou até nós uma pequena quantidade dessas Fontes. Temos na 3ª série de livros sobre alguns confrades que compartilharam a vida primitiva com o Pai Francisco. Tais escritos também fazem parte das Fontes (como por ex. Frei Junípero, Frei Bernardo, Frei Egídio etc), pois mostram o relacionamento que tiveram com o fundador, assim como também a santidade

e o jeito de ser franciscano que espelha em cada um deles. O conjunto dessas virtudes forma o "Frade Menor" como dizia São Francisco. Na 4ª série das Fontes temos "As Fontes Clarianas", em que prossegue, além das Fontes Biográficas, os Escritos que apresentam a sua regra (forma) de vida e a bênção de Santa Clara, além de cartas enviadas e recebidas e os Documentos pontifícios que descrevem o processo de canonização da Santa, seus milagres e os testemunhos das co-irmãs sobre sua vida, espiritualidade e santidade.

ILUMINAR

(Neste momento, os textos podem ser lidos de forma dialogada ou teatral, cada personagem com a sua parte.)

Coordenador(a): São João, o Evangelista, discípulo amado por Jesus, escreve ao final do seu Evangelho: "Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que nem o mundo inteiro poderia conter os livros que se deveriam escrever. Este é o discípulo que dá testemunho de todas essas coisas, e as escreveu. E sabemos que é digno de fé o seu testemunho". Vamos ouvir as veracidade dos Escritos de São Francisco e de Santa Clara pela boca de alguns de seus confrades e co-irmãs:

Frei Celano: Eu Frei Celano escrevi dois volumes sobre o nosso pai Francisco: o primeiro, logo depois da morte dele, em ocasião da sua canonização que aconteceu no ano 1228 e o segundo, pelo pedido de um Capítulo Geral, alguns anos depois. E terminei meus escritos com a seguinte oração:

"Aqui estão, bem-aventurado pai nosso, os esforços da simplicidade com que procuramos louvar de alguma maneira teus feitos magníficos, e contar pelo menos um pouco de tuas inumeráveis virtudes de santidade, para tua glória. Temos consciência de que nossas palavras tiraram muito do esplendor de teus feitos. Pedimos, a ti e aos leitores, que pensem tanto em nosso afeto quanto em nosso esforço, alegrando-se porque as alturas de tua santidade superaram nossa pena humana. Quem poderia, ó egrégio entre os santos, conceber em si mesmo o ardor de teu espírito ou imprimi-lo nos outros?... Mas escrevemos estas coisas deleitados em tua doce lembrança, que procuraremos transmitir aos outros enquanto vivermos, mesmo que seja balbuciando". (2Celano 221)

Frei Elias: Quando eu era o Ministro Geral da Ordem, São Francisco, nosso pai, ainda vivo, escreveu uma Carta para toda a Ordem e ao final desta Carta ele recomendou dizendo assim: "Eu, Frei Francisco, homem inútil e indigna criatura de Deus nosso Senhor, digo no Senhor Jesus Cristo a Frei Elias, ministro de toda a nossa Ordem, e a todos os ministros gerais que vierem após ele, e aos demais custódios e guardiães dos Irmãos, que agora o são e o serão no futuro, que guardem consigo este escrito, ponham-no em prática e o conservem cuidadosamente. E peço-lhes preservar solícitamente o que nele está escrito, fazendo observá-lo mais zelosamente ainda, com o beneplácito de Deus onipotente, agora e sempre, até o fim do mundo. Abençoados sejais pelo Senhor vós que isto fizerdes, e o Senhor esteja convosco eternamente".

Frei Antônio de Pádua: Eu era um frade agostiniano e vendo a alegria, a simplicidade e depois o martírio dos primeiros frades menores que passaram por minha cidade e por meu convento, eu decidi ingressar na Ordem do pai Francisco, e assim cheguei na Itália. Passei muito tempo na cidade de Pádua. Neste tempo, os superiores me pediram para dar aulas aos frades que ingressavam na Ordem. Nesta oportunidade nosso pai Francisco escreveu as seguintes palavras: "Eu, Frei Francisco, saúdo a Frei Antônio, meu bispo. Gostaria muito que ensinasses aos Irmãos a sagrada teologia, contanto que nesse estudo não extingam o espírito da santa oração e da devoção, segundo está escrito na Regra".

Frei Leão: Pai Francisco escreveu para mim as seguintes frases, e eu as conservei no meu bolso até minha morte, tornando assim meu bolso o primeiro arquivo da Ordem. "Frei Leão, do teu Irmão Francisco saudação e paz! Assim te falo, meu filho, como Mãe, porque o que dissemos no caminho, brevemente resumo nesta palavra e conselho; e se ainda precisares de vir a mim tomar conselho, eis o que te recomendo: tudo o que te parecer conveniente para melhor agradares ao Senhor Deus, imitares os seus passos e a sua pobreza, faze-o com a bênção do Senhor Deus e minha aprovação. E se por causa da tua alma ou para qualquer outra consolação precisares e quiseses vir a mim, Frei Leão, vem".

Freis Ângelo, Rufino e Leão: Nós, Leão, Rufino e Ângelo, antigos companheiros do beatíssimo Pai Francisco, convivemos com ele por longo tempo. Por ordem do Ministro Geral e do Capítulo geral celebrado no ano de 1244, começamos escrever os atos e prodígios do beatíssimo Pai Francisco, e comunicamos, com absoluta verdade, alguns dos fatos que diretamente testemunhamos e outros que conseguimos saber por intermédio de alguns

irmãos, especialmente de Frei Filipe, visitador das Damas Pobres, de Frei João, companheiro do venerável pai Frei Egídio, que veio a conhecer muitas destas coisas do próprio santo Frei Egídio e também de Frei Bernardo, de santa memória, primeiro companheiro do bem-aventurado Francisco. Nosso propósito é referir os fatos notáveis de sua vida santa para louvor e glória de Deus altíssimo e do santíssimo Pai Francisco. E edificação de todos aqueles que se animem a seguir seus vestígios... e o fazemos como quem, num ameno prado, colhe flores, a nosso ver as mais belas..." (Introdução: LTC 1)

Clara: Eu, Clara quis seguir Cristo seguindo o exemplo do pai Francisco e logo vieram morar comigo várias Damas e assim fomos formando uma fraternidade, plantinhas cuidadas pelo pai Francisco e pelos seus irmãos. Entre várias cartas, recomendações e bênçãos quero lembrar a carta que ele mandou para nós como última vontade dele com as seguintes palavras: "Eu, Frei Francisco, o menor de todos, ... rogo-vos, senhoras minhas, e dou-vos o conselho de viverdes sempre está santíssima vida de pobreza. E guardai-vos cuidadosamente de vos afastardes dela pela doutrina ou pelo conselho de quem quer que seja".

Irmã Inês: Toda a documentação sobre Santa Clara foi descoberta há pouco tempo e talvez ainda venha a ser enriquecido por novas descobertas. E eu, irmã mais nova dessa santa mulher admirável, Clara de palavra e virtude, também levada pelo Espírito Santo me converti e consagrei para sempre ao serviço divino, como esposa de Cristo.

Irmã Pacífica: Posso afirmar, pois convive com Santa Clara por mais de quarenta anos. Ela amava muito os pobres, não aceitava posses, nem para ela e nem para o mosteiro. Passava horas em oração diante do Santíssimo e fazia muitas abstinências. Confortava e exortava as irmãs dizendo sempre palavras de Deus, pois não queria falar, nem ouvir coisas vãs. Muito humilde, benigna e amável, tinha compaixão dos doentes e até quando pode serviu as irmãs doentes, lavando-as os pés e mãos.

Francisco: Por muitas vezes recorri a virgem Santa Clara, para oração, conselho e conforto. Lembro de uma certa vez nos encontrarmos em Santa Maria dos Anjos para comermos. Uma mesa humilde, sentados no chão, começamos a conversar sobre Deus tão suave e santamente. Fomos arrebatados em tamanha abundância que Santa Maria dos Anjos com todo o lugar e o bosque ao redor, na visão dos assisienses parecia estar queimando num grande fogo. Mas aquele divino fogo era inflamado pelo amor de Deus em nossos corações.

AGIR

Neste momento propomos algumas ações:

- Partilhar a experiência deste encontro e caso esteja disponível uma água potável à disposição (na fonte, no poço), cada um pode dar de beber um pouco de água ao seu irmão(ã) que esteja com a mesma cor do crachá, como compromisso da partilha das Fontes entre os membros participantes.
- Cada um possa assumir como patrono do ano, quer seja são Francisco, Clara, Antônio ou um dos primeiros frades. Assumindo o compromisso de ler durante o ano sobre esse patrono o qual se encontra nas Fontes.
- Contar no próximo encontro um dos episódios lido sobre seu patrono.

CELEBRAR

Coordenador(a): Queremos terminar o nosso encontro com a oração que Frei Celano fez ao final do seu Escrito biográfico:

"...Arrasta-nos, pois, para ti, pai digno, para correremos no odor de teus perfumes, nós que, de fato, vês mornos pela falta de vontade, lânguidos de preguiça, apenas meio vivos pela negligência! ...Renova nossos dias, como no começo, ó espelho exemplar dos perfeitos, e não permitas que tenham vida diferente da tua os que são conformes a ti pela profissão! Lembra-te, pai, de todos os teus filhos, pois tu que és santo sabes quanto andam afastados de teus passos, no meio de intrincados perigos. Dá forças para que possam resistir. Amém.

(Sugere-se cantar "A gente pode ser muito mais feliz, seguindo o exemplo de Francisco de Assis", ou outro canto franciscano).

MOTIVAÇÃO FINAL

Entendemos que é necessário ter acesso às Fontes Franciscanas e Clarianas para podermos beber abundantemente desta Fonte do carisma. Ser Franciscano(a) sem ter e conhecer as Fontes Franciscanas e Clarianas seria como ser o Cristão sem ter e conhecer a Bíblia.

Então, o compromisso do nosso encontro será adquiri-las o quanto antes, pedindo ajuda até aos nossos amigos ou padrinhos, inclusive como presente de aniversário no ano!



Ir. Joice Korattiyil, (indiana), historiadora, pertence ao Instituto das Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares, religiosa desde 1991. Na Itália fez os estudos de Teologia e Franciscanismo e no ano de 2002 veio para o Brasil, na cidade de Salvador. Foi formadora do Instituto por vários anos, acompanhou por muito tempo a OFS e JUFRA seja na Itália que no Brasil e atualmente está morando na cidade de Candeias/BA.



Ir. Danila Cristina Silva Freitas, brasileira, natural da cidade de Candeia/BA, pertence ao Instituto das Irmãs Terciárias Franciscanas Regulares, ingressou na vida religiosa no ano 2005 e após os primeiros votos fez os estudos de Franciscanismo na Pontifícia Universidade Antonianum em Roma e retornou para o Brasil no ano 2012. Prestou serviço como Assistente espiritual da JUFRA no Regional Bahia Sul e atualmente está cursando Psicologia em Salvador.





DOCUMENTOS BÁSICOS DA JUFRA



DOCUMENTOS BÁSICOS DA JUFRA

INTRODUÇÃO

Partindo da necessidade das bases, e afim de estruturar o trabalho da JUFRA do Brasil de forma coesa em todas as suas instâncias e serviços, a Juventude Franciscana construiu vários documentos que representam as provocações que cada momento histórico revela na caminhada dos/as jufristas.

OBJETIVO

Este encontro traz consigo muita História e trabalho de irmãos e irmãs que ao longo dos quase 50 anos da JUFRA do Brasil buscaram compreender a realidade e superar os desafios de cada momento deixando um legado de orientações sistematizadas que culminam em direções que norteiam os trabalhos da JUFRA, e ao mesmo tempo, dá autonomia aos jufristas para as mudanças que se fazem necessárias em cada tempo.

MATERIAL NECESSÁRIO

Documentos básicos da JUFRA do Brasil impressos; Crachá em branco para cada participante; Pedir que cada participante traga documentos pessoais, tais como, RG, CPF, Certidões, Carteira de Trabalho, Carteira de Vacina e outros.

AMBIENTAÇÃO

Em círculo, colocar os documentos pessoais e os da JUFRA no centro.

ACOLHIDA

Receber cada irmão e irmã com um crachá em branco para cada um/a.

VER

Para conhecer a JUFRA em sua essência, muitos aspectos devem ser levados em conta. Além da mística e da espiritualidade, da História e organização, também se faz necessário se apropriar de ferramentas documentais que regem a caminhada de forma jurídica, pastoral, organizativa, etc. A seguir os documentos em questão:

- Manifesto da JUFRA do Brasil: É o documento mais antigo em vigência na JUFRA do Brasil. Sua primeira versão foi aprovada no 1º Congresso Nacional da JUFRA, em 1972, reelaborada e aprovada a versão definitiva no 7º Congresso Nacional, em 1989. O Manifesto traduz as inspirações permanentes da JUFRA, aquilo em que os/as jufristas acreditam, querem e se comprometem em realizar. Todos os demais documentos derivam desta rica fonte inspiradora;

- Estatuto Nacional da JUFRA do Brasil: O Estatuto Nacional foi instituído no 7º Congresso Nacional, em 1989, substituindo o antigo documento chamado "Esquema Funcional", e contém os objetivos da JUFRA, os direitos e deveres dos/as jufristas, o modo de organização e administração, além de regras para eleições, patrimônio, contabilidade, etc. É atualizado conforme as necessidades e a legislação brasileira, o que garante autonomia e respaldo jurídico à JUFRA. Por base do Estatuto Nacional, as Fraternidades Regionais e Locais também podem elaborar seus Estatutos próprios;

- Regimento Interno da JUFRA do Brasil: Tem por finalidade disciplinar as atividades e o funcionamento da JUFRA do Brasil em seu nível Nacional, delimitando e especificando as responsabilidades, atribuições e competências, visando garantir a coerência e a integridade de seus objetivos, em acordo com o Estatuto Nacional da JUFRA;

- Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil: É o documento mais reformulado ao longo da história da JUFRA, sendo adaptado às realidades e apelos da juventude, da Igreja e da Sociedade em cada período. Sua última atualização foi em 2014, e contém as regras básicas que orientam a caminhada formativa do/a jufrista durante todo seu tempo de JUFRA, desde a formação inicial até a formação permanente, organizado em etapas progressivas, visando o discernimento, crescimento e amadurecimento do/a jufrista com a vida franciscana secular;

- Orientações de Evangelização para a JUFRA do Brasil: Sua primeira versão foi elaborada em 2006, possui caráter de orientação teórica e metodológica, apresentando os objetivos, os princípios e o carisma da JUFRA na evangelização, bem como sistematiza a espiritualidade, as características e a identificação missionária do/a jufrista;

- Orientações Econômico-Financeiras da JUFRA do Brasil: Com o propósito de levar ao conhecimento de cada jufrista a real importância de uma base econômico-financeira na Fraternidade da JUFRA, essas orientações têm por objetivo apresentar o papel de cada membro da Fraternidade na solidez desta base, pois na realidade os irmãos e irmãs são a própria sustentação da Fraternidade.

- Carta de Guaratinguetá: A JUFRA que queremos ser!: De caráter pastoral, é um documento que foi elaborado no âmbito do Encontro Celebrativo Nacional dos 40 anos da JUFRA do Brasil, em 2011, como uma re-significação do Manifesto da JUFRA. Organizado em quatro eixos, indica compromissos concretos da JUFRA com a Juventude, com a Igreja, com a Família Franciscana e com a Sociedade;

- Luzes para nossa Juventude: Sendo fruto do debate e reflexão das Escolas de Formação nas Áreas e do Seminário Nacional em Ação Evangelizadora e DHJUPIC, é o documento elaborado mais recentemente, em 2015, e contém pistas, estratégias e prioridades para estes respectivos serviços.

ILUMINAR

Para iluminar nossa reflexão, cada participante, ou em grupos, podem escolher um dos documentos da JUFRA e buscar nele algum trecho que expresse seu objetivo, que desperte alguma curiosidade ou revele algo que não sabia até então.

AGIR

O que há de comum entre os documentos da JUFRA e nossos documentos pessoais? O que os difere? Esses documentos impressos, representam a identidade da JUFRA do Brasil? Qual a importância dos documentos pessoais para cada pessoa e qual a importância dos documentos da JUFRA do Brasil para os Jufristas?

Nossos documentos apresentam informações valiosas sobre nós, carregam História, defeitos e virtudes. A foto do RG pode já não representar o que somos hoje, mas mostra o quanto caminhamos desde então; a Carteira de Trabalho pode estar branco, mas temos vontade de preenche-la com a História de nosso trabalho e nossa luta; o Registro de Nascimento pode estar amarelado, talvez amassado e até rasgado, mas carrega a lembrança de nossa estreia no mundo.

Assim também são nossos documentos da JUFRA. Alguns nos mostram o passado, outros construímos no hoje, e ainda há aqueles que nos indica pistas para o futuro que queremos.

CELEBRAR

Neste momento cada um/a escreverá o seu nome no crachá e dirá em voz alta:

Eu (nome) sou comprometido/a em construir, seguir e anunciar as orientações de Jesus Cristo presente nos documentos da nossa JUFRA do Brasil.

HINO DOS 40 ANOS DA JUFRA DO BRASIL

(Cariolando Dantas,OFS)

Queremos viver este Compromisso
De Vida e Missão em Fraternidade
Construindo o Reino nos caminhos da História
Como Francisco e Clara viveram,
JUFRA, 40 anos, semeando Paz e Bem! (bis)

-Em cada chão desse nosso imenso Brasil a JUFRA está presente
Mostrando à Juventude o grande valor Franciscano
Fraternidade de Amor tão belo ideal em forma de um Tau
40 anos caminhando! Louvado sejas meu bom Senhor!
Santa Rosa de Viterbo, rogai por nós...
JUVENTUDE FRANCISCANA!



-Cremos que o Amor é total, universal, prático e alegre
Cremos no Deus de Amor que continua oferecendo sua Palavra
Cremos no Cristo pobre que se identifica com o olhar do oprimido
Mãos dadas com a Criação promovendo Justiça e Paz!
Cremos acima de tudo Deus vivo entre nós...
JUVENTUDE FRANCISCANA!

MOTIVAÇÃO FINAL

Momento livre para a Fraternidade.



Gleice Francisca Pereira da Silva, natural de Campinas/SP, residente em Foz do Iguaçu/PR. Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, Especializações em Gestão Escolar; Educação Especial e em Métodos e Técnicas de Ensino. Professora na Ordem Franciscana Secular – OFS, na Fraternidade Tomás de Celano



DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES OFS/JUFRA

DIRETÓRIO DAS MÚTUAS RELAÇÕES ENTRE A O.F.S E A JUFRA DO BRASIL (DMR)

INTRODUÇÃO

Dentre as ordens e congregações existentes na Igreja e que vivem os valores cristãos à luz de Francisco de Assis, a Ordem Franciscana Secular se considera particularmente responsável pela Juventude Franciscana, mostrando-se disposta a comunicar, pelos meios e pedagogia adequados, a sua experiência de vida evangélica aos jovens (CCGG art.96, 1 e 2). A Juventude Franciscana do Brasil, por sua vez, integrante da Família Franciscana, sente-se ligada à O.F.S como um caminho natural da vocação do(a) jufrista, manifestando a intenção de fomentar e intensificar o estreitamento desses laços (Carta de Guaratinguetá).

Com efeito, este íntimo relacionamento que vem dando significativos frutos às duas organizações ao longo dos mais de 46 anos de existência da JUFRA do Brasil, não impede que cada qual tenha a sua organização própria e específica, merecendo destaque o empenho dos diversos jufristas e também de franciscanos seculares que trabalharam na elaboração de pedagogia e métodos de formação adequados às especificidades do mundo juvenil.

Após essa longa caminhada pautada no acompanhamento e na convivência fraterna, as instituições aprovaram no ano de 1984 o "Acordo de Anápolis", que futuramente seria aperfeiçoado no que hoje conhecemos pelo "Diretório das Mútuas Relações" (DMR), cuja aprovação final se deu no ano de 2005.

Vale dizer que o DMR é o principal documento que disciplina o relacionamento entre O.F.S e JUFRA, consagrando normas práticas que facilitam, dentre outras coisas, por exemplo, a melhor compreensão e conhecimento do processo formativo do jufrista, além de orientar os franciscanos, seculares e jovens, a darem testemunho de amor recíproco e de vivência de fraternidade aos povos do mundo (DMR, III, art. 13.3).

OBJETIVO

Despertar nos jovens franciscanos o interesse pelo conhecimento das orientações contidas no Diretório das Mútuas Relações, de modo a fomentar o desejo de que tudo nele contido se concretize na vivência diária de fraternidade entre O.F.S e JUFRA.

MATERIAL

Textos impressos ou digitais do DMR; Livro da Regra da O.F.S; Bíblia; vela; livros de formação da JUFRA e o devocionário franciscano.

AMBIENTAÇÃO

Preparar cadeiras em círculo. O material pode ser disposto da maneira que preferirem, dando atenção para que fiquem de forma visível e organizada, deixando ao centro a Bíblia.

ACOLHIDA

Acolher com alegria e abraço fraterno os irmãos e irmãs, se possível entregando alguma frase de boas-vindas ao encontro (sugestão que sejam filipetas com frases do DMR). Convidar, se possível, a O.F.S local, sendo imprescindível a presença do(a) Animador(a) Fraterno(a) local.

Pode-se iniciar cantando uma música franciscana. Ex.: Cantiga por Francisco.

VER

Diretório é aquilo que contém direções, orientações. Sendo assim, o documento objeto de estudo neste encontro é o fruto de um desejo de inter-relacionamento e comunhão fraterna entre a Ordem Franciscana Secular do Brasil e a Juventude Franciscana do Brasil (Cartilha de Animação Fraterna).

A partir de uma simples leitura do DMR, podemos constatar diversas orientações práticas que iluminam vários aspectos relevantes da caminhada em comum entre as fraternidades dos vários níveis da O.F.S e JUFRA.

No corpo do documento propriamente dito, temos uma breve introdução acerca do desenvolvimento da caminhada entre as instituições; a apresentação dos elementos em comum existentes nos documentos oficiais de O.F.S e JUFRA do Brasil; conclusões advindas da existência desses pontos nos documentos de cada instituição; e,

por fim, e mais importante, traz as normas concretas que devem pautar o relacionamento entre as fraternidades da O.F.S e JUFRA.

Com este esclarecimento, destacamos o estudo das “Normas Concretas”, contidas no capítulo III do Diretório das Mútuas Relações, para que seja vivência diária das fraternidades, uma vez que nessa parte do documento constatamos a existência do aspecto que, possivelmente, seja o mais relevante na caminhada em comum entre essas instituições: a aceitação do processo formativo na fraternidade de JUFRA para fins de profissão à Regra da O.F.S.

É importante ressaltar que, para muitos de nós, esta aceitação não se constitui em algo inovador ou extraordinário, uma vez que faz parte do nosso cotidiano de vida fraterna. Entretanto, esta não é uma realidade universal, sendo que ainda em muitos países, mesmo após o(a) jufrista ter completado o período formativo na fraternidade de JUFRA, caso tenha manifestado sua vocação para profissão da Regra da O.F.S, terá que fazer toda uma nova caminhada formativa específica para a Ordem Franciscana Secular.

Por sua vez, no Brasil, para que essa caminhada formativa na JUFRA seja aceita, as instituições convencionaram alguns requisitos, como, por exemplo, o tempo de Iniciação na OFS, que corresponde ao tempo de Formação Base da JUFRA – FBJ. Concluída essa etapa, o(a) jufrista pode realizar a Etapa de Formação Franciscana Secular – EFF, que corresponde ao Período de Formação na OFS, preparando-se (a) para a Profissão da Regra. Após a Profissão, o(a) agora chamado(a) jufrista professo(a) poderá participar ativamente da vida das duas Fraternidades a que pertence.

Nas Diretrizes de Formação da JUFRA do Brasil, aprovadas em 2014, o(a) jufrista, após ser aprovado por ambas instituições para seguir na EFF, irá participar do Retiro Inicial e fará o Rito de Admissão à O.F.S, momento a partir do qual passará a ser inscrito nesta mesma fraternidade local, agora como jufrista formando(a) da O.F.S. Para que a Etapa de Formação Franciscana Secular seja aceita como período correspondente ao período de Formação da O.F.S, concretizando com a Profissão da Regra, devem ser observados os seguintes requisitos:

- que durante este período seja estudada a Regra da O.F.S e suas constituições;
- que este estudo seja feito sob a orientação do(a) Animador(a) Fraterno(a) designado pelo Conselho;
- que neste período o(a) jufrista participe ativamente da vida de fraternidade da OFS.

Além disso, as normas concretas do DMR trazem a garantia de participação do(a) Secretário(a) Fraterno(a) nas reuniões do conselho da Ordem Franciscana Secular de mesmo nível, bem como determinam à O.F.S a nomeação de um irmão(a) que exercerá a função de Animador(a) Fraterno(a) e participará das reuniões do secretariado fraterno do nível correspondente.

Vale dizer que o DMR é claro ao afirmar que a nomeação de determinado irmão (ã) para a função da Animação Fraterna não exclui a responsabilidade do conselho local, especialmente do(a) Ministro(a) no acompanhamento da caminhada dos jovens franciscanos.

Em última análise, o objetivo do Diretório das Mútuas Relações é instrumentalizar meios que promovam o cultivo da vida fraterna, da acolhida, do encontro, da integração entre ambas fraternidades, promovendo o intercâmbio de experiências e iniciativas que testemunhem o amor e a fraternidade aos povos do mundo.

ILUMINAR

(Ler o DMR – destaque para item III – Normas Concretas).

Refletir sobre o mútuo relacionamento entre a fraternidade local da O.F.S e JUFRA (Pontos positivos, negativos e como melhorar).

Percebendo a íntima ligação entre a O.F.S e JUFRA, tenho cultivado o interesse em aprofundar no caminho natural da vocação secular uma possível profissão da Regra da O.F.S?

AGIR

A partir da reflexão, cada jufrista pode avaliar a sua participação na JUFRA, bem como suas atitudes de aproximação com a OFS, atentando-se caso não tenha ainda compreendido o tesouro da vida franciscana secular, inclusive dependendo esforços em conjunto com o(a) Animador(a) Fraterno(a) para que também a fraternidade de O.F.S compreenda a importância do acolhimento ao jovem franciscano.

CELEBRAR

Neste momento, agradecemos ao Espírito Santo, que suscitou há mais de 800 anos na igreja de Cristo, através da vocação de Francisco e Clara de Assis, a Família Franciscana. Dentro dela a Ordem Franciscana Secular e posteriormente a Juventude Franciscana. Em ação de graças entoemos o mantra: “Onde reina o amor, fraterno amor, Onde reina o amor, Deus aí está”.

Após breve silêncio, pode-se fazer preces espontâneas.

Rezemos a oração do devocionário franciscano página 33 – Oração pela vocação franciscana secular.

MOTIVAÇÃO FINAL

Grande parcela da caminhada formativa compete ao próprio interesse do(a) jufrista, assim como colocar em prática as normas concretas do DMR. Não vamos nos acomodar com eventual ausência momentânea de brilho em quaisquer das instituições. Vamos nos propor a dar o primeiro passo visando um maior conhecimento dos documentos da JUFRA e O.F.S, para colocá-los em prática, construindo assim a "Civilização do Amor".



Maria Aparecida Pereira Brito, nascida e residente na capital de São Paulo. Graduada em Fisioterapia. Professora na Ordem Franciscana Secular na Fraternidade das Chagas/SP (VOT do Sephafico Pai São Francisco da Penitencia da Cidade de São Paulo), na fraternidade local exerce função de Secretária até 2018. Assumiu em março de 2016 a função de Animadora Fraterna Nacional para o triênio 2016-2019.



Raphael Rodrigues Taboada, natural e residente de Santos/SP, advogado. Professo na Ordem Franciscana Secular, exerceu função como Animador Fraterno Nacional (2013-2016).



DIRETRIZES PARA A ANIMAÇÃO FRATERNA



DIRETRIZES PARA ANIMAÇÃO FRATERNA

INTRODUÇÃO

A Animação Fraterna é fruto de uma intensa aproximação entre a Ordem Franciscana Secular e a Juventude Franciscana, como também de vários acordos firmados ao longo dos anos entre as partes.

“A OFS, por força da sua vocação, deve estar disposta a partilhar a sua experiência de vida evangélica com os jovens que se sentem atraídos por São Francisco de Assis e, a procurar os meios adequados para apresentá-la (CC.GG. art. 96, n. 1)”.

Desde sua origem, a JUFRA sempre se preocupou com sua aproximação junto a OFS e vice-versa. No Brasil, temos o marco de 1984 com o acordo de Anápolis, sendo o ponto de partida da Animação Fraterna com o Diretório das Mútuas Relações entre OFS e a JUFRA do Brasil (DMR).

Também o CIOFS (Conselho Internacional da OFS) com a preocupação de estreitar esses laços fraternos, possibilitou um direcionamento para todas as fraternidades. No Capítulo Geral da OFS em 2008 na Hungria, pediu-se que se pusessem à disposição instrumentos adequados que permitissem a escolha e a preparação dos animadores fraternos em todos os níveis. As propostas práticas, baseadas nas experiências das fraternidades em todo o mundo, tiveram o objetivo de construir cada vez mais a boa relação entre a OFS e a JUFRA, resultando assim nas Diretrizes Internacionais para Animação Fraterna, aprovadas em outubro de 2011, no Brasil.

OBJETIVO

Instruir os/as jufristas sobre a importância da Animação Fraterna em seus diversos níveis, através do estudo das Diretrizes para Animação Fraterna. Despertar no jovem o desejo de continuidade na caminhada franciscana, animando-o para Profissão na Ordem Franciscana Secular.

OBJETIVO

Bíblia; Imagens de São Francisco e Santa Clara; Livros de Formação da JUFRA/OFS; Cópias de documentos que legitimam a relação JUFRA e OFS; Vela; Par de chinelos; Cópias da Oração do Animador Fraterno.

AMBIENTAÇÃO

A Bíblia deverá estar no centro, representando que Deus é base de tudo. Abaixo, os livros de formação e os documentos. Ao lado, as imagens de São Francisco e Santa Clara juntamente com a vela, que indica luz que irradia no serviço. E mais abaixo o par de chinelos, que indicará o caminhar na vocação franciscana secular do(a) jufrista e do(a) Animador(a) Fraterno(a) que o(a) acompanha.

ACOLHIDA

O(A) Coordenador(a) do encontro deverá chegar antes ao local, ficar na porta de entrada acolhendo os irmãos e irmãs de maneira fraterna, com sorrisos, abraços e a saudação de Paz e Bem! É imprescindível a presença do(a) Animador(a) Fraterno(a) e, se possível, convidar a OFS para participar deste encontro. Todos podem se organizar em círculo e após a saudação inicial, como de costume, será feita a oração do(a) Animador(a) Fraterno(a).

Oração do Animador Fraterno

Senhor Deus, eu te agradeço pelo dom da minha vocação franciscana secular e pela especial graça de servir a Juventude Franciscana como Animador(a) Fraterno(a).

Desperta em mim, Senhor, a abertura para o diálogo com os jovens franciscanos, concedendo-me a sabedoria necessária para compreendê-los em seus anseios e desafios cotidianos, e ilumina-me com teu Espírito para que possa orientá-los no seguimento do teu Filho Jesus, segundo os passos de São Francisco de Assis.

Que em todos os momentos dessa missão a mim confiada, eu possa testemunhar a vivência do carisma franciscano secular, participando ativamente da caminhada dos jufristas, sobretudo no acompanhamento do seu processo formativo e espiritual.

Rendo-Vos graças, ó Pai, por todos os meus irmãos e irmãs Franciscanos Seculares que espalhados por todo o mundo aceitam de coração aberto a bela missão de acompanhar as fraternidades de JUFRA.

Que Maria, a Senhora dos Anjos, seja sempre inspiração no discernimento e na obediência aos projetos de Deus. Tudo para o maior louvor de Cristo. Amém!

VER

Coordenador(a): *Os documentos básicos da Ordem Franciscana Secular expressam a importância de compartilhar sua experiência de vida evangélica com a juventude. É uma fonte de grande alegria e gratidão que a Juventude Franciscana exista há mais de 60 anos e esteja presente em mais de 60 países. A primeira Assembleia Internacional da Juventude Franciscana, organizada pela Presidência do CIOFS em 2007, em Barcelona, refletiu intensamente sobre o serviço do(a) Animador(a) Fraternal(a). Em suas conclusões, os participantes da JUFRA de todo o mundo contribuíram com suas experiências e ajudaram a enfocar sistematicamente pensamentos e ideias sobre o(a) animador(a) fraternal(a) e Animação fraterna. Desse modo, esse documento dirigido aos animadores fraternos e aos Conselhos da JUFRA e da OFS em todos os níveis, traz diretrizes para garantir uma animação fraterna eficaz para a Juventude Franciscana.*

Jufrista A: O significado da Animação Fraterna: *"Animação fraterna é sinônimo de acompanhamento, já que sua tarefa principal é estar ao lado da juventude em sua trajetória de crescimento franciscano, que pressupõe também o humano e o cristão."*

Jufrista B: Quem é o responsável pela Animação Fraterna: *A responsabilidade da animação fraterna pertence à fraternidade de OFS inteira que, através do exemplo dos irmãos e irmãs, deve criar as condições adequadas para trazer a espiritualidade franciscana secular aos jovens.*

Jufrista C: O papel e as tarefas do(a) Animador(a) Fraternal(a) são: *Acompanhar os jovens em seu caminho de crescimento humano e espiritual para chegar ao seu próprio amadurecimento pessoal; Promover o estilo de vida franciscano entre os jovens através de iniciativas e dinâmicas apropriadas; Assegurar uma formação franciscana adequada que ajude os jovens a colocarem no centro de sua própria vida a pessoa e os ensinamentos de Cristo; Promover uma comunicação próxima com a OFS, com quem compartilham o mesmo carisma: Franciscano e secular; Promover a JUFRA na fraternidade de OFS e na comunidade eclesial e franciscana e onde ainda não há opções viáveis para os jovens.*

Jufrista D: Característica do(a) Animador(a) Fraternal(a) *Dinâmico e jovem de espírito; Aberto e disponível para aprender; Espiritual, bem formado e consistente; Respeitoso, capaz de ouvir e aberto ao diálogo.*

Jufrista E: O(A) Animador(a) Fraternal(a) à nível local: *Deve estar perto dos jovens franciscanos em suas dificuldades e se alegrar com eles em seu progresso; Deve estar disposto a dialogar com eles quando mostram interesse na vocação franciscana secular; Deve constantemente impulsionar a fraternidade de OFS a realizar sua missão em favor da Juventude Franciscana.*

Jufrista F: O(A) Animador(a) Fraternal(a) a nível Regional, Nacional e Internacional: *A nível regional, nacional e internacional o animador Fraternal é a ponte que permite uma relação permanente entre a OFS e a JUFRA. Ele /ela colabora em atividades como reuniões e congressos OFS/JUFRA, trabalha em conjunto com os animadores fraternos a nível inferior, organizando seminários e encontros para que estejam mais bem preparados para este serviço.*

Jufrista G: Nomeação do(a) Animador(a) Fraternal(a): *O Conselho da JUFRA deve solicitar um Animador fraternal ao Conselho da OFS, que nomeia um irmão ou irmã que seja idôneo e preparado para o serviço. Essa nomeação coincide com o período do mandato da JUFRA. No Brasil, segundo o Estatuto da Animação Fraterna, o Secretariado da JUFRA deve solicitar por escrito ao Conselho da OFS e propor o nome de quatro irmãos(ãs) professos para assumirem este serviço. Recomenda-se que esses nomes sejam indicados pela Assembleia eletiva da JUFRA em cada nível. Caberá ao conselho da OFS a escolha e nomeação desses indicados. Na impossibilidade destes, nomeia outro(a) irmão(ã) professo para a função, devendo ser encaminhada por escrito tal nomeação ao Secretariado Fraternal da JUFRA.*

Jufrista H: Relação com a JUFRA: *O(A) Animador(a) Fraternal(a) ajuda os membros da JUFRA a conhecerem a sua própria identidade como Juventude Franciscana, assim como o seu próprio papel e responsabilidade. A missão dele(a) é apoiar, orientar e incentivar jovens franciscanos a descobrirem por si mesmos a própria vocação e determinarem o curso mais adequado para suas atividades e programas.*

Jufrista I: Relação com a Fraternidade de OFS: *Com o objetivo de promover a aceitação recíproca e uma mútua compreensão, o Animador fraternal irá propor à fraternidade: A inclusão dos documentos da JUFRA na formação da OFS; Promover encontros, reuniões e celebrações em comum; A organização de atividades com a JUFRA*

Jufrista J: Relação com o(a) Assistente Espiritual: O serviço de Animador fraterno não deve ser confundido com aquele do Assistente Espiritual. Ainda que tenham papéis diferentes, estes se complementam. Juntos eles: Acompanham a fraternidade de JUFRA e seus membros e colaboram em sua formação; Oferecem um exemplo de oração e vida sacramental; Dão testemunho de sua própria vocação secular e religiosa e da comunhão entre a Família Franciscana; Animam os jovens a viver sua própria vocação cristã dentro de um estilo de vida franciscana na fraternidade; Expressam sua disposição e vontade de estabelecer um diálogo pessoal com os membros da Juventude Franciscana; Ajudam a descobrir os possíveis campos de atividade na igreja, na sociedade, e nas formas em que podem participar.

ILUMINAR

Ser Animador(a) Fraterno(a) é um presente e um privilégio. Requer dedicação, perseverança e a responsabilidade de compartilhar um enriquecimento recíproco para a JUFRA, a OFS e a Família Franciscana no desenvolvimento de uma missão comum na igreja e na sociedade. Por isso deve-se entender corretamente a JUFRA e a OFS deve fornecer meios necessários para que se possa realizar esse serviço (formação, materiais, apoio econômico para viagens e outros).

É símbolo da vitalidade de uma fraternidade o testemunho que seus membros transmitem aos jovens, especialmente a JUFRA, e quando os ajuda a encontrarem sua própria vocação na Ordem Franciscana Secular.

Breve Reflexão:

De acordo com as Diretrizes, é realidade na fraternidade esse serviço da Animação Fraterna? Como podemos aprimorar?

AGIR

O(A) Animador(a) Fraterno(a), através da partilha da sua vida e presença com a juventude em nome da OFS, entrega-se corpo e vida a este serviço. Para ser capaz de executar um serviço à Juventude Franciscana, deve conhecer todos os documentos existentes sobre a JUFRA, prestar especial atenção à formação e cooperar com os responsáveis da fraternidade: o Secretariado Fraterno da JUFRA, o responsável pela formação e o assistente espiritual.

O(A) Animador(a) Fraterno(a) compõe a Equipe de Formação da JUFRA, juntamente com Assistente Espiritual, com o(a) Secretário(a) Fraterno(a), Secretário(a) de Formação, Secretário(a) de Ação Evangelizadora, Secretário(a) de Direitos Humanos, Justiça, Paz e Integridade da Criação e com o(a) Secretário(a) de Infância, Micro e Mini Franciscanos (Diretrizes de Formação da Jufra do Brasil, 2014).

- 1) Incentivar e aprimorar a participação efetiva na Equipe de Formação da JUFRA, inclusive na equipe da própria fraternidade da OFS. Que o(a) Animador(a) Fraterno(a) acompanhe o processo formativo dos jufristas com especial atenção a Etapa de Formação Franciscana Secular.
- 2) Neste momento, a partir da reflexão da realidade em que a fraternidade está inserida, os jufristas, juntamente com o(a) Animador(a) Fraterno(a) e OFS podem apresentar pontos de ação que considerem importantes para progredirem na Animação Fraterna, deixando como meta neste caminhar. (Pode-se escrever esses pontos e, no momento da oração final, colocá-los próximo ao par de chinelos)

CELEBRAR

A Fraternidade Franciscana baseia-se na vivência da alegria, da união e da amizade, visando a construção da fraternidade universal. A felicidade do franciscano está em conviver. Não basta apenas viver, é preciso conviver, partilhar. Participar da vida do irmão ou irmã. Então neste momento, vamos Celebrar a Fraternidade!

O Salmo 132 canta a união fraterna. É esta vivência que dá sentido à nossa vida franciscana. Louvemos e bendigamos ao Senhor pela nossa comunhão:

Como é bom e agradável
quando os irmãos convivem em união!
É como óleo precioso
derramado sobre a cabeça,
que desce pela barba, a barba de Arão,
até a gola das suas vestes.

- É como o orvalho do Hermom
quando desce sobre os montes de Sião.
Ali o Senhor concede a bênção
dá vida para sempre.

Agora, de mãos dadas, coloquemos em intenção o caminho que já percorremos até aqui e ainda o que
temos para caminhar. Juntos como JUFRA e OFS cantemos.

(Ao final dar um forte abraço em cada um(a) dos presentes).

Oi, que prazer, que alegria

Oi, que prazer, que alegria o nosso encontro de irmãos.

1. É como um banho perfumado, gostosa é nossa união.
2. Sereno da madrugada, gostosa é nossa união.
3. Senhor, nos abençoa, gostosa é nossa união.
4. É vida que dura sempre, gostosa é nossa união.

MOTIVAÇÃO FINAL

A OFS e a JUFRA constituem uma vivência fraterna, na qual somos irmãos e irmãs unidos pelo mesmo ideal franciscano. Temos o mesmo ideal, mesmo objetivo de viver o Evangelho à maneira de São Francisco, mas também temos diferenças. Neste exercício, vamos construindo a FRATERNIDADE.

A caminhada de relacionamento entre JUFRA e a OFS foi se consolidando ao longo de nossa história, marcada pela importância que a JUFRA tem para OFS e também pela consciência da JUFRA em querer ser OFS.

A OFS, por sua vez, precisa intensificar o seu compromisso de comunicar o carisma franciscano secular aos jovens, através de seu testemunho, despertando sutilmente a vocação franciscana secular, apontando o caminho da OFS como escola de santificação. E a JUFRA, com todo seu potencial formativo, dinamismo e identidade própria, vai encontrar na OFS, através da Profissão da Regra, a plenitude de sua vocação franciscana secular.

Oração final

(pode ser cantada)

"Grande e Magnífico Deus, meu Senhor Jesus Cristo, iluminai o meu espírito e dissipai as trevas da minha alma! Dai-me uma fé íntegra, uma esperança firme, uma caridade perfeita! Concedei, meu Deus, que eu vos conheça muito, para poder agir sempre segundo os vossos ensinamentos e de acordo com a vossa santíssima vontade."



Wigna Jales de Lira Gonçalves, Natural de Mossoró/RN, residente em Araraquara/SP. Graduada em Ciências Contábeis. Professora na Ordem Franciscana Secular. Foi Animadora Fraterna Nacional (2010-2013).



Helmir José Soares da Silva, natural de Caruaru/PE, residente em Trindade/PE. Graduado em Serviço Social pela Unopar. Professo na OFS desde os anos 2000. Foi Animador Fraternal Regional (2013-2019) e Assessor de Promoção Vocacional do Regional NEB2 PE-AL (2015-2018). Fraternidade local: Santa Clara de Assis em Ouricuri/PE.



**ESTATUTO PARA A
ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL
E PASTORAL À OFS/JUFRA**

ESTATUTO PARA A ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL À OFS E JUFRA

INTRODUÇÃO

Desde o princípio o carisma de Francisco e Clara de Assis fascinou homens e mulheres que em seus diferentes estados de vida têm seguido seu exemplo para levar ao mundo o Evangelho de Cristo. Todos eles têm formado sempre uma única Família que, ao longo dos séculos, soube sempre manter entre seus membros fortes vínculos de colaboração, sabendo oferecerem-se mútuo apoio. A pertença a essa mesma Família vem sendo garantida constantemente pelo forte sentido de comunhão, pelo compartilhar os mesmos ideais e aspirações mais profundas, por reconhecer-se internamente no único e mesmo chamado a viver a vida evangélica segundo o estilo de vida propriamente franciscano.

Um dos instrumentos que tem contribuído para manter viva essa profunda unidade da identidade franciscana em seus três principais ramos é, sem dúvidas, o do serviço da Assistência Espiritual e Pastoral à JUFRA e à OFS, confiada pela Igreja à Primeira Ordem e à TOR (Terceira Ordem Regular).

OBJETIVO

Refletir a importância do serviço da Assistência Espiritual à JUFRA e OFS, e tomar conhecimento sobre como se desenvolve, na prática, a missão de um/a Assistente Espiritual. Partindo da importância desse serviço, tornar conhecido entre os/as jufristas e assistentes o *Estatuto para a Assistência Espiritual e Pastoral à OFS e JUFRA*.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Papéis constando as siglas dos diversos ramos da Família Franciscana (OFM, OFMConv, OFMConv, OSC, OIC, TOR, OFS, PFF, JUFRA, IMMF).
- Vela ou círio pascal
- Imagens de São Francisco, Santa Clara, Santa Rosa de Viterbo.
- Fotos (se houver) de momentos já vividos pela Fraternidade (ou de outras Fraternidades) juntamente com o/a Assistente Espiritual (local ou regional): retiros, reunião da Fraternidade, momentos de lazer, Retiros Iniciais de Formação.
- Cópias do Estatuto para a Assistência Espiritual, em quantidade suficiente para todos.

AMBIENTAÇÃO

O espaço pode ser preparado dispondo as fotos e as papéis com as palavras ao centro, juntamente com as imagens, com todos sentados em volta. Pode-se montar um mural com as fotos ou mensagens de Assistentes que a Fraternidade tem ou já teve, ou mesmo de Assistentes de outros níveis (Regional e Nacional) ou de outras Fraternidades, com os quais já teve algum contato.

VER

Entre as distintas formas de vida que existem hoje na Família Franciscana, sem dúvidas ocupa um posto muito singular a forma de vida dos Franciscanos Seculares, leigos e clérigos, que reconhecem em Francisco seu fundador e vivem o carisma em sua dimensão secular. A estes, enquanto parte integrante da Família Franciscana e historicamente vinculados aos Religiosos e Religiosas franciscanos, a Igreja concedeu o direito de terem assegurada a devida assistência. E, por conseguinte, deu aos Superiores Maiores (Ministros Gerais e Provinciais) da Primeira Ordem e da TOR o privilégio de serem os primeiros responsáveis por seu cuidado pastoral e espiritual. Estes são os principais responsáveis pela mais 'alta moderação' (que nos documentos aparece no termo em latim 'altius moderamen'), e que tem como finalidade garantir a fidelidade da JUFRA e da OFS ao carisma franciscano, a comunhão com a Igreja e com toda a Família Franciscana, valores que representam para os franciscanos seculares um caminho de vida (CCGG da OFS, Art 85, 1-2).

Aqui é onde nasce o dever e a responsabilidade dos Ministros Gerais e Provinciais, que são chamados a exercer,

pessoalmente ou através de seus Delegados – os Assistentes Espirituais – o serviço do cuidado e da Assistência aos irmãos e irmãs da Jufra e da OFS.

Por este motivo e em sinal concreto de comunhão e corresponsabilidade, a pedido dos Secretariados da Jufra e dos Conselhos da OFS, em seus diversos níveis, é que os Ministros e Servos da Primeira Ordem e da TOR são chamados a nomear Assistentes Espirituais, escolhendo-os com discernimento para que sejam irmãos e irmãs zelosos em seu serviço e que demonstrem uma compreensão pela caminhada da Jufra e da OFS.

Partindo da necessidade de se apresentar algumas orientações, tanto para os leigos e leigas franciscanos, como para os Religiosos e Religiosas franciscanos, é que no ano de 2001 os Assistentes Gerais da OFS e da JUFRA elaboraram um documento que pudesse ser um guia para todos os ramos da Família Franciscana. Foi assim que surgiu o Estatuto para a Assistência Espiritual e Pastoral à OFS e Jufra, que foi aprovado em sua primeira versão pelos Ministros Gerais da I Ordem e da TOR, a 28 de março de 2002. Em sua Carta de aprovação, o Estatuto para a Assistência trazia essas palavras:

“...para que ele seja promovido seu conhecimento e estudo, como um instrumento que sirva de base para nosso serviço fraterno à OFS e à Jufra e possa guiar a todos, em conformidade com nossa vocação e respeitando a missão e a vocação específica dos franciscanos seculares”.

Depois de algumas adaptações e reformulações, a fim de se adequar às novas exigências e desafios por parte da Terceira Ordem, o Estatuto foi enfim atualizado em 2009, sendo esse o que atualmente está em vigor.

ILUMINAR

Nossa vocação comum é sermos franciscanos e franciscanas! Por isso, que tal refletirmos o que nos dizem as Fontes Franciscanas? Vamos, então, ler, meditar e partilhar alguns textos que nos iluminam a refletirmos que como irmãos e irmãs, devemos nos ajudar na vivência do nosso carisma.

Apresentamos abaixo alguns textos que acreditamos ser importantes para essa nossa reflexão acerca da importância da Assistência Espiritual. Certamente que poderemos nas Fontes Franciscanas e Clarianas descobrir outros textos que nos inspirem a vivermos melhor como Família. Mas, para início de conversa, vamos focar nestes:

1 Celano 15, 37 – Francisco deu início às três Ordens.

Anônimo de Perusa 6, 25-26 – Procuravam se amar e cuidar com o mesmo amor de uma mãe

Anônimo de Perusa 9, 41 – Como eram recebidos os homens e mulheres, independente de seu estado de vida.

A partir destes textos, a Fraternidade pode proporcionar uma roda de conversa, partilhando um pouco seus sentimentos e ideias sobre o ser e estar em família:

- * O que essas leituras despertam em nós?
- * Acreditamos que é possível abraçarmos hoje esse cuidado pela nossa Família?
- * Como podemos assumir, na prática, esse cuidado e essa ‘comunhão vital recíproca’?
- * Em termos de Assistência, o que esperamos de um/a Assistente?
- * Como podemos aprimorar os laços existentes entre os ramos de nossa Família e promover uma maior participação e interação com nossos/as assistentes?

AGIR

Sugerimos à Fraternidade que faça uma leitura, pausada e partilhada, do Estatuto para a Assistência, se possível com a presença do/a Assistente, caso a Fraternidade já tenha; Nessa leitura, procurem se fixar nas questões práticas: as atribuições de um Assistente, quem o nomeia e como se dá essa nomeação, qual a sua participação na vida da Fraternidade que acompanha, nas reuniões do Conselho da OFS e do Secretariado da Jufra, quais os desafios, etc.

Importante é sempre promover junto à Fraternidade, particularmente em relação aos/às jovens iniciantes, espaços e momentos onde se criem e cultivem a proximidade e amizade entre os/as jufristas e o/a Assistente.

CELEBRAR

Reunir a Fraternidade com seu/sua Assistente Espiritual e fazer um momento celebrativo, ressaltando a importância de partilharmos de uma mesma missão, inspirados em Francisco e Clara de Assis, que nos convidam a abraçar uma vivência de fraternidade que não conhece muros nem divisões.

Coordenador/a: Agora que já refletimos sobre o sentido da comunhão vital entre os ramos de nossa Família Franciscana e entendemos a importância da presença e missão por parte da Assistência Espiritual, que tal celebrarmos juntos a riqueza de nosso carisma, louvando a Deus pela beleza das formas como o espírito de nosso Pai Francisco pode ser vivido?

Sugestão de canto: O JOVEM DE ASSIS

1. Havia um jovem chamado Francisco/ Só sei que era rico e morava em Assis/ Procurava fama diante de todos/ elevar seu nome seu pai sempre quis/ Foi lutar na guerra, que decepção/ Ao ver seus irmãos morrendo no chão/ Voltando pra casa cheio de tristeza/ Sua vida toma outra direção.

Francisco de Assis, tu és meu irmão. (bis)

2. Francisco pensava, mas nada entendia/ O que se passava no seu coração/ Saía à procura de várias respostas/ Descendo ao fundo de uma solidão./ Foi na natureza que encontrou a beleza/ De Deus franqueza foi observar./ E neste vazio se enche de luz/ E encontra Jesus nos pobres de Assis.

Francisco de Assis, tu és meu irmão. (bis)

3. Francisco queria um mundo fraterno/ De justiça e de paz ele sempre falou/ Encontra irmã clara que seu rumo tomou/ Foram de mundo afora levando o amor/ Francisco louvava, cantava e rezava:/ "Meu Deus e meu tudo", falava ao Senhor/ E seus irmãos com ele seguiam/ Com grande alegria serviam ao amor.

Francisco de Assis, tu és meu irmão. (bis)

Ó Clara de Assis, tu és minha irmã. (bis)

Toda a natureza te chama de irmão.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
www.youtube.com/watch?v=lsjtPxckZJ8

Coordenador/a: *Em forma de partilha, podemos destacar uma palavra ou frase que para nós expresse a importância de convivermos em família e o quanto significa para nós – jufristas ou assistentes – caminhar juntos/as partilhando o nosso carisma.*

Pode-se concluir esse momento com algumas preces espontâneas, seguidas do Pai Nosso e a bênção final, invocada pelo/a Assistente Espiritual, se estiver presente.

Coordenador/a: *Ao Senhor da vida e da nossa história, que nos chama a assumirmos a nossa missão, a serviço uns dos outros, crescendo como uma única família, queremos apresentar as nossas preces:*

MOTIVAÇÃO FINAL

Se a Fraternidade conta com a presença de um/a Assistente Local, que tal motivarmos nossos/as jovens a visitarem a Fraternidade Religiosa à qual ele/a pertence? E se ainda não possui Assistente, que tal visitar uma Fraternidade de Religiosos/as mais próxima da sua localidade?

Essa visita pode ser uma ótima oportunidade para a Fraternidade Local de Jufra conhecer melhor a vida e a realidade de seu/sua Assistente Local, além, é claro, de aproximar mais as 'duas Fraternidades'! Pode-se propor inclusive vivenciarem juntos alguma atividade: um momento de oração, um lanche ou lazer compartilhados, uma roda de conversa para que todos se apresentem melhor: sua história de vida, o que já fez em realidades anteriores, qual o contato que os confrades ou as coirmãs de seu/sua assistente já teve com a Jufra!

Assim estaremos cultivando e nutrindo uma aproximação entre nossas Fraternidades, que se traduza de fato numa 'comunhão recíproca vital'! Pensemos nisso! Cuidemos disso! E assim estaremos crescendo num verdadeiro espírito de pertença a uma mesma família!



Frei Wellington Buarque OFM, natural de Recife/PE, frade da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. Iniciou sua caminhada franciscana na JUFRA, no Regional NE B1 - PE/AL. Nos últimos anos vem assumindo o serviço da formação em sua Província, no acompanhamento dos frades que estão nas Etapas Iniciais de Formação, tendo sido Mestre dos frades de Profissão Temporária e atuando atualmente como Mestre de Noviços (2018-2020). Bacharel em Ciências Biológicas e formado em Teologia, com Master em Evangelização, pelo ITF - Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. Sua atuação junto à JUFRA e OFS do Brasil tem sido como Assistente Espiritual Nacional da JUFRA nos triênios 2013-2016 e 2016-2019.

ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

INTRODUÇÃO

Queridos(as) Jufistas, nossa reflexão neste encontro possibilitará o entendimento da organização de uma família com sua estrutura de funcionamento. Estamos nos referindo à Família Franciscana, da qual cada um de nós fazemos parte.

Sabemos que a estrutura é necessária para que o funcionamento de uma instituição seja sólido e contribua para o fortalecimento de todos os membros que estão congregados na mesma. É assim que desejamos que você compreenda o que iremos refletir a respeito da Conferência da Família Franciscana do Brasil – CFFB.

Vamos refletir sobre a origem dessa nossa família espiritual, percebendo como historicamente ela foi se constituindo aqui no Brasil, e como se estruturou ao longo do tempo até os nossos dias.

OBJETIVO

Conhecer e compreender a estrutura organizacional da Conferência da Família Franciscana do Brasil, uma vez que pertencendo a essa grande Família de São Francisco, você possa cada vez mais se integrar e colaborar, participando efetivamente em todas as ações e no regional ao qual sua Fraternidade pertence.

MATERIAL

Alguns tijolos, crucifixo de São Damiano, vela. Logotipo oficial com a sigla CFFB. Preparar 18 tarjetas ou pedaços de papel para o momento da dinâmica.

AMBIENTAÇÃO

Com os tijolos, formar uma parede (estrutura) e o logotipo com a sigla CFFB colada nos tijolos. Colocar o crucifixo de São Damiano pregado ou escorado nos tijolos, para lembrar que a estrutura organizacional da CFFB é uma maneira de fazer com que Cristo seja nossa inspiração constante. A vela acesa que representa o Espírito Santo ilumina toda a estrutura, para mostrar que essa estrutura não é apenas humana.

ACOLHIDA

Querido irmão, querida irmã, que bom que você veio! Que bom que você está conosco nessa caminhada. Sua presença enriquece significativamente nossa Fraternidade e nossa Fraternidade não é algo isolado, solta, sozinha no mundo. Pertencemos a grandiosa Família fundada por São Francisco e Santa Clara de Assis. É muito bom pertencer a uma família, é na família que sentimos que verdadeiramente não somos nem estamos sozinhos. Que nossa Fraternidade seja o lugar do amor e da acolhida e que todos quanto aqui chegarem encontrem em cada um de nós o abraço acolhedor, o sorriso da alegria e a generosidade do amor fraterno. Com um caloroso abraço fraterno nos acolhamos em Cristo, saudando-nos com PAZ E BEM!

VER

Todos somos membros de uma família cujos vínculos estão fortemente arraigados pelos laços sanguíneos. Ao entrar na Jufra, você se sentiu atraído, chamado pelo Senhor, que através de um amigo ou de algum outro jovem te convidou a conhecer mais de perto esse lindo movimento de jovens dentro do carisma franciscano. Talvez, até então você nunca tenha ouvido a expressão “carisma franciscano”, mas com o tempo essa expressão tornou-se tão familiar, tão próxima de você que, sem se dar conta, você fala dela com a maior naturalidade. É que a Jufra foi lhe mostrando um certo Francisco, tão jovem como você, de tantos sonhos, de tantos ideais e de muitas perspectivas para o mundo e para com todas as criaturas. Esse mesmo Francisco não podia imaginar a dimensão da numerosa multidão de seguidores que com o tempo o seguiria, mesmo antes de morrer, ele viu crescer como numerosa multidão profetizada pelo Senhor a Abraão. No Brasil, somos muitos e muitas que pertencem a essa fileira franciscana, não podíamos ficar dispersos, mas até então estávamos. Cada um na sua Fraternidade, na sua Congregação ou Ordem, sem se reunir com os demais, sem se juntar... Tudo começou assim:

Leitor 1: “Em 1966, surgia no Brasil o CEFEPAL (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina) que, no dizer de seus idealizadores, foi pensado para ser um movimento franciscano que unisse, em espírito de fraternidade, todos os franciscanos e franciscanas do Brasil. Promovendo a reflexão sobre o carisma e a missão dos franciscanos, dando uma resposta aos desafios da Igreja latino-americana”.

Leitor 2: Sabemos que a história é dinâmica, não para, e “ao longo de 40 anos, exigiu um constante redimensionamento das finalidades e a criação de novos serviços que a sigla do CEFEPAL não conseguia abranger”.

Leitor 3: “De outro lado, esta sigla, ao ser usada para identificar o curso ou encontro anual de espiritualidade ou até mesmo a casa de encontros, já não indicava a totalidade daquilo que pretendia significar. Percebeu-se, então, que esta sigla não era mais condizente com a realidade, e que era, portanto, necessária uma reformulação que englobasse uma nova compreensão daquilo que o CEFEPAL propunha-se ser e de suas finalidades e objetivos”.

Coordenador: Buscando repensar uma estrutura mais ágil e simples, na Assembleia Geral de 1994, a nomenclatura CEFEPAL foi substituída por Família Franciscana do Brasil, significando o conjunto de todas as entidades associadas e os mais diversos serviços na linha da espiritualidade Franciscariana. As necessidades estruturais também fizeram sentidas e em 2008 o Centro Franciscano, muda-se de Petrópolis/RJ para a capital do país, Brasília/DF. Agora, com a finalidade não mais centralizada em si, mas visando atender as necessidades dos regionais. Dessa maneira, foi criada uma coordenação nacional para assegurar as finalidades e as necessidades dos regionais

Leitor 4: “Desenvolver e incentivar a vivência e anúncio do Evangelho; Promover a reflexão sobre a vida franciscana e seu carisma, bem como sua presença e atuação na Igreja e no mundo de hoje; Estimular o conhecimento, a comunicação e a comunhão entre os diversos ramos e membros da Família Franciscana”;

Leitor 5: “Prestar assistência espiritual franciscana aos seus membros e colaborar com entidades congêneres na linha dos ideais de Francisco e Clara de Assis; Publicar e distribuir boletins, periódicos e livros que condensem os resultados de suas atividades, estudos e pesquisas; Colocar-se a serviço da justiça, paz e ecologia, promovendo e valorizando a vida onde ela se encontra mais ameaçada”.

Coordenador: Para que você entenda o logotipo criado para expressar o que era a Família Franciscana do Brasil, o mesmo ficou assim simbolizado “por considerar o convite de Francisco para a contemplação e respeito à natureza, foi agregado às letras, um pássaro e uma folha, no formato de um coração. O pássaro, voando para todos os recantos do Brasil, significa uma provocação à unidade em Jesus Cristo: “Pai, que todos sejam um, assim como nós também somos um” (Jo 17, 21). A folha, no bico e em forma de coração, simboliza o Centro da Espiritualidade Franciscana, que passa pelo coração, na acolhida, na misericórdia, na paz e no bem. Assim nasceu a logomarca da Família Franciscana do Brasil: FFB”.

Leitor 6: “Com a implementação do Acordo Brasil e Santa Sé, e a Lei que define as Organizações Religiosas, sua organização interna e funcionamento, no Estado Brasileiro. Em 2015, a FFB, reunida em Assembleia, atualiza seu Estatuto com o objetivo de acrescentar à sua denominação a palavra Conferência, assumindo status de uma representatividade, de nível nacional. Diante dessa nova realidade foi agregado à logomarca o C de Conferência que, colocado no início, abraça a sigla anterior, simbolizando o assumir a história até aqui construída, bem como abertura às novas exigências e realidades”.

Coordenador: Como vimos ao longo de nossa reflexão, há existência de regionais na CFFB, os quais por uma questão de localização e proximidade geográfica, servem para animar e facilitar a unidade dos irmãos e irmãs para a vivência do ideal naquela localidade. Cada Regional tem uma coordenação eleita em Assembleia, antes a cada três anos, a partir de agosto de 2015 na Assembleia Geral, realizada em São Paulo, tanto o Conselho Diretor (Coordenação Nacional), quanto os Regionais, tiveram estabelecido o mandato em quatro anos.

Leitor 7: E quantos são os Regionais? E onde estão os mesmos?

Leitor 8: A CFFB está organizada em 15 Regionais, a saber: 1. Alagoas; 2. Paraíba/Pernambuco/ Rio Grande do Norte; 3. Piauí; 4. Bahia/Sergipe; 5. Ceará; 6. Maranhão; 7. Goiás/ Distrito Federal/ Tocantins; 8. Minas Gerais; 9. São Paulo; 10. Rio de Janeiro/Espírito Santo; 11. Mato Grosso/ Mato Grosso do Sul; 12. Pará/Amapá; 13. Paraná; 14. Rio Grande do Sul; 15. Santa Catarina.

ILUMINAR

Ler o texto de Mt 7, 24-28 – (A casa construída sobre a rocha)

Breve reflexão – O que acontece quando a casa é construída sobre a rocha e o que acontece com a casa construída sobre a areia?

Dinâmica:

Com tarjetas ou pedaços de papel, convidar alguns jovens para montar a estrutura de uma casa, lembrando

- a) Usar 6 tarjetas para cada tarefa (18 tarjetas ao todo). Antes da construção da casa, explicar a dinâmica.
- b) Em 6 tarjetas que servirão de alicerce, escrever 6 atitudes básicas para construir a paz em qualquer tipo de comunidade
- c) Escrever em 6 tarjetas para as paredes: O que é preciso para sustentar as paredes do diálogo em nossa comunidade?
- d) Usar 6 tarjetas para o telhado. Do que mais necessita a nossa Fraternidade?

AGIR

Mediante o que vimos neste encontro, você conseguiu perceber a importância da organização estrutural da CFFB? Entendeu a finalidade para a qual foi criada?

Como tem sido sua participação e da sua Fraternidade nos eventos e encontros realizados pelo seu Regional da CFFB? Há empenho e colaboração para se fazer(em) presente(s)?

“Diante da beleza e dos diversos dons estampados nos vários ramos da Família Franciscana, precisamos assumir esta família na busca contínua por estratégias comuns em vista da formação e da convivência permanente, motivados pelo mesmo ideal de vida do jovem Francisco de Assis. De forma prática e em todos os níveis, precisamos ser incentivadores de encontros fraternos, momentos formativos e ações conjuntas em vista da ação evangelizadora na Igreja e no mundo”.

(Carta de Guaratinguetá)

CELEBRAR

Coordenador: Cantemos com entusiasmo e alegria...

1. Quando o fogo do amor ardeu no peito vindo da luz tão radiante de Jesus. Não resistiu a este amor puro e perfeito. Seguiu feliz os estigmas da cruz e na pobreza foi reerguer Santa Maria; e nela toda a Igreja do Senhor. Na Eucaristia, na alegria o dia a dia, ele vivia o Evangelho com fervor.

A gente pode ser muito mais feliz seguindo o exemplo de Francisco de Assis. A gente pode ser muito mais feliz seguindo o exemplo de Francisco de Assis.

2. Lá entre as flores encontrou paz e harmonia, cantando amores ao Deus da criação. Pássaros, vento, animais, o sol e a lua e os arvoredos, chamou todos de irmãos. Sorriu aos pobres seus amigos preferidos. Viu Jesus Cristo no semblante do irmão. Com os mais sofridos, mais amados, mais queridos, na sua mesa ele repartiu o pão.

3. Depois vieram também Clara e Antônio e muitos outros com entusiasmo e ardor. E tão somente pela fé em Jesus Cristo, eles fizeram a revolução do amor. E este amor foi tão amado por Francisco, que em seu ser se revestiu de luz. Na explosão da graça em felicidade, celebrou sua Páscoa nos estigmas da cruz.

Leitor 1: Se a base de toda estrutura da CFFB não fosse Cristo, de nada serviria a sua existência.

Leitor 2: A CFFB nos congrega para a vivência da unidade do ideal franciscariano.

Todos: Senhor, nós somos e queremos ser teus.

Leitor 3: Pertencer é muito mais que apenas estar.

Todos: Senhor, nós somos e queremos ser teus.

Leitor 4: Que nossa pertença seja de fato efetiva na participação e colaboração dos encontros e eventos promovidos pela CFFB.

Todos: Senhor, nós somos e queremos ser teus.

Leitor 5: Que nossa Fraternidade seja uma fagulha a irradiar a espiritualidade franciscana aos outros jovens.

Todos: Senhor, a Jufra a ti pertence, guardai-a em teu coração divino.

Coordenador: De mãos dadas, em sinal de comunhão e unidade, elevemos ao Senhor nossa oração pelo SIM de todos os franciscanos e franciscanas que ao longo de suas vidas doaram-se no serviço, com o testemunho para que a CFFB irradie Cristo ao mundo. Rezemos ao Pai de todos nós... PAI NOSSO.

MOTIVAÇÃO FINAL

Querido(a) jufrista, sua pertença é fundamental na edificação dessa família espiritual, chamada Conferência da Família Franciscana do Brasil. Pertencer é ser de fato, é se doar plenamente, de forma alegre e espontânea. Não é apenas estar presente, é dar a vida por uma causa.

A CFFB, enquanto estrutura organizacional, só existe porque muitos irmãos e irmãs ao longo da história

doaram um pouco de seu tempo, sacrificaram-se para oferecer a oportunidade de congregar na unidade todos os seguidores do carisma franciscano nesse país tão imenso e diverso como é o Brasil.

Esperamos que você, após esta reflexão, sinta-se motivado a participar com alegria e espontaneidade dos encontros e eventos promovidos pelo seu Regional da CFFB. O qual deseja e muito contar com a alegria, o dinamismo e o encanto de jovens como você, para mostrar o quanto nossa espiritualidade franciscana se renova, é viva e atuante.

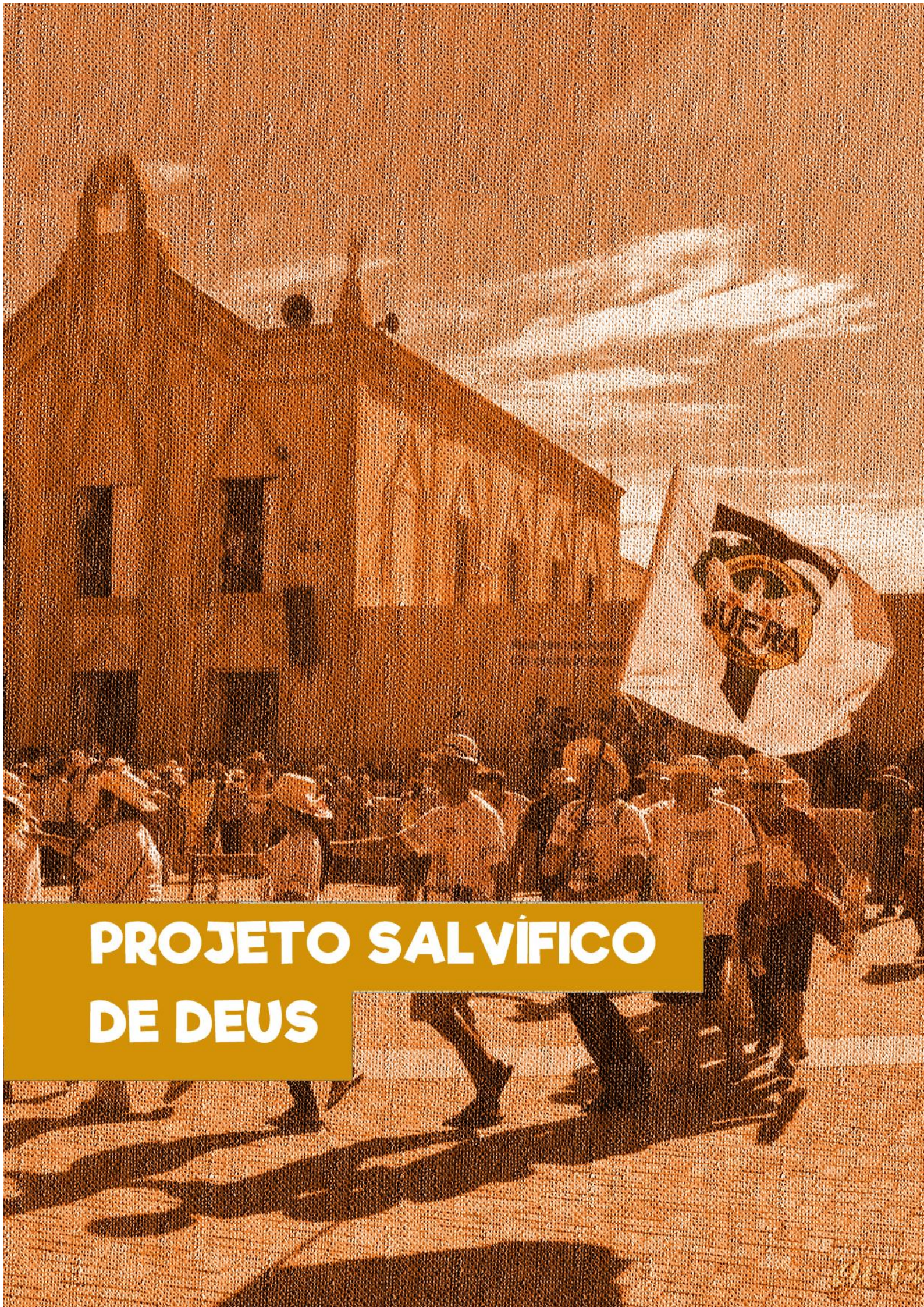
Site oficial – <http://ffb.org.br>



José Flávio Martins Da Silva, natural de Itabaiana/PB, residente em Maceió/AL. Graduado em Filosofia pela UFAL, pós-graduado em Psicopedagogia. Professo na Ordem Franciscana Secular, Fraternidade Nossa Senhora do Bom Parto, ministro local. Vice Ministro Regional NE B2 PE/AL e Coordenador Regional da CFFB-AL.







PROJETO SALVÍFICO DE DEUS

CONHECIMENTO DA IGREJA

PROJETO SALVÍFICO DE DEUS

INTRODUÇÃO

A criação foi feita para dar glória a Deus pelo seu infinito amor e eterna bondade. Essa glória chega a seu cume com a resposta de fé do homem e da mulher, criado à imagem e semelhança de Deus. Chamado a participar da vida divina em comunhão com Deus e o próximo, o ser humano só consegue dar louvor e glória a Deus quando se configura verdadeiramente à imagem do Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. Tal configuração passa pela Igreja, pela devoção à Nossa Senhora, pelos sacramentos, sobretudo pela eucaristia e se manifesta no amor e no serviço ao próximo. A partir disso, o ser humano faz experiências salvíficas e colabora com o projeto também salvífico de Deus.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia; crucifixo; uma vela; uma imagem de Nossa Senhora; imagens da Igreja Católica, imagens diversas que retratem as pessoas de diversas idades e camadas sociais; imagens da natureza, ex: sol, mar, cachoeira, rio, árvores, plantas, animais, etc.

AMBIENTAÇÃO

O encontro pode ser em um local em que se tenha contato com a natureza. Preparar uma mesa em que a bíblia, o crucifixo e a imagem de Nossa Senhora fiquem no centro. As imagens da Igreja, das pessoas e da natureza devem ficar ao redor da bíblia, do crucifixo e da imagem de Nossa Senhora, de maneira que o grupo organizado em círculo visualize todas as imagens.

ACOLHIDA

- Proporcionar um clima acolhedor para que o grupo sinta-se à vontade e cada pessoa tome seu lugar;
- Iniciar o encontro com o Sinal da Cruz;
- Invocar a presença do Espírito Santo com a oração "Vinde Espírito Criador" (Veni Creator Spiritus);
- Meditar o salmo 136 (135);
- Acolher com carinho os presentes, com um abraço, apresentar o tema e começar com o pedido:

O coordenador motiva o grupo da seguinte maneira: "Cada um olhe para cada imagem que está sobre a mesa. Pense na relação no cotidiano da vida com o que cada imagem reflete. Pensar sobre como agir, sentir e vivenciar a relação com Deus, com o próximo, com a Igreja, com a natureza, enfim, com todos os recursos naturais que Deus criou." Deve ser criado um ambiente que propicie momentos individuais de reflexão, inclusive com o auxílio de alguma música de meditação, se possível.

Abre-se o debate para que todos partilhem seus pensamentos, sentimentos, suas reflexões e conclusões a respeito do relacionamento com a realidade que nos permeia.

Após escutar as diversas experiências sobre os pensamentos, sentimentos e reflexões de cada pessoa do grupo, o coordenador conclui da seguinte forma: "Toda criação é obra do infinito amor de Deus. Um amor transborda copiosamente por toda a realidade criada por Ele. É na criação que se manifesta toda a bondade e beleza de Deus. E nós, seres humanos, somos a coroação da criação, convocados a participar da vida divina e cuidar de todas as demais criaturas. Deus nos ama desde toda a eternidade e quer que sejamos como a imagem do seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, cada ser humano tem um chamado, uma missão, que significará cumprimento e realização plena de todas as nossas possibilidades, de todos os nossos anseios, aspirações, objetivos e intenções práticas. Assim, o homem e a mulher são vocacionados a colaborar com projeto salvífico de Deus, que exige uma adesão pessoal a Jesus Cristo. Contudo, tal aceitação no plano de Deus, necessariamente concretiza-se na comunidade eclesial." (Catecismo da Igreja Católica, CIC 270)

VER

Encontramos no primeiro versículo da Sagrada Escritura, a afirmação de que Deus é o Criador do céu e da terra (Gn 1,1). E mais clara torna-se a fé bíblica pela oração fundamental de Israel; "Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6,4). Por conseguinte, um único Deus é o Criador do céu e da terra, e por isso também o Deus de todos os seres humanos. Além disso, o catecismo da Igreja Católica ensina-nos: "Deus é o Pai Todo Poderoso e sua paternidade e seu poder iluminam-se mutuamente" (Catecismo da Igreja Católica, CIC 270) E é mostrada sua onipotência paternal pela adoção filia que nos concede (II Cor 6, 18)

A liberdade e a vontade misericordiosa de Deus tornam visível o quão belo e bom Ele é, na ação criadora que realiza. Desse modo, o chamado à vida e vida divina, é o motivo da criação dos homens e mulheres. Logo, ao ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, é dada a ordem de cuidar da criação (Gn 1, 26). Ajuda-nos, nessa compreensão, o catecismo: “a criação é o fundamento de todos os desígnios salvíficos de Deus, o começo da história da salvação, que tem seu ápice em Cristo” (CIC280). Pois, “Deus é amor” (I Jo 4, 8), e esse amor quer comunicar a sua vida, quer inserir o outro dentro de seu plano. Essa comunicação de amor só é possível com um outro ser que se comunica. À vista disso, o anúncio da vida divina só pode acontecer na relação entre Deus e o ser humano. Com isso, o amor é uma resposta ininterrupta de fé – àquele que nos ama por primeiro.

Portanto, a sentença de São João “Deus é amor” (I Jo 4, 16), não só revela a face de Deus e, por consequência, a face do homem, mas também fala de nossa jornada e da nossa direção última. E nesse nosso percurso, temos que passar necessariamente numa escola que orienta nossa chegada em nosso destino final.

Temos a simples, regular e permanente escola do amor que é a eucaristia, a realidade física do povo cristão. Sendo assim, para o amor, na história, há um nome: Jesus Cristo. Ele é o amor encarnado.

O mistério de amor frutuoso são é a eucaristia, e o fruto da eucaristia – por excelência – é a comunhão da Igreja. O dom de si oferecido na eucaristia por Cristo aos homens é para a salvação de todos. A eucaristia é o itinerário de encontro com o outro. Neste encontro reconheço o outro como membro do mesmo corpo. Então, o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento (I Jo 4, 20-21).

Devido o dom do Espírito, a Igreja é constituída como testemunha do amor do Pai, na história dos homens e mulheres. Logo, o serviço da caridade é uma parte essencial do testemunho com o qual a comunidade eclesial é chamada a dar. A ligação do serviço da caridade com o testemunho e a liturgia afirma a verdadeira natureza da Igreja. Assim, faz-se necessário ter na memória o verso que antecede o hino Paulino: “...ainda vou indicar-vos o caminho mais excelente de todos” (I Cor 12, 31). O caminho do dom de si é aquele que devemos seguir até o último dia de vida.

ILUMINAR: Efésios 1, 3-14;

CANTAR REFRÃO:

“Palavra de salvação, somente o céu tem pra dar, por isso o meu coração se abre para escutar...”;



INSTANTE DE SILÊNCIO/ MEDITAÇÃO

PARTILHA

- O que me chamou atenção no texto?
- Como estou inserido dentro do plano salvífico de Deus em minha vida hoje?
- Quais os elementos que preciso destacar no texto para fazer experiências salvíficas em toda a realidade em que me encontro?

SUGESTÕES DE LEITURAS

Jo 14, 6-7; Jo 14, 23; Jo 15,5; Jo 17, 3; I Tm 2, 3-4

AGIR

Realizar a missão que Deus confiou a mim para cooperar no projeto salvífico de Deus. Missão atribuída através do chamado específico de cada um dentro da Igreja.

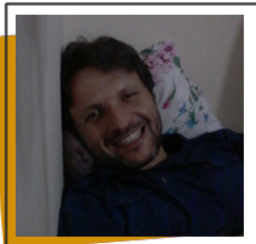
Conversar com o padre para ter pistas de como desenvolver um trabalho que proporcione continuamente experiências salvíficas.

CELEBRAR

O grupo em círculo e todos abraçados cantam a oração de São Francisco: “Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz... Onde houver ódio, que eu leve o amor... Onde houver ofensa, que eu leve o perdão... Onde houver discórdia, que eu leve a união... Onde houver dúvida, que eu leve a fé... Onde houver erro, que eu leve a verdade... Onde houver desespero, que eu leve a esperança... Onde houver tristeza, que eu leve a alegria... Onde houver trevas, que eu leve a luz... Ó Mestre, Fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado... compreender, que ser compreendido... amar, que ser amado... Pois é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.”

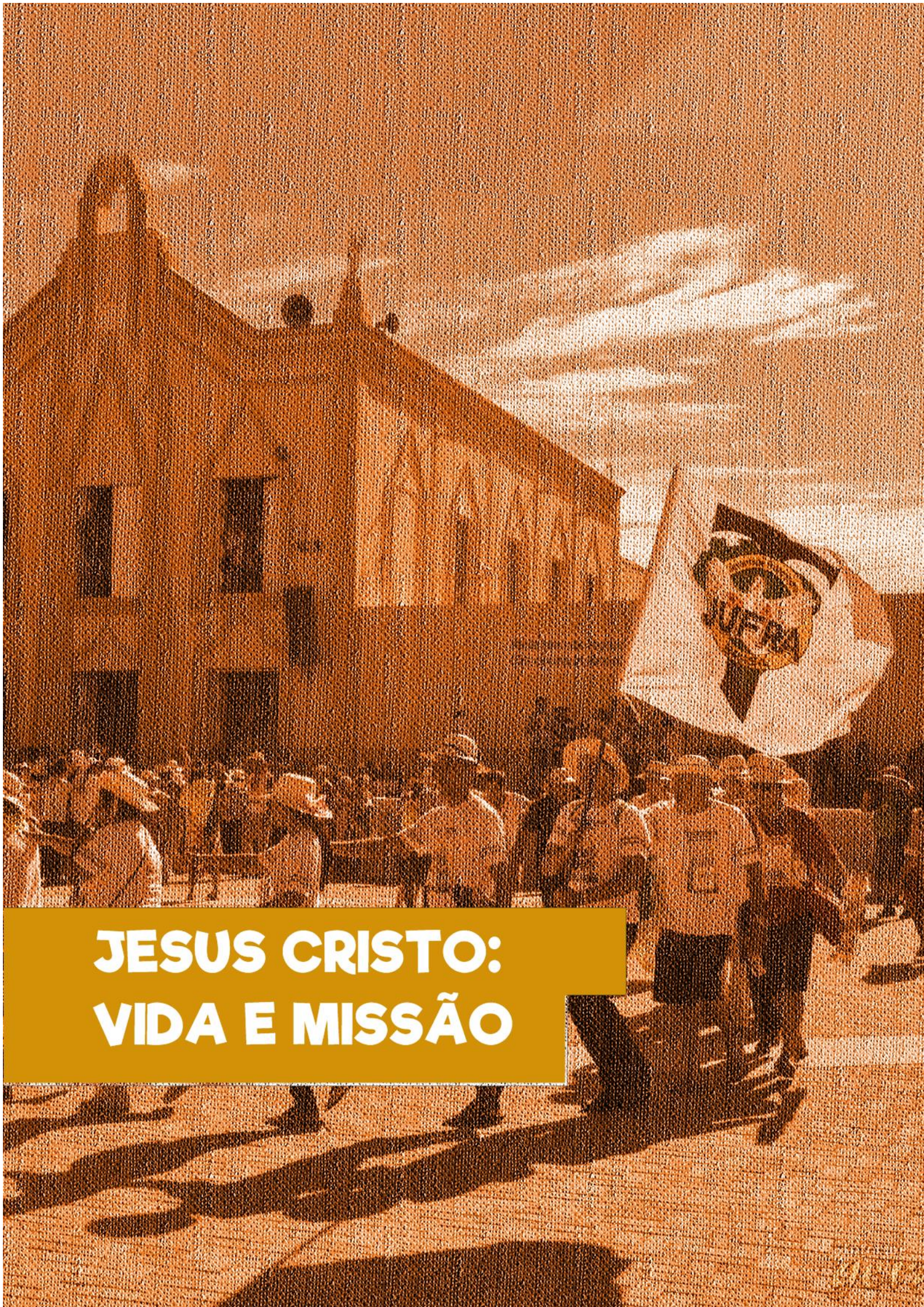
MOTIVAÇÃO FINAL

Toda a nossa peregrinação terrestre só é possível com o alimento diário da oração. A oração é a fonte da caridade e do serviço. A salvação é e sempre continuará sendo um dom gratuito: nada pode produzi-la ou provocá-la. No entanto, a oração nos faz entrar na intimidade do coração de Cristo. Por isso, a fé, a esperança e a caridade são dadas por Deus aos seus filhos e filhas, para que possam contribuir efetivamente com a realização do projeto salvífico de Deus. Todo esse projeto se faz realidade pela e na Igreja, com a oração fazendo-se concreta no serviço ao próximo. E o modelo de oração, silêncio, escuta da Palavra de Deus e serviço ao próximo é Maria Santíssima. A Virgem que guardava em seu coração a Palavra de Deus.



Giuliano da Costa Amato, natural de São Paulo/SP, licenciado em Filosofia pela PUC-PR, 2 anos de Teologia no Studium Theologicum-Claretianos de Curitiba





JESUS CRISTO: VIDA E MISSÃO

JESUS CRISTO, VIDA E A MISSÃO

INTRODUÇÃO

Partimos do pressuposto de que falar e refletir acerca dessa temática é instigante, desafiador e envolvente... Compreendemos que eu e você somos, ou buscamos ser, seguidores/as de Jesus Cristo. Assim sendo, torna-se necessária e urgente uma aproximação discipular da Pessoa (identidade) e do Projeto (Missão) do Jovem de Nazaré.

Em nossas relações, vamos criando laços e à medida que vamos nos apaixonando por Alguém, ficamos sequiosos/ansiosos em saber dos seus gostos, gestos, lugares onde morou, sua opção política, seu time de futebol... Já dizia o poeta: "Ninguém ama aquilo que não conhece!".

Aproximar-se do Nazaré, visitando os lugares por onde Ele fez o Caminho para o Anúncio do Reino de Deus, é uma experiência fecunda que favorece nosso seguimento e adesão ao seu Projeto de Vida. É importante fazer a dinâmica do Caminho e perceber que a Vida e a Missão de Jesus se correlacionam a partir de uma espiritualidade encarnada na opção pelos pobres e na Proclamação do Reino. Certamente, foi essa experiência de encontro e seguimento que revolucionou a vida do Jovem de Assis.

OBJETIVO

Aproximar-se da Pessoa de Jesus Cristo, visitando os lugares bíblicos como itinerário de seguimento e missionariedade pessoal.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, pão para partilhar dentro de um coração de papel; folhas de papel pardo (1/4 da folha para cada participante); 9 tarjetas para cada participante; caneta; aparelho de som (se tiver); mochila; sandálias; escrever o nome dos lugares bíblicos em tarjetas; duas pegadas recortadas em papel; frases: "Quem é Jesus?" "Qual sua Missão?"

AMBIENTAÇÃO

Preparar o ambiente com um caminho de forma circular (colocar o nome dos lugares bíblicos conforme o andamento do encontro); Bíblia no início do caminho; sandálias ou pegadas; dispor as frases no caminho; dentro do coração o pão para partilhar.

ACOLHIDA

Dar as boas vindas com algum canto "tradicional", motivar para que cada um acolha o amigo com o canto: te desejo paz! Te desejo amor.... (ensinar os gestos)

Motivação para dinâmica "Viajar nos lugares bíblicos": O coordenador/a deve motivar o grupo durante toda viagem, controlando o tempo e não deixando dispersar (Usar fundo musical, se necessário). Cuide para que não demorem para registrar as ideias que surgem... É um breve exercício!

Coordenador/a: Vamos iniciar nossa viagem pelos lugares onde Jesus passou! Certamente, essa caminhada servirá para despertar em nós o desejo de retornar sempre e outras vezes... Vamos construir juntos um mapa para nortear esta aventura evangélica! Tome seu papel, desenhe um círculo no centro e escreva: Jesus Cristo, Vida e Missão. Agora, da esquerda para direita, o seguinte roteiro (desenhar de acordo com sua criatividade, deixando espaço para anotar o que fomos descobrindo no caminho): Belém, Nazaré, Betânia, Samaria, Galiléia, Jerusalém, Emaús!

VER

Vamos a **BELÉM!** (Escreva rapidamente: o que você sabe sobre esse lugar? O que aconteceu lá? Que cenário vem à sua mente?)
Ler a citação: Lucas 2, 4-7;

Belém é uma pequena cidade situada a 8 km de Jerusalem, na Judeia. Em hebraico significa "Casa do pão"! Era a periferia, lugar simples, de pessoas pobres e modestas. "Completoaram-se os dias... não havia lugar...". O cenário do nascimento nos aponta para mística da Gruta, da comunhão com a natureza que acolhe o Menino Deus! Aquele lugar ganha novo significado! A pobreza, a acolhida, a confiança, a busca, também o medo e os conflitos se entrelaçam revelando o Mistério da Encarnação!

Para refletir: Qual é a minha Belém? Como está minha integração com a Casa Comum? (Enquanto você pensa, registre o lugar onde você nasceu, descreva rapidamente o que sabe sobre seu nascimento.)

Vamos a Nazaré? Nazaré era uma pequena aldeia de aproximadamente 400 habitantes, situada nas pequenas montanhas da Galileia. Sabe-se que era povoado camponês, e foi ali que o Menino Jesus viveu, cresceu e foi discernindo o seu Projeto

de Vida. Olhar para Nazaré desperta o sentido de pertença familiar, desperta os questionamentos das relações interpessoais da infância, adolescência e Juventude de Jesus. Certamente, foi no cotidiano daquele povoado que o jovem camponês foi fazendo a experiência dos primeiros conflitos, das dificuldades enfrentadas pelas famílias, foi ali que fez o caminho de aprendizado do trabalho e fez a iniciação com a Torá. (ler um dos textos: Lc 4, 22-30 ou Lc 2, 39-40).

Para refletir: Como está sua relação com seus familiares? Olhando para sua vida, o que você vê em relação às desigualdades sociais? E a sua relação com os estudos? Trabalho? Catequese? Destaque no seu mapa os desafios, esperanças e questionamentos que Nazaré despertou em seu coração!

Vamos seguir viagem? Antes, olhe para seus companheiros nessa aventura (escolha um amigo), cumprimente-o de forma criativa, espontânea... Vamos? Tome seu roteiro, localize Betânia e anote o nome dos cinco melhores amigos (as). Faça uma lista dos assuntos que vocês conversam (seja rápido/a). Em que momentos você vai à Casa dos/as amigas? Quando os procura?

BETÂNIA: Entrar em Betânia é entrar na casa do encontro, da acolhida, da escuta, do cuidado, do silêncio, do choro, da dor, do perfume, da profecia, do pobre... na casa dos Amigos! Entre uma viagem e outra, o Nazareno se hospedava em Betânia, e ali, entre seus amigos/as, refazia suas forças, alimentava sua espiritualidade, fortalecia sua opção, também era confrontado... Em Betânia, Jesus tecia relações humanizadoras e fraternas, chorava, descansava... (Iluminar com o texto Jo 11, 1-5)

Estamos chegando à SAMARIA: Anote aí o que você sabe sobre esse lugar! Algum acontecimento com Jesus que você destacaria?

Historicamente, a Samaria era marcada pelo conflito entre seu povo e os Judeus. Era desprezada, considerada impura, carregava o estigma do conflito étnico-religioso que refletia nas relações sociais e políticas. Quando Jesus narra a parábola do Bom Samaritano, ele provoca um movimento para romper paradigmas, barreiras e preconceitos subjacentes naquele tempo. Inaugura um diálogo de troca de saberes, respeito às diferenças, à cultura, provoca uma aproximação desconcertante e desconstrói o esquema relacional de amigos e inimigos.

Vamos fazer memória do texto do Bom Samaritano? Cada um pode recordar trechos do Evangelho, se possível na ordem dos fatos. (O coordenador, com o texto em mãos, ajuda se necessário... Lc 10, 29-36);

Historicamente, a Samaria era marcada pelo conflito entre seu povo e os Judeus. Era desprezada, considerada impura, carregava o estigma do conflito étnico-religioso que refletia nas relações sociais e políticas. Quando Jesus narra a parábola do Bom Samaritano, ele provoca um movimento para romper paradigmas, barreiras e preconceitos subjacentes naquele tempo. Inaugura um diálogo de troca de saberes, respeito às diferenças, à cultura, provoca uma aproximação desconcertante e desconstrói o esquema relacional de amigos e inimigos.

Vamos fazer memória do texto do Bom Samaritano? Cada um pode recordar trechos do Evangelho, se possível na ordem dos fatos. (O coordenador, com o texto em mãos, ajuda se necessário... Lc 10, 29-36);

Para refletir: Faça um rápido cochicho com um/uma companheiro/a e depois faça um pequeno registro: Quais as provocações que a SAMARIA desperta em mim? Como tenho lidado com as diferenças entre os grupos com os quais me relaciono? Quais os desafios e maiores conflitos você tem percebido na sociedade? (Cada dupla escreve três desafios e três conflitos nas tarjetas para colocar no caminho.)

Não esqueça de que precisamos seguir viagem...

Canto: Religião libertadora (Pe. Zezinho)

Chegar, estar na GALILEIA é o compromisso da missionariedade. É aqui que se dá o encontro com o Ressuscitado e também se dá o envio! A Galileia foi o espaço primordial da missão de Jesus. Era um país de comunidades situadas em povoados e aldeias, marcadas pelas desigualdades sociais. Elas sustentavam os centros urbanos com a produção agrícola. A população era de camponeses, pescadores e artesãos. Gente pobre marcada pelas dívidas geradas pelo sistema vigente, viviam na eminência de perda da terra, passavam fome e falta de trabalho. Podemos afirmar que a Galileia era uma espécie de periferia: geográfica, humana e religiosa (Judaísmo). É nesse contexto desafiador que o Jovem Galileu começa a colocar em prática seu Projeto de Vida: Anunciar o Reino de Deus! Na Galileia, vamos encontrar e reconhecer os preferidos de Jesus, aqueles e aquelas pelos quais ele não fez apenas opção preferencial, mas identificou-se com eles. (Cf Mt 25, 35-40).

Para refletir: Registre no seu mapa: Quais são as Galileias de hoje? (Escreva 3 "Galilias" nas tarjetas e coloque no caminho.) Francisco de Assis visitou várias "Galileias"! Destaque alguma que te inspira, Como está seu Projeto de Vida? (Essas últimas instruções são para reflexão pessoal e registro posterior no mapa.)

Você deseja prosseguir viagem? (Fundo musical ou cantar o refrão: Por causa de um certo Reino - Pe. Zezinho.)

Estamos seguindo para Jerusalém! Você sabe o que aconteceu lá? Destaque no mapa fatos e características importantes. (Texto Mt 21,12)

Jerusalém, Cidade Santa, era o centro de peregrinação para a vivência da religiosidade do povo Judeu. Era também a Cidade maldita, pois ali estava o centro do poder político que oprimia e explorava o povo. Podemos afirmar que era um espaço de contradições: ali se prestava o culto e também a prática de exploração religiosa. Lugar de paz e de medo, de acolhida e exclusão, de traição, negação, de morte! Foi em Jerusalém que os discípulos fizeram a experiência do lava-pés e a partilha da última Ceia. Em Jerusalém, testemunharam a radicalidade do Projeto do Mestre, o Caminho da Cruz!

Refletindo: Tome três tarjetas de papel, escreva os conflitos que você reconhece nos dias de hoje (Social, Político e Religioso) e coloque no Mapa do cenário. É importante registrar no seu mapa também.

Fundo musical ou canto: Se calarem a voz dos Profetas/ Antes que te formasse ...

CELEBRAR

(Fazer um círculo.)

Estamos no Caminho de Emaús! O jovem de Nazaré se aproxima, caminha conosco, se interessa por nossa história, quer saber o que nos inquieta! Ele nos questiona e nos ajuda ver a realidade. Emaús é o lugar da partilha, do encontro, da vivência Eucarística. Quando fazemos memória das experiências vivenciadas, somos capazes de ressignificar nossa opção, fortalecemos nosso seguimento. (Feche os olhos, faça memória dessa pequena viagem, procure sintetizar numa palavra o que você vivenciou.)

Proclamar o Evangelho de Lc 24, 28-35



Cantar o refrão:

Fica conosco Senhor, é tarde e o dia já vem...

(Enquanto isso, alguém parte o pão e distribui para cada um/uma.

Antes de comer, dizer a palavra memorizada como partilha e comunhão desse encontro.)

MOTIVAÇÃO FINAL

Para conhecer a vida e a missão de Jesus Cristo é necessário aproximar-se do seu Evangelho! Ali Ele mesmo irá se revelar. Segui-lo é uma aventura que se dá a partir das Galileias e o seguimento se dá quando vamos assumindo seu Projeto de Vida para nossa Vida. A partir daí se dá a dinâmica da missão, não como atividade pontual, mas nas respostas que vamos oferecendo aos Gritos que ecoam das Galileias...

Referências Bibliográficas

PAGOLA, José Antonio – *Jesus: aproximação histórica*, 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

www.cajueiro.org.br

www.cajueirocerrado.blogspot.com



Ir. Ronilda de Meira, reside em Peñaflor, Santiago-Chile. Pertence ao Instituto Imaculada Concepción Nuestra Señora de Lourdes. É Pedagoga, pesquisadora em Juventudes. Serve a sua congregação no Serviço de Animação Vocacional, acompanhante de juventudes e Pastoral Educativa



SACRAMENTOS

SACRAMENTOS

INTRODUÇÃO

Através dos Sacramentos, que envolvem, penetram, determinam e tocam diretamente nosso ser e a vida de todo cristão iremos: EXAMINAR, CONTEMPLAR, PENSAR E EXPERIMENTAR os símbolos sacramentais, para respondermos as seguintes perguntas: O que é sacramento para mim? O sacramento me comunica algo? O quê? O que é que faz algo ser um sacramento? Como é minha relação com os sacramentos? Qual a função dos sacramentos?

O Evangelho, as Fontes franciscanas e outros textos irão nos ILUMINAR através da sabedoria que emana deles. Usaremos o recurso do SILÊNCIO para que a experiência se dê na nossa profundidade. No transbordamento da experiência responderemos: Que histórias construiremos? A resposta será o nosso modo de ser no mundo, o nosso AGIR.

OBJETIVO

Proporcionar um mergulho no mistério insondável de Deus, através de alguns símbolos sacramentais usados pela Igreja, saboreando o mistério e percebendo todas as coisas como "sacramento", para sermos "sal da terra e luz no mundo"!

MATERIAL NECESSÁRIO

Recipiente com água, pão, vela (grande) acesa e toalha de mesa.

AMBIENTANÇÃO

Cuidar para que tudo seja bem simples, acolhedor. Música de fundo, meia luz ajuda na introspecção e no acolhimento. Cuidar para que todos tenham um lugar para sentar. Proporcionar silêncio. Cada sinal sacramental pode ser cuidadosamente colocado numa mesa bem arrumada com uma toalha (chamaremos de altar), onde todos possam visualizar. É possível montar este altar no chão, sobre uma toalha, e todos sentarem ao seu redor, possivelmente utilizando almofadas como apoio ao sentar-se.

PREPARAÇÃO DOS LEITORES/AS

Prepare muito bem as leituras. Serão necessários 5 leitores/as. Todos devem ensaiar as leituras. Uma leitura bem feita toca o coração do ouvinte.

ACOLHIDA

O/A coordenador/a vai saudar o grupo e anunciar o tema. Para criar o clima de introspecção e silêncio, inicie com o canto: Doce é sentir (1) ou outro canto que a Fraternidade goste.

INTRODUÇÃO A DINÂMICA

O/A Coordenador/a pode ler o texto que se segue ou explicar o significado do tema. Importante que o/a coordenador/a conheça o tema e tenha estudado.

Normalmente compreendemos sacramento a partir dos setes sacramentos da Igreja. Aprendemos assim: sacramento é a realidade visível do mistério que não se vê. Essa definição quer nos apresentar a vivência eclesial e existencial como um processo de visualizar o amor de Deus.

Para nós cristãos/ãs, a palavra "sacramento" está cercada de algum mistério, pois seu sentido sempre ultrapassa a própria palavra. A história vai nos contar que as versões latinas que vão compor a Vulgata (tradução da Bíblia para o latim, feita por São Jerônimo entre os séculos IV e V), traduziram o termo grego *mysterion* (mistério), que aparecia no Novo Testamento, pelo latino *sacramentum* (sacramento). O que vai trazer um sentido muito forte para os primeiros cristãos/ãs. *Sacramentum* vai significar engajamento e compromisso com o sagrado (2).

O teólogo Leonardo Boff aprofunda o tema e dirá: "O mundo, as coisas e os homens vêm penetrados da seiva generosa de Deus. As coisas são portadoras de salvação e de um Mistério, por isso são sacramentais". Portanto, todas as coisas são portadoras de Deus e expressam Deus presente nelas.

Sacramento vai falar aos valores profundamente humanos, por isso nos toca, e fala ao nosso interior. Falam de uma realidade sutil, diferente da nossa realidade, mas não está desconectada dela. Misteriosamente elas nos encantam e exigem de nós compromisso, aliança. Simplesmente sabemos, sentimos. Todo sacramento cria conexão com o Mistério, com o sagrado, gerando alegria e contentamento transbordante.

Francisco, profundamente humano e, portanto, santo, é o nosso melhor modelo de busca, de engajamento e compromisso com o Senhor. Para Francisco todas as coisas falam de Deus, revelam o Altíssimo e são sagradas, sacramentos. As Fontes Franciscanas dirão que Francisco tratava com tanta reverência o que devia ser reverenciado, que tornava devotos também os outros. (2Cel 201) (3) O simples modo de ser de Francisco, convertia. Todos se encantavam com sua inocência e entusiasmo. Francisco, reverenciando tudo que revelava Deus se torna sinal da presença deste mesmo Deus. Francisco é sacramento!

Cada sinal colocado neste altar, evoca um sacramento e seu sentido. Cada elemento é portador de Deus. Não é coisa, é símbolo! Também não é simplesmente rito, é celebração e transbordamento na vida! Revela, comunica, aponta e indica Deus. É farol que vai iluminar o caminho do encontro e da salvação. Estes sinais sacramentais lembram e indicam ao ser humano o comportamento de Deus, tocando-o, estabelecendo uma relação que vai dar sentido e plenitude a sua vida.

■ O MISTÉRIO

(O/A coordenador/a pode ler a introdução que se segue, ou introduzir ao seu modo o escrito de Francisco)

Não há palavra e nem ciência que possa conter Deus. Mas Francisco esvaziando-se de si mesmo, pôde! Vamos mergulhar em seu Escrito, no Mistério que Francisco experimentou de forma vital. Fez o encontro com o “sentido definitivo” (4). Vamos saborear e sentir o insondável mistério de Deus, como quem vê, pela primeira vez, a imensidão do Oceano.

(O/A coordenador/a segura a vela acesa e fica junto ao leitor/a 1 enquanto este lê. Depois retorna a vela acesa ao altar.)

Leitor/a 1: São Francisco escreveu: “Amemos todos, de todo coração, com toda a alma, com todo pensamento, com todo vigor e fortaleza, com todo entendimento, com todas as forças, com todo empenho, com todo o afeto, com todas as entranhas, com todos os desejos e vontades ao Senhor Deus; a ele que nos deu e nos dá a todos nós todo o corpo, toda a alma e toda a vida; a ele que nos criou, nos remiu e somente por sua misericórdia nos salvará; a ele que a nós, miseráveis e míseros, pútridos e fétidos, ingratos e maus, fez e faz todos os bens. Portanto, nada mais desejemos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser nosso Criador, Redentor e Salvador, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o unicamente bom, piedoso, manso, suave e doce, o unicamente santo, justo, verdadeiro, santo e reto, o unicamente benigno, inocente, puro, de quem, por quem e em quem está todo o perdão, toda a graça, toda a glória de todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que se alegram juntamente com ele nos céus. Nada, portanto, nos impeça, nada nos separe, nada se interponha entre nós; em qualquer parte, em todo o lugar, a toda hora, em todo tempo, diária e continuamente, creiamos todos nós de verdade e humildemente e tenhamos no coração e amemos, honremos, adoremos, sirvamos, louvemos e bendigamos, glorifiquemos e supraexaltemos, magnifiquemos e rendamos graças ao altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas e salvador de todos os que nele crêem e esperam e o amam, a ele que é sem início e sem fim, imutável, invisível, inenarrável, inefável, incompreensível, insondável, bendito, louvável, glorioso, supraexaltado, sublime, excelso, suave, amável, deleitável e totalmente desejável acima de todas as coisas pelos séculos. Amém”. (Rnb cap XXIII, 8) (3).

Tempo significativo de silêncio e interiorização...

■ ILUMINAR

O/A coordenador/a pega o recipiente com a água e eleva para que todos vejam.

Leitor/a 2: Jesus e a samaritana – Evangelho de João 4,4-15.

Tempo significativo de silêncio e interiorização...

O coordenador pega o pão e eleva para que todos vejam.

Leitor/a 3: Jesus, o pão da vida – Evangelho de João 6, 22-35.

Tempo significativo de silêncio e interiorização...

■ EXAMINAR, CONTEMPLAR, PENSAR E EXPERIMENTAR

Leitor/a 4: O sacramento do toco de cigarro, por Leonardo Boff.

No fundo da gaveta se esconde um pequeno tesouro. Um vidrinho com um pequeno toco de cigarro. De palha e de fumo amarelinho, como se costuma fumar no sul do Brasil. Até aqui, nada de novo. Contudo, este insignificante toco de cigarro tem uma história única. Fala ao coração. Possui um valor evocativo de infinita saudade.

Era o dia 11 de agosto de 1965. Munique, na Alemanha. Lembro-me bem: lá de fora as casas aplaudiam o sol vigoroso do verão europeu; flores multicores explodiam nos parques e acenavam ridentes das janelas. São duas horas da tarde. O carteiro me traz a primeira carta da pátria. Ela vem carregada de saudade deixada pelo caminho percorrido. Sofregamente abro-a. Todos de casa escreveram. Parece quase um jornal. Paira um mistério: "Já deves estar em Munique quando leres estas linhas". Iguais a todas as outras, esta carta, embora diferente das demais, te traz uma bela mensagem, uma notícia que, vista sob o ângulo da fé, é deveras alvissareira. Deus exigiu de nós, há poucos dias, um tributo de amor, de fé e de penhorado agradecimento. Ele desceu no seio da nossa família. Olhou-nos um a um e escolheu para si o mais perfeito, o mais santo, o mais maduro, o melhor de todos, o mais próximo dele, o nosso querido Papai. Querido, Deus não o tirou de nós, mas deixou-o mais ainda entre nós. Deus não levou Papai só para si, mas deixou-o mais ainda para nós. Ele não arrancou Papai da alegria de nossas férias, mas plantou-o mais fundo na memória de todos nós...

E a carta prosseguiu com o depoimento de cada irmão, onde a morte, instaurada no coração da vida de um homem de 54 anos, era celebrada como Irmã e como a festa da comunhão que unia a família dispersa em três países diferentes. Na turbulência das lágrimas borbulhava uma serenidade profunda. A fé ilumina e exorciza o absurdo da morte...

No dia seguinte, no envelope que me anunciava a morte, percebi um sinal da vida daquele que nos dera a vida em todos os sentidos, e que me passara despercebido: um toco amarelecido de um cigarro de palha. Fora o último que havia fumado, momentos antes de um enfarte do miocárdio o haver libertado definitivamente desta cansada existência. A intuição profundamente feminina e sacramental de uma irmã a moveu a colocar esse toco de cigarro no envelope.

Desta hora em diante, o toco de cigarro não é mais um toco de cigarro. É um sacramento. Está vivo e fala da vida. Acompanha a vida. Sua cor típica, seu cheiro forte e o queimado de sua ponta o fazem ainda aceso em nossa vida. Por isso ele é de valor inestimável. Pertence ao coração da vida e à vida do coração. Recorda e torna presente a figura do Pai que agora se tornou, com o passar dos anos, um arquétipo familiar e um marco de referência para valores fundamentais de todos os irmãos: "De sua boca ouvimos, de sua vida aprendemos: quem não vive para servir não serve para viver". É a advertência que colocamos para todos nós no frontispício de sua tumba.(5)

O/A coordenador/a destine 30 minutos para este momento. Promova um plenário, caso o grupo seja grande. O/A coordenador/a deve anotar de modo resumido as respostas, inclusive as respostas do AGIR e expô-las para fechar este momento.

Se o número de pessoas for grande, forme três ou mais grupos com quatro participantes para responder as perguntas que se seguem. Se o grupo for pequeno, provoque o grupo com as perguntas:

- O que é sacramento para mim?
- O sacramento me comunica algo? O quê?
- O que é que faz algo ser um sacramento?
- Como é minha relação com os sacramentos?
- Qual a função dos sacramentos?

■ AGIR

Ainda com os grupos formados, o coordenador destinará mais 10 minutos e dirá:
Sacramento exige engajamento, compromisso e movimento! Comunicar Deus no mundo. Ser Sacramento no mundo.

Leitor/a 5 (se levanta e se coloca de modo que todos possam vê-lo e ouvi-lo)

Missão cristã no mundo – Evangelho de Mateus 5, 13-16

O/A coordenador/a fará a seguinte pergunta:

Que histórias vamos construir?

Após a exposição e partilha das respostas, o/a coordenador/a ou o/a Assistente Espiritual dê a bênção e termine a dinâmica com o canto que se segue, ou outro que a fraternidade goste.

canto: Cristo, quero ser instrumento (5).

■ CELEBRAR

Momento festivo e de comunhão. Repartir e partilhar o pão.

MOTIVAÇÃO FINAL

Para ficar na memória do coração!

"...Mas o fortíssimo cavaleiro não se perturba por causa das guerras iminentes, e não cai em seu ânimo aquele que haveria de combater os combates do Senhor nos campos de batalha deste mundo." (1Cel 93,5).

Referências Bibliográficas:

(1) *Devocionário Franciscano, Hinário 27.*

(2) BOFF, Leonardo, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, Vozes, Petrópolis/RJ 2015, pag 99.

(3) *Fontes Franciscanas / apresentação Sergio M. Dal Moro; tradução Celso Márcio Teixeira - Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.*

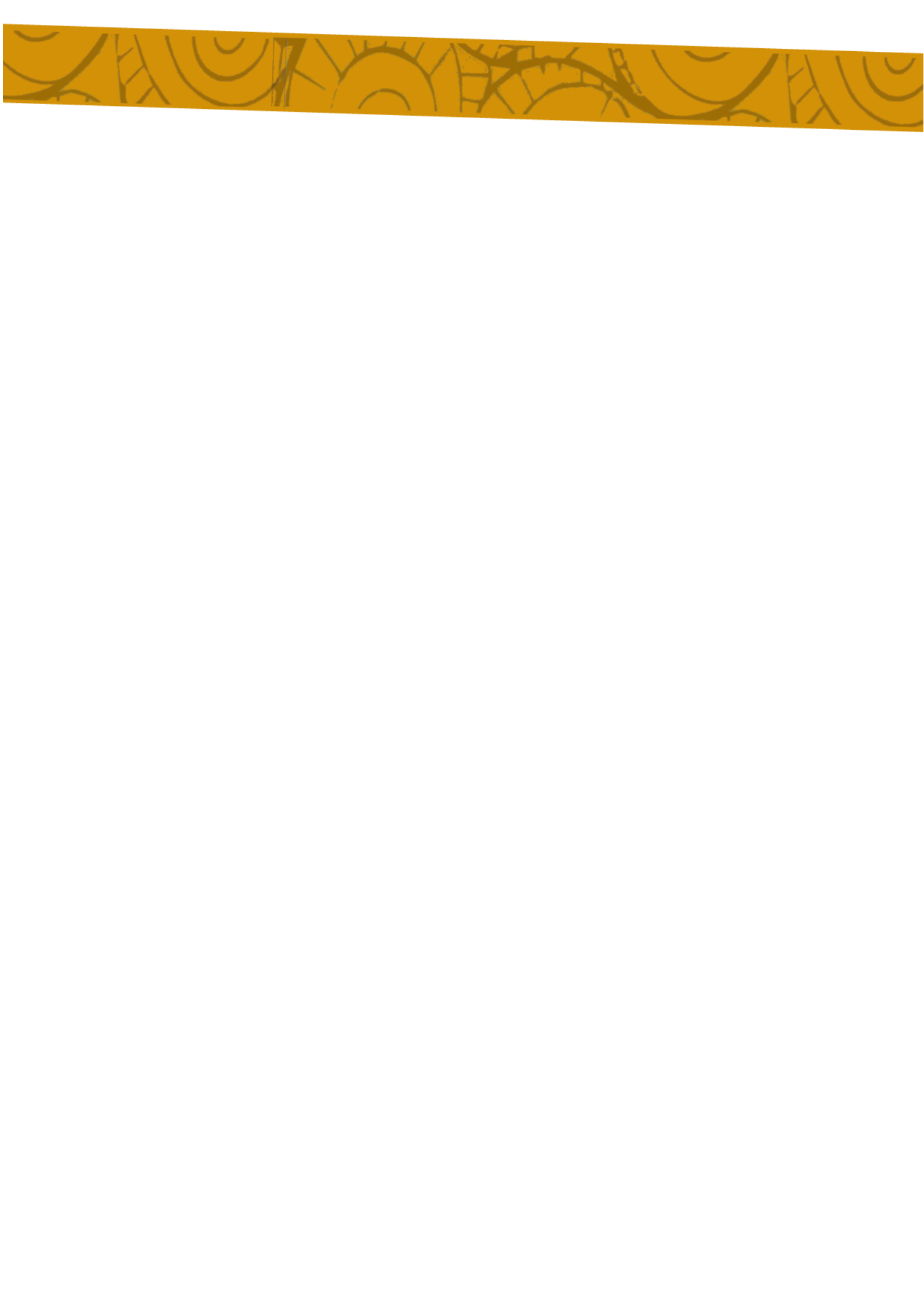
(4) BOFF, Leonardo, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, Vozes, Petrópolis/ RJ 2015 pg 29

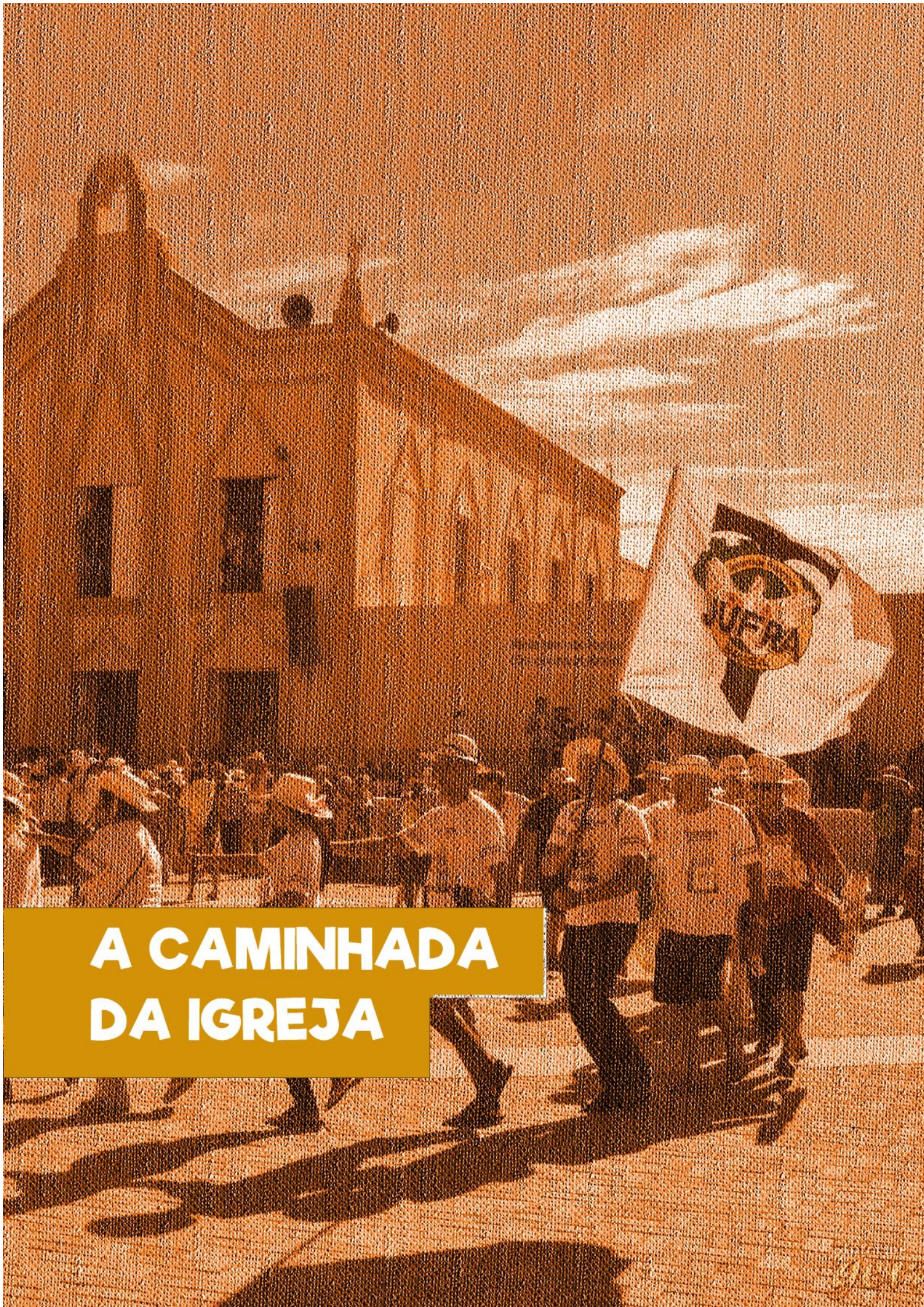
(5) *Devocionário Franciscano, Hinário 19.*



Thereza Cristina Diehl, mora em Petrópolis/RJ. Graduada em Administração pela Universidade Católica, pós-graduada ligada a área administrativa e pós-graduada em Teologia, Ecologia, Educação e Espiritualidade pelo Instituto Teológico Franciscano, onde trabalha. Professora na Ordem Franciscana Secular na Fraternidade Nossa Senhora dos Anjos, serve ao Regional da OFS Sudeste 2.







A CAMINHADA DA IGREJA

A CAMINHADA DA IGREJA: AS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS, A IGREJA NA IDADE MÉDIA E A IGREJA A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II.

INTRODUÇÃO

Um antigo canto de comunhão, que ouvíamos nas celebrações das CEBs, cantava assim: "Igreja é povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação, em Jesus Cristo, a Ressurreição". Ele nos lembra que aqueles que creem no Cristo Ressuscitado, é na vida da comunidade que experimentam um encontro pessoal com Ele. Experimentemos também nós este encontro com o Messias Salvador.

OBJETIVOS

Reacender a chama do sentimento de pertença à Igreja de Jesus Cristo e compreender melhor o nosso lugar na missão confiada por Ele aos seus discípulos e discípulas de todos os tempos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Vela, Bíblia, uma mesinha baixa (de preferência de madeira), tarjas coloridas e lápis hidrocor, jarra e bacia (de preferência de barro), uma toalha, folhas copiadas com o canto "Missão de todos nós" de Zé Vicente, almofadas ou colchonetes.

AMBIENTAÇÃO

Convidar o grupo a ficar descalço, sentar em círculo no chão sobre as almofadas, sem bolsas ou pertences que possam atrapalhar. No meio, ponha-se a mesinha, sem toalha, e sobre ela apenas uma vela apagada e uma bíblia aberta.

ACOLHIDA

Enquanto os jovens vão chegando ao espaço, canta-se o refrão:

"Seja bendito quem chega / seja bendito quem chega / trazendo a paz, trazendo a paz, / trazendo a paz do Senhor." (Taizé).

Na entrada da sala, dois coordenadores podem acolher os jovens com o lava-pés ou o lava mãos (usar a bacia e a jarra de barro) e outros gestos carinhosos e acolhedores (abraço, beijo, carinho sobre a cabeça, etc). Vão recebendo e lhes mostrando seu lugar no círculo de almofadas. Terminado o lava-pés, coloque-se a jarra, a bacia e a toalha sobre a mesinha, cantando-se o refrão a uma só voz, bem baixinho, e antes de se chegar ao silêncio acende-se a vela.

Quem coordena pode dar as boas vindas em nome do Senhor com as seguintes palavras ou outras mais espontâneas:

"Meus queridos e minhas queridas, sejam acolhidos em nome de Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor, que nos mandou amar uns aos outros como ele nos amou".

Depois convida a todos a se abraçarem desejando a Paz de Cristo. Nesse momento, pode-se cantar o refrão *"Onde reina amor, fraterno amor, onde reina amor, Deus aí está"*.

VER

A vida dos crentes das primeiras comunidades cristãs tem muito o que nos ensinar ainda hoje. E quem eram estas pessoas? Homens e mulheres que entraram para a Igreja, a qual também gostavam de chamar de "corpo místico" (I Cor 12,12; Cl 1,18), a fim de serem membros de um povo que aderiu a Cristo e ao seu projeto de Reino de Deus. Eram comunidades testemunhais, viviam e experimentavam o tempo da presença e da saudade do mestre, escutando de seus apóstolos ou de discípulos formados por eles, a mensagem principal do anúncio cristão: Jesus, o Cristo, nosso Mestre, que foi crucificado e sepultado, ressuscitou e não morre mais.

Os que aderiam a essa mensagem, depois do catecumenato inicial, eram inseridos definitivamente na vida da comunidade por meio do banho batismal e assumiam a lógica da partilha vivida na comunidade (cf At 2, 42-47), como também o risco desta morte-ressurreição, isto é, de comprometer-se com Jesus e sua opção pelos pobres e excluídos da sociedade. Foi por esse motivo que em Antioquia os discípulos e discípulas foram chamados de cristãos pela primeira vez (At 11,26), pois eram vistos como novos Cristos para o mundo.

Nesse estilo, a vida cristã foi se difundindo pela Palestina e seus arredores, todavia, configurava-se mais como um novo movimento judaico do que como uma nova religião, o que só vem a se tornar bem mais tarde. Os apóstolos do Nazareno, discípulos destemidos, dedicaram suas vidas ao anúncio da sua Boa Nova, com um esforço missionário que devemos recordar sempre e com grande alegria.

Aqui não podemos deixar de enaltecer o papel fundamental do apóstolo Paulo, que atravessou não apenas limites geográficos em nome do Evangelho, mas, sobretudo políticos e religiosos de seu tempo. Ecoava em seu coração o mandato do Senhor que um dia disse: "ide aos confins do mundo e levai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15).

Em Roma, a capital do velho e poderoso Império, por volta do ano 70 dc, a Igreja entra num ambiente multicultural, no qual os cultos às divindades antigas da cultura greco-romana aconteciam naturalmente. O homem romano antigo voltava-se aos deuses e deusas a fim de oferecer-lhes dádivas em troca de uma boa colheita realizada, pelo nascimento de um filho, pela boa negociação de escravos, etc.

Os cristãos vão sofrer o martírio nessa cultura que se mostrará hostil à sua novidade, pelo fato de servirem a um só Deus, que não era nem o imperador divinizado, nem as divindades dele. Além disso, eram mal vistos e perseguidos porque se tratavam mutuamente como irmãos e irmãs e por reunirem-se em nome de Jesus no primeiro dia da semana, para a "fração do pão" e ceia semanal em sua memória. Nascia na Igreja perseguida o "dia do Senhor", o Domingo.

Mais tarde, a Igreja de Cristo passa dessa fase testemunhal, marcada pela simplicidade e fraternidade, para outra mais institucionalizada e imperialista. O bispo de Roma torna-se o "Pontífice Máximo", os outros bispos são tidos como Príncipes, o clero assume um papel de pelotão de frente no processo de cristianização de todo o Ocidente, muitas vezes à custa de muito sangue e perseguições. Nascia a Cristandade! A Igreja desse tempo começava a esquecer-se de suas origens e de suas primeiras motivações, isto é, que era discípula de um nazareno da Galileia do primeiro século, que viveu entre os mais pobres e que enfrentou subversivamente os poderes estabelecidos para libertar e salvar os pequeninos e marginalizados.

Na Idade Média, sua presença e seu comportamento serão confrontados, e ela atravessa um dos períodos mais difíceis de sua história. Mas o Espírito não dorme! É no contexto deste tumultuado tempo que surgem grandes nomes do Cristianismo: Tomás de Aquino, Teresa D'Ávila, João da Cruz, Mestre Eckart e os grandes Francisco e Clara de Assis. Sem dúvida, a crítica profética de São Francisco à Igreja de seu tempo é ainda muito atual e pertinente nos dias de hoje.

De lá para cá, vivemos um crescimento de embates que fez nascer a tradição protestante, da qual brotaram tantas igrejas independentes de Roma e com sua espiritualidade e organização eclesial própria. Mesmo que a Igreja Católica, durante os séculos seguintes à reforma de Martinho Lutero, tentasse combater esta cisão, o protestantismo se estabeleceu. E agora, o que fazer?

Custou, mas a Igreja Católica resolveu fazer o caminho do retorno às suas fontes, aos seus ideais e motivações mais nobres, a Jesus Cristo como seu melhor e mais perfeito modelo de evangelizador. Aos 25 de Dezembro de 1961, o Papa São João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, que terminou seus trabalhos em 1965, dando novas diretrizes pastorais à Igreja, seja para a sua reforma litúrgica, seja para a sua reforma pastoral e missionária, construindo um novo rosto de sua presença no mundo.

E a renovação acabou? Ainda não. Prova disso são as inúmeras iniciativas e reflexões propostas pelo Papa Francisco, como também uma de suas maiores convocações: para que vivamos uma verdadeira conversão pastoral na Igreja, a começar dele, passando pelos bispos, padres, religiosos e por todos batizados e batizadas.

Que percurso, que estrada, que desafios! A Igreja nestes 2000 anos não foi e nem será a mesma, pois vai sendo provocada por Cristo, que está Vivo nela e pela ação transformadora do Espírito Santo, que hoje lhe convida a ser uma Igreja em saída, conforme o coração e o testemunho evangélico do nosso querido Papa Francisco.

ILUMINAR

Lucas 24,35-48

Alguém previamente escolhido toma a bíblia e lê gostosamente e sem pressa a passagem acima, enquanto os demais escutam o texto em silêncio. Depois disso, outras pessoas, de pé, podem repetir em voz alta:

*A paz esteja convosco!... Por que estais preocupados, e por que tendes dúvidas no coração?...
Vede minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo!... Vós sereis testemunhas de tudo isso.*

Depois de ouvir essas frases fortes, retiradas do Evangelho proclamado, quem coordena o encontro pode pedir que, em grupos de três ou quatro, procurem iluminar com a luz do Evangelho o que foi lido no VER, tendo em vista a missão e a vocação da Igreja de Cristo no mundo. Podem partilhar aquilo que encontraram de pistas na conversa em grupo.

AGIR

Em tarjas coloridas, pedir aos participantes que escrevem palavras de motivação e de incentivo animando-se mutuamente a viver sua vocação de cristãos no mundo de hoje. Depois, fazer uma breve reflexão sobre essas palavras como

compromissos firmados com Jesus e com a comunidade, e pedir que coloquem as tarjas junto à jarra e à bacia decorando a mesa.

CELEBRAR

Convidar as pessoas presentes a cantar a canção "Missão de todos nós", pedindo antes que eles possam dizer em voz alta o nome de alguém (bispo, padre, freira, catequista, ministro, pai, mãe, coordenador, etc) em quem se inspiram para continuarem a caminhada na Igreja de hoje. Cantar com alegria a música proposta.

MOTIVAÇÃO FINAL

Nossa motivação final vem das palavras do Papa Francisco aos jovens, proferidas no dia 13 de Janeiro de 2017 no Vaticano: "É-me grato anunciar-vos que em outubro de 2018 se celebrará o Sínodo dos Bispos sobre o tema 'Os jovens, a fé e o discernimento vocacional'. Eu quis que vós estívésseis no centro da atenção, porque vos trago no coração. Um mundo melhor constrói-se também graças a vós, ao vosso desejo de mudança e à vossa generosidade. Não tenhais medo de ouvir o Espírito que vos sugere escolhas audazes, não hesiteis quando a consciência vos pedir que arrisqueis para seguir o Mestre. Também a Igreja deseja colocar-se à escuta da vossa voz, da vossa sensibilidade, da vossa fé; até das vossas dúvidas e das vossas críticas. Fazei ouvir o vosso grito, deixai-o ressoar nas comunidades e fazei-o chegar aos pastores."



Marcelo Gomes de Barros, natural e residente de Santa Rita/PB. Pós graduando em Liturgia pela UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo) e Centro de Liturgia, onde realiza sua pesquisa sobre o Mistério Pascal nos cantos da Romaria da Terra da Arquidiocese da Paraíba, sob orientação da Irmã Maria da Penha Carpanedo, pdm; graduado em Ciências das Religiões pela UFPB, cuja pesquisa sobre a Liturgia e a prática simbólica da Igreja Ortodoxa resultou no trabalho "Ícones e práticas rituais: um estudo sobre a igreja ortodoxa da Paraíba". Agente de Pastoral no Colégio Marista Pio X de João Pessoa; ministra cursos e assessora paróquias e comunidades na dimensão litúrgico-catequética na Arquidiocese da Paraíba; participa da programação cultural das Livrarias Paulus e Paulinas de João Pessoa assessorando cursos na área de Liturgia e é membro da Rede Celebra de Animação Litúrgica.





A IGREJA NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

A IGREJA NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

INTRODUÇÃO

Todo "ACONTECIMENTO" histórico é irrepitível e único. "Acontecimento" e "fato" são conceitos distintos. O FATO não é o "acontecimento" em si mesmo, mas a maneira como este se manifesta. Esta manifestação nunca é direta (ou imediata), clara e transparente. A descrição ou o relato de um Fato Histórico sempre supõe uma interpretação, que pode ser consciente ou não, voluntariamente buscada ou não.

Assim também, a História da Igreja (como descrição ou relato científico e não como coleção de "acontecimentos" isolados), supõe certa familiaridade com os "fatos" eclesiais para poder interpretá-los. O tipo de História da Igreja que se escreverá vai depender da "interpretação" que o historiador der aos fatos. Mas a maneira de interpretar os fatos eclesiais depende, em última instância, da ideia ou conceito (popular ou teológico) que o historiador tem de IGREJA (Quer dizer: a partir de que "Modelo de Igreja" o historiador vai ou está interpretando os "fatos" eclesiais?).

Se "EVANGELIZAR OS POBRES" foi o objetivo histórico concreto de Jesus Cristo e também o objetivo de sua Igreja, este deve ser também o grande critério para uma "interpretação" cristã da História da Igreja.

Durante os três primeiros séculos de sua existência, a Igreja articulou-se com a sociedade, organizando suas estruturas e contando com seus "fiéis", que eram todos das classes dominadas (classes oprimidas e povos periféricos). Era a Igreja dos pobres, a Igreja perseguida, a Igreja dos mártires. Este "Modelo" de Igreja não se confundia com o Estado e nem se apoiava no poder das classes dominantes.

A partir do século IV (do ano 313 em diante) aparece outro "Modelo" de Igreja, que define uma nova maneira da Igreja articular-se com a sociedade. Foi o "Modelo" de Igreja "Cristandade". Dentro deste novo "Modelo" de Igreja, Estado e Igreja começaram a ajudar-se um ao outro. A Igreja começou a justificar a ação repressora do Estado e o Estado começou a exercer funções eclesiais, como (retirar)construir templos, proteger e pagar os missionários, processar aqueles que se arriscavam a questionar a autoridade da Igreja, etc.

OBJETIVO

Apresentar aos/as Jovens Franciscanos/as uma proposta de reflexão da História da Igreja na América Latina a partir de conceitos e discussões que os levem a perceber a importância de conhecer nossa caminhada na construção da nossa organização.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, bandeira ou camisetas da JUFRA, mapa da América Latina, fotos ou imagens de momentos históricos da Igreja na América Latina.

AMBIENTAÇÃO

Organizar as cadeiras ou bancos em círculo e colocar os materiais no centro. Deixar um corredor de entrada com os escritos no chão "A história da Igreja na América Latina" (pode ser escrito com giz, direto no chão, ou em papelotes separados).

ACOLHIDA

Cada jovem que chegadeve ser acolhido com a saudação de costume do grupo, além disso, ter, na entrada, uma bacia com água perfumada. Na medida em que entram, os jovens podem tocar na água molhando seus rostos. Quem acolhe, individualmente, o saúda dizendo: "Seja bem-vindo/a. Te convidamos a conhecer a história da Igreja, que também é nossa, que também é sua."

VER

A História da Igreja na América Latina é longa e cheia de complexidades. Os primeiros missionários chegaram aqui nas caravelas e, como colonizadores, foram implacáveis, evangelizando "pela cruz e pela espada". Sabemos que aquela forma de evangelizar a muito foi deixada de lado, mas ainda há muito o que avançarmos, pois todos os dias construímos essa história. Todos os dias fazemos a História do Povo de Deus aqui, na América Latina e no Brasil.

O que é importante trazer para a reflexão é que após o concílio Vaticano II e as conferências de Medellín e Puebla, a Igreja na AL toma nova forma. Há um novo jeito de ser Igreja, mais próxima dos pobres e por consequência, mais próxima das fontes do Evangelho de Cristo. Nasce aí muitos movimentos, pastorais e associações que vão dar, especialmente ao leigo, um protagonismo não visto antes na nossa história. Até mesmo a Teologia se renova e traz, na sua reflexão a centralidade do Cristo feito homem e pobre.

Segundo o padre Inácio Medeiros:

"No estudo da História da Igreja em nosso continente sempre foram encontradas algumas dificuldades e diversos obstáculos tiveram de ser superados:

1. Nossa história sempre foi vista e escrita a partir de um ponto de vista europeu. A maioria dos manuais de História da Igreja somente retrata a nossa história como um complemento da História da Igreja na Europa. Apenas nos últimos anos, graças aos trabalhos do CEHILA, Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina, houve um avanço significativo neste campo.
2. A visão de mundo e de Igreja quase sempre tem um caráter europeu. Até a maneira de compor os mapas e as cartas geográficas indicam isso. Se o leitor olhar agora mesmo para o globo terrestre ou para o mapa-múndi verá que a Europa, apesar de ser o menor dos continentes, é colocada como o centro do mundo. O lugar central deveria ficar para o Continente Africano.
3. Nossa história precisa ser estudada a partir de outros critérios e de outras subdivisões. Para a Europa podemos falar de uma Idade Média ou de uma Antiguidade Clássica. Esta periodização não vale aqui para o Brasil e para os demais países da América Latina, pois quando a Europa estava saindo da Idade Média, entrando na Idade Moderna, nós ainda nem tínhamos sido incluídos no circuito comercial europeu e nem aparecíamos na história da humanidade. Esta mesma caracterização também não serve para os demais continentes periféricos do mundo. É bom recordar que a atual forma de se estudar a história das civilizações por períodos ou idades foi organizada pelos humanistas europeus no início da Idade Moderna."

Para aprofundar o estudo, vale a pena conferir o texto do Enrique Dussel (Disponível em <https://goo.gl/i8jwj>).

ILUMINAR

Resgatando uma passagem importante do evangelho, vamos refletir sobre o papel de todos nós cristãos na construção da nossa história e na evangelização dos povos. O texto é de Lucas 4, 16-21.

O que o texto nos provoca? Que importância histórica reside no fato de Jesus ler aquele trecho para os presentes na sinagoga? E para nós, hoje, que importância essa passagem tem? Como percebemos a nossa participação nesse contexto? Hoje, nós faríamos como Jesus?

AGIR

Conhecer a história tem uma importância muito grande para qualquer pessoa. Ela nos faz compreender o passado para agir no presente em vista de um futuro diferente. Mas o agir é fundamental! Nós como jufristas temos muitas boas histórias da nossa caminhada. Mesmo São Francisco, quando da sua conversão, não se esqueceu de olhar para a história, cuidar do que era bom e mudar o que precisava ser mudado. Não à toa, um dos principais momentos de sua vida é quando ele recebe o chamado: "Francisco, reconstrói a minha Igreja". Hoje, nós também somos chamados a reconstruir, no cotidiano, nossa comunidade eclesial. Hoje, outro Francisco encampa esse projeto. Quando nos chama a ser "Igreja em Saída", nos provoca a sermos diferentes, a estarmos juntos dos mais necessitados. A mudar a história! Que tal se a partir desse encontro, cada um de nós pudéssemos procurar saber mais sobre essa história tão bonita que é a da Igreja na América latina?

E quem sabe, pudéssemos ajudar a nossa comunidade, nossa paróquia a conhecê-la também? Um mural na capela ou na paróquia, contando esses momentos históricos cairia muito bem, não é?

CELEBRAR

É hora de celebrar a vida e a história da nossa gente, da nossa comunidade eclesial. Há um grande poeta e cantador na nossa América, chamado Zé Vicente, que escreveu uma belíssima música chamada Pelos Caminhos da América. Ela é uma poesia contundente, que mostra as tristezas e as alegrias de sermos quem somos e de vivermos nessa Pátria Grande, chamada América Latina.

Neste momento, somos chamados a cantar e dançar, em ciranda, essa música, lembrando de todas as pessoas que pudermos, como forma de saudar também sua memória e sua história.

Canto: Pelos Caminhos da América – Zé Vicente.

MOTIVAÇÃO FINAL

Não seria possível terminar este encontro, falando de Igreja e falando de América Latina, sem citar um outro grande escritor latino-americano, Eduardo Galeano. Em seus escritos e em suas reflexões, ele nos provoca esse espírito de latinidade, de ousadia e rebeldia. A rebeldia do Reino. Que as utopias que construímos em nossos grupos e na JUFRA de todo o Brasil possam nos fortalecer e nos inspirar a sermos sempre ousados, como Francisco e Clara, em busca do Reino de Deus.

Façamos como oração essa reflexão que Galeano nos apresenta:

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." Eduardo Galeano citando Fernando Birri.

No espírito de Francisco, cantemos: "Canta, Francisco" de Luiz Augusto Passos.

DICAS PARA APROFUNDAMENTO

VÍDEOS: Conferência - O Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil: olhares prospectivos -

(Sergio Coutinho: <https://goo.gl/BZM967>), (José Beozzo: <https://goo.gl/nhZxSE>), (Paulo Suess: <https://goo.gl/P2UTYR>)

TESE: A outra história da igreja na América Latina escrita a partir do Outro, pobre e oprimido:

a alter-história construída por Enrique Dussel, tese de Lourenço Stelio Rega. Disponível em: <https://goo.gl/h69Ks8>

LIVRO: Presença na América Latina – História da Igreja II – IPJ Porto Alegre.

SITE: Comissão para o Estudo da História das Igrejas na América Latina e no Caribe - CEHILA: <http://www.cehila.org>



Francisco Antônio Crisóstomo de Oliveira, conhecido como Thiesco. Nascido em Picos/PI, residente em Marabá-PA. Formado em Sistemas de Informação, Especialização em Juventude pela FAJE e cursando Ciências Sociais pela Unifesspa. Participa da Pastoral da Juventude, onde foi Secretário Nacional entre 2011-2013. Atualmente sou Coordenador de Pastoral na Diocese de Marabá, Assessor Diocesano da PJ e Delegado do Norte 2 (PA e AP) na Ampliada Nacional das CEBs.





**DIRETRIZES GERAIS DA
AÇÃO EVANGELIZADORA
DA IGREJA NO BRASIL**

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL - DGAE

INTRODUÇÃO

Desde a sua fundação, em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem se preocupado em contribuir com a ação evangelizadora em todo o Brasil. No começo, isto aconteceu pelo Plano de Emergência, até 1965. Depois, pelo Plano de Pastoral de Conjunto-PCC (1966-1975). Posteriormente, na segunda metade da década de setenta, foi através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora. Elas têm a missão de apresentar para toda a Igreja os parâmetros da ação evangelizadora a serem executados dentro de um tempo previsto. Como são diretrizes, deixam às dioceses, paróquias, movimentos e pastorais a tarefa de construir os seus processos de planejamento pastoral dialogantes com cada realidade.

OBJETIVO

Vamos neste encontro tentar compreender a importância das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja no Brasil (DGAE) e de que forma influencia na missão da juventude franciscana que na sua missão vive a comunhão com toda a Igreja.

MATERIAL NECESSÁRIO

Palavra de Deus; vela apagada; cruz, imagem de São Francisco e Santa Clara; texto das atuais diretrizes (2015-2019); mapa do Brasil destacando os regionais da CNBB (espécie de quebra cabeça com as cinco grandes regiões do Brasil); logotipo da JUFRA do Brasil; algumas palavras e expressões destacando alguns desafios da evangelização da juventude; cartaz com o objetivo da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, nome dos biomas que marcam o Brasil (diálogo com a Campanha da Fraternidade 2017).

AMBIENTAÇÃO

De preferência que as cadeiras sejam colocadas em círculos e no centro. Colocar todos os símbolos sugeridos com exceção do mapa (em quebra cabeça) do Brasil com as cinco grandes regiões. Este ficará dividido na sala ou no espaço do encontro (caso seja ao ar livre) em cinco partes.

ACOLHIDA

O coordenador (a) acolhe a todos conforme costume da fraternidade e pede que se sentem na roda observando a simbologia exposta. Entregar para cinco jovens uma parte do quebra cabeça sugerindo que pensem sobre as características daquela região. Cantar o refrão: "Eu sou Igreja. Tu és Igreja. Somos Igreja do Brasil. Irmão vem e ajuda. Irmão vem e ajuda. A construir a Igreja do Brasil!" Nsequência, o coordenador (a) introduz o tema do encontro ressaltando que a Juventude Franciscana contribui, enquanto jovens que acolhem o carisma franciscano, para a evangelização do Brasil. O coordenador aborda os temas que compõem essa etapa e cita as demais etapas que o jovem é convidado a vivenciar. Em seguida, entoam-se o canto; "Oh luz do senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser permanece em nós" (alguém acende a vela); o coordenador (a) convida a rezarem juntos a oração ao Espírito Santo seguida de um canto a escolha. Sugestão: Ide anunciar minha paz. Ide sem olhar para traz. Estarei convosco e serei vossa luz na missão.

VER

I – O coordenador (a) convida os jovens a fazerem o percurso pelas cinco regiões, carregando as palavras com cada bioma, a vela acesa e a cruz. Pode-se começar pela região Norte ou pela região Sul. Parando em uma região, pede-se para que o jovem fale rapidamente daquela região. Depois pede-se para que outro jovem diga que bioma está nesta região e quais as suas características. Num terceiro momento, fala-se dos regionais da CNBB que estão ali localizados.

Volta-se para o centro do círculo e coloca-se a primeira parte do mapa. Em seguida, a pessoa sai do círculo e vai para a segunda parte com a mesma metodologia, abordando a segunda região e assim sucessivamente.

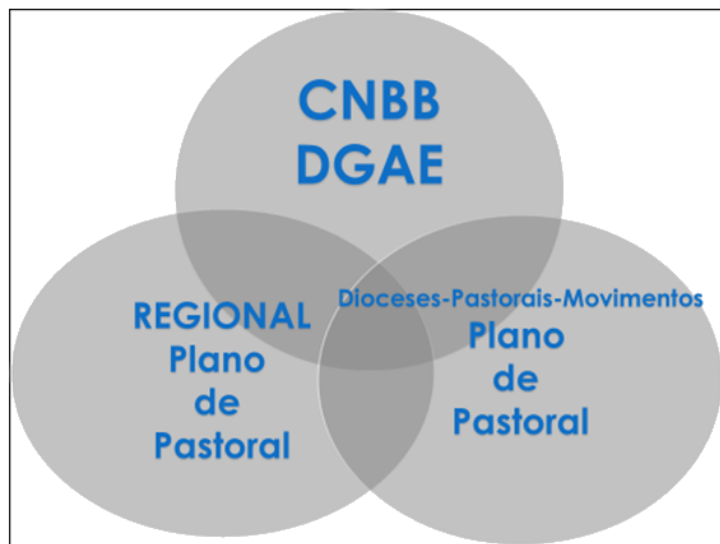
II – Uma vez que o mapa está completo com as regiões, biomas, e regionais da CNBB, no último retorno ao círculo (serão cinco momentos) o coordenador diz que as diretrizes são uma forma da Igreja responder ao desafio evangelizador da Igreja respondendo a diversidade de cada região.

III – Explica o que são diretrizes ressaltando que a "ação evangelizadora compreende como interlocutores as pessoas que ainda não conhecem a boa nova de Jesus Cristo; ou então as pessoas que fizeram a experiência cristã, mas que estão afastadas da vida eclesial". As diretrizes são orientações mais amplas, a serem completadas pelo trabalho de planejamento dos regionais, dioceses, pastorais e movimentos, condizente com as realidades locais e da missão. São provocadoras da ação evangelizadora, respeitando os carismas e peculiaridades locais já vistas no caminho percorrido por todos as regiões do Brasil. A dinâmica é a seguinte:

Âmbito Nacional – diretrizes – sugestões amplas para a Igreja do Brasil com o intuito de ajudar os processos de planejamento nos Regionais e dioceses e demais instituições.

Âmbito do Regional – planos pastorais, mantendo as peculiaridades da região e em sintonia com as diretrizes para manter a cooperação e a coordenação.

Âmbito Diocesano, paroquial, pastorais e movimentos – trazer as diretrizes e o plano regional para a esfera diocesana, respondendo aos desafios na evangelização da Igreja local.



ILUMINAR

Para iluminar este encontro que reflete sobre as diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, vamos nos dividir em dois grupos para refletir o Texto de Mateus 28,16ss;

Responder a duas perguntas:

- 1- O que o texto diz?
- 2- Em que o texto ilumina o tema refletido neste encontro?

Voltar ao grande grupo e duas pessoas de cada grupo falam das duas questões.

O coordenador faz uma síntese do trabalho ligando com o assunto refletido.

AGIR

O coordenado sugere três perguntas para a reflexão individual em momento de silêncio.

- 1 – O que descobri sobre a Igreja no Brasil?
- 2 – Por que as Diretrizes são importantes?
- 3 – Depois do conhecimento das Diretrizes, qual é a tarefa dos regionais, dioceses, paróquias e movimentos?
- 4 – Como a JUFRA pode contribuir nesta missão?

Compromisso do grupo: Descobrir se na sua Diocese e Paróquia há um Plano de Pastoral

CELEBRAR

O coordenador do encontro toma o Evangelho, retoma o texto de Mt, 28-16 e o proclama. Em seguida, toma o documento das Diretrizes e passa de mão em mão. Ao final, lê o objetivo das Diretrizes e convida todos a rezarem a oração de São Francisco, lembrando que ela sintetiza a missão evangelizadora.

O grupo se despede.



Pe. Ari Antônio dos Reis, possui graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1992), graduação em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (1995), especialização em Filosofia Contemporânea pela Universidade de Passo Fundo (1995) e mestrado em Teologia Pastoral pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (2002). Atualmente é professor titular do Instituto de Teologia e Pastoral. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral.





O JOVEM E A IGREJA

O JOVEM E A IGREJA (ORGANIZAÇÕES JUVENIS NA IGREJA)

INTRODUÇÃO

Esse encontro que tem como título o Jovem e a Igreja vem abordar a relação das organizações juvenis na Igreja Católica, considerando características próprias das realidades juvenis. Para isso, apresentamos um resgate histórico, a partir de meados da década de 60 dos anos 1900, sobre como foram se estruturando as diferentes expressões juvenis até os anos atuais.

É importante observar como o contexto histórico/político/social do Brasil influencia na Igreja e por consequência às juventudes presentes na mesma, e a partir disso é possível caracterizar a organização das expressões década a década, desde um início marcado por grupos eminentemente devocionais até a forte influência social nos grupos das juventudes operária e universitária, por exemplo. Também é importante observar o que a Igreja diz sobre e para os/as jovens à luz dos documentos específicos, como o documento 85 da CNBB ou o estudo 103, e também das conclusões de importantes Conferências como Medellín, Puebla e Aparecida.

Por fim, destaca-se a atual organização das expressões juvenis da Pastoral Juvenil na Igreja do Brasil, apresentando as principais características, nomenclaturas e identidade.

OBJETIVO

Apresentar aos/às jufristas a diversidade de expressões juvenis presente na Igreja Católica, discutir sobre os papéis que estas juventudes vêm desempenhando dentro e fora do espaço eclesial e refletir sobre a importância do diálogo a fim de construir "unidade na diversidade".

MATERIAL NECESSÁRIO

Faixas coloridas; Uma imagem ou foto do crucifixo de São Damião e uma vela; Papéis e pincel atômico coloridos; Documento 103 da CNBB; Recortes com imagens de jovens de diferentes expressões juvenis na Igreja; Cartaz com o fluxograma proposto no VER.

Obs: Se possível, convidar jovens de outras expressões juvenis para participarem desse encontro.

AMBIENTAÇÃO

Preparar o local de forma a distribuir as cadeiras de maneira circular. No centro do círculo distribuir as faixas coloridas, o cartaz com o fluxograma, o documento 103 da CNBB, recortes com imagens de diferentes expressões juvenis. No centro deve ser colocado a imagem ou foto do crucifixo de São Damião e uma vela. De forma que essa organização lembre uma "mandala". Nas faixas coloridas, escrever com o pincel atômico nomes de expressões juvenis, atuais ou antigas, presentes na sua comunidade ou que a Fraternidade já ouviu falar.

ACOLHIDA

Mensagem de boas-vindas: Que bom que você veio! O encontro é algo divino e maravilhoso! É maravilhoso... Encontrar a simplicidade, a disponibilidade, o olhar puro e o gesto pronto... É maravilhoso... Encontrar um riso aberto, uma alma corajosa, um desejo de ser mais. Aqui, se realiza a maravilha do encontro, porque você se faz presente... Realiza porque você veio, trazendo um pouco de seu próprio manancial cristalino: um pouco das suas histórias, um pouco de você mesmo... E esteja em casa e abra seu coração! A sua presença há de nos deixar mais ricos, há de nos aumentar as energias, para a luta de construir... Sim! É da esperança, é do construir, que o mundo de hoje precisa...

(Nesse momento como gesto do encontro faremos a simbologia das mãos. Deve-se formar um círculo com os jovens, e em seguida orientar para que cada um diga a frase: Vamos dar as mãos, a mão do (o jovem diz o seu nome) que encontra (o jovem diz o nome de quem está do seu lado), e um vai dando as mãos para o outro. Deve ser feito um por um... Ao final todos de mãos dadas repetem:

Com as minhas mãos apertadas nas suas, construiremos caminhos!

No encontro de hoje, vamos conhecer um pouco mais sobre as organizações juvenis da nossa Igreja e aprofundar sobre como a Igreja percebe essas juventudes.

VER

Momento 1: Conhecendo um pouco da história juvenil na Igreja do Brasil:

Antes da década de 60 o que marcava a juventude na Igreja do Brasil era a presença de inúmeros movimentos juvenis eclesiais que trabalhavam de forma característica a dimensão devocional, como as Congregações Marianas, Filhas de Maria, Cruzada Eucarística, dentre outros. Porém, na década de 50 e 60 existem profundas mudanças sociais ocorrendo no mundo (revoluções políticas, urbanização, industrialização) e a Igreja respira os ares do Concílio Vaticano II. É nesse contexto que nasce a Ação Católica especializada e com ela o desafio de mudar as estratégias pastorais de nossa Igreja, pois é “preciso sair das sacristias” e ir ao encontro do povo. Nesse processo, surge também uma nova maneira de ver o jovem na Igreja, a partir de seu protagonismo e compromisso social. Eis então o nascimento da JOC (Juventude Operária Cristã), JUC (Juventude Universitária Cristã), JIC (Juventude Independente Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica) e JAC (Juventude Agrária Católica) que em linhas gerais trazem uma nova proposta de espiritualidade, unindo fé e vida, a partir da ótica das lutas de transformação social.

Na década de 70, o Brasil passa por uma forte repressão provocada pela ditadura militar e diante disso surge um novo modelo de trabalhar com a juventude mais adaptada a essa realidade. Surge então o modelo do Movimentos de Encontro para Jovens, inspirados no Cursilho de Cristandade, onde o testemunho pessoal era mais evidente do que propostas politizadas. Esse modelo teve suas dificuldades, especialmente por que havia poucas propostas de continuidade e engajamento dos jovens depois dos encontros, mas também provocaram o surgimento de muitos grupos de jovens nas paróquias que contribuíram para o surgimento posterior de uma pastoral de juventude orgânica.

É importante ressaltar que a JUFRA no Brasil surge na interface dos anos 60 e início dos anos 70, portanto tem muito mais influência fundacional dos movimentos juvenis da Ação Católica da década de 60, do que dos encontros para jovens da década de 70. Também, traz resquícios das expressões juvenis devocionais, especialmente por conta da relação profunda com uma espiritualidade própria, o Carisma Franciscano, com o modelo formativo na interface entre a secularidade e a vida religiosa consagrada. Na década 80 um novo fenômeno político influencia diretamente o modo do jovem ser Igreja. A sociedade exige a volta por democracia, e vai às ruas reivindicando liberdade e “diretas já”, vale ressaltar que esse público é eminentemente jovem. Portanto, surge então uma nova geração de jovens católicos/as que são protagonistas de seu próprio processo de educação na fé (inspirados pela proposta do documento de Puebla).

Os anos seguintes são marcados pela rápida articulação juvenil, fortalecimento das organizações, formação de grupos de assessores e de materiais teóricos sólidos, especialmente por conta do crescimento de Centros e Institutos de Juventudes. Aqui se articulam as Pastorais da Juventude: PJ (Pastoral da Juventude); PJE (Pastoral da Juventude Estudantil); PJR (Pastoral da Juventude Rural) e PJMP (Pastoral da Juventude do Meio Popular). Falamos então, de uma Pastoral Juvenil orgânica na Igreja, onde fica evidente o resgate de muitos elementos da Ação Católica Especializada da década de 60.

A década de 90 e o novo milênio são marcados por um processo de pluralidade juvenil, extremamente influenciada pelo modelo capitalista neoliberal, onde é evidenciado um modelo cultural baseado na subjetividade. Acrescenta-se também a influência de uma cultura midiática que pode ser compreendida como um processo comunicacional que se realiza através dos chamados Meios de Comunicação em Massa. Na Igreja Católica, ainda na década de 90 começa a ser evidenciado um enfraquecimento das Pastorais de Juventude, uma crise de assessoria adulta e estrutura organizacional. Paralelamente, cresce os movimentos eclesiais que trabalham com jovens, especialmente nas chamadas “Novas Comunidades”, que marcam uma presença forte nos meios de comunicação social com um novo modelo de evangelização juvenil.

Diante desse novo cenário, a chamada Pastoral Juvenil no Brasil passa por profundas mudanças estruturais e organizacionais que culmina com a criação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Segundo consta o próprio estudo 103 da CNBB (Pastoral Juvenil no Brasil: identidade e horizontes) a partir de 2007 a organização da juventude na Igreja Católica é marcada pela tentativa de construir “unidade na diversidade”, de forma a valorizar a diversidade das diferentes expressões juvenis sem perder a unidade da Igreja. É importante ressaltar, que esse novo modelo está sendo vivenciado atualmente (inclusive em nossas Fraternidades Locais) e por isso, torna-se mais complicado fazer uma análise profunda do mesmo, a partir de uma perspectiva

histórica. Porém, é fundamental nunca perdermos um olhar crítico e atento a essa nova realidade, de forma a sempre garantir o protagonismo juvenil e reforçar o nosso compromisso com uma "Igreja em saída" (Evangelii Gaudium - Encíclica do Papa Francisco) atenta aos olhares e clamores dos povos. É fundamental sempre reafirmar o compromisso de Puebla onde a Igreja latino-americana fez um compromisso preferencial pela juventude e pelos pobres.

Momento 2: A Organização da Pastoral Juvenil atual na Igreja do Brasil:

A fim de compreender a atual organização da Pastoral Juvenil na Igreja do Brasil apresentamos os fluxogramas que destacam o modelo de organização juvenil (Figura 1) e a estruturação da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (Figura 2).

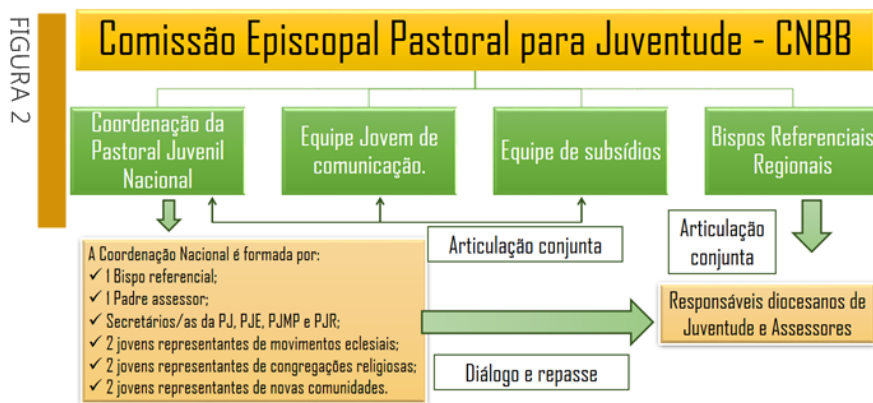


Figura 1: A primeira imagem apresenta como está atualmente a Pastoral Juvenil, organizada ou agrupada pela diversidade de expressões juvenis presentes no Brasil. Estas foram agrupadas em quatro categorias: 1- As Pastorais da Juventude (PJ, PJE, PJR e PJMP) que originalmente constituem as primeiras organizações pertencentes a uma pastoral de juventude orgânica; 2- Juventudes de congregações religiosas, no qual estão as organizações de grupos/fraternidades que surgem a partir de um carisma religioso próprio, ligados diretamente a uma Ordem ou Congregação religiosa; 3- Juventudes de movimentos eclesiais que são formas associativas de participação na vida da Igreja e na sua missão, como um novo perfil em relação às antigas associações leigas; 4- Juventudes das Novas Comunidades de Vida e de Aliança tendo, geralmente, como fonte inspiradora a experiência da Renovação Carismática Católica, atendendo à exigência de vida evangélica baseada na comunhão fraterna. Essa diversidade de expressões juvenis faz uma pastoral de comunhão, se articulando no Setor Diocesano de Juventude, espaço organizado de comunhão das diversas expressões da Igreja diocesana que trabalham junto aos jovens.

Figura 2: A segunda imagem mostra a organização da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude-CNBB. Destacando a composição da Coordenação da Pastoral Juvenil no Brasil, que é a responsável pela Pastoral Juvenil nacional, em nome da CNBB e representa o país nas relações com a Seção de Juventude do Cone Sul do CELAM e do Pontifício Conselho para Leigos. Para apoiar essa coordenação foi montada uma Equipe Jovem de Comunicação que tem como missão principal servir como canal de articulação e comunicação das expressões juvenis. Esta equipe é responsável pela manutenção do site "Jovens Conectados". Também como apoio da Coordenação Nacional foi composta uma Equipe de Subsídios, responsável pela elaboração de materiais para juventudes. Destaca-se também nessa Comissão Pastoral a participação dos Bispos referenciais para Juventude em cada um dos Regionais da CNBB.

Momento 3: Partilhando identidades:

Para finalizar o momento do "Ver" abre-se para a partilha de testemunhos/experiências dos/as jovens de

A partir desses trechos que iluminam nossa caminhada, temos alguns desafios que norteiam o jeito de Ser Igreja Jovem. Podemos refletir juntos:

1. Nós jovens temos sido protagonistas e "revolucionários" na Igreja e na Sociedade?
2. Qual modelo de Igreja e de Sociedade nós acreditamos ou desejamos?
3. Como construir unidade diante da diversidade de expressões juvenis na Igreja, com diferentes formas de ser, agir e atuar?

AGIR

A melhor forma de conhecer mais sobre as diferentes experiências juvenis presentes na Igreja é tendo a oportunidade de conviver com elas. Assim, como gesto concreto desse encontro, faremos a mesma experiência de Francisco de Assis que foi ao encontro de tantos irmãos e irmãs, do leproso, do sultão... Assim, a Fraternidade deve se organizar para visitar uma reunião/encontro de expressões juvenis presentes em sua comunidade, paróquia ou diocese (podem escolher algumas, dependendo da realidade local). Nessa visita, levem alguma lembrança que simbolize a generosidade e o acolhimento nesse momento de partilha.

CELEBRAR

"A ciranda da juventude": Ao som da música "Deixa-me ser jovem" propor aos jovens dançar uma ciranda. (Nesse momento da ciranda as faixas coloridas devem ser erguidas por alguns jovens como gesto de agradecimento e esperança)

Música: Esperança Jovem (Zé Vicente)

A juventude unida clamando noite e dia

Com gritos de esperança e de paz

Laiá, laiá, laiá, laíala, hey!. Laiá, laiá, laiá, laíala...

1. Estamos pelas praças e somos milhões
Nos campos e favelas somos multidões.
Perdidos procuramos um caminho.
Ninguém vai ser feliz se andar sozinho.
2. A fome entre os dentes e a morte no chão.
Fizeram do prazer a maldição.
Nas mãos dos opressores nós sofremos.
Ser livres nós queremos e seremos.
3. A flor da liberdade em nosso olhar.
Paixão, ternura e sonho em nosso ar.
De olho no futuro, nós estamos
É a vida que amamos e buscamos.
4. É esta a nossa hora e o tempo é pra nós.
Que chegue em todo o canto a nossa voz
Miremos bem no espelho da memória.
Faremos jovem e linda nossa história.

Finalizar o momento rezando junto o Pai Nosso da Juventude:

PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU, na terra, no sol, no ar, na água, em toda a natureza, no nosso grupo, comunidades e em cada um de nós. SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, na nossa oração, na nossa ação, no compromisso com a comunidade. VENHA A NÓS O VOSSO REINO, de mulheres e homens novos, evangelizados e evangelizadores. SEJA FEITA A VOSSA VONTADE de nós, jovens e todos os cristãos comprometidos, sejamos construtores de novas relações no trabalho, na escola, no lazer, na igreja e em toda a nossa cultura. ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU, na caminhada de nossas famílias, de nossos grupos e da nossa comunidade. O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAÍ HOJE, porque queres a Vida Plena, conseguida quando se mata a fome de pão e de justiça. PERDOAI AS NOSSAS OFENÇAS, quando deixamos de construir um grupo de jovens com mais organização e deixamos de atingir outros jovens de nossa comunidade. ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEI CAIR EM TENTAÇÃO, de acreditar em outros deuses que não seja o Deus da vida. MAS LIVRAI-NOS DO MAL, do poder, da ganância, da desigualdade,

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=pE6rwt0Djuw>



outras expressões juvenis que estiverem presentes no encontro, para apresentar de forma sintética como o seu grupo/movimento atua. As fotos dos/as jovens de diversas expressões juvenis expostas no ambiente também podem ser utilizadas para apresentar aqueles grupos/movimentos a partir do conhecimento que os/as próprios/as jufristas tem sobre os mesmos.

Canto: Coração Livre (Jorge Trevisol e Gustavo Balbinot)

1. Eu vejo que a juventude tem muito amor
Carrega a esperança viva no seu cantar
Conhece caminhos novos, não tem segredos
Anseia pela justiça e deseja a paz.
Mas vejo também a dor da insegurança
Que dói quando é hora certa de decidir
Tem medo de deixar tudo e então se cansa
Diz não ao caminho certo e não é feliz.
Ei juventude! Rosto do mundo!
Teu dinamismo logo encanta quem te vê!
A liberdade, aposta tudo
Não perde nada na certeza de vencer!

2. Vai, vende tudo o que tens
Dá a quem precisa mais
Vem e segue-me depois
Vem comigo espalhar a paz.
Jesus convida, conta contigo
Mas é preciso ter coragem de morrer
Coração livre, comprometido
Partilha tudo sem ter medo de perder.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=qNr5CI5hChg>



ILUMINAR

A Igreja ao longo dos anos vem reafirmando seu pensamento sobre as questões juvenis, colocando o jovem no centro de uma Igreja em saída, como fieis construtores/as da "Civilização do Amor". Vejamos alguns trechos que iluminam nosso entendimento de como a Igreja ver nossas juventudes:

"A juventude é 'uma grande força nova de pressão' e como 'um novo organismo social com valores próprios' [...] A juventude é o símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma"

(Conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, 1968).

"A Igreja confia nos jovens, sendo eles a sua esperança. Por ser dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, a Igreja faz uma opção preferencial pelos jovens com vistas à sua missão evangelizadora no Continente"

(Conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, 1979).

"A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade. Os jovens de todos os tempos e lugares buscam a felicidade"

(Documento 85 da CNBB, aprovado em 2007, na 45ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil).

"A Pastoral Juvenil é a ação organizada da Igreja para acompanhar os jovens a descobrir, seguir e comprometer-se com Jesus Cristo e sua mensagem para que, transformados em homens novos, e integrando sua fé e sua vida, se convertam em protagonistas na construção da Civilização do Amor"

(Documento 173 do CELAM, de 2012, Civilización del Amor: proyecto e Misión).

"Peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de 'ir contra a corrente'. E tenham também a coragem de ser felizes! "[...] A Igreja precisa de vocês, do entusiasmo, da criatividade e da alegria que lhes caracterizam!"

(Papa Francisco na XXVIII Jornada Mundial da Juventude, em 2013, no Rio de Janeiro).

da morte. E faça-nos, Senhor: Mulheres e Homens novos, construtores da nova sociedade, sinal do Reino de Deus. AMÉM.

MOTIVAÇÃO FINAL

Conhecer a diversidade de expressões juvenis que estão presentes em nossa Igreja é o primeiro passo para o diálogo, a partilha e a construção de um ideal coletivo de Evangelização e Missão. É necessário entender que temos uma juventude plural, dentro e fora do espaço eclesial e que essa pluralidade representa uma grande riqueza para nossa Igreja. Mas, é também um desafio, pois o diálogo maduro entre jovens-jovens e jovens-adultos perpassa pela compreensão das diferenças, o que requer um processo formativo sólido e consistente. Não precisamos de estereótipos juvenis, a juventude na Igreja não é apenas: "os jovens na sacristia"; "os jovens que carregam cadeiras"; "os jovens que tocam e alegram". Mas, também os jovens que são lideranças, falam, questionam, evangelizam e sabem do seu papel eclesial e social. Por tanto, os jovens não são o futuro da Igreja, mas um presente com o nosso jeito de ser Igreja Jovem!

É claro que isso exige de nós formação e atenção, por isso para aprofundar esse tema recomenda-se as seguintes leituras:

- Documento 85 da CNBB: Evangelização da Juventude: Desafios e Perspectivas Pastorais;
- Documento do CELAM nº 173. Civilización del Amor: proyecto y Misión. Orientaciones para una Pastoral Juvenil Latinoamericana (Há a versão em português, mas recomenda-se também a leitura original em Espanhol);
- Estudos 103 da CNBB Pastoral Juvenil no Brasil: Identidade e Horizontes.



Mayara Ingrid Sousa Lima, nasceu em Poção de Pedras-MA e reside em São Luís-MA. Bióloga e doutora em Genética é atualmente professora da Universidade Federal do Maranhão. Foi secretária de área Nordeste A (2007-2010), formadora nacional (2010-2013) e secretária fraterna nacional (2013-2016) da Juventude Franciscana do Brasil. Atualmente é professora na Fraternidade Nossa Senhora da Conceição, São Luís-MA da Ordem Franciscana Secular. Tem servido no Conselho Nacional da OFS e no Conselho Diretor da Conferência da Família Franciscana do Brasil, ambos como secretária.







**IGREJA E A
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
DOCTRINA SOCIAL
DA IGREJA**

IGREJA E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

INTRODUÇÃO

A Doutrina Social da Igreja (DSI) é o conjunto dos ensinamentos da Igreja Católica constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas e bispos, inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da visão pastoral acerca da organização social e política dos povos e das nações. É um convite à ação. A finalidade da DSI é "levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena", e está sistematizada no Compêndio da Doutrina Social da Igreja publicado em 2004.

Canto: Daqui do Meu Lugar – Padre Zezinho

1. Daqui do meu lugar, eu olho teu altar,
E fico a imaginar aquele pão, aquela refeição.
Partiste aquele pão e o deste aos teus irmãos,
Criaste a religião do pão do céu, do pão que vem do céu.
Somos a igreja do pão.
Do pão repartido e do abraço e da paz (bis).
2. Daqui do meu lugar, eu olho teu altar,
E fico a imaginar aquela paz, aquela comunhão.
Viveste aquela paz, e a deste aos teus irmãos.
Criaste a religião do pão da paz, da paz que vem do céu.
Somos a igreja da paz.
Da paz partilhada e do abraço e do pão.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=gH4JHBUtkiI>

OBJETIVO

Refletir em fraternidade o que é a Doutrina Social da Igreja e o que ela implica na nossa vida Franciscana.

Pensar qual o nosso papel enquanto seguidores/as de Jesus de Nazaré ao modo de São Francisco e Santa Clara como membros de uma Igreja em saída.

MATERIAL NECESSÁRIO

Cruz de São Damião ou outro crucifixo, Bíblia, Fontes Franciscarianas, Vela, Colcha de retalhos ou outro tecido colorido, Imagem de pessoas em várias situações da vida ou instrumentos que simbolizem o trabalho humano (enxada, foice, livro, luva, colher de pedreiro, dentre outros) e uma planta.

AMBIENTAÇÃO

Colocar o tecido no chão, coloque a cruz no centro, nos pés da cruz do lado direito a Bíblia e do lado esquerdo as Fontes. Acima da cruz a vela e em volta de tudo as imagens ou instrumentos de trabalho. A planta em local próximo a tudo desde que não atrapalhe a visibilidade dos participantes.

ACOLHIDA

Alguns/as jovens se vestem de trabalhadores/as representando as profissões de seus pais e mães, e acolhem a todos com um abraço e saudação de paz e bem.

VER

"Não cabe aos pastores da Igreja intervir diretamente na construção política e na organização da vida social. Essa tarefa faz parte da vocação dos fiéis leigos, que agem por própria iniciativa com seus concidadãos... Terá sempre em vista o bem comum e se conformará com a mensagem evangélica e com a doutrina da Igreja. Cabe aos fiéis leigos "animar as realidades temporais com um zelo cristão e comportar-se como artesãos da paz e da justiça" (SRS 42). (CIC §2442).

Dirigente: Reflitamos o texto do nosso irmão bispo de Jales, Dom Reginaldo Andrieta, que nos fala dos Princípios Fundamentais da Doutrina Social da Igreja:

Muitos sabem que a Igreja Católica possui uma Doutrina Social. Poucos, porém, a conhecem. Em que consiste? Ela contém seis princípios fundamentais: a dignidade da pessoa humana, a primazia do bem comum, a destinação universal dos bens, a primazia do trabalho sobre o capital, a subsidiariedade e a solidariedade.

A tradição judaico-cristã trata cada ser humano como filho e imagem de Deus, enfatizando sua infinita dignidade, da qual derivam direitos. Por isso, todas as instituições da sociedade devem colocar-se a serviço dos direitos de cada e de todas as pessoas, tratando-as com igualdade. Deste modo, uma sociedade só pode ser justa se respeitar a dignidade da pessoa humana. De igual maneira, a dignidade da pessoa humana só pode ser alcançada por meio de uma sociedade justa.

Da dignidade e igualdade de todas as pessoas deriva a primazia do bem comum. Tudo se destina ao bem de todos, sem distinção. Por isso, tudo tem uma função social e todos devem estar a serviço da coletividade. Ninguém está isento de colaborar para o bem comum, o qual implica a destinação universal dos bens. Disso decorre a afirmação do Papa João Paulo II, na Encíclica sobre o Trabalho Humano: “sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social”.

João Paulo II fala sobre a antinomia entre trabalho e capital: “não se trata, como é evidente, apenas de conceitos abstratos e de forças anônimas que agem na produção econômica. Por detrás dos dois conceitos há homens vivos e concretos. De um lado, aqueles que executam o trabalho sem serem proprietários dos meios de produção; e do outro lado, aqueles que desempenham a função de patrões e empresários e que são os proprietários de tais meios”. Para o Papa, a propriedade dos meios de produção só é legítima na medida em que serve ao trabalho.

O mesmo Papa diz que às instâncias superiores de poder não devem se atribuir o desempenho daquilo que as instâncias inferiores podem melhor realizar. O dever das instâncias superiores é um dever supletivo, de coordenação e promoção da iniciativa e da criatividade das instâncias inferiores. Este princípio da subsidiariedade é fonte de vitalidade para instituições e movimentos que expressam maturidade democrática, libertos do controle estatal.

Cada um cresce em valor e dignidade na medida em que investe suas capacidades na promoção do bem comum de forma solidária. Esse princípio vale para todas as relações: entre homem e mulher, pais e filhos, grupos sociais, níveis de poder, e mundo desenvolvido e subdesenvolvido. Hoje, se fala também de forma mais lúcida sobre a interdependência e a solidariedade entre o ser humano e a natureza: o ser humano se valoriza na medida em que preserva e promove a natureza. Esta, protegida e preservada, oferece-lhe melhor qualidade de vida.

Em suma, a Igreja vê no ser humano a imagem vivente de Deus que se encarnou em Jesus Cristo para mostrar como o ser humano pode viver a plenitude de sua humanidade. A respeito de Cristo, conforme diz o teólogo João Batista Libânio, “tão humano assim, só poderia ser Deus”. Cada ser humano é vocacionado a viver de maneira digna, não como coisa, mas como alguém. O padre belga, Joseph Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica (JOC), dizia aos jovens trabalhadores de seu tempo: “Vocês não são bestas, nem máquinas; vocês são filhos e filhas de Deus”.

A Doutrina Social da Igreja manifesta, enfim, que o ser humano tem uma vocação sublime: viver de maneira digna e feliz, orientando-se por uma autêntica humanização. Assim seja!

Fonte: <http://diocesedejales.org.br/principios-fundamentais-da-doutrina-social-da-igreja/>

ILUMINAR

Canto: Anistia – Pe. Zezinho

1. Quero o céu aqui na terra mas não tenho ilusão
O mistério não se encerra com qualquer revolução.
Quero a morte da cobiça e a vitória sobre o mal
Quero o fim das injustiças quero o mundo mais igual.
Mas entendo que é preciso caminhar sem desenganos
E chegar sem prejuízo de qualquer direito humano...
2. Quero o mundo libertado sem caminhos de opressão
Quero o rico angustiado com a fome dos irmãos.
Quero o pobre interessado no seu próprio bem estar
Mas sem ódio ou revoltado e sem ganas de matar.
3. Quero ver a minha gente. Dar valor ao verbo ser
Quero ver meu continente repartindo o verbo ter.
Quero as ideologias respeitando a dissensão
Quero ver as utopias assentando os pés no chão.

Palavra de Deus: Ler Lucas 4,14-22

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK NO YOUTUBE:
<https://www.youtube.com/watch?v=mR9gl2m67ag>



A vida humana é o centro da atenção de Deus nosso Pai que quis que o próprio Filho se fizesse pessoa humana como nós. Jesus se fez homem para cumprir uma tarefa que era anunciar o Reino de Deus no meio de nós. O Reino exige implicações e compromissos com o outro. Mas Deus unge e prepara a todos/as para essa difícil tarefa. Depende de nós deixarmos que esse compromisso social se cumpra na nossa vida como foi na vida de Jesus de Nazaré. Nossa vocação de viver o Evangelho em fraternidade exige que caminhemos sempre em direção ao outro. Principalmente com os mais sofridos, pobres e abandonados. O Evangelho é exigente. Jesus nos dá tudo, mas também exige tudo para cumprirmos a tarefa de implantar o Reino de Deus no meio de nós. Não basta ser cristão/ã na igreja, é preciso ir além. O Evangelho é o ponto de partida para nosso agir social.

AGIR

Fato da Vida:

Felipe nasceu em família pobre que migrou da zona rural para zona urbana. Seus pais, Teresa e Bartolomeu, eram donos de um pequeno sítio e então viviam do sustento do mesmo. Como as coisas pioraram, decidiram vender sua terra para um grande fazendeiro do entorno que cultivava cana de açúcar em sua propriedade. Felipe é o quinto filho de sete irmãos. A chegada à cidade não foi nada fácil, e o dinheiro só dava para comprar uma casinha na periferia. A mãe muito devota e o pai muito piedoso logo trataram de saber onde era a igreja. No bairro havia uma capela pequenina de Nossa Senhora de Guadalupe (padroeira da América Latina). As missas aconteciam uma vez por semana e quem atendia a comunidade eram frades franciscanos. Com tantos meninos para cuidar, a mãe não tinha tempo para muita coisa, porém depois de uma missa, um grupo de mulheres a convidou para participar dos círculos bíblicos semanais do grupo das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. No começo ela hesitou, mas só foi participar do primeiro e daí em diante não faltou mais. O pai Bartolomeu, como só sabia trabalhar com a terra, teve de procurar trabalho na roça e acabou encontrando uma vaga na fazenda do mesmo homem que comprou sua terra. As crianças foram para a escola, porém os filhos mais velhos tiveram de abandonar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da casa. Felipe sempre foi muito bom nos estudos e era um orgulho para todos. Todos passaram pela catequese na Capela de Guadalupe e foram catequizados por Seu Geraldo, um homem negro de cabelos grisalhos e fé inabalável. Felipe, após a catequese, entrou em um grupo de adolescentes e logo estava no grupo de jovens. No colégio colaborou para a organização do grêmio estudantil e começou a lutar por melhorias na escola. Começou a trabalhar numa indústria da cidade para conseguir pagar os materiais da faculdade de Serviço Social que desejava cursar na universidade pública. No primeiro ano de trabalho, entrou para o sindicato e começou a debater melhorias para as condições de trabalho de sua categoria. Dialogava e lutava muito pelos seus companheiros e companheiras de trabalho. Passou no vestibular e começou a cursar Serviço Social. Queria ser assistente social. Logo entrou para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade. Levantou muitas bandeiras e travou lutas contra a injustiça social. Logo no primeiro ano após se formar, se filiou a um partido político e disputou as eleições para prefeito da cidade. Foi o prefeito mais jovem do estado. No seu governo aconteceram muitas políticas sociais e as diferenças começaram a diminuir. Atualmente Felipe é deputado estadual.

CELEBRAR

Em grupos de três pessoas vamos conversar sobre o que escutamos até aqui e partilhar o que vamos fazer de ação para viver o Evangelho na vida cotidiana.

MOTIVAÇÃO FINAL

Nossa época exige que nos dediquemos a um mundo melhor ou não sobreviveremos. Participar ativamente das decisões políticas é uma tarefa que nos é exigida. Todos temos que participar de conselhos de políticas públicas, do sindicato, da associação de moradores/as, da vida política, incluindo os partidos, dos movimentos populares e da defesa do meio ambiente, por exemplo, e nestes espaços sermos sal e luz, como cristãos/ãs comprometidos/as. O Evangelho nos impele a isso.

Como sugestão para o aprofundamento, a Fraternidade ou os/as jufristas podem adquirir e estudar o DOCAT – Como Agir? A Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem, um material incentivado pelo Papa Francisco: <http://www.youcat.org.br/docat-a-doutrina-social-da-igreja-catolica-para-os-jovens/>

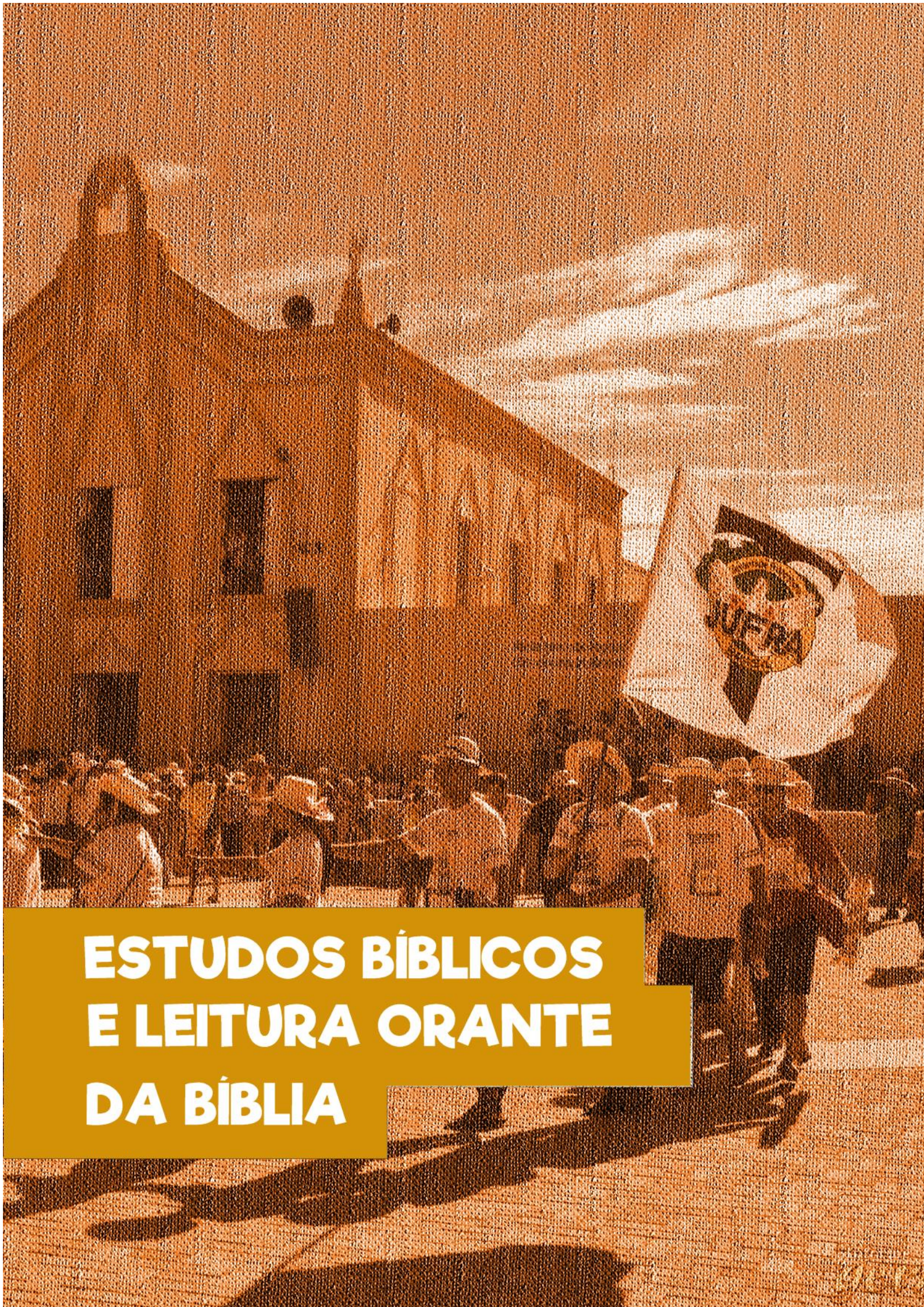
"Eu tenho um sonho: espero que um milhão de jovens, mais ainda, que uma geração inteira, seja, para os seus contemporâneos, uma Doutrina Social em movimento." (Papa Francisco)



Gilberto Donizete Ribeiro, reside em Passos/MG, Assistente Social, professo na Ordem Franciscana Secular, Fraternidade Fonte Colombo (Franca /SP).







**ESTUDOS BÍBLICOS
E LEITURA ORANTE
DA BÍBLIA**

ESTUDOS BÍBLICOS E LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

INTRODUÇÃO

O fundamento da vida espiritual cristã caracteriza-se essencialmente pelo encontro com Jesus Cristo, que nos chama a segui-lo. Conhecer as Sagradas Escrituras para crescer no amor de Cristo, apresenta-se como uma resposta fiel a este convite. (Verbum Domini 72)

Francisco escreve em seu testamento demonstrando sua íntima relação com a palavra de Deus: "E depois que o Senhor me deu irmãos, o Senhor mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho" (4,14). Em todas as crônicas, lendas e biografias, vemos o quanto a Bíblia estava presente na vida do pobrezinho de Assis. Dessa forma, o jovem franciscano também é chamado a manter esta firme relação como fonte para se tornar participante da natureza divina, entrando em comunhão com a Santíssima Trindade (Dei Verbum, 2). Em um bilhete a Frei (Santo) Antônio, Francisco pede-lhe que ensine a sagrada teologia aos frades, entretanto que o espírito da santa oração e da devoção não seja minado. Dessa forma também deve ser o estudo da Palavra de Deus, como forma de conhecer e crescer no amor de Cristo.

Dentre as formas e modelos conhecidos, tem sido resgatada na Igreja a prática da lectio divina (leitura orante da bíblia) que "é verdadeiramente capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva" (VD 87). Com essa prática, o jovem franciscano tem a possibilidade de estudar e orar, individualmente e também em fraternidade, a Palavra de Deus e assim, semelhante a Maria, conservar e meditar todas as coisas em seu coração (cf. Lc 2,19).

OBJETIVO

Proporcionar aos jovens e à fraternidade uma experiência de estudo e a prática da leitura orante da Bíblia, de forma aprofundar o diálogo com Deus através de sua Palavra e ressaltar a importância da leitura assídua das Sagradas Escrituras.

MATERIAL NECESSÁRIO

Cruz de São Damião, Imagens de São Francisco e Santa Clara, Velas, Folhas de papel, canetas/lápis, bíblias em número suficiente para todos os participantes.

AMBIENTAÇÃO

Colocar em evidência a bíblia, a cruz, os demais símbolos franciscanos e dispor as velas. Com as cadeiras em círculo, ou assentados no chão, o ambiente deve inspirar o recolhimento, a calma, evitando ao máximo as possíveis distrações. Se conveniente, fazer uso de almofadas/travesseiros para que os irmãos e irmãs possam se acomodar de forma mais tranquila.

ACOLHIDA

Cada jovem deve ser acolhido de maneira descontraída e fraterna, evidenciando a alegria do (re)encontro. Entregar papel e canetas/lápis aos participantes para que possam escrever e registrar as inspirações, resultados e até mesmo as dificuldades vivenciadas com o exercício da leitura orante.

Refrão Contemplativo: "Ó luz do Senhor, que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós". (3x)
Invocar auxílio ao Espírito Santo através de canção ou oração.

VER

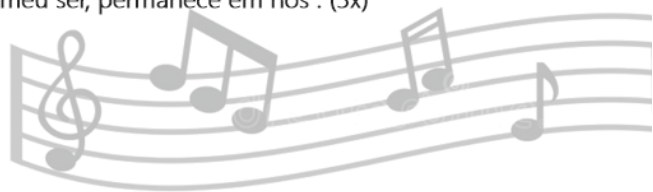
Embora consista em um método no qual predomina a ação individual, o exercício da leitura orante da bíblia nas fraternidades nos desloca para a dimensão coletiva e do diálogo com a Santíssima Trindade.

Desvendar a Palavra de Deus em comunidade faz nascer nas pessoas "uma relação de gratidão e gratuidade; abre os nossos ouvidos e nossos olhos; concede a grandeza de sermos filhas e filhos de Deus; renova a disposição de servir; concede alma aos nossos gestos e palavras, amacia o coração e solta a nossa língua, enviando-nos em missão" (Doc. 97 da CNBB). Esta prática coletiva, guiada pelo Sagrado Magistério, nos insere numa comunhão eclesial, superando abordagens e interpretações individualistas, fundamentalistas ou ideológicas.

Textos propostos para a Leitura Orante da Palavra de Deus:

Mateus 5, 13-16. João 15, 12-17. Filipenses 4, 4-9. I João 3, 13-20.

O moderador deve ler o texto em voz alta e com calma. Depois de um breve momento em silêncio, cada irmão deve iniciar a leitura orante individualmente. Priorizando a leitura atenta e pausada, "mastigando" cada frase e cada diálogo com atenção e quantas vezes forem necessárias. Cabe ao moderador motivar os presentes a procurar identificar coisas



importantes como as ações, as imagens usadas e as personagens. Enfim, reportar-se para o ambiente, vivenciando os acontecimentos.

É oportuno ressaltar que cada passo/degrau vivenciado nessa prática de leitura orante deve ser realizado de maneira natural e tranquila, procurando uma transição fluida entre os passos, evitando rigidez.

ILUMINAR

A contemplação consiste em meditar o texto lido, extraindo pequenas frases ou palavras e deixando que elas penetrem em nossos corações. Concentrar-se nessas palavras, mas não transformar tal experiência em uma busca de significados e interpretações. Deve ser um passo para escutar e meditar o que Deus tem a falar e gravar sua mensagem. Neste exercício, as perguntas predominantes são: O que Deus está me falando? Como esta mensagem se ajusta à minha realidade? Se oportuno, os participantes podem fazer conexões do texto lido com outros textos bíblicos, ampliando o horizonte para a mensagem.

À medida que lemos e meditamos a Palavra, naturalmente desembocamos num diálogo. O que o texto me faz dizer a Deus? Na prática da leitura orante, os irmãos e irmãs (individualmente ou em grupo) são convidados ao passo da oração, na qual há uma resposta através de súplicas e louvores. Os salmos constituem uma rica coleção que podem servir de auxílio nessa etapa.

AGIR

Em sua Regra não Bulada, Francisco nos convida: "Observemos, portanto, as palavras, a vida e a doutrina, o Santo Evangelho daquele que se dignou rogar por nós a seu Pai e manifestar-nos o seu nome" (22,41).

Na história da Salvação, vemos que a relação comprometida com a Palavra impulsiona a promoção dos valores humanos e o compromisso social. Essa relação "gera a conversão pessoal, da qual nascerá a conversão pastoral e, conseqüentemente, o testemunho eloquente ou o 'fermento na massa' em vista da transformação da sociedade" (Doc. 97 da CNBB).

O último degrau da leitura orante é este: conservar a Palavra de Deus na vida. Que cada participante possa escrever um compromisso para a vida a partir da vivência dos passos anteriores.

CELEBRAR

A prática pode ser encerrada com a recitação coletiva da oração escrita pelo Pai Seráfico: "Onipotente, eterno, justo e misericordioso Deus, dai a nós, miseráveis, fazer, por vós mesmo, o que sabemos que vós quereis, e sempre querer o que vos aprez, para que, interiormente purificados, interiormente iluminados e acesos no fogo do santo espírito, possamos seguir os vestígios do vosso dileto Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, e chegar só por vossa graça a vós, Altíssimo, que na Trindade perfeita e na Unidade simples viveis e reinais e sois glorificado, Deus onipotente, por todos os séculos dos séculos. Amém". (São Francisco na Carta a toda Ordem)

Música: Oração pela Paz

1- Cristo, quero ser instrumento/ de tua paz e do teu infinito amor.
Onde houver ódio e rancor,/ que eu leve a concórdia, que eu leve o amor!

Refrão: Onde há ofensa que dói,/ que eu leve o perdão;/
onde houver a discórdia,/ que eu leve a união e tua paz!

2- Mesmo que haja um só coração,/ que duvide do bem, do amor e da fé.

Quero com firmeza anunciar/ a Palavra que traz a clareza da fé! (Refrão)

3- Onde houver erro, Senhor,/ que eu leve a verdade, fruto de tua luz!

Onde encontrar desespero,/ que eu leve a esperança do teu nome, Jesus! (Refrão)

4- Onde eu encontrar um irmão/ a chorar de tristeza, sem ter voz e nem vez.

Quero bem no seu coração/ semear alegria, pra florir gratidão! (Refrão)

5- Mestre, que eu saiba amar,/ compreender, consolar e dar sem receber./

Quero sempre mais perdoar,/ trabalhar na conquista e vitória da paz! (Refrão)

MOTIVAÇÃO FINAL

No Documento da JUFRA "Luzes para nossa Juventude", elaborado durante o I Seminário Nacional de AE e DHJUPIC, a JUFRA define como pistas para a dimensão bíblico-pastoral das fraternidades a Leitura Orante da Bíblia; as Celebrações e Ofícios Divinos; os Cursos e Círculos Bíblicos; e os Estudos dos Documentos da Igreja à luz do Concílio Vaticano II e dos Documentos do CELAM (Conferência do Episcopado Latino-americano).

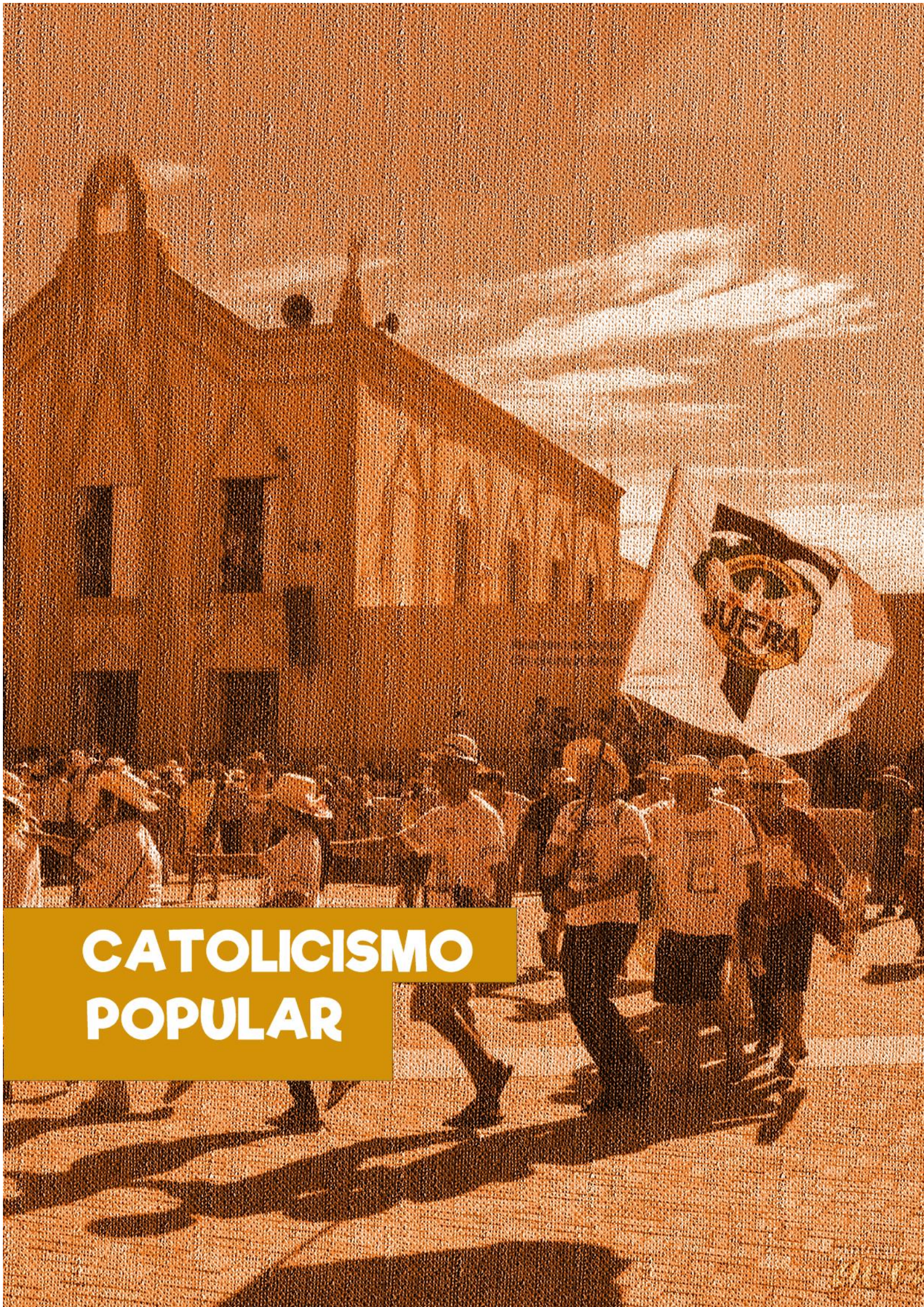


Dessa forma, assim como o etíope teve sua vida transformada pelo encontro com a Palavra e vibrou de alegria (cf. At 8,39), o jovem franciscano é chamado e perseverar na prática individual da leitura orante da bíblia, bem como motivar o estudo bíblico nas fraternidades. Se oportuno, participar também de círculos bíblicos e outras iniciativas eclesiais de animação pastoral, transformando nossa vida numa contínua missão e num permanente diálogo com a Palavra, “passando da vida ao evangelho e do evangelho à vida” (Regra da OFS, 4).



Muhammed Hochay da Costa Araújo, membro da Juventude Franciscana (JUFRA) e potiguar, natural de Mossoró/RN. Sua oferta e serviço o levou a estar frente a algumas secretárias nas fraternidades local, regional e nacional. Sua formação técnica em eletrotécnica e seus estudos acadêmicos em Ecologia, permite que ele tenha um pé nas ciências exatas e nas ciências da vida, passando pelas ciências humanas. Embora não costume escrever crônicas, se define como curioso e costuma observar atentamente o cotidiano, refletindo sobre a realidade que o cerca.





CATOLICISMO POPULAR

CATOLICISMO POPULAR

MATERIAL NECESSÁRIO, AMBIENTAÇÃO E ACOLHIDA

Prepare uma mesa que lembre altar, devidamente ornamentada com uma toalha e flores, e coloque sobre ele algumas imagens ou estampas de santos ou de Nossa Senhora e objetos de culto (terço, livros antigos de reza, velas). Tenha à disposição algumas folhas de papel e lápis ou caneta.

OBJETIVO

Neste encontro vamos refletir sobre as formas de culto e crenças que fazem parte da vida da população católica do Brasil mas não fazem parte do culto oficial da Igreja. Por isso essas formas são chamadas de catolicismo popular.

Certamente vocês conhecem muita coisa sobre esse tema, mas raramente pararam para refletir. Por isso, podem gastar bastante tempo ao responder cada questão colocada em destaque.

INTRODUÇÃO

Para entender o catolicismo popular é preciso recordar a história social do Brasil. Os grandes proprietários de terra e os comerciantes das cidades recebiam assistência religiosa dos padres, mas a grande maioria da população pobre – índios destribalizados, camponeses sem-terra, negros que se livraram da escravidão – abandonou a religião de seus antepassados ao se converter ao catolicismo, mas só raramente recebia a assistência dos padres. Então esses grupos que ficaram à margem da sociedade dos ricos e poderosos só conservaram aqueles ritos católicos que dispensavam a participação do padre, porque podiam ser conduzidos pelos próprios devotos e devotas. São, por exemplo: a reza do terço, as romarias, folias e procissões. Um autor assim resumiu essa realidade: “muita reza, pouca missa; muito santo, pouco padre”.

Convidar os/as irmãos/ãs a escreverem no papel a lista de ritos católicos que conhecem ou ouviram falar

VER

Vejam em primeiro lugar quem são os personagens mais importantes desses ritos religiosos. Os estudos dizem que são os santos e santas, tal como são entendidos na concepção popular. Quando o povo fala de santa pode se referir a uma santa reconhecida pela Igreja, como Sta. Rita ou Sta. Luzia, pode se referir a Nossa Senhora em seus diversos títulos – N. Sra. Aparecida, das Dores, do Carmo e tantas outras – e também a mulheres que deram exemplo de vida, como Nhá Chica, a beata Maria Araújo, a menina Isildinha e tantas outras de devoção local. O mesmo vale para os santos. Santo é aquele reconhecido oficialmente pela Igreja – como S. José, S. Sebastião, S. Francisco – mas pode ser também uma pessoa da SSma. Trindade – o Bom Jesus da Lapa, o Sagrado Coração, o Senhor Morto, ou o Divino Pai Eterno – e também homens que tiveram uma vida santa – como o Pe. Cícero, Pe. Eustáquio e o monge João Maria. Entende-se que os santos e santas são pessoas que podem proteger e ajudar os devotos porque estão no céu, junto de Deus. Além dos santos e santas existem outras entidades que recebem o culto popular, como os anjos e as almas. Em geral, cada santo ou santa e tem um rito que lhe é próprio, como a folia para o Divino, a fogueira de S. João ou o terço de N. Senhora. Para as almas também existem ritos próprios, como acender vela e visita ao túmulo.

Relacionar santos, santas e almas e os respectivos rituais que vocês conhecem.

Se vocês tiverem feito uma lista bem completa, perceberão que nela há dois tipos de relação entre devotos e santos. O primeiro são aqueles rituais que devem ser praticados quando se pede e recebe uma graça: são os votos ou promessas. Quem já foi a algum santuário certamente visitou a sala dos ex-votos: um lugar onde as pessoas deixam um objeto, uma foto, um quadro ou um recado em forma de agradecimento pela graça recebida. Quando vocês puderem, visitem uma sala de ex-votos e leiam os recados deixados. Vocês perceberão o que são as graças recebidas. Em geral, são cura de doença, não morrer em acidente, conseguir um casamento, gerar um filho, passar em concurso, construir a casa própria e vários outros fatos da vida de todo dia. Para quem tem dinheiro, esses fatos nada têm de especial, mas para quem é pobre ou sofre dificuldades financeiras, eles são vistos como verdadeiros milagres. Em situação de dificuldade, essas pessoas recorrem ao santo ou à santa de sua devoção na certeza de que eles não abandonam quem tem fé em seu poder.

A maioria dos atos de culto, porém, não traz embutido neles nenhum pedido especial. O devoto ou devota reza, coloca uma flor ou uma vela junto à imagem, participa da festa ou da romaria ao santuário simplesmente para agradar seu santo ou santa de devoção. É como a relação entre padrinho ou madrinha e afilhado/a: o santo sempre cuida de seu devoto, nem é preciso pedir ajuda. Por isso, quem tem devoção procura sempre agradar seu padrinho ou sua madrinha do céu.

A maioria dos atos de culto, porém, não traz embutido neles nenhum pedido especial. O devoto ou devota reza, coloca uma flor ou uma vela junto à imagem, participa da festa ou da romaria ao santuário simplesmente para agradar seu santo ou santa de devoção. É como a relação entre padrinho ou madrinha e afilhado/a: o santo sempre cuida de seu devoto, nem é preciso pedir ajuda. Por isso, quem tem devoção procura sempre agradar seu padrinho ou sua madrinha do céu.

ILUMINAR

Agora é o momento de refletir sobre nossa atitude em relação a essas práticas do catolicismo popular que vimos até aqui. Para iluminar a reflexão, leiam o Evangelho de Mateus 11, 25: "ocultastes essas coisas a sábios e entendidos e as revelastes aos simples".

O que é ocultado – e revelado – no catolicismo popular?

No primeiro exercício vocês devem ter elencado um conjunto de atos de culto que dispensam a participação do padre. Devem ter falado, então, que neles a celebração é conduzida por um rezador ou rezadora que anima o grupo. É ela quem puxa o terço, a ladainha, o hino, a oração, e define o momento de terminar. Pode até ser analfabeta, mas é uma pessoa que revela ter um saber religioso que faz dela uma liderança na comunidade. Com frequência esses rezadores e rezadoras são combatidos pelas autoridades eclesiais, que os consideram despreparados para a função ou até mesmo divulgadores de credulidades e superstições. Entende-se seu zelo pela doutrina correta e pela liturgia da Igreja; porém, provocados pelas palavras do Evangelho que lembramos acima, devemos perguntar: que boa mensagem é transmitida por meio desses rituais do catolicismo popular?

Vocês percebem naqueles rituais alguma mensagem do amor de Deus pelos pobres?
Apontem os sinais dessa mensagem amorosa que aqueles ritos transmitem.

No segundo exercício vocês buscaram identificar os personagens centrais do catolicismo popular: santos, santas e almas. À primeira vista, tem-se a impressão de que Deus fica longe do catolicismo popular. Embora Ele seja sempre a referência maior quando se diz: "se Deus quiser", "Deus é mais", "Graças a Deus", ou "acima dele só Deus", na prática religiosa o lugar principal é ocupado pelo santo ou pela santa. Esse fato leva muitos evangélicos a acusarem os católicos de "idolatria", como se os santos fossem mais importantes do que o próprio Deus. Novamente devemos nos deixar provocar pelas palavras de Jesus: o que o Pai quis esconder aos sábios e revelar aos simples, por meio de seus santos e santas? Se Deus é o Mistério que só se pode contemplar por meio de comparações sempre imperfeitas, não seriam os santos e santas instrumentos que Ele usa para revelar-se seu rosto amoroso, misericordioso, materno? O Pe. José Comblin, grande estudioso desse assunto, dizia que o povo simples e sofrido tem dificuldade de reconhecer o Deus de Jesus num Deus Todo-poderoso, mas gosta muito de Nossa Senhora, mãe amorosa e protetora, na sua fragilidade de mulher. Talvez seja Ela uma imagem mais próxima do Pai de Jesus, do que aquele Deus distante que só parece interessado em punir os pecadores. Pensando nisso, façam mais um exercício de reflexão.

Seriam os santos e santas as formas populares com que o povo simples representa as misteriosas Pessoas da Santíssima Trindade?

Esses exercícios de reflexão devem ter ajudado vocês a verem com simpatia o catolicismo popular. Foi com essa intenção que eles foram propostos: que refletindo sobre as práticas e crenças do povo, e tendo como iluminação o Evangelho de Mateus 11, 25, vocês descobrissem o que o Pai quis revelar às pessoas simples na forma religiosa que elas conseguem entender.

Diante disso, fica a pergunta: como se comportar diante do catolicismo popular?

AGIR

Pessoas que têm um nível elevado de instrução e de conhecimento da teologia tendem a fazer muitas restrições ao catolicismo popular. Suas práticas e crenças parecem ser tão distantes do que a Igreja ensina, que muita gente se refere a elas como religiosidade popular. Como se não fossem práticas e crenças verdadeiramente religiosas... Será que isso não acontece também com vocês, que recebem uma formação religiosa mais apurada?

É chegado o momento de fazer uma boa revisão nas suas concepções e nas suas atitudes, buscando os sinais de desprezo ou até de zombaria em relação ao catolicismo popular. A cultura dominante no Brasil incute em nós o desprezo pela cultura e pelas religiões populares, ao afirmar que nosso povo é "ignorante" ou "pouco educado". Mas se queremos ter uma atitude positiva em relação ao nosso povo, precisamos nos livrar desses preconceitos infundidos pela cultura dominante e olhar com simpatia seu catolicismo e sua cultura. Essa atitude de simpatia pelo catolicismo popular não significa cair no extremo oposto de rejeitar o catolicismo oficial da Igreja: podemos e devemos nos aproximar do catolicismo popular – e de outras religiões – sem negar o valor da forma religiosa que nos dá identidade. O Concílio Vaticano II, e especialmente a Conferência dos Bispos da América Latina, em Medellín, reconheceram esse desafio pastoral e pediram à Igreja que olhe com bondade o catolicismo popular para que ele se aproxime mais do Evangelho.

CELEBRAR

Atendendo essa conclamação dos nossos bispos, vamos encerrar este encontro com uma prece que torne presente o catolicismo popular. Uma prece à escolha do grupo, de preferência que seja alegre e confiante no Amor de Deus pelos simples.

Um texto de introdução às religiões populares pode ser encontrado em: BEOZZO, J.O.: Curso de Verão, Paulinas,



Pedro A. Ribeiro de Oliveira, nasceu e reside em Juiz de Fora/MG. Sociólogo, foi professor nos PPG de Ciências da Religião da UFJF e PUC-Minas. Membro do ISEER-Assessoria, da Coordenação do Movimento Nacional Fé e Política, e da Escola de Teologia da Prelazia de São Félix do Araguaia. Assessor de CEBs.





ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

A ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos nossa conversa sobre o tema proposto, o ideal é que tenhamos sempre presente a seguinte afirmação: a Igreja não é uma simples Instituição Hierárquica formada pelo papa, bispos e padres, mas sim, uma comunidade de fiéis, animada pelo Espírito Santo, que vive a sua fé no cotidiano de sua existência, entre luzes e sombras. "Povo reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Lumen Gentium – LG, 4). "Caminhando por meio de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a ação do Espírito Santo, não cesse de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso". (LG 9)

A era cristã inicia-se com a chegada de Jesus, tempo em que o Império Romano após séculos de expansão, vivia sua fase de consolidação (mantida por meio da opressão e submissão dos povos conquistados). Jesus Cristo veio para "evangelizar os pobres, para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4, 18-19), ou seja, veio para anunciar e instaurar o Reino de Deus, cumprindo todas as profecias do Antigo Testamento, veio para cumprir a vontade de Deus, que é reunir todos os seus filhos e filhas em sua comunhão, que dela estavam excluídos desde a queda de Adão e Eva.

É nesta perspectiva do anúncio e da instauração definitiva do Reino de Deus que acontece e deve ser compreendida a instituição e organização da Igreja, que como diz o Concílio Vaticano II: "a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG 1).

Após a morte e ressurreição de Jesus, especialmente após Pentecostes, os apóstolos inseridos na história, nos acontecimentos de seu tempo e de forma gradual foram assimilando e assumindo em suas próprias vidas o anúncio do Evangelho e do Reino de Deus, ou seja, com o auxílio do Espírito Santo, entenderam como sendo agora de responsabilidade deles a missão de Jesus, passaram então, a ser símbolo das doze tribos de Israel e o fundamento da Igreja.

Com o passar do tempo e a constatação de que a segunda vinda de Jesus (parusia) e instauração definitiva do Reino de Deus, não seria tão rápida como eles pensavam e esperavam, surgiu a necessidade de uma maior organização entre as comunidades cristãs já existentes. Foi então, que foram sendo criados e instituídos os mais diversos ministérios e serviços que chegaram até os nossos dias.

OBJETIVO

Perceber e compreender que a Igreja não é simplesmente uma instituição sobrenatural e hierárquica, mas sim uma comunidade de fiéis, divina e humana, impulsionada pelo Espírito Santo, imagem da Santíssima Trindade, que surge, se desenvolve e se concretiza na história da humanidade, em prol da Salvação de todo o gênero humano.

MATERIAL NECESSÁRIO

Uma cópia do texto que vai ser refletido para cada um dos participantes, cada participante levar Bíblia, caderno e caneta; se possível uma cópia da Lumen Gentium para consulta.

AMBIENTAÇÃO

Um crucifixo, imagem de São Francisco e de Santa Clara, velas, vasos com plantas, tecidos. Usar a criatividade

ACOLHIDA

Desenvolvimento: Pedir a todos que se apoiem em um pé só, onde (Que tal substituir este termo? "Com o qual", por exemplo, seria mais adequado. "Onde" nos dá a ideia de lugar.) deverão dar um pulo para frente sem colocar o pé no chão, um pulo para direita, e para esquerda, abaixar-se e levantar. (Muitos iram desequilibrar e cair). Em seguida, formem duplas, apoiem-se um no outro, e repitam o mesmo exercício.

Lição: Uma das principais características da Igreja é ser e viver em comunidade. Não podemos seguir sozinhos; é necessário apoiar-se um no outro e fazer o caminho como comunidade. Segundo a Lumen Gentium 4, a Igreja é o "Povo reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Conclusão: Todos dão as mãos para dançarem uma Ciranda, com a canção: Momento Novo

VER

A encarnação de Jesus – quando a Igreja nos fala da vida concreta de Jesus de Nazaré, dos acontecimentos de seu tempo, quer afirmar e deixar claro que a encarnação do Verbo não foi um faz de conta, que ele verdadeiramente assumiu a carne humana, vivenciou experiências humanas com suas frustrações e alegrias (exceto o pecado), que foi um homem inserido e comprometido com as necessidades de seu tempo. Nesse sentido, a Igreja, que desde os seus primeiros passos assumiu em seu modo de ser a missão de Jesus, não pode ser compreendida e muito menos existir fora da história da humanidade, sem ocupar-se da vida e do bem dos homens e mulheres de seu tempo e do cuidado com toda a criação.

Pedro e Paulo – impossível falar da Igreja, da forma como surgiu e como vem se organizando no correr dos tempos, sem fazer referência a estas duas importantes e fundamentais figuras. Pedro foi o grande responsável pelo anúncio da mensagem cristã entre os judeus, já Paulo assegurou a difusão do cristianismo no meio pagão e garantiu a verdade do Evangelho e a liberdade cristã. Graças ao árduo trabalho missionário de Paulo, o cristianismo ultrapassou as fronteiras do judaísmo e tornou-se uma religião universal. Sem todo esse esforço, possivelmente o cristianismo teria sido apenas uma “seita” ligada ao judaísmo.

Hierarquia – O sentido do termo hierarquia está na referência aos ministérios instituídos desde os tempos apostólicos, que desmembram-se em três graus (bispo, presbítero e diácono) e ordenam-se, organizam-se de forma hierárquica. Segundo Kehl (1997), é preciso evitar a transposição dessa escala de supremacia e subordinação (presente na organização dos ministérios) para a comunidade no seu conjunto, como se em princípio ela se colocasse diante do ofício ministerial numa relação de subordinação a um “poder sacro”. De acordo com as Sagradas Escrituras, esse tipo de relacionamento existe somente para com Cristo, o único “mestre” de seus discípulos e a única cabeça do seu corpo.

Serviço – Um só é o Espírito que anima e conduz a Igreja, mas muitos e diferenciados são os carismas e dons suscitados pelo Espírito Santo no seio da comunidade. A diferença não deve ser motivo de desunião, mas sim, fator que contribui concretamente para unidade e fortalecimento da vida em comunidade. . Independentemente de qual seja a função que se exerça dentro da organização da Igreja, esta deve ser assumida e vivida como um serviço em função do Reino de Deus e do bem do próximo.

O Evangelho de Jesus segundo João em seu capítulo 13, 1-20, narra a cena do lava-pés em que Jesus deixa claro que ele, o mestre, é o primeiro a se colocar a serviço de todos, então, aqueles que se dizem seus discípulos e seguidores devem seguir o seu exemplo e tornarem-se servos e servidores uns dos outros.

ILUMINAR

- João 13, 1-20;
- Atos dos Apóstolos 1, 6-11; 2, 1-13; 2, 42-47;
- I Coríntios 12, 1-11;
- Lumen Gentium 1 a 12
- Escritos e Fontes Franciscanas: Admoestações 26, 11; Legenda Maior IV 3; VI 5; Testamento 26, 1-13; Testamento de Sena.

AGIR

- Em fraternidade, realizar estudo sobre a Lumen Gentium;
- Em fraternidade, participar das assembleias paroquiais;
- Participar com assiduidade e espírito franciscano das atividades pastorais da paróquia e da diocese.

CELEBRAR

Escolher um dos dois textos: João 13, 1-20 ou Testamento de Sena. Vivenciar um momento de deserto e oração pessoal a partir do texto escolhido e ao final (motivados por cânticos apropriados) retornar para grupo e partilhar impressões e sentimentos que ficaram a partir do colóquio com o Senhor no deserto. Finalizar o momento celebrativo rezando o Pai Nosso e com o abraço da paz acolher o irmão ou irmã, reafirmando o compromisso de, a partir do carisma franciscano, viver o Evangelho, na Igreja, a serviço do Reino de Deus.

MOTIVAÇÃO FINAL

Francisco de Assis sempre demonstrou respeito, veneração, fidelidade e amor pela Igreja, como também, aconselhava seus irmãos a fazerem o mesmo, a agirem da mesma forma. Os Escritos de Francisco e as Fontes Franciscanas estão recheados de citações que comprovam a afirmação anterior, que desvelam a intimidade e a relação do pobrezinho de Assis, para com a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nós, franciscanos, somos herdeiros e responsáveis diretos por esse grandioso tesouro da espiritualidade franciscana, que é o amor e cuidado que Francisco sempre nutriu pela santa mãe Igreja. Devido à fragilidade humana, carregamos esse tesouro, como que em vasos de barro. O texto da Legenda Maior VI 5, mostra que Francisco queria que seus irmãos assumissem as menores e menos importantes funções dentro da Igreja, era agindo assim que deveriam dar frutos para o Reino de Deus.

Eis o desejo de Francisco, que nasceu do mais profundo de seu ser, de sua intimidade com o Senhor, que mesmo após 800 anos de sua existência chega até nós com a mesma vitalidade do passado, o ser menor no seio da Igreja. Somente sendo menores, vivendo de forma simples e comprometida o carisma franciscano na Igreja e no mundo é que daremos frutos para o Reino de Deus.

Referências Bibliográficas

- *Bíblia de Jerusalém*. Edições Paulinas. 7ª edição, 1980.

- *São Francisco de Assis: Escritos e biografias*. Editora Vozes, 4ª edição, Petrópolis – RJ, 1986.

- MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1987.

Constituição Dogmática Lumen Gentium Disponível em:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acessado em: 10/01/2017.



José Landes Marinho Soares, natural de Canindé/CE, residente em Paulista/PE, bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza, bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco, atualmente está como catequista de crisma na comunidade Jesus Redentor.





**AS GRANDES OPÇÕES DA
IGREJA LATINO-AMERICANA
E CARIBENHA;
CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS**

AS GRANDES OPÇÕES DA IGREJA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA: AS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS (DOCUMENTOS DA IGREJA)

INTRODUÇÃO

Neste encontro, faremos memória de nossa caminhada enquanto Igreja Católica na América Latina e no Caribe. O objetivo será o de captar a mensagem presente nos grandes documentos das Conferências Episcopais de nosso Continente e ver como inspira a nossa vida. Identificaremos as grandes opções e interpelações de uma Igreja que, mesmo em meio a desafios diversos, busca ser fiel ao compromisso evangélico que “deve ser como o de Cristo”, buscando “ter os olhos em Cristo quando se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora” (João Paulo II).

OBJETIVO

É o momento certo de fazermos um resgate histórico da caminhada da Igreja na América Latina e no Caribe, tendo como referências as Conferências Episcopais realizadas em nosso Continente. Destacam-se, sobretudo, as Conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Antes, já tinham sido realizadas a Conferência do Rio de Janeiro (1955) e o Concílio Plenário Latino-Americano (1889). Temos a alegria de visitar a riqueza que brota de nossas raízes cristãs.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia e documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas e Caribenhas de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida; quadros ou imagens de Jesus Cristo; quadros ou imagens de São Francisco e Santa Clara; imagens de nosso povo reunido, rezando, meditando e dialogando; imagens de nosso povo pobre, sofrido e necessitado; imagens mostrando a disparidade entre riqueza e pobreza em nosso mundo.

AMBIENTAÇÃO

Colocar as cadeiras em forma de círculo, com os materiais acima descritos no meio do espaço ou do círculo, pois auxiliam o momento da acolhida e sobretudo do “ver”. Isto dará a dimensão de que ao olhar a realidade de nosso povo e do mundo, estaremos também nos vendo uns aos outros, dispostos a fazer a nossa parte por um mundo melhor, mais fraterno, justo e pacífico.

ACOLHIDA

“Acolher bem também é evangelizar”.

As pessoas são presenças indispensáveis em nossa caminhada. É importante acolhê-las com fraternidade, afeto e atenção, com cortesia e reverência, sem fazer diferença entre uns e outros, pois somos todos irmãs e irmãos. Este modo próprio de ser e de viver é para o mundo um sinal profético, ou seja, viver a fraternidade e testemunhá-la com nossas vidas.

VER

Coordenador/a – A mensagem das Conferências Episcopais Latino-americanas de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida só pode ser compreendida à luz do Concílio Vaticano II. Este Concílio afirmou que Jesus Cristo está no centro de nossa fé e que a Igreja é servidora, colocando-se no “coração” do mundo e não fugindo dele. Trata-se de uma Igreja que dialoga com o mundo e é muito atenta às realidades e às transformações que estão acontecendo. A presença da Igreja é entendida como um dom de Deus a serviço da humanidade. No início da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, lemos:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (n. 1).

Isto clareia muito o “ver” da Igreja, sempre em diálogo com o mundo em que se vive, em contato com as pessoas reais, vivendo em comunidades, Igreja de base, Povo de Deus, sempre pronta a servir.

Leitor 1 – Medellín não teve dúvidas em afirmar que era importante acompanhar as transformações da América Latina à luz do Concílio, olhando e examinando as situações históricas de nosso povo e captando ali quais eram as interpelações que Deus nos fazia e nos faz nos “sinais de nossos tempos”. Percebeu que havia muitas injustiças e muita desumanização; propôs, a partir do olhar da fé, uma evangelização e uma libertação que abrangessem o ser humano por inteiro (material e espiritualmente, pessoal, social e politicamente, corporal e psico-afetivamente), numa clara opção pelos pobres.

Leitor 2 – Puebla, por sua vez, coloca a “evangelização” como missão central da Igreja, sendo que esta continua a obra que Jesus começou. Esta missão evangelizadora acontece com os pés no chão, em meio aos desafios históricos, socioculturais e eclesiais em nosso Continente. Esta Conferência afirma com clareza a importância da “opção preferencial em favor dos pobres” e da “opção preferencial em favor dos jovens”, sempre promovendo a dignidade das pessoas e buscando a transformação da sociedade. Importa abrir caminhos de libertação para que a justiça e a paz prevaleçam.

Leitor 3 – Santo Domingo centrou-se na proposta de uma “nova evangelização”. Enfatizou a “promoção humana” e ocupou-se da “cultura cristã”. Apresentou a necessidade de buscar uma evangelização que seja nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão, numa adesão pessoal a Jesus Cristo. Apontou para uma evangelização criativa e enfatizou a necessidade de que ela fosse mais inculturada no modo de ser e de viver de nossas culturas.

Leitor 4 – Aparecida retoma o método “ver, julgar e agir” para contemplar a vida de nossos povos hoje com os olhos da Fé, da Palavra revelada (Bíblia) e da vivência dos Sacramentos. Esta Conferência sublinha que nós somos discípulos missionários de Cristo; olhamos de frente a realidade de nossos tempos, testemunhando a alegria de ser discípulos de Cristo e, por isso, missionários do anúncio da boa nova, testemunhas de seu Evangelho. Valorizamos as pequenas comunidades eclesiais, estamos presentes nas paróquias, nos sentimos participantes da vida das dioceses, buscando renová-las sempre que necessário.

■ ILUMINAR

Coordenador/a – O Concílio Vaticano II valorizou muito a compreensão da Igreja como “evento histórico”. Se o “Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), não é mais possível pensar a Igreja fora da história, longe do mundo, mas sim bem encarnada e inculturada. Essa Igreja se volta para o mundo, como “servidora”, e para Cristo, como o ponto alto de nossa vocação. Jesus Cristo é a revelação plena de Deus e a realização plena do ser humano; Ele é o caminho, a verdade e a vida. O Concílio Vaticano II valorizou o diálogo da Igreja, seja internamente, seja com o mundo, um diálogo que não se faz com condenações, mas pela estima de tudo o que há de positivo e pelo “serviço” e presença positivas a que somos chamados a ser.

Leitor 1 – A Conferência de Medellín diz que o diálogo com o mundo, proposto pelo Concílio Vaticano II, transformou-se, na América Latina, num diálogo especialmente “com os pobres e marginalizados”, por causa das injustiças e dos processos de desumanização aqui existentes. Por isso, proclama uma “evangelização e libertação integrais”, unindo corpo e alma, o pessoal, o social e o espiritual, o econômico e o político. Isso é possível quando nos colocamos à escuta das interpelações que Deus nos faz em nosso dia a dia e na história de nossas comunidades e povos.

Leitor 2 – A Conferência de Puebla, na sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens, aponta para a “força vivificadora do Espírito” (n. 1134) e “apresenta aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em reposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação” (n. 1186). Importa “crescer na fé para a comunhão com Deus e com os homens” (n. 1187).

Leitor 3 – A Conferência de Santo Domingo enfatiza o protagonismo dos leigos como prioridade da evangelização. Destaca que é necessária uma Igreja colocada a serviço da vida e da promoção humana. Apresenta-nos o desafio da inculturação nos ambientes urbanos, bem como nas culturas indígenas e afrodescendentes, para ali saber testemunhar, anunciar e viver o Evangelho com uma linguagem que todos entendam. Apresenta-nos a centralidade de “Jesus Cristo: ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), valoriza o chamado de todos à santidade (LG 39-42), fica atenta ao “clamor dos pobres” e diz sim à vida e à família.

Leitor 4 – A Conferência de Aparecida mostra que estamos numa mudança de época, com fortes repercussões na cultura (n. 44). Chama a atenção para a perda da dimensão integral do ser humano, caindo em visões reduzidas e apequenadas; neste caso, significa que estamos tomando uma parte como se fosse o todo ou nos contentamos com miniaturas do ser humano. Cai-se facilmente no individualismo, enfraquecendo os vínculos comunitários. Coloca-se em primeiro lugar a satisfação imediata dos desejos individuais, deixando em segundo plano a preocupação pelo bem comum, enfraquecendo os vínculos comunitários e até familiares.

Coordenador/a – A hora é de olhar para Jesus Cristo e redescobrir que E (Já que posteriormente, o mesmo termo é utilizado com letra maiúscula.) le nos oferece uma “vida em plenitude” (Jo 10,10), Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), Ele é “o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem” (Bento XVI). Do seguimento de Jesus Cristo, nasce a alegria de ser discípulos missionários deste que é “o único Mestre” (cf. Mt 23,8).

■ AGIR

São Francisco foi um entusiasmado pelo Evangelho. Um dia, tocado pelas palavras que dele emanavam, o Poverello de Assis exclama: “É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o coração” (1Cel 22). Ele nos inspira a vivermos, hoje também, o Evangelho em “espírito e vida” (RegB, 1,1), e insiste que, antes de tudo, os irmãos e as irmãs “devem desejar o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar” (RegB 10,8). A qualidade evangélica de vida

(Puebla, n. 231). Por isso, devemos reconhecer que fazemos um percurso de constante conversão no seguimento de Jesus Cristo encarnado, morto e ressuscitado, pelos caminhos da história. É no coração desta história que nos colocamos a serviço do Evangelho para testemunhá-lo com nossas vidas e transmiti-lo a todos com fidelidade (Puebla, n. 349).



Frei Nilo Agostini OFM, nasceu em Indaial/SC residente em Bragança Paulista/SP. Doutor em Teologia, com pós-doutorado em andamento. Sacerdote, professor e pesquisador da Universidade São Francisco (USF), docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da USF.





DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO

1987

DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO ¹

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país com grande diversidade religiosa. Além das religiões mais conhecidas como o Judaísmo, Cristianismo, Islã, Budismo, Candomblé, Umbanda e Espiritismo, existe uma infinidade de tradições religiosas provenientes das muitas etnias indígenas, das imigrações e de experiências religiosas que brotam espontaneamente.

Deveríamos sentir alegria por tamanha diversidade, pois cada tradição tem como centro expressar a fé em Deus através da prática do amor ao próximo, cuidado com a criação, cultivo de valores como compaixão, reconciliação, solidariedade, misericórdia, cuidado, entre outros.

No entanto, esta diversidade religiosa nem sempre foi bem vista e ainda hoje existem aqueles que veem nas tradições de fé diferentes um inimigo a ser vencido. Essa compreensão vem da ideia de que somente há uma religião certa, ou então, que somente uma única fé salva. Por isso, o outro precisa ter seus olhos abertos a fim de que possa voltar-se para a verdadeira fé. Para tanto, são necessários projetos missionários que têm como objetivo converter o outro à "fé verdadeira".

Esta visão é antiga. Ela veio com os primeiros colonizadores que eram cristãos e converteram indígenas, porque entendiam que os indígenas, pelo fato de não serem batizados, não tinham alma.

Poder-se-ia imaginar que com o passar do tempo, essas práticas fossem gradativamente superadas. Mas não foi isso o que aconteceu. A negação da fé do outro continua sendo uma realidade entre nós. Com isso, aumenta muito os casos de intolerância religiosa. Boa parte dessa intolerância é praticada em nome de Jesus Cristo. É nesse contexto de intolerância que o diálogo ecumênico e inter-religioso se torna vital, pois ambos são gestos de abertura, aproximação, encontro e cooperação entre pessoas de tradições de fé diferentes. A prática do diálogo é o melhor caminho para a superação da intolerância.

OBJETIVO

A partir do contexto religioso brasileiro, falar sobre o significado de diálogo ecumênico e inter-religioso.

MATERIAL NECESSÁRIO

Panos coloridos, símbolos de diferentes religiões, velas, uma vasilha, preferencialmente de vidro, com água, flores de diferentes cores, música instrumental ou clássica, papelógrafo (ou então papel pardo, grande) pincel atômico.

AMBIENTAÇÃO

As cadeiras dispostas em círculo, ao centro, sobre os panos coloridos expor os símbolos das diferentes religiões, as velas, a vasilha com água e as flores²(Se for possível, uma flor para cada participante ou então uma por dupla.), que precisam estar com os talos cortados, espalhadas sobre os panos coloridos. Convidar as pessoas a entrarem na sala em silêncio³(Enquanto entram deixar tocando música instrumental ou clássica.)

ACOLHIDA

Coordenador/a – Queridos e queridas amigas, que bom que vocês estão aqui! Que bom que nossas trajetórias de vida, que são diferentes umas das outras, se cruzaram e hoje podemos caminhar juntos em unidade e comunhão. Neste Encontro falaremos sobre diálogo ecumênico e inter-religioso. Olhem para o centro. O que veem?

Deixar tempo para as respostas....

Sim, uma diversidade de símbolos religiosos, cores diferentes que estão nos panos e nas flores, água... tudo em harmonia. Este centro é um pequeno exemplo da diversidade do planeta. Assim como os objetos que formam este centro diverso, a sociedade também é formada por culturas diferentes, religiões diferentes, pessoas diferentes. Nenhuma é melhor do que a outra. Todas são igualmente importantes. Com a religião também é assim. Existem diferentes religiões, assim como são diferentes as flores que estão aqui. Podemos dizer que uma religião é melhor do que a outra?

Deixar tempo para as pessoas falarem.

VER

Coordenador/a – Vamos nos conhecer um pouco melhor? Animo vocês para que fechem seus olhos, ouçam a música que tocará. Neste tempo de meditação, procurem pensar na família e nos amigos e amigas de vocês. Procurem identificar quais as diferentes Igrejas e religiões frequentadas por seus familiares, vizinhos e amigos.

Deixar tempo para cada pessoa pensar. Agora vamos ouvir? Enquanto as pessoas dão as suas respostas, alguém anota no papelógrafo ou no papel pardo os nomes das Igrejas e das religiões citadas. Ao final, chamar a atenção para a diversidade das Igrejas e das religiões nomeadas.

Quem, em algum momento, já conversou com seu familiar, amigo ou vizinho sobre a religião que ele pratica?
Como as pessoas de Igrejas diferentes ou religiões diferentes são recebidas entre nós?
Vamos olhar para a nossa cidade, vila ou comunidade: como as pessoas de diferentes religiões convivem?
Há cooperação entre elas?
As diferentes Igrejas ou religiões de sua cidade fazem ações em conjunto?

Deixar que as pessoas falem.

Ao final da conversa do grupo: Nem sempre a cooperação entre Igrejas e religiões é aceita. Fazer algo em conjunto com outra Igreja ou religião é visto como ameaça. Algumas vezes, a não aceitação da religião do outro resulta em violência. Lembram da história da Kaylane? Ela é um caso concreto de uma pessoa que sofreu violência. A Kaylane levou a pedrada porque alguém acreditava que ela e sua família estivessem praticando a religião errada. Em alguns casos, a violência religiosa é contra pessoas que se vestem diferentes. É o que acontece com as pessoas que praticam religiões de matriz africana. Entre cristãos e cristãs não é diferente. Muitos católicos apostólicos romanos pensam que os evangélicos estão errados, enquanto há evangélicos que pensam que católicos são idólatras por causa da devoção aos santos. Será que estas são práticas coerentes com a vontade de Jesus? Jesus pede para que discriminemos uma pessoa porque ela é de uma Igreja ou religião diferente? Certamente não. É por isso que precisamos praticar o diálogo ecumênico e inter-religioso. Qual a diferença entre os dois?

Diálogo ecumênico: é o diálogo que acontece entre pessoas cristãs de diferentes Igrejas, por exemplo, católicos apostólicos romanos com evangélicos luteranos, assembleianos, anglicanos, presbiterianos, etc. Sempre que pessoas de diferentes Igrejas reúnem-se para fazer algo em conjunto, acontece o diálogo ecumênico. Ninguém precisará deixar a sua Igreja e um não vai motivar o outro a mudar de Igreja. Cada pessoa seguirá na sua Igreja e juntos farão algo em comum. Isso acontece na Semana de Oração pela Unidade Cristã, quando pessoas de diferentes Igrejas, no período de Pentecostes, reúnem-se para celebrar juntas a fé em Jesus Cristo.

Diálogo inter-religioso: é aquele que acontece entre diferentes tradições religiosas, por exemplo, entre cristãos, judeus, muçulmanos, budistas, espíritas, umbandistas, candomblecistas, etc. Sempre que diferentes religiões se reúnem para fazer algo em conjunto, ocorre o diálogo inter-religioso. Um exemplo concreto são as Marchas contra a Intolerância Religiosa que acontecem em diferentes regiões do país.

Mas será que é certo diferentes Igrejas e religiões fazerem ações conjuntas? Isso não seria desobedecer a Deus? Vamos ver o que diz a Bíblia?

ILUMINAR

Leitura de 1 Jo 4.7-8 – ler o texto duas vezes.

Perguntas:

A partir do texto, qual é o critério para conhecermos Deus? Deixar que reajam.⁴

Se Deus é amor, será que podemos nos negar ao diálogo e ao convívio com uma pessoa que é de uma Igreja ou religião diferente? Deixar que reajam.

AGIR

O que podemos fazer para transformar o contexto de intolerância religiosa?

(Seria importante motivá-los a conversar com uma pessoa de igreja ou religião diferente ao longo da semana e partilhar a experiência no próximo encontro. Caso a Semana de Oração pela Unidade Cristã ainda não tenha acontecido, poderiam pensar em animar o grupo a organizar uma celebração ecumênica, desde que o contexto seja favorável. Conversar sobre a experiência será fundamental.)

Em duplas, conversam sobre ações possíveis para a prática do diálogo ecumênico e inter-religioso. Enquanto conversam, distribuir as flores, sendo que uma para cada pessoa ou uma por dupla.

CELEBRAR

Convidar o grupo, com as flores, para colocar-se em pé em torno dos panos coloridos. A bacia com a água precisa estar bem no centro do pano.

Coordenador/a – Hoje conversamos sobre o diálogo ecumênico e inter-religioso. Vimos que se Deus é amor, não há como negar-se a dialogar com as pessoas de outras tradições de fé. O amor de Deus é para todas as pessoas. Discriminação e preconceito não são possíveis em nome de Deus. O diálogo ecumênico e inter-religioso nos chamam para contribuirmos com uma diversidade reconciliada. Podemos ser diferentes uns dos outros, mas o amor de Deus nos reconcilia e nos aproxima. Vamos ouvir os gestos concretos que podemos fazer em favor do diálogo ecumênico e inter-religioso. Convido, livremente, para que cada pessoa ou dupla, compartilhe a ação que identificaram. Depois que tiverem compartilhado, colocarão sua

flor na bacia com água⁵. Agora que colocamos todas as flores na bacia, vemos a diversidade. As diferentes flores não estão disputando entre si. A diversidade forma uma harmonia. O colorido é a beleza. É assim também com a diversidade de Igrejas e Religiões. Todas anunciam o amor de Deus pela humanidade. Cada uma do seu jeito. Como religiões, precisamos ser como estas flores. Nossas diferenças são nossas belezas. A reconciliação entre diferentes igrejas e religiões é uma expressão do amor de Deus. Convidar o grupo para dar as mãos e fazer a oração abaixo:

Oração - Deus da diversidade e da reconciliação, perdoa-nos por todas as vezes que não fomos acolhedores e acolhedoras com as pessoas de outras tradições de fé. Anime-nos para o diálogo e a reconciliação. Em nome de Jesus, Teu Filho, Amém.

Canto final escolhido pelo grupo.



Pa. Romi Márcia Benck, natural de Horizontina/RS, residente em Brasília/DF. Bacharel em Teologia (Faculdades EST/IECLB - São Leopoldo). Mestre em Ciência das Religiões - PPGCR - Universidade Federal de Juiz de Fora. Exerce função de secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC).



DINÂMICA DA VIDA EM GRUPO



CONHECIMENTO HUMANÍSTICOS

DINÂMICA DA VIDA EM GRUPO

INTRODUÇÃO

Ao longo de nossas vidas, fazemos parte dos mais diferentes grupos de pessoas, seja por escolha própria, seja por circunstâncias que independem de nossa vontade. Assim, entramos e saímos de vários grupos sociais, os quais certamente são importantes na composição de nossa educação, de nossos valores e visões de mundo.

No âmbito religioso, pessoas com o mesmo desejo, objetivo, que comungam do mesmo carisma e espiritualidade, também se organizam, desejosos de partilharem juntos as experiências vividas, os anseios, as dificuldades, as lutas diárias, para celebrar a vida, como também para abastecerem-se de espiritualidade, oração e devoção.

Para nós, jovens franciscanos e franciscanas, essa dimensão de grupo é algo muito maior. Nós chamamos de FRATERNIDADE. Para viver em Fraternidade, muitas coisas são necessárias: amar, respeitar, perdoar e ser perdoado, ouvir, dividir alegrias e tristezas, saber dar e saber pedir, aceitar o diferente com igualdade e o igual com respeito, saber ser humilde sem se deixar ser humilhado. Além dessas características inerentes à individualidade, também existem as inerentes à vivência do grupo/fraternidade como um todo: a organização, a formação, a divisão de tarefas, entre outros.

OBJETIVO

Ajudar as nossas fraternidades a refletirem um pouco sobre a dinâmica da vida, sobretudo sobre a vida em grupo, a vida em fraternidade.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, lápis ou canetas, caderno, jarro e vaso de barro (para o momento do lava-pés), elementos da natureza e símbolos religiosos que os irmãos possam escolher.

AMBIENTAÇÃO

Organizar o ambiente do encontro, para que todos os irmãos sintam-se confortáveis no chão em forma circular. Preparar uma música em conjunto. Antes da oração inicial, pedir para que cada um busque um elemento da natureza, ou símbolo religioso que mais lhe chame atenção e, juntos, montem a música com esse material.

ACOLHIDA

Acolher a cada irmão e irmã com um sorriso e um abraço de boas vindas.

Preparar um cartão com um chocolate "BIS" e a frase: "Você veio! Sua presença nos alegra e nos faz muito felizes... Ficamos sempre pedindo BIS!"

VER

A fraternidade é um lugar de crescimento e de amadurecimento pessoal e comunitário. É um lugar em que há pessoas que podem nos ajudar, para juntos buscarmos soluções, trocar ideias e experiências. Na vivência grupal, devemos salientar mais o "nós", esquecendo um pouco o "eu". Somente assim, haverá um grupo integrado, uma fraternidade onde o principal é o irmão.

Dentre os diversos grupos religiosos ou não religiosos que são oferecidos como propostas para a juventude atual, a JUFRA - Juventude Franciscana - oferece para nós essa dinâmica de vida: a vida fraterna. Inspirada na experiência do jovem Francisco de Assis, a vida em fraternidade nos possibilita: saber criticar e receber as críticas, errar e acertar, respeitar o espaço do outro como sagrado, ter e dar a liberdade, ser o que é, ser inteligente sem subestimar a inteligência do outro, reconhecer as qualidades do irmão, falar para ser ouvido, escutar sempre, calar-se quando estiver errado, lutar junto com os irmãos pela causa do outro e dar sempre, sem esperar receber em troca.

Nós, jufristas, não formamos um simples grupo, mas um movimento de engajamento cristão e franciscano, organizado por todo o mundo. Somos um movimento de jovens que buscam viver a Espiritualidade de São Francisco e Santa Clara. Nós nos reunimos para viver este ideal de vida, tendo a fraternidade por opção. Essa vivência requer de nós uma organização e, para que a fraternidade se desenvolva, são necessárias algumas características: democracia, trabalho em conjunto, valorização dos dons do outro, vida de oração, participação ativa na comunidade na qual a fraternidade se encontra inserida, participação ativa nos encontros e demais atividades, respeito mútuo, entre outras.

É de suma importância que cada um de nós contribua para o fortalecimento e crescimento da fraternidade.

As divisões dos serviços por meio do Secretariado Fraternal, a estrutura e dinâmicas dos encontros, além das místicas que nos levam à oração, são pontos característicos de uma fraternidade que se organiza. É preciso planejar, é preciso que cada um de nós, membros da fraternidade, exponha nossas ideias, e se torne parte atuante do todo, não apenas figura decorativa. Por fim, procuremos ajudar, interessar-nos pela caminhada da fraternidade, encorajar os irmãos para o serviço e criar em nós o senso de pertença, pois a fraternidade pertence a cada um de nós. Se eu amo, eu me comprometo.

ILUMINAR

Refletir em fraternidade sobre os seguintes textos bíblicos e responder em conjunto às perguntas:

Lucas 6, 12-16: Escolha dos Doze Apóstolos;
Salmo 133 (132) – União Fraternal;
Atos dos Apóstolos 2, 42-47: Primeiro Retrato da Comunidade.

- 1) Como devemos agir dentro de uma fraternidade?
- 2) Qual é a função de uma fraternidade?
- 3) Qual a diferença entre um grupo e uma fraternidade?
- 4) Como podemos colocar em prática a nossa vivência grupal?
- 5) Qual a mensagem que os textos bíblicos trazem para nós hoje?

AGIR

Objetivos: ver o objetivo comum do grupo. Processo de comunhão e união. Análise da realidade.

Desenvolvimento: (não dizer o objetivo da dinâmica).

O animador do encontro pede a todos que se coloquem no fundo da sala ocupando toda a parede. Pede silêncio absoluto, muita atenção para a ordem que vai ser dada e que sejam rigorosamente fiéis a ela. Deve-se manter silêncio durante a dinâmica.

A ordem é a seguinte: Vocês deverão procurar, como grupo, atingir o outro lado da sala, da forma mais rápida e mais eficiente possível. Repete-se a ordem várias vezes.

O animador dirá que a ordem não foi cumprida, pedindo ao grupo que recomece. Repete-se a ordem várias vezes, pedindo-se que haja silêncio.

NOTA: É bom que haja obstáculos pelo meio da sala (cadeiras, mesas, objetos variados...) dificultando a passagem. Ele considerará a tarefa cumprida quando julgar que o grupo se aproximou do ideal, alcançando o outro lado unido, obedecendo ao ritmo um dos outros, tendo incluído todos na travessia.

Em seguida, fazer comentários sobre tudo que observaram e sentiram:

- Como cada um se sentiu? Quem se sentiu esmagado e desrespeitado?
- Quem correu ou empurrou? De que forma as lideranças foram se manifestando?
- Houve desistência no meio do caminho? Surgiram animadores?

Leitura Bíblica: 1 Cor. 12,12-27

CELEBRAR

Encerrar o encontro com um momento de oração e a mística de lava-pés. Nesse momento, uns lavam os pés dos outros demonstrando que estamos sempre prontos a servir os irmãos e a fraternidade com amor e humildade.

Durante o gesto, pode-se contar o canto "O Amor" de Pe. Zezinho.

MOTIVAÇÃO FINAL

É bem verdade que existem muitas dificuldades nas relações fraternas. Mas como existem dificuldades, também existem alegrias que o outro, que o irmão nos proporciona. É preciso saber viver! A vivência fraterna é um modelo de vida cristã e, como tal, deve ser levada com amor, solidariedade, paciência nas dificuldades e muita disponibilidade em servir.

“Se VOCÊ procurar viver bem com todos, tratar as pessoas como gente, dizer sempre a verdade, perdoar os que lhe fazem mal; se VOCÊ sabe descobrir o que há de bom em cada pessoa, em cada dia, em cada situação, experimentar a alegria de servir e comunicar essa alegria aos demais; se VOCÊ está voltado para os outros, especialmente para os mais necessitados e divide com eles o que você tem, o que você é, VOCÊ ESTÁ CONSTRUINDO UM MUNDO IRMÃO, VOCÊ ESTÁ FAZENDO O AMOR EXISTIR NO MUNDO.” – Extraído do livro de FBJ, 2ª edição.



Cicero Francismary Almeida Alves Feitoza Segundo (Guga Feitoza), residente em Caruaru/PE, jufrista professo. Cirurgião-Dentista, especialista em Ortodontia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Secretário Regional da JUFRA do Regional PE/AL (2016-2019). Coordenador Paroquial da Pastoral da Crisma da Paróquia do Coração Eucarístico-Convento em Caruaru e coordenador do Ministério de Música Liturgia Jovem.



AFETIVIDADE E SEXUALIDADE



AFETIVIDADE E SEXUALIDADE

INTRODUÇÃO

Na busca pela nossa identidade, somos interpelados pelo rosto do irmão que nos convida ao encontro. E, a cada encontro, emoções, desejos, sentimentos também se envolvem, nos mostrando que nosso interior não é imune aos afetos e, pela força de nosso carisma, não podemos passar no caminho dos outros com rosto indiferente.

Como franciscanas e franciscanos, somos promotores das relações em fraternidade. E, como toda relação nasce do encontro, falaremos de momentos, de gestos e de pessoas que despertam em nós afetos (emoções, sentimentos, desejos), que nos atraem ou nos repelem na dinâmica relacional.

OBJETIVO

Sensibilizar para valoração da afetividade e sexualidade como fatores fundantes para a construção da identidade de relações fraternas integradas e integradoras.

MATERIAL NECESSÁRIO

Imagem de Francisco que retrata o "beijo ao leproso"(hanseniano), fotos ou figuras que exemplificam afetos e relações entre as pessoas, cópias das perguntas que motivem a partilha em fraternidade, Bíblia e Fontes Franciscanas.

AMBIENTAÇÃO

Preparar um ambiente circular. No espaço central dispor as imagens. Se possível, colocar velas em torno da "imagem do beijo" e uma música instrumental de fundo para iniciar o encontro.

ACOLHIDA

Motivar a oração inicial como de costume. Pode-se recorrer à estrutura do Ofício Divino das Comunidades. Se preferir, usar o "Hino ao amor - Seu não tiver amor, eu nada sou Senhor" (1 Cor 13, 4-8) e texto bíblico motivador: (Jo 15,10-13).

Anim: No encontro de hoje nós somos convidados a refletir sobre nossas emoções e sentimentos que estão envolvidos em nossas relações afetivas. O outro, ao se aproximar de nós, toca a nossa sensibilidade e também é tocado por nossa manifestação de afeto. Essa capacidade sensível nos possibilita estabelecer laços ou quebrá-los, dependendo do modo como lidamos com nossa interioridade. Se somos pessoas que se dão bem conosco mesmos, com nosso corpo, com nossos sentimentos e emoções, também seremos pessoas a desenvolver relações mais integradoras.

VER

O ser humano é ser aberto e em construção, cuja abertura se dá em direção a um outro, um "não-eu", com o qual se estabelece uma relação. De modo que a relação eu-tu é entendida como constitutiva do humano. Não é possível conceber o "eu" sem "tu", de tal forma que o reconhecimento da personalidade se dá como abertura à alteridade.

Perpassada por emoções, sentimentos, desejos, imaginações, o tecido da vida humana se constitui no entrelaçar de inúmeros "fios" que tocam a subjetividade. Não somos imunes aos "toques" exteriores. Por sermos seres "abertos", somos sujeitos ao nosso meio, de modo que internalizamos impressões e expressamos afetos. Essa teia complexa nos constitui seres relacionais a construir nossa identidade nos laços afetivo-sexuais que estabelecemos.

Motivação para partilha

(Como sugestão, pode-se sortear as frases abaixo ou outras, com o intuito de motivar a participação na conversa.)

- Quais são os momentos significativos nos quais nos sentimos vivos, inteiros a demonstrar nossos sentimentos para as pessoas?
- Como nossas famílias lidam com o temas como amizade, namoro, alteração hormonal, primeira experiência sexual?
- Quais são as fantasias, mitos e medos comuns que pairam sobre a experiência da primeira experiência de namoro?
- O que valoriza-se mais: a experiência de namoro ou os "peguetes" instantâneos das baladas?
- Como lidar com nossa sexualidade de modo a vivermos de modo harmonioso no cuidado com nossa corporeidade, estabelecendo relações respeitadas com os outros?
- Como gerenciamos os sentimentos que surgem quando estouram os conflitos em fraternidade?

ILUMINAR

- Vamos refletir a passagem da 1 Carta de São João.

Leitura: 1 Jo 4, 7-13

O que este texto diz?

O que tem a nos dizer?

O que ele nos faz dizer ou fazer?

Auxílio teológico

Se Deus é amor (cf 1Jo 4, 8), ele é relação. Essa concepção aponta para o mistério trinitário de nossa fé. "Eu e o Pai somos Um" (Jo 10, 30). Afirmar a interioridade do Um é afirmar a Relação íntima da Trindade de amor. Relacionar-se de modo profundo é amar. Por essa razão, Santo Agostinho se refere à Trindade em linguagem metafórica como o amante, o amado e o amor.

O amor se define pela relação entre os distintos, que se amam e amam o amor que os une. A alteridade em Deus repousa sobre o mistério do amor divino, no qual Pai, Filho e Espírito Santo se comunicam entre si e se autocomunicam em nossa história. A Revelação de Deus Trino possui seu clímax na pessoa de Jesus Cristo, que nos convida a amar e chamar Deus de Pai, por meio do Espírito Santo, derramado a nós.

E, por sermos feitos à imagem e semelhança de Deus, também por meio da relação, alcançamos nosso potencial máximo. Por essa razão, a sexualidade é um dom divino que nos conduz à sagrada intimidade conosco mesmos e com os outros. A sexualidade demonstra a forma mais sublime do modo como lidamos com nossas potencialidades e desejos, em relação a um outro que me desperta uma atração. Nesse sentido, a sexualidade também é relacional. E, se é relacional, está imersa na diversidade dos encontros.

Ecoss Francisclareanos

Alguns textos de nossas Fontes nos fornecem preciosas informações sobre o modo como Francisco e Clara de Assis vivenciavam a dimensão afetivo-sexual, a ponto de criarem relações fraternas baseadas no cuidado amoroso com os irmãos. (Se possível, ler na íntegra a Quarta de Santa Clara a Inês de Praga).

A experiência transformadora do "beijo ao leproso" (1Cel VII, 17);

O modo como os irmãos devem manifestar seus afetos para com as pessoas (RnB VII, 13-16);

A forma de tratar os irmãos, principalmente os enfermos (RB VI, 8-10);

A amizade entre Francisco e Clara (LSC 5, 1-5);

As expressões afetuosas e de intimidade de Clara a Inês (4In - Quarta carta de Clara à Inês de Praga)

AGIR

Dinâmica: Ao som da música Sutilmente (Skank e Nando Reis), dançaremos em um espaço reservado, de modo que, no início, cada pessoa dançará sozinha, segundo seu ritmo e, quando se sentir à vontade, pare à frente de alguém e permaneça olhando em seus olhos por um tempo.

(Obs.: Após um tempo, o animador do encontro motiva os irmãos a voltarem a dançar, a ponto de se juntarem em trios, quartetos... até formar uma grande roda de abraços...).

Abrir para uma breve partilha sobre as emoções sentidas durante essa atividade. Ex.: Como se sentiram ao olhar nos olhos uns dos outros? Qual a sensação de dançar no mesmo ritmo que alguém? O que isso pode nos ensinar com relação aos nossos relacionamentos?

CELEBRAR

Canto: Doce é sentir

Anim: À luz do texto de João, nos abracemos para sentir o calor um do outro, de modo a formar a unidade tão querida por Jesus.

Obs.: Neste momento pode-se repetir de olhos fechados a música "Doce é sentir". Finaliza-se a oração com Preces, a oração do Pai Nosso e a bênção de São Francisco.

MOTIVAÇÃO FINAL

Colocar-se ao Seguimento de Jesus Cristo, sob os passos de Francisco exige de todos nós, franciscanos e franciscanas, deixarmos ser interpelados pela dinâmica do encontro. Somos convidados a criar relações sadias e integradoras, como o fez nosso Seráfico Pai, que se poupou ao beijo do leproso, nem ao abraço dos mais pobres. O afeto experimentado pelo encontro com os outros foi determinante para criar eventos revolucionários na vida de Francisco. Foi assim entre os leprosos que “fazendo misericórdia” com eles, proporcionou sua vida eremítica devotada à oração e aos ternos encontros com os marginalizados. E não foi diferente quando seus primeiros companheiros chegaram. “E depois que o Senhor me deu irmãos...”

Vivendo em fraternidade, quis que seus irmãos relacionassem em cuidado mútuo, de modo a serem como mães uns dos outros, amando a todos, sem exclusão. Este amor expresso por Francisco se estende em fraternal comunhão a todas as criaturas. Nós somos herdeiros da fraternidade afetuosa, que inundou, de amor, inúmeros seguidores do Santo Evangelho.



Frei Arlaton Luiz Soares de Oliveira OFM, nascido em Joáima/MG, atualmente em Divinópolis/MG, licenciado em Filosofia e bacharel em Teologia, Pós-graduado em Ciências da Religião, pertencente a Província Santa Cruz e Assistente Regional da JUFRA (SE I- MG).



RELAÇÕES DE GÊNERO



RELAÇÕES DE GÊNERO

INTRODUÇÃO

Jufristas, chegou a hora de falarmos sobre "Gênero", isso, essa tão polêmica questão. Vamos abordar brevemente aqui vários aspectos que estão ligados a esse conceito. Antes de começarmos é preciso que estejamos bem disponíveis para questionar a ordem das coisas, como elas se dão no mundo, pensar como surgiram, como se modificam e mais ainda pensar como podemos mudar nossa realidade. Pois bem, vamos lá com um pouquinho de história e análise do mundo. Vivemos em um mundo onde as relações entre as pessoas são baseadas nas suas diferenças, principalmente nas diferenças sexuais. Se eu nasço com determinado órgão sexual (um pênis, por exemplo) eu receberei um tratamento de X maneira, terei responsabilidades Y, as pessoas vão esperar de mim que eu aja de Z maneiras, que eu sinta minhas emoções de maneira R, que eu ame de forma T. Se eu nasço com outro órgão sexual (uma vagina, ou vice e versa) todas essas questões mudarão e eu terei outra inserção no mundo. Essas diferenças determinam e condicionam nossa existência e atravessam todas as nossas relações, dentro de nossas casas, na nossa fraternidade, na nossa Igreja, no trabalho. Mas há algo interessante aí: elas foram construídas ao longo dos séculos, não são naturais, e por isso podem ser transformadas. Refletir sobre elas torna-se essencial para a vida fraterna. Mas aí você se pergunta, qual o problema dessas diferenças? Por quê refletir? Bem, o problema existe porque essas diferenças têm causado desigualdades, diminuído as possibilidades de se desenvolver de várias pessoas, criado violências e causado mortes (físicas, psicológicas e sociais). As pessoas que mais sofrem são as mulheres e as que fogem dos padrões de gênero e de sexualidade esperados, especialmente as que estão no grupo denominado LGBTIQ¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexuais, Queers).

O Brasil, infelizmente, ainda é um dos países mais perigosos para se nascer e se reconhecer como mulher e/ou LGBTIQ. São muito altos os índices de violências de gênero registrados no nosso país. Em relação às mulheres: a cada 11 minutos, uma mulher é estuprada; a cada 5 minutos uma mulher é agredida; uma mulher é morta a cada 2 horas (feminicídio) e 3 em cada 5 mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos². Em relação aos LGBTIQ a cada 25h uma pessoa é assassinada no Brasil devido a homofobia³ e a associação Transgender Europe, classifica o Brasil como um dos países com o maior número de assassinatos de transexuais em números relativos no mundo, entre 2008 e 2016⁴.

Essas violências são reforçadas e sustentadas todos os dias, nas diversas estruturas da nossa sociedade. Nas instituições, na linguagem, nas piadas, nas músicas, em nós. Sim, nós reproduzimos mesmo sem nos dar conta! E toda essa estrutura permite que violências surjam, que mortes, estupro, assédios aconteçam. Com certeza todas e todos vocês conhecem alguma mulher que passou/passa uma situação de violência pelo simples fato de ser mulher ou você, irmã, foi uma vítima. Perceber em nós as pequenas ações, desde falas à atitudes, nas quais reproduzimos as opressões de gênero, que são "pequenas" violências que praticamos, ou quando nos omitimos diante de tais violências, pode contribuir para que nos percebamos como agente de transformação nessa cultura excludente que ainda cerceia pessoas de serem reconhecidas como seres plenos e de direitos.

Mas, o que é gênero? Podemos dizer que gênero é o sexo social definido, ou seja, gênero não é sinônimo de sexo, ele é, genericamente, o que embasa a forma como tratamos uma pessoa, ou o que esperamos dela de acordo com o tempo em que vivemos e o lugar que estamos. Com isto queremos dizer que nascemos machos ou fêmeas, mas nos fazemos homens ou mulheres. Há ainda nesse meio o conceito de orientação sexual que não é a mesma coisa de gênero, não devemos confundir. Gênero está relacionado à orientação sexual porque a norma é esperar que pessoa de determinado sexo tenham um gênero que corresponda ao sexo biológico e que sua orientação sexual seja por pessoas de sexo oposto ao seu. Orientação sexual é o modo como nos relacionamos afetivamente com as pessoas. Enquanto o sexo é biológico, o gênero é construído historicamente, culturalmente e socialmente, assim como a orientação sexual (para entender melhor vide sugestões de vídeos abaixo). Para pensar a questão histórica, social e cultural pense como é ser mulher hoje em pleno século XXI, é a mesma coisa que ser mulher no século XV? Ser LGBTIQ na Islândia é a mesma coisa que ser no Brasil? E para pensar como aprendemos tudo isso desde que nascemos observem que há jeitos de ser homem ou mulher, quem nunca ouviu uma dessas frases? Por exemplo, jeitos de se comportar: "sente como um mocinha!"; jeitos de falar: "fale como homem!"; jeitos de sentir: "ele parece a mulher da relação/ela parece o homem da relação"; "homem não chora!"; jeitos de brincar: "bola é brincadeira de menino!", "boneca é brincadeira de menina!". Há lugares que podemos ocupar ou não: "lugar de mulher é na cozinha". Tudo isso nos vai sendo ensinado desde que nascemos, na tentativa de nos moldar. O núcleo da identidade de gênero se constrói em nossa "cabeça", sobretudo até os 3 anos de idade⁵

E qual a finalidade de discutir sobre isso, afinal? Acontece que essas violências partem de pessoas próximas, pais, mães, irmãos, irmãs, familiares e vizinhos, pessoas conhecidas, que estão em nosso entorno. Essas violências muitas vezes são justificadas com embasamentos de conteúdos ditos religiosos e propagadas por lideranças religiosas. E aí nos deparamos com uma grande contradição, as pessoas com as quais convivemos deviam nos fazer sentir confortáveis em ser quem nós somos, deviam nos garantir a não violência, deviam potencializar nossas vidas e existência, a religião deveria potencializar nossa experiência humana e nosso contato com o Sagrado e não ser usada como instrumento de manutenção de opressões, além disso, vivemos num país laico, a legislação não deve ser regida por preceitos religiosos, mas democráticos. Essas contradições fazem que como cristãs e cristãos observemos se nossas práticas permitem que a igualdade de direitos exista.

OBJETIVO

Analisar e discutir esse tema em fraternidade para que percebamos em nós as trevas que nos fazem, ainda, agir como opressores/as. Porém, o mais importante é reconhecer também em nós as luzes da mudança, aprendermos juntas e juntos como podemos transformar nossa realidade próxima na construção de uma sociedade mais justa, respeitosa e igualitária.

AMBIENTAÇÃO

Velas, fotos/figuras de mulheres e de diversas pessoas em suas diversas identidades de gêneros e sexuais (em trabalho, nas propagandas, em situação de violência, em casa), panos de várias cores, flores, cruz, imagem de Maria...

Proposta: A/O animadora(or) do encontro poderá pesquisar casos de crimes que foram noticiados na imprensa local e/ou nacional contra mulheres e LGBTQIs e levar para à fraternidade, deixando espalhadas no ambiente, junto com uma vela apagada. Após a acolhida, pede-se que cada um/a dos irmãos/irmãs pegue uma história.

ACOLHIDA

“Essa ciranda não é minha só ela de todas nós ela é de todas nós. Pra se dançar ciranda, juntamos mãos com mãos, formamos uma roda, cantando uma canção. Cantando uma canção, cantando uma canção.”

– Música: Minha Ciranda – Lia de Itamaracá.

VER

Em silêncio, cada um/a lê a história que escolheu e pode anotar, grifar o que mais chamou a atenção na notícia: Idade, nome da vítima, ocupação, reação dos familiares, etc. Após esse momento, pode-se fazer uma rápida partilha sobre esses casos e responder à essas perguntas: O que vocês entendem por igualdade de gênero? O que vocês compreendem sobre machismo/práticas machistas? O que vocês entendem por lesbo/homo/bi/transfobia? Qual a importância de acolhermos umas/uns às/aos outras/os sem reservas e discriminações? E na sua família? Que situações de opressão de gênero vocês vivem, percebem ou reproduzem? Qual a nossa missão como Cristãs e Cristãos? (Observem as fotos que estão no ambiente o que elas lhe falam?)

ILUMINAR

Mc 7, 24-30

REFLEXÃO: Jesus era judeu, os primeiros cristãos nada mais eram do que uma seita dentro do próprio judaísmo. Assim, as primeiras comunidades “judaico-cristãs” acreditavam que o Cristo viria para restaurar, apenas, a Casa de Israel. Dessa forma, vemos em muitas passagens como os Evangelhos retratam os preconceitos que os próprios seguidores de Jesus tinham com pessoas de outras nacionalidades. No entanto, o que a comunidade de Marcos retrata nessa passagem é justamente o encontro do Cristo com uma mulher “sírio-fenícia”, de origem grega, ou seja, uma mulher NÃO judia. Nesse breve diálogo, percebemos que Jesus não queria ser descoberto, no entanto, a mulher roga para que ele expulse o “espírito impuro” da sua filha. Jesus, segundo essa comunidade marcana, se coloca como aquele que veio primeiro para os Judeus, ou seja, não seria “justo” Ele salvar a alma de uma “pagã”, enquanto muitas e muitos da casa de Israel ainda não tivessem tomado posse da Graça. No entanto, a mulher não se contenta, e replica sabendo-se não merecedora da graça, mas pede ao menos as migalhas desta, que já bastaria para seu intento.

Jesus VÊ a fé da mulher, não mais sua nacionalidade e concede o que ela lhe pedia. Dessa forma, muitas vezes nós queremos “aprisionar” Jesus, achando que por sermos “católicos/juifristas” merecemos mais do que aqueles/aquelas irmãs que não pertencem à Igreja. Ou pior, julgamos o/a outro/a, por aspectos morais. “Fulano é

gay e vai pro inferno.”/ “Ciclana é mãe-solo e vai ser castigada.”/ “Deus não quer “sapatonas” na Igreja...” e assim, vamos tirando das pessoas as oportunidades delas fazerem um encontro com Deus, no entanto, não podemos barrar que Jesus haja na vida dessas pessoas de inúmeras formas. O Sagrado não pode ser encarcerado dentro dos nossos preconceitos.

AGIR

Depois de observarmos em nós, primeiramente, esses sinais de morte e refletirmos à partir da Palavra e da nossa própria vida, como podemos nos tornar seres renovados/as? O que podemos fazer para lutar pela igualdade de gênero e pelo fim das opressões? O primeiro passo é sempre querer mudar! Sabermos e termos a humildade de nos reconhecer como pessoas imperfeitas, porém não nos acomodarmos nas atitudes que nos afastam das/os irmãs/ãos. Lembrando sempre que essas atitudes estão para além da nossas práticas fraternas: não adianta respeitar a irmã de fraternidade se você destrata sua mãe ou sua namorada, por exemplo, ou dizer que respeita a orientação sexual das outras pessoas, mas não “aceita” que tenham os mesmos direitos que você. Outro passo importante é sempre escutar o que tais pessoas falam, buscar entender o que sentem, quais suas histórias, como enfrentam seus sofrimentos. Fazer a divisão de tarefas de forma igualitária, não sobrecarregar as mulheres com as tarefas domésticas e lembre-se todos/as usam o ambiente então não é “ajuda” varrer, lavar, cozinhar, mas sim, obrigação de todas/os! Não incentivar a intriga ou fofoca entre duas mulheres, mulheres não são rivais, são irmãs! E claro, nunca, praticar qualquer tipo de violência ou realizar atitudes que depreciem ou coloquem em risco a saúde ou integridade física/mental, e sempre apoiar uma mulher e ou pessoas LGTBIQ que seja vítima de qualquer ato violento.

CELEBRAR

Mas é tempo de esperança! Acreditamos na revolução do Amor! Na vida plena e abundante para todas e todos! Por isso, é hora de acendermos as velas que antes estavam apagadas e dizer em alto e bom som o nome das vítimas da intolerância, do ódio e da desesperança para que eles e elas não sejam esquecidos/as. Para que possamos celebrar a memória desses e dessas que também tiveram seu sangue derramado de forma injusta e desumana. Celebremos, pois, a nossa vida, a nossa fraternidade e a de tantas vítimas. (Pode-se fazer uma ciranda, onde o primeiro vai abraçando o segundo, o segundo abraça o terceiro e assim sucessivamente até que todos tenham se abraçado. Enquanto toca uma música que fale de amor e esperança. Sugestão: “Paula e Bebeto – Milton Nascimento – Versão Gal Costa e Frejat)

MOTIVAÇÃO FINAL

Rezemos agora por todas as pessoas do mundo, para que possam viver em sua plenitude, livres de tudo que as oprime. Que Maria nossa Mãe, exemplo de mulher, possa nos dar a força necessária para enfrentar as situações adversas e sempre ter “fé na vida”. E que Deus com seu Amor de Mãe derrame sua bênção sobre todas e todos nós! (Pode haver preces espontâneas)

Ave-Maria...

Bênção de Santa Clara: O Senhor te abençoe e te proteja, faça resplandecer sobre a ti a sua face e te dê a sua misericórdia. Volte para ti o seu olhar e te dê a paz. Derrame sobre ti as suas bênçãos e no céu te coloque entre os seus Santos e Santas. O Senhor esteja sempre contigo e que tu estejas sempre com Ele.

Sugestão de vídeos para entender sexo, identidade de gênero e orientação sexual:



<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg> – Sexualidade.

<https://www.youtube.com/watch?v=ijRdgTaVx7k&t=9s> – Bispo diz que homossexualidade é Dom de Deus.

<https://www.youtube.com/watch?v=cTsbN5n9N9w>

<https://www.youtube.com/watch?v=teb588tIwJA>

<https://www.youtube.com/watch?v=-FKnbxODW7I>

Mas se você prefere navegar pela internet para se aprofundar sobre o tema, a dica é conferir estes endereços:

-www.acaoeducativa.org.br/

-www.ibase.br/pt/

-www.pj.org.br



Hannah Jook Otaviano Rodrigues, residente em Fortaleza-CE. Formada em Licenciatura Plena em História (UECE), mulher, ecofeminista, professora, militante dos direitos humanos, integrante do Grupo de Mulheres Flor de Mandacaru (PJ/CEBI), JUFRA - Aliança de Assis (Fortaleza/CE).



Maísa Joventino dos Santos, nascida em Penedo/AL, residente em Garanhuns/PE. Graduada em Psicologia. Jufrista, na Etapa de Formação Franciscana - Fraternidade Instrumentos da Paz (Penedo/AL).





A FAMÍLIA E AS NOVAS RELAÇÕES



A FAMÍLIA E AS NOVAS RELAÇÕES

INTRODUÇÃO

Segundo a Exortação apostólica *Amoris laetitia*, dirigida a todos os católicos pelo Papa Francisco em 19 de março de 2016, as famílias enfrentam grandes dificuldades no mundo de hoje. Esses problemas acontecem tanto nos momentos anteriores à sua formação, ou seja, o namoro, quanto na sua manutenção.

O matrimônio não é tratado pela Igreja da maneira que deveria ser e a sociedade, por sua vez, por não entender sua importância e beleza, não o valoriza.

Além disso, surgem novas formas de relações que, a partir dos anos 60, trouxeram um grande desafio para as famílias cristãs.

OBJETIVO

Elencar algumas das novas relações familiares e debater, à luz dos ensinamentos de nossa fé, qual deve ser nosso posicionamento diante delas.

MATERIAL NECESSÁRIO

Vela grande; Bíblia; toalha ou esteira para forrar o chão; imagem da Sagrada Família (Pode ser estandarte, recorte de revista, pintura...); as imagens em anexo ou similares (Impressas ou recortadas de jornais e revistas); cópias do texto a ser usado no momento "Iluminar"; folhas de canto com as músicas "Oração pela Família" e "Utopia" do Pe. Zezinho e a Oração à Sagrada Família.

AMBIENTAÇÃO

Os participantes dispostos em círculo em torno da toalha ou esteira. Nela, ao centro, a imagem da Sagrada Família com a vela ao lado. As imagens postas ao seu redor, em posição que possam ser vistas pelos irmãos. A Bíblia aos pés da imagem.

ACOLHIDA

O animador do encontro convida todos a observarem as imagens colocadas no centro sobre a toalha, inclusive a da Sagrada Família, enquanto cantam a "Oração pela Família".

VER

Após o canto, ainda sem explicar o que significa cada uma das imagens, o animador pergunta as primeiras impressões dos/as irmãos/ãs



Segundo o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris laetitia*:

‘11. O casal que ama e gera a vida é a verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador. Por isso, o amor fecundo chega a ser o símbolo das realidades íntimas de Deus (cf. Gn 1, 28; 9, 7; 17, 2-5.16; 28, 3; 35, 11; 48, 3-4). (...) de fato, a capacidade que o casal humano tem de gerar é o caminho por onde se desenrola a história da salvação. Sob essa luz, a relação fecunda do casal torna-se uma imagem para descobrir e descrever o mistério de Deus, fundamental na visão cristã da Trindade que, em Deus, contempla o Pai, o Filho e o Espírito de amor. O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente. (...)

12. Mas Jesus, na sua reflexão sobre o matrimônio, alude a outra página do Gênesis – o capítulo 2 – no qual aparece um retrato admirável do casal com detalhes elucidativos. Escolhemos apenas dois. O primeiro é a inquietação vivida pelo homem, que busca «uma auxiliar semelhante» (vv. 18.20), capaz de resolver esta solidão que o perturba e que não encontra remédio na proximidade dos animais e da criação inteira. (...) Ou, como exclamará a mulher do Cântico dos Cânticos, numa confissão estupenda de amor e doação na reciprocidade, «o meu amado é para mim e eu para ele (...). Eu sou para o meu amado e o meu amado é para mim» (2, 16; 6, 3).

(...) 14. Retomemos o canto do Salmista. Lá, dentro da casa onde o homem e a sua esposa estão sentados à mesa, aparecem os filhos que os acompanham «como rebentos de oliveira» (Sl 128/127, 3), isto é, cheios de energia e vitalidade. Se os pais são como que os alicerces da casa, os filhos constituem as «pedras vivas» da família (cf. 1Ped 2, 5). É significativo que, no Antigo Testamento, a palavra que aparece mais vezes depois da designação divina (YHWH, o «Senhor») é «filho» (ben), um termo que remete para o verbo hebraico que significa «construir» (banah). Por isso, noutro Salmo, exalta-se o dom dos filhos com imagens que aludem quer à edificação duma casa, quer à vida social e comercial que se desenrolava às portas da cidade: «Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os construtores. (...) Olhai: os filhos são uma bênção do Senhor; o fruto das entranhas, uma verdadeira dádiva.

Como flechas nas mãos de um guerreiro, assim são os filhos nascidos na juventude. Feliz o homem que deles encheu a sua aljava! Não será envergonhado pelos seus inimigos, quando com eles discutir às portas da cidade» (Sl 127/126, 1.3-5). É verdade que essas imagens refletem a cultura duma sociedade antiga, mas a presença dos filhos é, em todo o caso, um sinal de plenitude da família na continuidade da mesma história de salvação, de geração em geração.”

Deixe que comentem e falem, comparando as imagens ao texto.

ILUMINAR

O animador deve dividir os irmãos em grupos de no máximo 4 pessoas, fazer a leitura do texto abaixo e refletir sobre ele à luz da exortação e das imagens.

Hoje, nossa sociedade vive um grande momento de transição. Muitos dos conceitos que antes eram considerados imutáveis, hoje são questionados. Essas mudanças são sentidas de forma direta pelos núcleos familiares cristãos. Passamos por um momento muito complexo quanto à formação dos filhos e à própria manutenção do modelo familiar considerado padrão.

Com o avanço da educação e o maior acesso às informações, muitas práticas que anteriormente eram mantidas ocultas surgem como fantasmas a assombrar nosso modo de vida. Fica claro que a maneira como a sociedade de um modo geral vê a família vem mudando. Até nossa constituição cidadã de 1988 aponta algumas mudanças:

“Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. (...)”

§ 3º - Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º - Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. (...)”

Ao observarmos as imagens, podemos notar o grande desafio que enfrentaremos daqui para frente. Nosso modelo principal seria então a Sagrada Família. José, Maria e Jesus representam o que para nós seria o ideal familiar, ou seja, um núcleo formado por pai, mãe e filhos. Mas, quantas formações familiares já vimos diferentes? Será que entre nós existem membros de núcleos familiares diferentes? Vamos ver então!

Temos, por exemplo, a chamada família *monoparental*. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, na maioria dos casos, vemos uma mãe que cuida de seus filhos depois da separação, divórcio ou quando o casal não se casa. Há também o que se chama hoje de “produção independente”, não descartando também as famílias nas quais os homens assumiram o cuidado dos filhos e que, de acordo com esse censo, também vêm crescendo.

Outra modelo é a família *reconstituída*. Essa forma não é nova. São muitas as famílias que hoje são formadas após os chamados “recasamentos”. Formam-se quando pelo menos um dos cônjuges, mulher ou homem, já possuía uma família anterior. Com a nova formação, amplia-se o relacionamento, pois além dos filhos do casal em questão, juntam-se os filhos dos relacionamentos anteriores. Temos ou não um desafio para essa nova relação?

Temos também as famílias que aqui chamaremos de *famílias do coração*. Aquelas que encontram sua plenitude, ou seja, que chegam ao modelo tradicional através da adoção. Assim como as outras, elas são uma novidade cada vez mais presente na sociedade.

Outra forma que tem se tornado comum é a família formada somente por *casais sem filhos por opção*, que estabelecem outros planos de vida, relacionados às necessidades pessoais e pela busca por independência social e financeira.

A modernidade trouxe consigo outros modelos de união que a Igreja, como fica claro na última Exortação Papal dirigida às famílias, prefere não chamar de matrimônio. A primeira delas é a *união consensual*. Trata-se de uma união apenas legal sem o sacramento, muito utilizada tanto por casais em primeira união como para famílias reconstituídas.

E, por fim, o núcleo que tem trazido maior polêmica e dificuldades para a formação da família cristã: a união entre pessoas do mesmo sexo ou *união homoafetiva*. Essa é uma nova construção de família, formada pelo casal e filhos vindos de um relacionamento heterossexual anterior de um dos dois ou pela adoção de filhos, sendo que essa forma de adoção também gera outra polêmica entre os cristãos.

Os grupos devem meditar sobre a leitura, respondendo aos questionamentos abaixo, atentando-se em refletir sobre cada um dos modelos apresentados.

- 1 - Com quais formas de novas relações você já teve contato? Como sua família age diante desses novos grupos familiares?
- 2 - O que você pensa sobre essas novas formas relacionais? Como você acha que deveria agir em relação a elas?

3 - Como agir se o filho de uma dessas famílias quiser ser católico? Se membros dessas novas formas procurarem nossa fraternidade para viver o modo de Vida Cristã Franciscana, como devemos agir?

AGIR

Animador: Vemos, então, que o desafio é incrível. Nossas fraternidades devem sempre refletir sobre o acolhimento aos irmãos de forma plena. Somente o amor e o acolhimento podem transformar vidas. Muitos de nossos irmãos vivem em um desses modelos de família. Porém, não são diferentes de nós. Devem ser amados. Suas necessidades e histórias devem ser valorizadas. Às vezes, suas vidas são tão complexas e sofridas, que basta uma palavra de carinho para que se sintam parte da humanidade. Não nos esqueçamos de que não podemos viver as tristezas que os outros vivem. Se um casal não conseguiu continuar sua caminhada juntos, devemos acolhê-los; se estão em dificuldades, devemos ajudá-los; se sofrem por não terem filhos, devemos sofrer com eles; se por vezes se sentem excluídos da comunidade por serem vistos com uma marca do pecado na testa, devemos fazer como Francisco fez com os leprosos: abraçá-los e mostrar a todos que são eles, os sofredores, que nos mostram a verdadeira face de Deus.

CELEBRAR

O animador colocará a música Utopia, do Pe. Zezinho, e a fraternidade ficará em silêncio. Após isso, rezarão juntos a Oração à Sagrada Família.

MOTIVAÇÃO FINAL

Senhor, que não sejamos canais de discriminação e ódio. Que, apesar de nossas convicções, saibamos, como franciscanos, acolher as diferenças e aqueles que sofrem. Que essa etapa de formação seja um diferencial na nossa vida fraterna e pessoal. E que o “ser franciscano” faça de mim uma pessoa melhor e mais humana, vendo em todos a criação de Deus.



Jefferson Eduardo dos Santos Machado OFS, Doutor em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ, Professor de História Franciscana do Curso de Franciscano Verão da Província da Imaculada Conceição dos Frades Menores Capuchinhos de São Paulo, Secretário da Fraternidade Franciscana Secular da Paróquia Nossa Senhora Aparecida em Nilópolis/RJ.



LIDERANÇA A PARTIR DA MÍSTICA DO SERVIÇO

LIDERANÇA A PARTIR DA MÍSTICA DO SERVIÇO

INTRODUÇÃO

Todos nós somos, em alguma circunstância da vida, liderados e, algumas vezes, líderes. Nossa forma de encarar essas relações é diferencial na nossa caminhada. Na nossa vida de jufristas, temos muito a aprender sobre essa dinâmica, porque temos referências que partem de uma vivência especial de liderança – tanto Cristo quanto Francisco e Clara optam por servir aos seus liderados.

OBJETIVO

Despertar nos jufristas o desejo de colocarem-se a serviço da fraternidade, da sociedade e do Reino de Deus com uma atitude de serviço, tendo em Cristo, Francisco e Clara modelos de liderança servidora.

MATERIAL NECESSÁRIO

Toalha de mesa, avental, bandeja, lanche simples do gosto da fraternidade (pipoca, cachorro-quente, doces), Bíblia, Fontes Franciscanas, vela grande e cartões com as imagens dos líderes servidores (anexo).

AMBIENTAÇÃO

O ambiente deve ser preparado com uma toalha de mesa ao centro das cadeiras dispostas em círculo e, sobre ela, podem ser colocados um avental, uma bandeja e o lanche para ser servido ao final do encontro. A Bíblia, as Fontes Franciscanas, vela e os cartões com as imagens dos líderes servidores completam o local.

ACOLHIDA

Animador: Sejam todos bem-vindos ao encontro de hoje! Ele nos traz um tema muito caro a nós, franciscanos e franciscanas: a liderança a partir da mística do serviço. Para nós, quando assumimos a missão de liderar, devemos fazer-nos servos. Servirmos aos nossos irmãos, não é qualquer atividade feita simplesmente por fazer, mas é ter a consciência de que se está contribuindo com o Criador e seus atos de cuidado pela vida, em todas as suas dimensões. Liderar assim é um desafio!

VER

O animador motiva que todos participem da roda de conversa, colocando suas opiniões, respeitando-se mutuamente.

Como poderíamos definir um bom líder? Quais qualidades devem caminhar junto com ele?

O que o líder não pode ser?

Como nossos líderes têm exercido sua liderança – familiar, religiosa, política, profissional...?

Somos motivados pelos seus exemplos ou movidos pelas suas ordens?

Quais as consequências que esse modelo de liderança tem em nós, liderados?

Quem são os líderes da atualidade que nos motivam?

Na nossa caminhada franciscana encontramos irmãos/ãs que são líderes. Quem recordamos? O que nos chama atenção na atuação deles/as?

E você? É um líder?

Após a partilha o animador do encontro retoma a reflexão: O líder é aquele que guia, que nos mostra o caminho através do seu testemunho de vida. A liderança é processo sempre em construção, é algo que se pode aprender, exercitar e aperfeiçoar pela prática, no dia a dia, servindo. Florescem nesse jardim a responsabilidade e o compromisso de servir com amor à sua missão. Os valores criam oportunidades que transformam esse cenário de missão em um novo modo de vida: SER UM LÍDER SERVIDOR.

A caminhada na Juventude Franciscana nos proporciona grandes aprendizados e oportunidades de crescimento, pois seguimos os passos de Clara e Francisco, que nos conduzem para Cristo. Os três são grandes exemplos de líderes que souberam ouvir e ensinar, sempre prontos e dispostos para servir e construir relacionamentos alicerçados no amor ao próximo. Vamos parar um pouco e refletir sobre os princípios da liderança de Jesus. (Tempo para refletir e partilhar.)

Jesus liderava de modo perfeito, soube construir uma equipe, valorizava e ajudava no desenvolvimento dos dons de cada um, distribuía tarefas entre eles e se preocupava com eles individualmente. Ele é o ponto de partida de

Clara e Francisco: eles viveram todas as dimensões do servo e juntos construíram um ideal de vida alicerçado no serviço e no amor ao irmão/ã.

ILUMINAR

O animador convida todos a cantarem e se atentarem à leitura da Legenda de Santa Clara.

Música: Como são Belos

1. Como são belos os pés do mensageiro que anuncia a paz, como são belos os pés do mensageiro que anuncia o Senhor!

Ele vive, Ele reina, Ele é Deus e Senhor...

2. O meu Senhor chegou com toda a glória. Vivo Ele está, Ele está. Bem junto a nós teu corpo Santo a nos tocar e vivo eu sei Ele está!

Leitura das Fontes: Legenda de Santa Clara por Tomás de Celano, Capítulo 12.

Momento de silêncio. Em seguida, partilha sobre a figura de liderança de Clara.

AGIR

Temos à nossa frente algumas imagens de líderes que tiveram uma postura diferente frente os seus liderados. Cada dupla ou trio de jufristas pode pegar um desses líderes e conversar a respeito.

Momento para partilha: Por que escolhemos esse/a líder? O que ele/a tem a nos ensinar?

Que diferença eu posso fazer nos ambientes onde eu convivo a partir do exemplo desse/a líder?

CELEBRAR

O animador convida a todos para ficarem de pé, formando um círculo. Em silêncio, todos pensam em tudo o que foi dito e aprendido nesse encontro. Em seguida, o animador motiva que a fraternidade faça preces espontâneas, tendo como resposta a cada pedido o mantra: "Põe a semente na terra, não será em vão! Não te preocupes a colheita, plantas para o irmão..."

Após as preces, o animador do encontro pede que todos repitam a oração do século XXI, enquanto vai lendo em partes:

Oração do Século XXI (Inspirada na Oração de São Francisco)

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa comunicação.

Onde tantos enviam bombas e destruição,

Que eu leve a palavra de União!

Onde tantos procuram ser servidos,

Que eu leve a alegria de servir!

Onde tantos fecham a mão para bater,

Que eu abra meu coração para acolher!

Onde tantos adoram a máquina,

Que eu saiba venerar o Homem!

Onde tantos endeusam a técnica,

Que eu saiba humanizar a pessoa!

Onde a vida perdeu sentido,

Que eu leve o sentido de viver!

Onde tantos me pedem um peixe,

Que eu saiba ensinar a pescar!

Onde tantos me pedem um pão,

Que eu saiba ensinar a plantar!

Onde tantos estão sempre distantes,

Que eu seja alguém sempre presente!

Onde tantos sofrem de solidão que faz morrer,

Que eu seja o amigo que faz viver!

Onde tantos morrem na matéria que passa,

Que eu viva no espírito que fica!

Onde tantos olham para a terra,
Que eu saiba olhar para o céu
e que eu saiba contemplar e compreender a beleza e o significado de viver!
(Pe. Atílio Hartmann S.J.)

Nesse momento, o animador convida os irmãos do Secretariado Fraterno local para servirem a todos os irmãos, assim como têm feito desde que se puseram a serviço da fraternidade.

MOTIVAÇÃO FINAL

Liderar é fazer-se serviço. É uma ação bem produtiva e bem atenta às necessidades do outro. Não é um fazer visando lucros e honrarias, mas é estar voltado, gratuitamente, para a pessoa e para a vida. Não fazer por dinheiro mas por uma causa nobre. Para Francisco de Assis, este espírito de serviço o moveu a servir leprosos e a trabalhar com camponeses. O serviço faz parte de uma mudança radical de vida, uma conversão. É ir lá e fazer junto; o "estar junto com" determina o lugar social que se quer abraçar e morar. Toda a ação que se faz está na dependência exclusiva de servir. É ser servo e fazer-se naturalmente servo. A sua liberdade e autonomia em servir está em ser servidor de um valor maior. Francisco nos ensina que servir é algo divino porque Deus é o grande Servo do universo.



Ana Carolina Miranda, natural de São João del Rei/MG. Iniciou sua caminhada na JUFRA na Fraternidade Monte Alverne em sua cidade natal. Assumiu a formação local, regional (SE 2011-2014) e nacional (2013-2016). É graduada em Letras pela UFSJ e atua como professora de inglês. Fez o Master em Evangelização pelo ITF- Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis. Professora na Ordem Franciscana Secular onde assume a formação regional SE1 (2017-2020).



Juliana Caroline Gonçalves Almeida, natural e residente em Triunfo/PE. É graduada em Letras, Master em Evangelização pelo ITF- Instituto Teológico Franciscano, de Petrópolis. Jufrista da Fraternidade Estrela de Assis e Professora na Ordem Franciscana Secular na Fraternidade Santa Izabel da Hungria, ambas de Triunfo/PE. Exerceu diversos serviços na sua fraternidade local, além da função de Formadora Regional NE B1- PE/AL (2013-2016) e Formadora Nacional da JUFRA do Brasil (2016-2019).



REALIDADE DAS JUVENTUDES HOJE



REALIDADE DAS JUVENTUDES HOJE

INTRODUÇÃO

Para conhecer a realidade das juventudes, é necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações dos/as jovens de hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil.

Os/as jovens encontram-se diretamente influenciados pelos valores da modernidade e pós-modernidade, numa sociedade marcada pela informação, pelo consumo desenfreado, pela cultura do ter e do ser. Da modernidade, continuam sendo importantes para os/as jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade. Uma Igreja que não acolhe esses valores encontra grandes dificuldades para evangelizar os/as jovens.

Da cultura pós-moderna destaca-se a subjetividade, as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções. Nesse contexto pós-moderno, não se pode deixar de destacar a influência das mídias sobre a juventude, especialmente com o avanço da internet, com as redes sociais e todo o mundo virtual. Fica evidente a mudança de percepção e a compreensão do mundo, que é percebido a partir da imagem, não a partir da leitura.

É nesse contexto de influências que se encontram os mais de 34 milhões de jovens brasileiras/os, que representam um dos segmentos populacionais mais fortemente atingidos pelos mecanismos de exclusão social. As estatísticas demonstram que a juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social.

Dentre os principais problemas que os/as jovens, de hoje, enfrentam destacam-se: a disparidade de renda; o acesso restrito à educação de qualidade e frágeis condições para a permanência nos sistemas escolares; o desemprego e a inserção no mercado de trabalho; a falta de qualificação para o mundo do trabalho; o envolvimento com drogas; a banalização da sexualidade; a gravidez na adolescência; a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); a violência no campo e na cidade; a intensa migração; as mortes por causas externas (homicídio, acidentes de trânsito e suicídio); o limitado acesso às atividades esportivas, lúdicas, culturais.

Portanto, destacam-se três marcas da juventude na atualidade: o medo de sobrar, por causa do desemprego; o medo de morrer precocemente, por causa da violência; e a vida em um mundo conectado, por causa da Internet. Dessa forma, a nova evangelização deve abranger todas essas realidades de juventudes.

Uma pequena parcela dessa juventude, tão diversificada, está inserida dentro do âmbito religioso compondo os movimentos, redes e pastorais. E mesmo nessa esfera encontramos uma variedade de formas de atuações, de maneiras de pensar e de agir. É importante considerarmos que os/as jovens que estão inseridos na realidade religiosa enfrentam os mesmos problemas e desafios das juventudes, por que também estão inseridos numa realidade social e pessoal própria.

Muitos jovens ligados às instituições religiosas dispõem generosamente de seu tempo livre para desenvolver as atividades de seu grupo. Também porque nessas ocasiões costumam estar em contato com outros/as jovens e se alegram nesta convivência. Tal disponibilidade fica reduzida quando os/as jovens iniciam os estudos universitários ou a vida profissional ou, ainda, quando associam trabalho e estudo. Dessa forma, precisam conciliar as atividades do grupo, a responsabilidade de evangelizar outros jovens considerando contextos e realidades, a vida profissional, a vida pessoal (família, relacionamentos, amizades), mantendo o espírito de alegria e entusiasmo, que é característico das juventudes. Desse modo, incluir os/as jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões em que eles estão inseridos. Para, a partir daí, tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias.

OBJETIVO

- Promover um espaço de encontro e de diálogo, aprofundado acerca das realidades juvenis.
- Discutir o cenário das juventudes em nossa sociedade

MATERIAL NECESSÁRIO

Papel A4;
Canetas coloridas;
Som ou computador;
Tecidos coloridos;
Fotos do grupo;
Vela;
Bíblia;
Bandeira da Jufra ou o símbolo;
Cartolina;

AMBIENTAÇÃO

Preparar o ambiente do encontro com objetos que lembrem a participação do jovem na Igreja e na sociedade, ou algo que se remeta a ele. Colocar também bandeira da Jufra, Bíblia, vela, tecidos coloridos, canetas coloridas, fotos do grupo e no centro um cartaz grande e em cima dele a frase: REALIDADE DAS JUVENTUDES! Se possível organizar o ambiente com as cadeiras ou bancos em círculo.

ACOLHIDA

Para acolher os jovens presentes no encontro fazer uma dinâmica utilizando a música "Não É Sério" da banda Charlie Brown Jr. Cada jovem receberá uma folha de papel A4 e canetas coloridas. Ao iniciar a música os jovens serão convidados a ouvi-la e expressar no papel através de textos, desenhos a sua realidade de vida pessoal (estudo, trabalho, família). Depois deve ser feita uma partilha.

VER

Para conhecer a realidade das juventudes, é necessário ter em conta a variedade de comportamentos e situações dos/as jovens de hoje e a dificuldade de delinear um único perfil da mesma no mundo e no Brasil.

Neste momento histórico de grandes mudanças, impactos, descobertas e novidades, encontramos uma diversidade de jovens. Ao mesmo tempo em que vemos as novas gerações identificando-se com este mundo novo, assustam-nos as realidades sofridas que muitos jovens brasileiros/as enfrentam. Os jovens são notícia quase que diária em veículos de comunicação. Mesmo sendo idealizados nos comerciais, como modelos de beleza, de vigor, de saúde e de liberdade, nos noticiários são apresentados, muitas vezes, como violentos, como descompromissados, como desordeiros, como libertinos e voltados às drogas. Como consequência, as discussões e a preocupação com a realidade dos jovens brasileiros se intensificaram em nossas organizações. Hoje, eles se expressam e se organizam de forma muito distinta das gerações passadas, o que nos obriga a um esforço de compreensão do que se passa em seu meio.

Apesar das dificuldades encontradas nas várias dimensões da existência, os jovens demonstram grande força, motivação e entusiasmo pela vida. Numa era de mudanças, de fragmentação e de subjetivismo, nós nos deparamos com os grupos juvenis e as atividades coletivas, que se fortalecem nesse contexto.

As formas de organização dos jovens se expandem em todos os lugares do planeta, mas é no mundo urbano que há maior organização. Os grupos se formam motivados por projetos ou por bandeiras comuns. Não são rivais: existe relação de interdependência e de complementaridade entre eles. Os jovens transitam e participam de diferentes grupos como sujeitos de múltiplas pertencas.

As "tribos": Por compreendermos que a juventude é uma fase da vida do ser humano, entendemos que a cultura juvenil e suas formas associativas mudam de acordo com o tempo e com o lugar onde a pessoa vive. O fenômeno das tribos juvenis surgiu e se expandiu rapidamente nos anos oitenta e permanece na realidade social até os dias de hoje. As tribos são agrupamentos com costumes, aparência, estilo musical e modas peculiares e atraem a associação espontânea de jovens simpatizantes. Reúnem-se em shopping centers, praças, igrejas, ruas, onde partilham seus gostos e experiências. As denominações mais conhecidas são roqueiros, hippies, punks, góticos, manos, rappers, clubbers.

Grupos religiosos: As expressões religiosas se constituem no principal espaço de agregação e socialização dos jovens nos anos 2000. Os dados do Censo de 2010 do IBGE indicam que um número reduzido de jovens não tem uma religião. Dentre aqueles que afirmam ter religião, 54,9% são católicos; 21,4% são evangélicos (protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais); 2% se dizem ateus; 14,3% se declaram sem religião. O temor a Deus está entre os quatro valores mais importantes para os jovens, com 44% das indicações.

Os jovens encontram em várias Igrejas espaço de agregação e de sociabilidade, tanto nas cidades como na zona rural. Em meio à experiência religiosa, surgem também atividades caritativas, de lazer e de música. A pertença a esses grupos influencia nas visões de mundo e de si mesmos, e os afasta da violência, favorecendo a formação de identidades estáveis para melhor inserção no trabalho e no mundo sociopolítico.

Grupos ecológicos: As questões ecológicas começaram a ganhar visibilidade nos anos 70, mas somente neste novo milênio a maioria das pessoas se mostra mais receptiva a essa problemática. Os jovens de hoje, recebendo uma formação que incorporou essa questão, em geral se mostram sensíveis e preocupados com a degradação dos ecossistemas e biomas.

Grupos folclóricos e artísticos: Os jovens se organizam em grupos com motivações culturais e, pela música, pelas danças, pelos gestos, pelas expressões, pelos símbolos, elaboram significados e se posicionam publicamente na sociedade. Esses grupos podem ser independentes, ou surgem ligados aos incentivos de instituições como o governo ou as igrejas.

Grupos pelas redes sociais: A mais recente forma de organização da juventude é proporcionada pela comunicação em tempo real por meio das novas tecnologias da área. Em posse desse recurso, a juventude tem edificado uma sociedade sem fronteiras, pois todo e qualquer fato, ocorrido em qualquer canto do mundo, é disponibilizado em poucos minutos pelas redes sociais. Um grande percentual de jovens ocupa boa parte de seu tempo conectado ou preocupado em se conectar em rede. Recente pesquisa aponta que cerca de 50% dos jovens brasileiros (de 18 a 29 anos) utilizam diariamente a os

que utilizam a internet esporadicamente, o número ultrapassa a marca dos 80%, indicando que essa maneira de se comunicar é realmente significativa e importante para eles. E a rede é uma maneira inovadora e incontrolável de se relacionar. Gostos, sentimentos, ideias se encontram, entrecruzam-se, criam e recriam mundos fora do controle institucional, mundos em rede. A utilização dos celulares é também um fator indicativo da necessidade de o jovem estar sempre conectado. Uma recente pesquisa realizada por uma empresa da área de telefones celulares indica que 85% dos jovens apontam o celular como o dispositivo móvel mais importante da vida. O celular dá a sensação de nunca se estar sozinho, de nunca ser mais um na massa, de ser único e estar sempre ligado, "plugado", conectado à tribo e poder partilhar o que se deseja.

Fonte: Texto Base da Campanha da Fraternidade 2013 – "Fraternidade e Juventude", CNBB.

ILUMINAR

Dividir os participantes do encontro em grupos e propor a seguinte reflexão:

- 1- Em qual dessas realidades juvenis nós nos encontramos?
- 2- Como dialogamos com as outras realidades juvenis que nos cercam?
- 3- Como nós vemos a influência dos adultos em nossas vidas?

Cada grupo deve partilhar o que foi discutido nos grupos. E para finalizar apresentemos alguns trechos de documentos e cartas de como vemos as realidades juvenis.

"Como Jovens Franciscanos, necessitamos estar onde a juventude se faz presente, nos servindo de todos os meios disponíveis para visibilizar nossa opção de vida. Percebemos que é possível ser santo no mundo de hoje, apesar de todos os nossos medos e contradições, porém com a certeza de que muitos jovens, às vezes sem um sentido para sua vida, podem beber da espiritualidade que temos a oferecer e encontrar em nosso carisma um luminoso ideal de vida"
Carta de Guaratinguetá-JUFRA.

"A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo e, por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se demonstrará à altura da promessa contida em cada jovem quando souber abrir-lhe espaço; tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer a ele fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhe segurança e educação para que se torne aquilo que ele pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida, assegurar-lhe um horizonte transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nele a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para que seja sujeito do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos." Discurso do Papa Francisco na chegada ao Brasil para JMJ no Rio de Janeiro, 2013.

AGIR

Propor aos jovens presentes no encontro a construção de uma carta aberta apresentando a partir da percepção deles, como os mesmos veem as realidades juvenis e seus desafios. Como gesto concreto apresentar a carta na sua comunidade, paróquia, família franciscana, meios de comunicação e redes sociais.

CELEBRAR:

Vamos rezar juntos o "Credo da Juventude":

Creio na juventude que busca o novo, que espera o amanhã melhor e sonha sonhos de criança. Creio no jovem e na jovem que sabe o que quer, que enfrenta firme a luta, que não foge da raia. Creio na rapaziada que segue em frente e segura o rojão. Creio no jovem que descobre o valor de vivermos como irmãos e irmãs que buscam a comunidade. Creio que todos os jovens e todas as jovens sabem dizer sim e também dizer não. Creio na juventude que sempre se reúne para partilhar a vida. Creio nos jovens e nas jovens da Comunidade, do campo, da escola, da periferia, que sabem viver o amor em sua realidade. Creio em nossa caminhada em rumo à nova sociedade, onde todos e todas seremos irmãos e irmãs. Creio na força do jovem e da jovem que sorri, canta, dança, chora, namora, espera e faz o novo amanhã. Creio no Deus Pai e Mãe, Libertador, e em todo jovem e toda a jovem que sonha com o seu Reino de Amor. Creio no Cristo Jovem, que fez a vontade de Deus e viveu com muito amor. Creio no Espírito Santo, que com o fogo do amor anima toda a juventude na busca do Libertador. Creio em Maria, mulher de dor e alegria, Mãe nossa querida, de todos os jovens e de todas as jovens que na vida redescobrem seu valor. Cremos que só com fé, força e confiança chegaremos ao Reino de Deus e do povo.

Cantando juntos: Baião do Povo Jovem – Zé Vicente

1. Os punhos no ar, sonho novo, Nós somos sementes do povo,
Queremos ser livres, amar! Trazemos no peito a esperança,
A história na mão, confiança Que um dia nós vamos ganhar!
Aonde tem gente se unindo, Depressa, nós vamos sorrindo,
Nós cremos no novo amanhã. Já chega de morte, injustiça!
Abaixo o egoísmo, a preguiça. Da vida nós somos os fás!
Vamos lá! Vamos lá!

A história ninguém deterá.

É rio que corre pro mar.

Ninguém vai nos calar, nos calar! (2x)

2. Um ano pro jovem é bem pouco Pra gente vencer o sufoco.
A vida completa se dá, Escola, trabalho, alegria!
Bandeiras de todos os dias! Na marcha, nós vamos levar!
Queremos dizer aos senhores Políticos, nobres, doutores!
Com suas multinacionais Não somos produto na praça,
Tão pouco nós achamos graça, O fel tá amargo demais!
3. Levante essa voz, companheiro E abra o olho ligeiro.
Não fuja da luta, jamais! Em cada caminho ou na rua,
Assume essa causa que é tua. Semeie as sementes da paz!

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK ABAIXO NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=2IQBkTv5bUw>

MOTIVAÇÃO FINAL

“Caros jovens: sejam vocês mesmos a mudança que querem para os outros. Comecem vocês mesmos a viver o novo, respeitando cada um dos seres da natureza, cada planta, cada animal, cada paisagem porque eles possuem um valor intrínseco e em si mesmo, independente do uso racional que fizemos deles. São nossos irmãos e irmãs. Com eles fundaremos uma convivência de respeito, de reciprocidade e de mútua ajuda para que todos possam continuar vivos neste planeta, também os mais vulneráveis para os quais devotaremos mais cuidado e amor”

- Leonardo Boff - Mensagem de São Francisco aos jovens de hoje.



Laécio Vieira, residente em São Luís - MA, é estudante do curso de Direito e já exerceu a função de Ex- Secretário Nacional da Pastoral da Juventude Rural – PJR Ex- membro Nacional da Comissão Episcopal Pastoral Juvenil da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Atualmente é membro na Fraternidade da Ordem Franciscana Secular, OFS, Nossa Senhora Conceição.



PROJETO PESSOAL DE VIDA



PROJETO PESSOAL DE VIDA

INTRODUÇÃO

Na maioria das vezes, quando penso em elaborar uma reflexão sobre um tema específico, procuro uma imagem que meus olhos possam contemplar. Talvez um pouco de São Tomé, apóstolo de Jesus, que, para melhor compreender, prefere fixar o olhar e tocar. Pois bem, o tema a ser trabalhado no momento é "Projeto de Vida" e a imagem que se pode trazer para melhor refletir sobre ele seria a construção de algo, pode ser uma casa, um salão para reunião, uma capela...

Tocar e contemplar essa imagem faz-nos intuir uma preparação anterior à construção. A isso chamamos projeto. A palavra "projeto" vem do latim pro-iectus, que quer dizer "algo lançado a ...", ou seja, um plano para a realização de algo. Quando tratamos de "Projeto de vida", seria propor uma vida projetada. Poderíamos, num primeiro momento, afirmar que o Projeto de Vida é um elemento constitutivo de todo ser humano. A pessoa humana se entende como projeto aberto que se realiza pessoalmente e comunitariamente na liberdade.

OBJETIVO

Propor como Projeto de Vida: metas estabelecidas e alcançadas, em harmonia com o que o nosso coração pede.

MATERIAL NECESSÁRIO

Caderno, lápis e Bíblia.

AMBIENTAÇÃO

Pode ser realizado em qualquer ambiente, porém, que as cadeiras ou disposição sejam de forma circular, tornando o espaço uma possibilidade de crescimento comunitário. No centro, a oração de São Francisco junto com Bíblia e vela acesa, como símbolos do projeto franciscano.

Você sabe seguir instruções?

A) _____
B) _____

- 1- Leia tudo antes de fazer qualquer tarefa indicada.
- 2- Escreva seu nome na linha A, acima.
- 3- Escreva a data de hoje na linha B, acima.
- 4- Faça um círculo em volta da palavra "nome" na linha nº 2.
- 5- Desenhe 5 quadrinhos no canto superior esquerdo da folha.
- 6- Coloque um X dentro de cada quadrinho.
- 7- A seguir ao título escreva "sim, sim, sim".
- 8- Faça um X no canto direito desta folha.
- 9- Desenhe um triângulo em torno do X que acaba de fazer.
- 10- Desenhe um retângulo em torno da palavra "folha" da frase nº5.
- 11- Ao chegar a esta parte do teste, diga seu primeiro nome em voz alta.
- 12- Conte, em tom de voz normal, de dez até um.
- 13- Se você foi o primeiro a chegar até este ponto, diga em voz bem alta:

"FUI O PRIMEIRO A CHEGAR, DE MODO QUE EU SOU O CAMPEÃO EM SEGUIR INSTRUÇÕES"

- 14- Circule todos os números pares ao lado.
- 15- Agora que acabou de ler tudo com atenção, execute apenas a instrução nº. 2

OBS: O animador finaliza ressaltando o nº 1 (ler tudo antes de executar). Todo projeto precisa não só o cumprimento de metas, mas estudar com calma sem pressa, permitindo um passo de cada vez.

VER

Um projeto de vida é um esboço colocado num papel para sinalizar melhor as vias que devemos seguir para alcançar o que desejamos. Para tal, precisamos verificar quais são os nossos objetivos, metas, planos, sem que deixe de lado os nossos valores mais nobres, pois são eles que direcionarão nossas vidas.

Se nossas metas não estiverem em congruência com o que é próprio nosso, dificilmente estaremos satisfeitos com o que planejamos. Alcançar as metas não é a meta essencial, e sim, alcançá-las em harmonia com o que o nosso coração pede. Não somos uma máquina de metas a serem alcançadas. Se assim fôssemos, um vazio interior poderia nos deixar confusos e sem direção, conseqüentemente, sem um “projeto de vida”.

Tendo como objetivo o crescimento pessoal, todos nós precisamos nos projetar. O projeto de vida é um convite a ser responsável direto pela própria vida e descobrir a alegria de decidir sobre a própria existência de um modo responsável e comprometido. A ausência de projeto também tem sua consequência, levando-nos a uma vida alienada, cujas decisões partirão sempre dos outros, sobrando-nos a sombra fresca sem o esforço natural de quem deseja crescer.

Com a expressão “projeto de vida”, pode-se entender realidades muito diferentes, como nos recorda frei Almir Guimarães. Para alguns, falar de “projeto de vida” é falar de “sentido de vida”; para outros, falar de “projeto de vida” faz referência a uma série de atividades que se deve executar para conseguir realizá-lo; para outros, trata-se de um “tema” que tem sua importância em determinado momento do processo pessoal e grupal e que deve ser tratado e atendido com tal.

Na verdade, falar de “projeto de vida” é falar de uma necessidade cada vez mais presente na vida da juventude, pois permite dar uma resposta aos jovens que precisam de um “fio condutor” e, com isso, ligados muito mais a “eventos” que a “processos”. Nesse sentido, o projeto de vida se torna algo continuado e aprofundado. Não é, pois, um conjunto de ações pontuais e nem um conjunto de atividades. Trata-se de um processo de formação, de discernimento para descobrir o sentido da vida e tornar realidade as decisões tomadas.

DINÂMICA

Frei Almir nos possibilita pensar em oito áreas fundamentais em um projeto de vida: saúde física, saúde espiritual, saúde intelectual, saúde familiar, saúde social, saúde financeira, saúde profissional e saúde ecológica. Dividam-se em grupos para pensarem sobre cada área. Depois de refletidas, cada grupo esboce um projeto sobre as áreas estudadas.

- Saúde Física: está relacionado com o seu corpo físico. O nosso corpo é o meio pelo qual podemos manifestar toda nossa essência. O que você anda fazendo para manter seu corpo saudável?
- Saúde Espiritual: está relacionado com o seu autodesenvolvimento como Ser. O que você anda fazendo para manter sua paz de espírito, seu amor por você e pela vida? O que está fazendo para entrar cada vez mais em contato com o seu coração?
- Saúde Intelectual: está relacionado ao seu aprendizado. Quantos livros você tem lido? Tem feito algum curso ultimamente relacionado a qualquer área de sua vida? Tem ido ao teatro, concertos, cinema? O quanto tem estudado ultimamente?
- Saúde Familiar: está relacionado aos relacionamentos familiares. Como você tem tratado os familiares próximos de você? O que o está impedindo de ter um relacionamento mais amoroso e harmonioso com todos os seus familiares?
- Saúde Social: está relacionado com a sociedade como um todo. O que você tem feito para viver numa sociedade mais justa? Tem doado seu tempo ou amor a alguma instituição de caridade? O que tem feito para ajudar o próximo?
- Saúde Financeira: está relacionado com suas finanças. Você tem planejado como vai poupar dinheiro para o futuro? Onde tem investido o seu dinheiro? Tem uma planilha de gastos e lucros?
- Saúde Profissional: está relacionado com sua carreira. Você está na profissão que deseja? Você sabe qual o seu objetivo e o que você realmente quer? Pretende mudar de profissão? Pretende crescer na profissão que está? Qual é a motivação (motivo para ação) que o faz estar nesta profissão?
- Saúde Ecológica: está relacionado com a natureza e o planeta Terra. O que você tem feito para viver em harmonia com a natureza? Tem algum programa de coleta seletiva de lixo? Como está o consumo de água em sua residência? Tem desperdiçado água? O que você tem feito para cuidar do meio-ambiente em que vivemos?

ILUMINAR

Como modelo de um projeto bem vivido e concretizado, temos a pessoa de Jesus Cristo. Vejamos, para iluminar este nosso momento, três passagens bíblicas:

- Um projeto chamado Jesus (João 14, 1-6)
- Projeto de vida de Jesus (Marcos 1, 14-20)
- Um projeto de vida novo e original (Mateus 5, 1-11)

AGIR

Elaborar um Projeto de Vida pessoal tendo como base o esquema anexo.

CELEBRAR

Como Projeto de Vida franciscano, cantar a oração de São Francisco: "Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz..." Rezarem juntos a benção que São Francisco dava aos irmãos: "O Senhor te abençoe e te guarde; te mostre a sua face e tenha misericórdia de ti. Volva para ti o seu olhar e te dê a paz".

MOTIVAÇÃO FINAL

O projeto de vida permite ao ser humano percorrer um caminho para alcançar uma identidade integrada. Esta integração não se consegue de imediato e com facilidade. É fruto da fidelidade. É resultado de um esforço fatigado e gradual, que exige que se implique toda a pessoa com suas capacidades cognitivas e afetivas. O desejo de seguir adiante, de caminhar é fruto da Graça. As estruturas psicológicas da pessoa não causam a ação da graça, mas predispõe a ela.



Frei Pedro Júnior Freitas da Silva OFM, nascido em Campo Formoso na Bahia, hoje morando em Campina Grande na Paraíba. Graduado em Licenciatura em Filosofia e Bacharelado em Teologia pela Faculdade São Bento da Bahia. Pós graduação em Juventude no Mundo Contemporâneo na FAJE (Faculdade dos Jesuítas) em Belo Horizonte – MG.



NOVAS MÍDIAS E AS NOVAS RELAÇÕES



NOVAS MÍDIAS E AS NOVAS RELAÇÕES

INTRODUÇÃO

O rápido avanço tecnológico no mundo da informática e da comunicação provocou e tem provocado profundas mudanças nas pessoas e na sociedade. Mais do que um conjunto de instrumentos e aparelhos, a rede, na qual todos estamos interconectados, é um ambiente no qual a vida acontece, com suas alegrias, tristezas, vitórias e contradições. As distâncias foram encurtadas, as informações circulam numa velocidade impressionantes e muitos assuntos podem ser tratados e resolvidos em poucos minutos, sem que a pessoa sequer saia de casa. Tudo solucionado pelo computador, pelo tablet ou pelo smartphone.

Como todo ambiente humano, o mundo da tecnologia é lugar de potencialidades e também de riscos, muitas vezes multiplicados por uma falsa e ilusória condição de anonimato. Saber percorrer com prudência e alegria as “estradas” deste mundo digital é tarefa indispensável do jovem cristão e franciscano. Ao modo de São Francisco, cada jufrista deve buscar com empenho e dedicação ser verdadeira testemunha do Evangelho, também neste contexto. Para isso, é preciso formação, espiritualidade e muito discernimento sobre o que significa de fato seguir a Jesus Cristo neste fascinante ambiente virtual.

OBJETIVO

Conscientizar os participantes de que o chamado “mundo virtual” é um ambiente no qual a pessoa também precisa saber conviver e se relacionar. Também animá-los a serem verdadeiros evangelizadores no ambiente digital, apresentando um testemunho concreto do seguimento de Jesus Cristo ao modo de Francisco neste contexto.

MATERIAL NECESSÁRIO

Caderno e caneta para anotações. Quem tiver smartphone e desejar usá-lo para anotação também pode. (Pedir para que os aparelhos sejam colocados no Modo Avião.)

AMBIENTAÇÃO

Cartazes estilizados como mensagens do WhatsApp, botões do Facebook e outras redes sociais, carinhas, ícones e também outros enfeites criativos que remetam à linguagem do ambiente digital.

ACOLHIDA

Os conteúdos dos cartazes e enfeites podem ser de acolhida, como “Sua presença merece muitas curtidas”, “Vamos compartilhar a Alegria do Evangelho”, “Com Cristo e Francisco vamos juntos, pelas estradas do mundo virtual”, “Vamos fazer uma selfie dos amigos de Jesus”. Essas frases e o visual dos cartazes e enfeites podem ser elaborados de acordo com a criatividade de cada um. Não tenham medo de ousar. Também poderia se pensar em confeccionar um São Francisco ou Santa Clara de papelão com o qual os jovens poderiam fazer selfies.

VER

Levemos em consideração a seguinte afirmação do Padre Antonio Spadaro, SJ, diretor da Revista La Civiltà Cattolica, estudioso da Comunicação e assessor direto do Papa Francisco:

“A internet é uma realidade que agora faz parte da vida diária de muita gente. (...) É um espaço de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida diária: um novo contexto existencial”. Portanto, a rede não é na verdade um simples ‘instrumento’ de comunicação que se pode ou não usar, (...) efetivamente é um modo de habitar o mundo e de organizá-lo.” (SPADARO, 2012, p. 17)

Este “novo ambiente” e “novo modo de habitar e organizar o mundo” possui características próprias que influenciam diretamente a vida das pessoas. São elas:

- Velocidade: Basta um click para que a mensagem percorra milhares de quilômetros, atravesse o planeta, alcance uma infinidade de pessoas. Você já reparou a rapidez com que os conteúdos passam em sua linha do tempo no Facebook, ou como as mensagens “voam” nos grupos de WhatsApp?
- Multifuncionalidade simultânea: Pense no número de tarefas que podem ser feitas ao mesmo tempo pela tela de um celular. Ao mesmo tempo em que se conversa, paga-se a conta do banco, pode-se consultar a previsão do tempo, ouvir o clip de seu artista favorito, dar sua opinião sobre determinado assunto num fórum de discussão etc.
- Tendência à superficialidade: A rapidez de circulação de conteúdos e informações favorece uma abordagem superficial

dos temas e assuntos e dificulta uma discussão mais aprofundada.

- Múltipla pertença fragilizada: Podemos pertencer a muitos grupos, interagir com muitas pessoas. No entanto, em termos de compromisso e comprometimento, os laços tendem a ser mais frágeis. Mais ou menos como na música do grupo Tribalistas: "Eu sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também".

- Dissolução de fronteiras: Com o advento da internet, quem é próximo ou distante de você: a vizinha do andar de baixo, com quem você nunca conversou, ou seu primo que mora no Japão, com quem você vive conversando no WhatsApp? E assim acontece também com a fronteira entre público e privado (Quantas fotos íntimas de casais já não foram compartilhadas para o mundo?), real e virtual, rural e urbano, pessoal e profissional.

ILUMINAR

Para lançar luzes sobre nossa reflexão, especialmente no que diz respeito aos riscos e potencialidades da rede, vamos recorrer a nosso querido Papa Francisco, em suas palavras na Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, cujo tema foi "Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro":

Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximos, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. (...) Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. A nível global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas estradas duma cidade para ver o contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.

Não basta circular pelas 'estradas' da comunicação, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo dos massmedia não pode caminhar alheio à solicitude pela humanidade, mas é chamado a exprimir ternura. A comunicação pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos massmedia é só aparente: só pode constituir um ponto de referência quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais".

AGIR

Francisco, em oração diante do Crucifixo na pequena Capela de São Damião, ouviu o Senhor Ihe dizer: "Francisco, vai! Restaura a minha Igreja!" Esta ordem continua atual e hoje atinge de cheio a Juventude Franciscana. E o que significa atender a esse convite em nosso tempo?

No mundo da tecnologia, reconstruir a Igreja de Deus significa:

- Perceber que o mundo digital é um ambiente a ser evangelizado: Pelo anúncio e pelo testemunho; através de uma postura coerente. O mundo virtual não significa uma "vida paralela" àquela que é real.
- Buscar um constante discernimento em torno do que se lê, ouve, vê, curte, publica e compartilha: É verdade? A fonte é confiável? Que bem vai produzir o compartilhamento deste material? Corro o risco de cometer injustiça?
- Transformar as redes sociais, os aparelhos e aplicativos em verdadeiros instrumentos de comunhão.

CELEBRAR

Refrão meditativo

Onde reina o amor, fraterno amor, onde reina o amor, Deus aí está. (Ou outro à escolha)

Proclamar em clima de oração o Evangelho da Parábola do Bom Samaritano

Lc 10,25-3

Reflexão partilhada

O que significa ser o "Bom Samaritano" no mundo da internet?

MOTIVAÇÃO FINAL

Percorrer as estradas do “mundo virtual” é um grande desafio, uma realidade para a qual não podemos virar as costas. Neste espírito, vamos caminhar com coragem, com a certeza de que também neste ambiente podemos e devemos fazer a diferença. Muito trabalho há pela frente. Recordemos, como franciscanos, as palavras de Francisco em seu leito de morte: “Irmãos, comecemos, porque até agora pouco ou nada fizemos”. Paz e Bem!



Frei Gustavo Wayand Medella OFM, nascido em Petrópolis-RJ, e atualmente faz parte da Fraternidade do Histórico Convento São Francisco, no Centro de São Paulo-SP. Fez parte do Coral dos Canarinhos de Petrópolis, ligado aos franciscanos, e ali nasceu sua vocação. cursou Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. Ingressou no Seminário da Ordem dos Frades Menores em 2002, um ano depois de se formar em Jornalismo. Fez os estudos de Filosofia e Teologia. cursou também Especialização em Comunicação e Cultura pelo Sepac/PUC-SP. Foi Assistente Espiritual de fraternidades da OFS em Angra dos Reis, RJ, Atalanta-SC e atualmente assiste a Fraternidade das Chagas, em São Paulo-SP. Desde 2013 coordena a Frente de Evangelização da Comunicação da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil.



PERSONALIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

PERSONALIDADE E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

INTRODUÇÃO

O sujeito/indivíduo apresenta o seu jeito de ser em suas atitudes, expressões de ideias e sentimentos. Essa construção é contínua e ganha ares mais definidos com o passar das fases do desenvolvimento humano. A personalidade é como um desenho pessoal e muito particular que cada sujeito assume socialmente a partir da frequência dessas ações e afetos.

Recebemos influências do contexto histórico, social, cultural, econômico, religioso, etc. Somos seres sociais e nos relacionamos. Nessa troca, as diversas personalidades geram aproximação, identificação e conflitos, assim como oportunidades de mudanças e crescimento.

OBJETIVO

Ampliar o autoconhecimento e perceber, em linhas mais lúcidas, como somos, desde nossos talentos, virtudes e qualidades, até nossos limites e defeitos. Sensibilizar também a importância da vivência comunitária e como se dá esse entrelaçamento entre o EU e o OUTRO.

MATERIAL NECESSÁRIO

Cópia da lista das características para cada participante; artigos de pintura (hidrocor, giz de cera, lápis de cor); lápis, borracha, caneta, rolo de barbante, bíblia, dicionário.

AMBIENTAÇÃO

Organizar o ambiente com o material que será utilizado e elementos para ilustrar a oração. Prender nas paredes ou no chão as passagens bíblicas e mantras sugeridos. Usar música ambiente.

ACOLHIDA

Promover uma atmosfera intimista e todos em pé formando um círculo. O animador pede a um voluntário para fazer uma oração. Em seguida, cantar o mantra Deus está em mim (Nando Cordel)

Na sequência, reflexões sobre 1Coríntios 11:28: Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e do cálice.

Aquecer a fraternidade, perguntando sobre a vivência de autoconhecimento presente no livro da Etapa de Formação Inicial. A partir dessas lembranças, trazer o tema. Na sequência, há o início das instruções da dinâmica.

Hoje é uma continuidade daquele momento e iremos a águas mais profundas. Esse mergulho é muito pessoal, porém todos nós somos capazes de nos olharmos com lucidez e honestidade. É uma tarefa pessoal e juntos realizaremos essa atividade. Perguntas-chave: o que é uma qualidade? O que é um defeito? Depois de ouvi-los, entregar a cada jufrista uma cópia da lista das características. Nessa lista há inúmeras características humanas, desde características físicas, qualidades, defeitos, habilidades e as mais diversas condições humanas. Embora extensa, ela é limitada. Nossa proposta é cada um se avaliar e grifar as características que são suas. Há um espaço para você anotar atributos que não estejam presentes na lista. Vá além, não seja econômico. Somente você saberá o que foi grifado. Atenção para registrar como você se vê, e não o que falam de você. Nem sempre há uma congruência. O dicionário é para lhe ajudar a esclarecer alguns vocábulos. Brinque com o seu jeito de ser. O material disponível é para alguma arte, moldura, adorno que você queira fazer. Personalize sua lista. Revele em um papel o que você é por dentro.

Colocar uma música ambiente leve. Deixá-los à vontade para se movimentarem na sala. Certamente haverá risos, conversas e alguém apontando características para os outros. O animador deve aceitar esse clima descontraído, porém sensibilizá-los para refletirem sobre a tarefa.

O tempo é de quinze a vinte minutos, dependendo do ritmo dos participantes. É importante que todos concluam, lembrando que essa tarefa é inesgotável, pois estamos em construção.

VER

Em seguida, todos em pé e em círculo. Há alguma lista igual? Agora, cada um fará uma marca em sua lista, uma dobradura. Importante realizar essa marca, dobradura pensando no que você escreveu, trazer um clima introspectivo, envernizar de afeto o "quem sou eu?" através do que você registrou.

Em seguida a pergunta chave:

Qual o sentido mais profundo em dobrar um papel com suas características?

As possibilidades de respostas envolvem as marcas que recebemos das experiências vividas, o estado próprio de transformação, crescimento, aprendizado e mudança.

São bem-vindos os comentários sobre como foi realizar essa atividade, emoções que se afloraram e se algo foi acrescentado.

Vocês levarão consigo a sua dobradura e ela será um ícone para lembrá-lo que você está em movimento, há uma plasticidade. Todos nós somos luz e sombra. Você é capaz de mudar, adquirir melhores hábitos, não se cobrar tanto, aprender a perdoar a si próprio e ao seu próximo.

ILUMINAR

Reflexões sobre a passagem de 1 Samuel 16, 7: Porém o Senhor disse a Samuel: não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque eu o rejeitei, porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração.

Cada um guarda seu papel e, com as mãos livres, continuando em pé e em forma de círculo, o animador pega uma ponta do barbante e explica:

Vamos começar um momento em que nos ligaremos um ao outro através desse barbante. Todos participarão e eu não posso escolher alguém que já recebeu. Cada um se ligará ao seu irmão ressaltando uma característica que você admira na pessoa e assim por diante. É possível que no grupo haja pessoas que não se conheçam muito, porém alguma impressão é possível de ser colocada. No final, quando todos estiverem interligados mais uma vez, perguntar o sentido desse momento, o que aconteceu nessa dinâmica.

AGIR

Após as considerações deles, acrescentar algumas observações, tais como:

A teia que formamos são elos que existem entre nós e há uma teia invisível, e hoje nós concretizamos através do barbante para lembrar cada um de nós a importância de nos relacionarmos. A qualidade dessa teia depende muito do que somos, da nossa construção pessoal e da nossa capacidade de estabelecer novos fios de contato, fortalecer alguns que se deterioraram com o tempo, de restabelecer elos perdidos. A teia de relações é algo particular. São as pessoas e ambientes que fazem parte da sua vida. Relacionar-se é doar-se! A partir desse movimento tornamo-nos bem maiores do que somos. Dilatar nossos relacionamentos engrandece a experiência. Quanto mais nos conhecemos, mais compreendemos nossos limites, nos fortalecemos frente às diferenças das outras pessoas e nos tornamos mais preparados para os desafios da convivência, que também implica em conflitos e nossa capacidade de mediar e solucionar os mesmos.

CELEBRAR

O animador propõe outro movimento. Desfazer a teia sem soltar o barbante. Certamente haverá risos e novos movimentos até desmanchar a teia e ficarem ligados agora de maneira mais linear. Sensibilizar mais uma vez para novas considerações a partir desse novo jeito que assumiu a teia.

Levar a passagem de Eclesiastes 10. Porque se um caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante.

Na sequência cantar, o mantra Indo e Vindo Trevas e Luz tudo é Graça Deus me conduz

MOTIVAÇÃO FINAL

Ganhamos novo movimento, mas continuamos nos relacionando. Nossa personalidade também está na extensão do outro. Você não está cristalizado! Não pense em mudança como um longo e exaustivo caminho. Esse movimento psíquico pode acentuar e gerar ansiedade, que só lhe prejudicará. Dê o primeiro passo. Se for difícil fazê-lo sozinho, peça ajuda.

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Romanos: 12, 2

Concluir com o mantra Teu sol não se apagará, tua lua não terá minguante, porque o Senhor será tua luz, ó povo que Deus conduz!



Ana Cristina Rocha de Aguiar, nasci em Fortaleza/CE. Graduada em Psicologia na UNIFOR – Universidade de Fortaleza. Trabalhou juntamente com a OFM – Ordem dos Frades Menores no acompanhamento vocacional, assim como participação em palestras com diversos grupos ligados aos franciscanos.



SAÚDE E BEM-ESTAR



SAÚDE E BEM ESTAR

INTRODUÇÃO

A definição da palavra "saúde" não se limita somente a ausência de doenças, visto que esse conceito abrange aspectos de maior amplitude, como o BEM-ESTAR físico, mental, espiritual e social. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 196, ela é "direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação".

Partindo desse ponto de vista, é evidente que a promoção da saúde está vinculada a atitudes e comportamentos do indivíduo e também a fatores no plano coletivo, sendo, este último caso, uma questão diretamente ligada às políticas públicas.

A expressão BEM-ESTAR faz parte do dia a dia das pessoas e representa um desafio para muitos. Ao se referir às condições da vida de um indivíduo, esse termo deveria ser visto como um recurso para a vida diária, não o objetivo dela.

Diversas tentativas vêm sendo feitas a fim de se construir um conceito mais dinâmico, que dê conta de tratar a saúde não como imagem complementar da doença e sim como construção permanente de cada indivíduo e da coletividade, que se expressa na luta pela ampliação do uso das potencialidades de cada pessoa e da sociedade, refletindo sua capacidade de defender a vida.

No mundo atual, o jovem franciscano deve ter em mente o seu papel no processo de promoção e manutenção da Saúde individual e, principalmente, coletiva, podendo se transformar em um agente propagador da PAZ E DO BEM ESTAR.

OBJETIVO

Conscientizar o jovem que está iniciando sua caminhada franciscana sobre a importância do seu papel no processo de promoção e conservação do estado de Saúde e Bem Estar pessoal e coletivo.

AMBIENTAÇÃO

Sugerir aos participantes um início silencioso, para que se estabeleça um ambiente reflexivo, tendo como iluminação apenas luzes de velas.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, canetas, folhas de papel, velas, fósforo.

ACOLHIDA

O animador deverá convidar todos os participantes do encontro a ficarem em círculo, cada um com sua vela, para juntos entoarem um mantra ("Ó Luz do Senhor"). A seguir, acender a vela maior, orientando para que um primeiro irmão acenda sua vela nessa maior e, em seguida, um repasse a chama para o outro, até que todos estejam com suas velas acesas. Na sequência, o animador orienta os jufristas sobre o sentido da partilha do bem estar, utilizando o exemplo da vela acesa e das velas iluminadas a partir dela, que puderam experimentar o brilho da chama, que representa a qualidade de vida e bem estar geral.

VER

A saúde está relacionada à capacidade de viver a vida com qualidade, enfrentando os desafios que nos são impostos a todo momento. E o mundo atual nos traz diversas situações que dificultam a manutenção desse equilíbrio que nos leva a um estado de BEM ESTAR.

A mídia (rádio, televisão e internet, etc) está muito voltada para a importância de se ter uma boa qualidade de vida, o que dá um suporte bastante positivo a médicos, agentes de saúde e até mesmo à escola na conscientização da sociedade. Todos buscam sempre destacar em seus assuntos os seguintes temas: atividade física, nutrição adequada para o estabelecimento de uma boa saúde e qualidade de vida.

Esse enfoque no cuidado do corpo é muito importante e é citado, por exemplo, em Efésios (Ef 5, 29-30), que diz: "Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja, pois somos membros do seu corpo."

Ainda de acordo com a Sagrada Escritura, nossas dimensões física, mental e espiritual estão profundamente ligadas. Observamos algumas histórias de personagens que apresentaram problemas de saúde em uma dessas dimensões e portanto as outras também sofreram alterações. Davi (Salmos 32, 3 e 4), por exemplo, que por pecar com Bateseba (dimensão espiritual), teve por consequência um enorme sofrimento psíquico (dimensão mental) e, portanto, físico.

Nosso Pai Seráfico mantinha um comportamento de contínuo interesse pelos seus irmãos, procurando saber com prudência e atenção o que todos estavam fazendo, e não deixava de repreendê-los por alguma coisa errada que descobrisse. Olhava primeiro os defeitos espirituais e depois os exteriores, e, por último, tratava de remover todas as ocasiões em que se costumam abrir as portas aos pecados. Julgava-se desprezível, sem temor nem preocupação pelo corpo, que se expunha valentemente aos maus tratos, para não ser levado pelo seu amor a cobiçar alguma coisa terrena. (1C, 19).

ILUMINAR

Alcançar um estado de saúde e bem estar pode ser considerado uma grande bênção. Quando o indivíduo dispõe de saúde, apresenta-se com mais força e vigor para servir a Deus e desfrutar da vida.

Refletir com base nas seguintes leituras: Mt 8, 14-16 ou Mt 9, 27-34

AGIR

- 1 Criar grupos de discussão e debate sobre a prevenção de agravos à saúde individual e coletiva.
- 2 Identificar os fatores individuais e as situações de risco existentes na fraternidade, na família, na comunidade.
- 3 Promover palestras educativas sobre os diversos temas relacionados com a saúde pessoal e da comunidade na qual a fraternidade está inserida.

CELEBRAR

Animador do encontro: Reconheçamos, irmãos, a importância de exaltar e glorificar ao Senhor por todas as bênçãos que Ele nos concede, permitindo que possamos viver em pleno estado de graça, gozando de saúde e bem-estar.

V. A minha proteção está no nome do Senhor.

R. Que fez o céu e a terra.

V. Ouvi, Senhor, a minha oração.

R. E chegue até Vós o meu clamor.

Leitor 1: Ó Deus Pai! Olhai para mim, Vosso servo, sujeito a enfermidades e oprimido por muitos outros problemas e dificuldades, confortai meu corpo e minha alma a fim de que, purificado pelo sofrimento, me sinta fortalecido e encorajado por Vossa bondade.

Leitor 2: Ó Deus Filho! Fazei entrar em minha alma a Vossa paz e a Vossa misericórdia. Afastai de mim toda a maldade dos demônios, e venham para me proteger os anjos, portadores da paz. Fazei desaparecer de minha alma todo o rancor e a maligna discórdia. Manifestai em mim, Senhor Jesus, o poder de Vosso santo nome e abençoai-me, Vós que sois santo, bom e compassivo.

Leitor 3: Ó Deus Espírito Santo! Sede-me propício e conservai-Vos a meu lado, para que, recobrando a saúde do corpo e da alma, possa render-Vos graças com a alma transbordante de paz e alegria.

Leitor 4: Pelo sinal e poder da santa cruz, pela intercessão da Virgem Maria, o Senhor me abençoe e proteja, volte o seu olhar para mim e alivie as minhas angústias e os meus sofrimentos. Pelo sinal e poder da santa cruz, Jesus, que aliviou os sofrimentos, curou as doenças, libertou os possessos do demônio, afaste de mim todos os males e enfermidades. Pelo sinal e poder da santa cruz, abençoe-me Jesus Cristo com a Virgem Maria. Amém.

Animador: Que a bênção da saúde desça sobre nós, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém

MOTIVAÇÃO FINAL

Partindo de princípios fundamentados na Carta de Guaratinguetá, devemos reafirmar o desejo de ser presença desafiadora na sociedade, inserindo-nos no meio popular e assumindo-o, por meio da relação entre fé e vida, celebração, compromisso e humanidade. Nesse aspecto, devemos conscientizar o jufrista a ser protagonista na missão de promover o bem estar em todas as dimensões: pessoal, fraterna e cristã.



Jussara Santiago, residente em Teresina/PI, fisioterapeuta, jufrista da Fraternidade Nossa Senhora da Imaculada Conceição/ Morada Nova.

Alan Lira, residente em Teresina/PI. Médico, jufrista da Fraternidade Nossa Senhora da Imaculada Conceição/ Morada Nova – Teresina/PI.





ESTRUTURA DOS SISTEMAS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS



CONHECIMENTO SÓCIO - POLÍTICO - AMBIENTAL

ESTRUTURAS DOS SISTEMAS ECONÔMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS

INTRODUÇÃO

Entre 3 e 4 milhões de anos atrás, a espécie humana diferenciou-se de seus antepassados mais próximos, os hominídeos, grupo dos grandes primatas, como os chimpanzés, gorilas e orangotangos... E pode se desenvolver bem mais que eles, pela linguagem mais sofisticada e pela capacidade de imaginar e acreditar coletivamente em realidades não concretas. Com essas qualidades, na busca pela sobrevivência, intensificaram as relações de cooperação em grupos cada vez maiores. E para manter e legitimar essa cooperação, criaram ficções, como mitos, deuses, nações, dinheiro, Estado, leis, direitos humanos, empresas, redes sociais e virtuais...

Assim é que foram sendo inventados os sistemas complexos de organização da sociedade humana, compostos de instituições, ideologias, relações econômicas, políticas e sociais. Como sistemas, são conjuntos em que as partes funcionam de modo interdependente e recíproco. Isso os define e diferencia ao longo da História.

A cada sistema econômico-político corresponde um sistema social, cultural, jurídico etc., que o justifica e sustenta ideologicamente. Foram sendo organizados sistemas que se revelaram, uns mais, outros menos, com qualidades e sérios limites. Limites na medida que nesses sistemas são privilegiados os interesses de minorias mais poderosas e traído o imaginado "bem comum" de todos. Isso traz a necessidade de serem mudados ou mesmo superados. Mudar um sistema é uma tarefa complexa e difícil, que exige conjugação de múltiplos fatores, de toda ordem, material e ideológica. Pode se dar por reforma do mesmo sistema ou revolução que troca todo o sistema. O sistema atual vigente no mundo está na mais séria crise e carece de mudança. Estamos batendo no teto de seus terríveis impactos sociais e ambientais. Será que ainda é possível mudar? Quem o fará e como?

OBJETIVO

Possibilitar aos/às participantes a compreensão dos fundamentos dos sistemas econômicos, políticos e sociais e do debate contemporâneo em torno do sistema global vigente e em crise e das possíveis alternativas em relação a ele.

MATERIAL NECESSÁRIO

Além do material de ornamentação de costume (crucifixo / cruz de São Damião, velas, Bíblia, flores, livro ou folhas de canto, etc.), propõe-se que os participantes tragam de casa objetos dos quais queiram/possam se desfazer (roupas, utensílios, brinquedos, alimentos, livros, discos, etc.).

Propõe-se também ler o texto ou assistir o vídeo do Discurso do Papa Francisco aos Movimentos Populares, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, em 09 de julho de 2015: [http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_\(texto_integral\)/1157336](http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336). O vídeo do discurso com tradução tem 64 minutos: <https://www.youtube.com/watch?v=kxWELE-5bdM>. Seja qual for a opção, deve-se preparar o material necessário: cópias suficientes do texto ou uma cópia do vídeo (ou conexão wifi) com equipamento de projeção, para que o texto seja debatido em seguida.

AMBIENTAÇÃO

Organizar o espaço do encontro como se fosse um brechó, com os objetos dispostos ao redor do local onde os/as participantes estejam para celebrar o encontro.

ACOLHIDA

Canto: Canção da chegada (Flávio Irala e Valdomiro de Oliveira) – 1ª estrofe <https://www.youtube.com/watch?v=K3EAVFyxIPc>

1. Estamos aqui, Senhor.
Viemos de todo lugar,
Trazendo um pouco do que somos
P'ra nossa fé partilhar.
Trazendo o nosso louvor,
Um canto de alegria;
Trazendo a nossa vontade
De ver raiar um novo dia (bis).



Coordenador/a Irmãos e Irmãs, Paz e Bem! Com alegria nos reencontramos em atitude de formação, desta vez para tratar de um tema tão importante e desafiador para nossa missão de testemunhar a presença do Reino de Deus acontecendo e por acontecer também nas estruturas dos sistemas econômicos, políticos e sociais. Vamos olhar ao nosso redor e reparar em quantas coisas aqui trouxemos... São bens necessários ou supérfluos à vida e que servem também como mediação de nossas relações humanas e sociais. Para esta sustentação e mediação, historicamente, constituíram-se esses sistemas, necessários, mas que acabam funcionando muito além de suas finalidades, gerando e alimentando situações de exploração e opressão, sobre os/as outros/as e sobre a natureza de que fazemos parte. Qual deve ser nossa atitude como cristãos/ãs e jufristas diante destas situações?

Canto: Canção da chegada (Flávio Irala e Valdomiro de Oliveira) – 2ª estrofe

2. Estamos aqui, Senhor,
Cercando esta mesa comum,
Trazendo ideias diferentes,
Mas em Cristo somos um.
E quando sairmos daqui,
Nós vamos para voltar
Na força e na esperança
E na coragem de lutar (bis).

VER

Leitor: Os sistemas em questão são *econômicos* quando dizem respeito à provisão, sustento e manutenção das pessoas e sociedades, através da produção, circulação e consumo dos bens necessários e supérfluos. São *políticos* quando se referem ao modo de constituir, exercer, disputar e influenciar o poder de administração, mando e controle das relações na sociedade. Dizemos *sociais* para falar do conjunto do que acontece na vida em sociedade, na economia, na política, na cultura, na religião, etc.

Leitora: Conforme interagem atores e instituições dentro de um sistema político e os valores com que o fazem, criam-se diferentes tipos de *regimes políticos* ou de governo. A distinção tradicional desses regimes segue Aristóteles (384-323 AC), que se baseou em quem exerce o poder: monarquia (um só: rei/rainha), aristocracia (poucos: nobres, elite) e democracia (todos, diretamente ou através de representantes). A cada tipo ideal corresponde uma forma viciada: respectivamente, tirania, oligarquia e demagogia. Mais recentemente, a contribuição de Montesquieu (1689-1755) distinguiu república, monarquia e despotismo. Com base no modo de exercer o poder, ele mostrou que o monarca se baseia em leis fixas e estáveis; o déspota governa sem leis ou regras; na república as leis são alteradas por representantes do povo .

Leitor: Atualmente predomina na humanidade em toda extensão do planeta (globalização) o sistema econômico definido como *capitalismo*. A globalização capitalista se faz sob os marcos do neoliberalismo, que se propõe radicalizar os princípios do liberalismo econômico que está na origem do capitalismo. Esses princípios apregoam a livre-iniciativa e o livre-mercado, baseados na lei da oferta e da procura de produtos (mercadorias). Pela livre-iniciativa, o indivíduo deixado à mercê de seus desejos e esforços de realização e felicidade pessoais geraria seu próprio sucesso e isto beneficiaria a todos (a “mão invisível” de Adam Smith – 1764/1790). A livre-iniciativa supõe e requer o livre-mercado, isto é, trocas comerciais sem regulação do Estado, deixando produtores e consumidores se entenderem. Eles vão se entender “naturalmente” segundo a lei da oferta e da procura. Essa lei diz que os preços (e a taxa de lucro) e a própria produção das mercadorias são determinados pela relação ou combinações diferentes entre quantidade de produtos disponíveis no mercado e o interesse dos consumidores.

Leitora: A fim de combater o capitalismo desde o começo de sua fase industrial (meados do século XVIII), coloca-se como alternativa o *socialismo*. Esse sistema, estudado e proposto politicamente sobretudo por Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), baseia-se no princípio da coletividade, o interesse comum, sobreposto ao indivíduo. O Estado, mantendo sob controle o mercado, garantiria o bem comum. Só assim, todos seriam beneficiados igualmente. Experimentado parcial e limitadamente em alguns países no século XX, sobretudo na falida União Soviética, esse socialismo revelou sérios problemas, mas subsiste como proposta, ideal e solução para a humanidade. O desafio maior talvez seja a democracia nesse sistema, ou como equilibrar as duas dimensões: indivíduo e sociedade.

Leitor: Outros modos ou sistemas, experimentados pelos povos originários da América pré-colombiana, antes do século XVI, resistem até hoje em diversos países do subcontinente e se baseiam nos princípios do *Bem-Viver*. Esse bem-viver requer relações de equilíbrio e harmonia entre as várias dimensões do existir humano: consigo mesmo, com o passado e com o futuro, com a natureza de que somos parte, com os outros e com o sagrado, a divindade.

Coordenador/a: Que experiências concretas temos ou conhecemos das qualidades e limites dos sistemas capitalistas e socialistas? (Cochicho: por 05 minutos, trocar ideias em duplas ou trios sobre possíveis respostas a esta pergunta. Por 30 minutos, socializar o resultado, acumulando as ideias novas, sem repetição das coincidentes.)

ILUMINAR

Assistir ao vídeo ou ler em grupos o discurso do Papa Francisco no Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2015, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Se a opção for pelo vídeo, após a projeção (64 minutos), debater por 30 minutos em grupos (Número de grupos depende do número de participantes, não sendo recomendados grupos com menos de 05 e mais de 08 pessoas). Se a opção for pelo texto impresso, ler e debater em 03 ou 06 grupos (dependendo do número de participantes), por 45 minutos, os itens 01, 02 e 03 do texto, cada grupo um item, se forem 03 grupos; ou 02 grupos cada item, se forem 06 grupos.

Em ambas as opções, responder no trabalho em grupos a estas 02 questões: (1) Qual o diagnóstico que o Papa Francisco faz do sistema vigente hoje no mundo? (2) O que ele propõe para mudar esse sistema? Socializar em seguida, cada grupo apresentando em 08 minutos, o resultado pela ordem dos itens (1º, 2º, 3º). Um ou dois participantes, previamente escolhidos, apresenta/m ao final, por 15 minutos, uma breve síntese das respostas dos grupos às duas perguntas.

AGIR

Como metáfora e símbolo da ação possível:

- Discutir o que, por que e como fazer com os objetos do brechó: doar uns aos outros ou a alguma comunidade popular, grupo ou associação; trocar entre si; vender (fixando o preço previamente ou deixando que o comprador ponha o preço ou leiloando pelo melhor preço)...
- Decidir por maioria simples o que fazer. Concretizar a decisão tomada, seja qual for...
- Discutir criticamente que ideias e valores, correspondentes a que sistemas, estão subjacentes a cada uma destas propostas, em especial a escolhida pela maioria do grupo. Que lições e propostas de ação essa experiência sugere?

CELEBRAR

Coordenador/a: Deixemos que a luz da Palavra de Deus penetre nossos corações e mentes, frente às realidades que aqui vimos, ouvimos e experimentamos acerca dos sistemas de poder econômico, político e social que determinam a ordem do mundo tão distante do projeto de Deus como anunciado por Jesus e ensaiado nas primeiras comunidades cristãs.

Leitora: Leitura dos Atos dos Apóstolos 2,42-47.

Coordenador/a: Os cristãos tinham tudo em comum (Dom Carlos Alberto Navarro e Waldeci Farias)

Os cristãos tinham tudo em comum

Dividiam seus bens com alegria

Deus espera que os dons de cada um

Se repartam com amor no dia a dia (bis)

- Deus criou este mundo para todos,
Quem tem mais é chamado a repartir,
Com os outros o pão, a instrução
E o progresso, fazer o irmão sorrir.
- Mas acima de alguém que tem riqueza,
Está o homem que cresce em seu valor,
E liberto caminha pra Deus
Repartindo com todos, o amor.
- No desejo de sempre repartirmos
Nossos bens, elevemos nossa voz,
Ao trazer pão e vinho para o altar
Em quem Deus vai se dar a todos nós.

Coordenador/a: Irmãos e Irmãs, que este encontro tenha sido mais do que informação e conhecimento, mas uma experiência de fé, esperança e compromisso de amor na árdua e feliz tarefa de mudar os sistemas que regem o mundo, a torná-lo mais parecido com o sonho / projeto / ação de Jesus, praticados por Francisco e Clara de Assis, os mesmos nossos. Selando este pacto esclarecido e amoroso, rezemos a oração que Jesus nos ensinou e em seguida abracemo-nos na paz do seu amor.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE O LINK NO YOUTUBE
https://www.youtube.com/watch?v=kgOWs0qp_cE

MOTIVAÇÃO FINAL

Coordenador/a: Na conclusão de seu discurso na Bolívia, disse o Papa Francisco: "O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no caminho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona."



Ruben Alfredo de Siqueira, nascido em Aparecida/SP e residente em Lauro de Freitas, Grande Salvador/BA. Graduado em Filosofia e Pedagogia (e "meia" Teologia – ia ser sacerdote redentorista...), como também Mestrado em Ciências Sociais. Pertence a Comissão Pastoral da Terra (desde 1981) depois de exercer várias funções na CPT, hoje está como assessor do Regional Bahia (NE II) e membro da Coordenação Executiva Nacional.







CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA



CONHECIMENTO DA REALIDADE BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

Neste encontro da Etapa de Formação Base da JUFRA vamos nos debruçar sobre a realidade brasileira. Ninguém ama nem transforma aquilo que não conhece. A realidade brasileira é uma expressão disso e nela há muitas coisas bonitas que precisamos conhecer para amar e cuidar melhor. Por outro lado, há muitas realidades marcadas pela injustiça, destruição e morte que precisamos conhecer para poder transformá-las. Obviamente, este texto é apenas o cheiro bom de comida que vem da cozinha, que traz a fome e nos faz ficar com uma vontade enorme de comer o que está sendo preparado. A partir destas provocações, vamos aprofundar de outras formas e através de outras fontes a análise dessa complexa realidade brasileira.

Para entender bem a realidade brasileira, faz-se necessário estar atento à história. E estando atento, construir uma leitura diferente, digamos, ao avesso. A leitura hegemônica costuma contar a história com o olhar da colonização do Brasil pelos portugueses, no século XVI, a partir de 22 de abril de 1500, quando se tem início o Brasil Colônia. Olhar pelo avesso significa entender que essa terra já estava habitada há séculos, antes da chegada dos colonizadores, por uma diversidade de povos indígenas, com culturas milenares. A colonização interferiu nessa história de maneira que até hoje nossos povos sofrem as nefastas consequências desse processo. Os portugueses dominaram o Brasil até 1822, quando ocorreu a chamada Independência do Brasil, em 07 de setembro. Precisamos aprofundar a reflexão sobre o que essa chamada "Independência" significou e significa para nós hoje.

Em 1889 é proclamada a República. Em 1937 acontece um golpe de estado que institui o "Estado Novo" e o governo assina a Carta Constitucional de 1937. Em 1964 é imposta a Ditadura Civil-Militar, com o golpe que derrubou o presidente da época, João Goulart. O fim da Ditadura se deu em 1985 com a eleição indireta do presidente Tancredo Neves, falecido na véspera de sua posse. Esse período caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. Em 1989, depois de uma longa luta pelas "Diretas Já", Fernando Collor de Melo foi eleito pelo voto direto da população. Retoma-se todo um processo para a redemocratização do país, com muitos acontecimentos. Em 2016, o Brasil vivenciou um novo golpe, dado pelas forças políticas conservadoras e reacionárias, comandado pelo Legislativo, que com acusações infundadas tirou do poder uma presidenta legitimamente eleita, Dilma Rousseff.

Obviamente, essa síntese não representa toda a história do Brasil, mas a intenção ao elencar esses fatos é para que possamos olhar por trás deles, analisar que história tem escondida atrás destes acontecimentos, quem são os protagonistas, o que estão enfrentando e o que estão propondo. A realidade brasileira é muito mais do que aquilo retratado nos livros ou o que vira notícia nos jornais.

OBJETIVO

Queremos, com este encontro, cavoucar o chão da realidade brasileira, entender a história a partir dos "de baixo", ou seja, daqueles e daquelas que a história oficial esconde. Conhecer a nossa realidade local, para entender uma realidade maior, global. E, conhecendo essa realidade brasileira, suas dinâmicas, suas contradições, poder agir de maneira mais acertada, crítica, lúcida e ativa diante dos desafios que estão à nossa frente.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, lápis, mapa do Brasil, papel kraft ou cartolina, tinta, canetas coloridas, objetos que representem a realidade local da Fraternidade (cultura, geografia, religiosidade, etc).

AMBIENTAÇÃO

Organizar as cadeiras em círculo. Preparar, ao meio, dois cenários: um com o mapa oficial do Brasil e no outro cartolinas, pincéis, tintas e objetos que representem a realidade local.

ACOLHIDA

Realizar a Dinâmica do Relógio. O ideal é que o grupo seja constituído de, no mínimo, 24 pessoas, para que fique uma dupla em cada hora. Sendo um número menor de participantes, pode-se formar grupos de três ou quatro horas por dupla.

VER

A realidade atual do Brasil é fruto de um longo percurso histórico cheio de contradições. Vivemos uma sucessão de dominações, marcadas profundamente por injustiças de todos os tipos, por violências, inclusive em nome de Deus e da fé. A ambição por lucros cada vez maiores tem levado pessoas e grupos a expandirem suas ações exploratórias: apropriar-se dos bens naturais, concentrar a terra, escravizar pessoas, poluir as águas, desmatar florestas, saquear minérios, jogar pessoas às ruas, matar seus semelhantes, negar os direitos fundamentais da pessoa humana...

Os governos que se sucedem, mesmo os chamados "democráticos", têm assumido sistemas políticos que não priorizam o direito e a justiça. Muito pelo contrário, criam políticas em que grandes empresas, corporações econômicas e pessoas com muito dinheiro e poder, para expandir seus interesses, avancem sobre os territórios dos povos e das áreas de periferia das cidades onde vivem as pessoas empobrecidas, tomando-lhes o pouco que possuem.

Nas décadas de 1990 e 2000, o Brasil vivenciou ganhos importantes nas políticas públicas voltadas para as pessoas empobrecidas e que ao longo da história tiveram seus direitos negados. Essas conquistas foram obtidas a partir de intensa luta popular. No entanto, não houve avanços estruturais, por exemplo, mudanças no sistema político. Isso é perigoso, pois no vai e vem da história, as forças políticas conservadoras retomam com mais afinco seus interesses e aplicam o golpe, como novamente vivenciamos no Brasil a partir de 2016. Esses fatos nos ajudam a refletir a dinâmica da história, o nosso lugar nessa realidade brasileira tão complexa e de que forma deve ser nossa atuação para atingir o que desejamos.

ILUMINAR

Dividir os/as participantes em cinco grupos para a leitura e reflexão dos textos bíblicos. Em seguida, fazer uma partilha de cada reflexão:

1. Salmo 58, 2-3
2. Isaías 3,14-15
3. Isaías 5,8
4. Miqueias 2,1-2
5. Lucas 11,42-44

AGIR

Para agir sobre a realidade global é preciso conhecer e agir primeiro na realidade local. Vamos construir um mapa de nossa comunidade ou bairro, identificando os aspectos geográficos, as divisões espaciais, mas também os aspectos sociais, procurando colocar em evidência situações de injustiças sociais e ambientais, tais como periferias locais, ambientes poluídos, degradados ou que causem impactos sobre o modo de vida e a saúde das pessoas. É a nossa cartografia social. Esse mapa deve ser fixado num local onde as pessoas possam observar constantemente e contribuir para sua construção. Poderá ser feito mais de um mapa, caso o grupo considere conveniente.

CELEBRAR

Passar o mapa (ou os mapas) de mão em mão, para que cada um e cada uma possa contemplar o trabalho feito. Ao final, cantar a seguinte canção:

Canto: Ordem e Progresso (Zé Pinto)

Esse é o nosso país,

Essa é a nossa bandeira.

É por amor a essa pátria Brasil

Que a gente segue em fileira. (bis)

1. Queremos mais felicidade

No céu deste olhar cor de anil.

No verde esperança sem fogo,

Bandeira que o povo assumiu (bis).

Amarelos são os campos floridos,

As faces agora rosadas.

Se o branco da paz se irradia

Vitória das mãos calejadas (bis).

2. Queremos que abrace esta terra

Por ela quem sente paixão.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
<https://youtu.be/fUhKVuGEMU>

Quem põe com carinho a semente
Para alimentar a nação (bis).
A ordem é ninguém passar fome,
Progresso é o povo feliz.
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz (bis).

MOTIVAÇÃO FINAL

Conhecer a realidade brasileira deve ser um exercício permanente. Por isso, é preciso estar atento/a ao que acontece no bairro, na comunidade, no município, na região, no estado, no país. Entender quem está causando e quem está sofrendo com os problemas. Buscar manter um espírito crítico e lúcido diante dos fatos, mas também o compromisso e a solidariedade com os sofredores e sofredoras do nosso povo. E claro, não deixar morrer jamais a esperança num outro mundo, que já sabemos que é possível.

ANEXO

Dinâmica do Relógio

Organizando o grupo:

1. O ideal é que o grupo seja constituído de, no mínimo, 24 pessoas, para que fique uma dupla em cada hora. Sendo um número menor de participantes, pode-se formar grupos de três ou quatro horas por dupla.
2. Uma pessoa anima a dinâmica, entregando a cada um e a cada uma a folha com as perguntas e caneta/lápis.
3. O primeiro passo é agendar uma pessoa em cada hora. Veja que se Zé agendar Maria para a primeira hora, Maria também deve agendar Zé para a primeira hora. O animador dá um tempo de 30 segundos para o agendamento em cada hora.
4. Tendo feito todo o agendamento, o animador orienta as entrevistas, dando 2 minutos para cada hora. Nesses dois minutos, as pessoas vão fazer sua entrevista, ou seja: na primeira hora, Zé entrevista Maria e Maria entrevista Zé. É importante orientar que sejam respostas objetivas, para dar tempo das duas pessoas falarem. Cada um anota aspectos importantes da fala do outro. Assim segue até serem feitas as doze entrevistas.
5. Em seguida, passa-se à partilha momento no qual, por pergunta, alguns podem dizer o que acharam mais interessante nas respostas.

PERGUNTAS

1h – Você se considera uma pessoa que conhece bem a história do Brasil? Por quê?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

2h – Você se considera uma pessoa que conhece bem a história do seu lugar? Por quê?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

3h – O que mais te chama a atenção na história do Brasil?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

4h – O que mais te chama a atenção na história do seu lugar?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

5h – Quais os principais problemas que você considera na realidade atual do Brasil?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

6h – Quais os principais problemas que você considera na realidade atual do seu lugar?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

7h – Há também muitas coisas boas e bonitas na realidade atual brasileira. Cite algumas.

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

8h – Há também muitas coisas boas e bonitas na realidade atual do seu lugar. Cite algumas.

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

9h – Na sua opinião, como a Igreja deve agir diante dos problemas do mundo?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

10h – Como você acha que um/a jufrista deve atuar em meio ao contexto brasileiro atual?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

11h – Na realidade do seu lugar, quais ações você considera importantes para que a Fraternidade assuma ?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____

12h – O que você espera deste encontro de formação da JUFRA?

Nome da pessoa entrevistada: _____

Destaques da resposta da pessoa entrevistada: _____



Thiago Valentim Pinto Andrade, natural Madalena – Ceará, graduado em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Quixadá – CE e especialista em Assessoria Bíblica pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST), São Leopoldo – RS. Agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Ceará e membro da coordenação nacional da CPT. Membro também do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), da Associação de Missionários e Missionárias do Nordeste (AMINE) e da Rede Igrejas e Mineração. Atualmente reside em Tabuleiro do Norte – CE, onde coordena a Escola Família Agrícola Jaguaribana Zé Maria do Tomé (EFA Jaguaribana). Possui vasta experiência em projetos de Educação do Campo, Agroecologia e Convivência com o Semiárido.







DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR



DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO POPULAR

INTRODUÇÃO

Os dicionários nos dizem que Democracia é governo do povo, pelo povo e para o povo. Nela, teoricamente, diz-se que o povo exerce soberania quanto às políticas públicas de interesse coletivo e, ainda, que é um sistema político comprometido com a busca de igualdade e com a distribuição equitativa de bens entre todos os cidadãos. Entretanto, é importante discernir entre o conceito de Democracia, a concretização da mesma nas diferentes sociedades e a garantia da participação popular.

OBJETIVO

Compreender a essência da democracia e discutir, em Fraternidade, as diferentes realidades que enfrentamos de forma a exercermos eficaz e efetivamente nosso papel como cidadãos/ãs conscientes em nossa sociedade, testemunhas autênticas do carisma que abraçamos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Bíblia, crucifixo, colcha de retalhos, fotos (se necessário com legendas) que mostram as diferentes presenças dos grupos (trabalhadores/as, gente rica, pessoas sem moradia, bairros de periferia, locais de mineração, escolas desiguais, acesso à saúde precário ou de alto nível, diferentes etnias). Fotos e notícias de grupos que estão se mobilizando para transformar o mundo. Fotos do Congresso Nacional, da Assembleia Legislativa, da Câmara dos Vereadores, do Palácio do Planalto, do Supremo Tribunal Federal, etc. Música "Até quando?", do Gabriel o Pensador.

AMBIENTAÇÃO

No centro do espaço onde ocorre o encontro colocar um crucifixo sobre uma colcha de retalhos e a Bíblia. Ao redor, fotos dos grupos diversos. Num outro espaço, colocar fotos e notícias de grupos que estão se mobilizando para transformar o mundo. Em outro espaço, na mesma sala, fotos das instâncias dos Poderes Públicos.

ACOLHIDA

Animador/a: Hoje nosso encontro tem como tema algo que pode causar aversão para alguns, mas é, segundo o Papa Francisco, "uma das formas mais elevadas da caridade, porque procura o bem comum". Hoje vamos falar de política, e mais especificamente, de democracia. Sabemos que é um tema polêmico, mas sabemos também que é fundamental discutirmos sobre política – tudo é política! Até a morte de Jesus teve implicações políticas!

VER

Animador/a: Vivemos numa democracia, então todos nós podemos colocar nossa visão sobre essa forma de governo, pois a vivemos na pele. Vamos passear pelo nosso ambiente analisando as imagens enquanto ouvimos a música "Até quando?", de Gabriel, o Pensador.

(Deixar por um tempo...)

Vamos procurar refletir sobre como vemos a sociedade brasileira HOJE: o que percebemos de sinais de vida, luz na caminhada? O que percebemos de impasses e possibilidades de retrocesso? Quais são os grupos que têm atuado e quais seus interesses?

Os irmãos/ãs são convidados/as a descrever como se sentiram vendo as imagens que retratam a vida dos grupos expostos.

Em seguida: por que as situações são diferentes? Por que os pobres têm piores condições de moradia, saúde, salário? Por que os negros têm piores condições de vida?

Vocês já ouviram estas afirmações? "Brasileiro é muito comodista...", "Pobre não sabe votar...", "Analfabeto não deveria votar.", "Tem que trabalhar pesado mesmo: não sabe nem escrever, nem falar direito.". De onde vêm estas ideias? Como são os anúncios na TV? Quem é protagonista? (Etnia, classe); Se você observar o elenco de novelas, qual etnia prevalece? As músicas que estão sendo impostas pela mídia, que tipo de mulher é vendida como produto? E de homem?

Canto: Povo unido não será vencido (João Bento de Souza)

Povo unido não será vencido,

Povo unido não será vencido! (bis).

1. Uma só varinha é tão fácil de quebrar.
Mas ajunte um feixe... você pode até suar.
É um exemplo da força da união.
2. Uma só formiga não dá conta da roseira.
Mas desfolha a mata se ajuntar a formigueira.
Mas um exemplo da força da união.
3. Uma gota d'água o mormaço vai secar.
Ajuntando muitas, formam rio, enchem mar.
Mais um exemplo da força da união.
4. Melhorar o mundo, ninguém vai se for sozinho
Há de transformar se a união for o caminho.
Eis nossa força que está na união.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=paoue5OsBoI>

ILUMINAR

Canto: Buscai primeiro o Reino de Deus (Karen Lafferty)

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça,
E tudo mais vos será acrescentado. Aleluia! Aleluia!

Mateus 6, 19-26

Para refletir: Sabemos que democracia se constrói com justiça, com maior igualdade, participação, respeito aos direitos humanos. O acúmulo de riquezas nas mãos de poucos significa exclusão e sofrimento para muitos. O que o texto bíblico nos traz? Neste relato da comunidade de Mateus, Jesus nos mostra a impossibilidade de servir a dois senhores. Ou se serve a Deus (e isto tem muitas consequências) ou ao dinheiro (isto tem muitas consequências).

O seguimento de Jesus, por exemplo, nos convida a um comportamento que hoje podemos dizer anticapitalista: uma vida mais despojada, não preocupada com propriedade, simples, mais aberta ao outro, partilhada, não consumista. Com muito respeito pelas diferenças e acolhimento do outro. Isto tudo por sabermos que o Senhor cuida de cada um dos seus filhos e filhas. Ao contrário deste caminho, o deus-dinheiro obriga seus adoradores a conformar suas vidas dentro de uma concorrência desmedida, sede de acumular dinheiro, ter mais status e poder.

A escolha entre os dois senhores leva a duas maneiras bem diferentes de relações humanas e sociais: concentração de dinheiro e poder produz sociedades com enormes desigualdades econômicas, sociais e culturais. Além disso, há um desdobramento na vida concreta das pessoas: insatisfações, depressão, sentimento de culpa por não conseguirem ter o que é apresentado pela propaganda como bom e desejável... Neste sentido, no Brasil, por exemplo, temos uma sociedade que é democrática parcialmente. Uma grande maioria é pobre e excluída dos bens mais básicos para a sobrevivência. Como cristãos/ãs e franciscanos/as sabemos de que lado devemos nos colocar. Jesus fez opção clara pelos pobres (Mt 5,1-12), pelos excluídos (Jo 8,1-11), pelas crianças (Mt 19,14-15) pelos injustiçados.

Canto: O Profeta (Gilmer Torres e Grupo Siembra)

1. Antes que eu te formasse dentro do ventre de tua mãe,
Antes que tu nascesses, te conhecia e te consagrei.
Para ser meu profeta entre as nações eu te escolhi,
Irás onde enviar-te e o que te mando proclamarás.

Tenho que gritar, tenho que arriscar,

Ai de mim se não o faço!

Como escapar de ti, como calar, se tua voz arde em meu peito?

Tenho que andar, tenho que lutar,

Ai de mim se não o faço!

Como escapar de ti, como calar, se tua voz arde em meu peito?

AGIR

“Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no Reino do Céu e sim, quem cumpre a Palavra do Pai.”. Como podemos colocar em prática nossa participação como cristãos/ãs, franciscanos/as e leigos/as na construção de uma sociedade mais justa e mais democrática? Pensemos em atitudes práticas! (Deixar que falem.)

Sugestões:

1. Importante: buscar informações corretas. Cuidado com o que é veiculado nas grandes mídias e grandes jornais, etc.
2. Vocês conhecem outros canais de informação que dão uma versão diferente da que é imposta pela grande imprensa? Vocês conhecem estes sites?
 - Jornal Brasil de Fato: www.brasildefato.com.br
 - Fala Chico: www.falachico.org;
 - Instituto Humanitas Unisinos: www.unisinos.br/noticias
 - Outras fontes de informação.
3. Como vocês podem atuar no acompanhamento do Poder Legislativo em âmbito municipal, estadual e federal?
4. Vocês já perceberam quantas notícias falsas, “informações” que desinformam, vídeos nas mídias sociais que são desrespeitosos com pobres, mulheres, negros, indígenas, população LGBT e outros? Como vocês podem contribuir para paralisar ou enfraquecer este tipo de mensagens? É uma boa contribuição à construção da democracia...
5. Vocês já notaram como as pessoas contam – como se fosse vantagem – que detestam política e todos os políticos? Será que estas pessoas se dão conta de que quem não quer saber de política não contribui para melhorar a democracia e, portanto, não passam de “analfabetos políticos”, como chamava Bertold Brecht?

CELEBRAR

A Fraternidade pode se juntar e escolher alguma representação artística para retratar as conclusões de suas discussões. Paródia, charges e outras formas podem ser excelentes alternativas. O/A animador/a termina o encontro convidando a todos para cantarem o Pai Nosso dos Mártires.

Pai Nosso dos Mártires (Pe. Cirineu Kuhn)

Pai nosso, dos pobres marginalizados

Pai nosso, dos mártires, dos torturados.

1. Teu nome é santificado naqueles que morrem defendendo a vida,
Teu nome é glorificado, quando a justiça é nossa medida
Teu reino é de liberdade, de fraternidade, paz e comunhão
Maldita toda a violência que devora a vida pela repressão.
Ôôôô, Ôôôô... Ôôôô, Ôôôô...
2. Queremos fazer Tua vontade, és o verdadeiro Deus libertador,
Não vamos seguir as doutrinas corrompidas pelo poder opressor.
Pedimos-Te o pão da vida, o pão da segurança, o pão das multidões.
O pão que traz humanidade, que constrói a vida em vez de canhões.
Ôôôô, Ôôôô... Ôôôô, Ôôôô...
3. Perdoa-nos quando por medo ficamos calados diante da morte,
Perdoa e destrói os reinos em que a corrupção é a lei mais forte.
Protege-nos da crueldade, do esquadrão da morte, dos prevaletidos.
Pai nosso revolucionário, parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos (bis).
Ôôôô, Ôôôô... Ôôôô, Ôôôô...
Pai nosso, dos pobres marginalizados
Pai nosso, dos mártires, dos torturados.



MOTIVAÇÃO FINAL

Como franciscanos e franciscanas, e enquanto JUFRA, em um momento grave pelo qual passa nosso País, é necessário conhecer mais, ler mais, entender mais a fundo o que está acontecendo para melhor testemunhar nosso carisma: amor, ao invés do ódio que tem contaminado as posições e relações sociais; a solidariedade/fraternidade, que se contraponha ao individualismo; a busca de uma vida mais simples, que questione o consumismo que aumenta as desigualdades e fere brutalmente a integridade da Criação. O compromisso no seguimento de Jesus, da maneira como Francisco fez, de se engajar em movimentos sociais e populares, em

ações concretas buscando contestar a injustiça, lutar pela paz e pela vida. Importante lembrar sempre nosso carisma: "Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais quer comunitárias, na promoção da Justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé." (Regra da OFS II,15).

TEXTO DE APROFUNDAMENTO

Em primeiro lugar, é impossível dizer que Democracia "é" isto ou aquilo! Dialeticamente "está sendo". Hoje, mais do que nunca, esta ideia de democracia em mutação fica bem evidente: seria o que o grande sociólogo recém falecido, Zygmunt Bauman, chama de "sociedades líquidas": tudo muda e novos paradigmas surgem e desaparecem com rapidez. O conceito acima, portanto, se situa no campo das utopias. A Ciência da História torna evidente que as trajetórias humanas, as sociedades e as culturas se transformam sempre, ora lenta, ora aceleradamente.

Em segundo lugar, a partir das considerações anteriores, podemos dizer que a Democracia não é um fato "natural". É, isto sim, uma construção histórica: feita por mulheres e homens, com maior ou menor participação no coletivo, a partir de contextos socioculturais vigentes e de possíveis variáveis intervenientes alheias ao grupo. Já podemos nos perguntar: o que é povo? É o conjunto formado por uma minoria extremamente rica, a classe média, os pobres e os miseráveis? Aqui colocamos a seguinte questão: Em muitas sociedades (inclusive a brasileira) há uma minoria que detém riqueza e poder. Há uma maioria que não detém nada a não ser a força de trabalho. E esta força de trabalho é "vendida" para quem tem riqueza e poder a troco de um salário. Esta realidade coloca frente a frente classes diferentes, não é mesmo? Portanto percebemos aí a possibilidade de luta por interesses divergentes que dizem respeito a duas classes... Os que trabalham, claro, vão lutar por melhores salários, melhores condições de vida. Os que detém as riquezas, vão defender menores salários porque o que interessa é o lucro... A relação entre trabalhadores e donos dos meios de produção é, basicamente, uma relação de conflito de interesses. Em sociedades democráticas é possível as partes se organizarem, por exemplo, em sindicatos. O maior ou menor grau de organização e força possibilita um maior ou menor número de conquistas. Entretanto é bom lembrar: A classe que tem maior poder e controla o Estado é a que tem a propriedade dos meios de produção, ou seja, fábricas, terras, sistema financeiro. Esta classe (que detém o poder econômico e o poder político) também tem força para impor sua própria visão de mundo (através da mídia, por exemplo).

E, a partir desta questão, será que podemos dizer que a Democracia é feita pelo povo (a gente pode perguntar: quem tem voz, efetivamente?) e para o povo (perguntamos, também: quem, de fato se beneficia?)? Sim e não. Com estas afirmações não se busca desqualificar a Democracia, e sim, alertar sobre possíveis armadilhas contidas nas palavras...

Em terceiro lugar é bom que fique claro como vimos, que Democracia não implica em homogeneidade e permanente consenso. Pelo contrário, nela se reconhece a possibilidade de diversidades, conflito de interesses e alternativas de negociação. E isto é muito importante porque a negação do conflito, o impedimento da manifestação de posições opostas e o ódio ao diferente são características do fascismo e não das possíveis construções democráticas.

Como exemplo do que foi dito acima, tomando o caso brasileiro, podemos afirmar que historicamente, nossa construção da Democracia atravessou tempestades e trovoadas, momentos sombrios como a ditadura Vargas e a ditadura civil-militar de 1964-1985. Durante aqueles anos, o impedimento da organização e da participação popular, prisões, torturas, mortes, etc., dificultaram muito o processo de construção da nossa ainda incipiente Democracia. Mas, também mesmo durante os tempos terríveis da ditadura, tivemos momentos de riqueza na participação popular: Rompendo a repressão e a censura durante a ditadura, muitos trabalharam na organização de inúmeras associações de bairro, Comunidades Eclesiais de Base, movimentos de mulheres, a bela Campanha pelas Diretas Já e pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita. Com muita alegria a História registra a atuação corajosa da Igreja Católica, com milhares de leigos, leigas, clero, religiosas e religiosos, bispos e até cardeais, presentes na luta pela redemocratização. Na construção da Democracia, um dos momentos mais bonitos foi durante o período pré-Constituinte, quando inúmeros e diferentes movimentos e grupos sociais, depois de milhares de debates e deliberações, apresentaram aos Deputados/as Constituintes, suas propostas. Muitas delas acabaram sendo inscritas na Constituição de 1988. As experiências acima descritas mostram que, dadas determinadas situações, o envolvimento consciente de amplas parcelas da população pode ter um peso efetivo no jogo democrático.

Quando falamos em democracia, temos que ter presente duas importantes formas de participação:

1. DEMOCRACIA REPRESENTATIVA: Através de um sistema partidário, cujos partidos fazem parte da nossa forma de organização do poder político. Chamemos de Democracia Representativa: elegemos alguém que possa

nos representar no Poder Legislativo ou no Executivo. Teoricamente, os partidos ("parte") deveriam representar as diferentes "partes" da sociedade, diferentes posições e ideologias. Infelizmente, por entraves históricos não é o que vemos hoje no Brasil. E é legítimo que sejamos críticos com o que vemos hoje no país: dezenas de partidos, sem nenhuma expressão, que em sua maioria nada representam e que são meramente grupos de barganha no jogo do poder. Esta realidade leva, com razão, muitos grupos da sociedade a se colocarem contra os partidos e os políticos como se todos fossem iguais e absolutamente desnecessários. Mas, atenção! O descrédito na Política e nos políticos "em bloco", é um caminho desastroso para a democracia. Como disse o Papa Francisco, "A política é uma das formas mais altas da caridade". E é bom que fique claro: negar a Política também é uma forma de se fazer política! Negar a política leva à omissão e ao aprofundamento do poço das desigualdades.

2. DEMOCRACIA PARTICIPATIVA:

O Capítulo IV da Constituição de 1988, artigo 14, diz que a soberania popular pode, também, ser exercida pelo voto direto e secreto através do Plebiscito, do Referendo e da Iniciativa Popular. Estas são maneiras diferentes de exercer a democracia de forma direta. Foi uma grande conquista inscrita na Constituição de 88. E poderia ser mais utilizada. Importante, também, a atuação nas sessões e audiências públicas onde são discutidas questões de grande interesse dos cidadãos/ãs. Neste cenário fica clara a necessidade de estarmos atentos com as diferentes estruturas de poder e a legislação que regem as relações econômicas, sociais e políticas. Uma lei pode impedir ou dificultar a vida das pessoas ou pode ampliar os direitos e deveres. Esta última pode criar condições para uma sociedade mais justa e igualitária, tornando-se um referencial para a organização e a mobilização. Outras formas cotidianas de construir a democracia estão diretamente em nossas mãos: todos temos um certo nível de poder que pode ser colocado a serviço do coletivo e do bem-comum.

Problematizando a discussão: percalços na experiência democrática HOJE

Atualmente, no mundo, temos um modelo hegemônico de economia neoliberal, de mercado e excludente; um modelo hegemônico de cultura ocidental-americano; e um modelo hegemônico de relações consumista/individualista e hedonista. Os organismos internacionais que comandam a economia mundial determinam fortemente as políticas internas nos países, especialmente nos países dependentes. A força intervencionista dos organismos financeiros é tão grande que penetra todo o fazer político. E dificulta a construção da democracia.

Se observarmos bem, os políticos que elegemos têm pouca força diante da pressão das instâncias do poder, especialmente frente ao poder financeiro. Muitos acabam sendo cooptados. Falamos em corrupção dos políticos, mas a real e devastadora corrupção vem do poder econômico. Hoje, no Brasil, quem determina as políticas públicas, quem dá as cartas mesmo, não são os políticos diretamente! É o sistema financeiro internacional e nacional (FMI, Banco Mundial, o sistema bancário...). Então, esta onda de colocar todos os políticos como "farinha do mesmo saco" e falar que "detesto política" é bem equivocada. Há políticos que não se vendem e há aqueles que se corrompem. Temos que abrir os olhos e saber separar o joio do trigo... Não sejamos ingênuos.

Esta organização hegemônica-neoliberal, ocidental, individualista-consumista- se apresenta como ALTERNATIVA ÚNICA, e IRREVERSÍVEL. Trata-se de um modelo que impõe a ideia de que é impossível a existência de outras formas de produção e de organização da vida. Tal hegemonia produz e reproduz, pelos mais variados mecanismos, a DESIGUALDADE SOCIAL: os sem teto, os sem-terra, os sem escolas de qualidade, os sem acesso à saúde, à cultura, ao lazer. E a desigualdade é a maior inimiga da democracia. Por que? Para um grupo enorme de pessoas que levanta cedo, toma um ônibus lotado, trabalha por um salário mínimo do mínimo, tendo uma alimentação precária, acesso precário à educação e saúde, é difícil que se animem a lutar para transformar a realidade. Com exceções, torna-se impossível desenvolver um espírito crítico que permita ver alternativas ao modelo de "crescimento econômico" (para poucos) e ao modelo consumista (destruidor da saúde individual e da Mãe Terra).



Maria Zelia Castilho Rogedo, natural de Belo Horizonte/MG. Foi da Coordenação Regional/ MG da Juventude Estudantil Católica (1961-1964); Militante da Ação Popular (AP). Bacharel em Sociologia na UFMG, foi professora de Sociologia na PUC-MG e UFMG. Iniciou a caminhada franciscana em 1992 e fez a Profissão Definitiva na Ordem Franciscana Secular em 1998, atualmente exerce a função de Ministra Regional SE 1(MG).



NÃO ÀS BARRAGENS
TAPAJÓS!

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

NENHUM
SUKEITO
A MENOS!
JUFRA

MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

INTRODUÇÃO

Para entender a Comunicação como parte da caminhada franciscana, deve-se entender que “comunicar-se” faz parte do ser humano. Tal capacidade de discernir palavras, gestos e comportamentos nos faz diferentes do instinto animal, por exemplo. Ou seja, a comunicação faz parte das nossas vidas.

Como jufrista, deve-se perceber que a todo momento existem dificuldades na maneira de levar o Evangelho para as pessoas. Isso, porém, é possível abrigando-se e buscando forças em São Francisco de Assis, ao conduzir o seu nome e seus ensinamentos para o mundo. Comunicação não é apenas a imersão em tecnologias digitais, como por exemplo celulares e tablets, mas vivenciar diariamente o diálogo entre o real e o virtual.

Ao estabelecer a diferença entre estarmos presentes na sociedade fisicamente e estarmos virtualmente em “nossas contas de redes sociais”, conseguiremos estabelecer o real caminho de um/a jufrista frente aos caminhos da Comunicação Social.

OBJETIVO

Instigar o/a jovem a pensar nos acontecimentos atuais de nossa sociedade à luz das transformações comunicacionais estabelecidas nos últimos tempos. Promover relações de união da comunicação franciscana nas redes sociais com as perspectivas da realidade cotidiana.

MATERIAL NECESSÁRIO

Cartolinas em número suficiente para os grupos, vela, canetas, tintas, tecidos coloridos para ornamentação, almofadas ou cadeiras, Bíblia, símbolos franciscanos, caixa com tampa, recortes de notícias atuais relacionadas ao meio ambiente, violência contra as mulheres, desemprego...)

AMBIENTAÇÃO

No ambiente em que será realizado o encontro, deve-se ter dois espaços: no primeiro, deve-se organizar um círculo com almofadas ou cadeiras, e no centro, colocar os símbolos. No segundo espaço, organizar lugares para o momento em grupos, onde se possa discutir e escrever.

ACOLHIDA

Receber os/as participantes de acordo com o costume da Fraternidade, criando um ambiente de descontração e conversa. Pedir para que todos/as sentem-se na roda para a apresentação do tema do encontro. Em seguida, solicitar que desliguem/silenciem qualquer tipo de celular ou eletrônico e os coloquem dentro da caixa, a qual será fechada e colocada no centro da roda. Esta caixa só será aberta ao final do encontro. Em seguida, fazer a oração de modo espontâneo.

VER

Falar sobre comunicação parece ser fácil, mas pode se tornar muito complicado e desafiador. No encontro, deve-se estabelecer dúvidas e questionamentos acerca da comunicação no mundo atualmente e no passado. Por isso, o/a coordenador/a do encontro deve instigar os/as jovens a pensarem nas seguintes perguntas:

- 1) Para que serve a comunicação?
- 2) Como a Igreja estabelece a sua comunicação atualmente?
- 3) O que mudou na maneira de se comunicar?
- 4) O que podemos alterar no modo de comunicar-se?

Após a discussão, é importante que permaneça o espírito de questionamento sobre o papel da comunicação social. Para isso, mais uma pergunta deve ser enfatizada no grupo: Sendo jovens presentes nas grandes mudanças tecnológicas, conectados/as no mundo instantâneo de redes sociais e de agências de notícias online, como podemos inserir e identificar o modo de vida franciscano?

ILUMINAR

Concluído o momento de perguntas, o/a coordenador/a pode interpretar as seguintes palavras e dirigir à Fraternidade:

Ao estarmos conectados nas redes sociais, nas quais circulam informações a todo momento, dúvidas sobre o real e o falso surgem instantaneamente. Por isso, não se pode deixar simplesmente que a correria do dia a dia consiga tornar as antigas maneiras de se comunicar, como o diálogo face a face, morrerem.

Muitas são as informações erradas e falsas que circulam nas redes e se proliferam em nossa sociedade. Como jufristas, devemos estar atentos/as a tudo isso. Contudo, devemos permanecer alertas e não pessimistas às novas possibilidades de divulgação do carisma franciscano. Assim, conseguiremos trazer todo o fervor e o agito do ‘virtual’ para as nossas vidas ‘reais’.

Fazer um momento de reflexão, em silêncio.

Após esse momento, exemplificar a importância do diálogo, através da leitura da Bíblia em Mt 28,18-20. Tal trecho demonstra a vontade de seguir compartilhando a palavra de Deus.

AGIR

Para prosseguir com o processo de indagação e diálogo na Fraternidade, dividir os/as participantes em grupos de no mínimo três pessoas e colocá-los em lugares separados. Cada grupo deve levar consigo uma cartolina, canetas e tintas para desenhar ou escrever. A instrução ao grupo deve ser a seguinte: Imersos numa realidade virtual muito grande, muitas vezes nos esquecemos da nossa realidade presencial. Por isso, temos recortes de notícias com inúmeros acontecimentos em nossa sociedade, vinculados à nossa luta diária como franciscanos/as. Com isso, cada grupo deve levar consigo esses recortes para discutir e identificar dois pontos importantes que serão apresentados em cartazes ao grande grupo. O primeiro ponto são as características boas das novas mudanças comunicacionais presentes no mundo e o outro são os pontos ruins. Os recortes de notícias servirão para discutir sobre a maneira como os assuntos são tratados pelos meios de comunicação. Este momento servirá para a percepção da realidade que nos cerca e como ela é retratada na mídia e redes sociais.

Em seguida, os grupos apresentam seus cartazes e as discussões realizadas. Feito isso, conclui-se o momento.

CELEBRAR

Sem a comunicação, não conseguimos divulgar e levar adiante o Carisma Franciscano. Por isso, através da música "Se Calarem a Voz do Profetas" vamos refletir que não podemos nos calar frente às adversidades do mundo e da comunicação:

Canto: Se calarem a voz dos profetas (Cecília Vaz Castilho)

1. Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão.
Se fecharem os poucos caminhos, mil trilhas nascerão.
Muito tempo não dura a verdade, nestas margens estreitas demais, Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais.
É Jesus este Pão de igualdade, viemos pra comungar,
Com a luta sofrida de um povo que quer ter voz, ter vez, lugar.
Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar,
Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar.
2. O Espírito é vento incessante que nada há de prender.
Ele sopra até no absurdo, que a gente não quer ver.
3. No banquete da festa de uns poucos, só rico se sentou.
Nosso Deus fica ao lado dos pobres, colhendo o que sobrou.
4. O poder tem raízes na areia, o tempo faz cair.
União é a rocha que o povo usou pra construir.
5. Toda luta verá o seu dia nascer da escuridão
Ensaíamos a festa e a alegria fazendo comunhão.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=DXRcnRvXFRo>



MOTIVAÇÃO FINAL

Cultivar o Evangelho nos corações dos/as jovens deve ser uma atividade diária, mas além de internalizar o sentimento de vivência da vida em fraternidade, deve-se buscar sempre a partilha e o diálogo de tais saberes. Do que adianta saber tudo, se não somos capazes de divulgar, compartilhar e espalhar o que aprendemos para o mundo? Por isso, deve-se utilizar os meios de comunicação com consciência e sabedoria, para que cada jufrista consiga viver o carisma franciscano e irradiá-lo para outros/as jovens.



Paulo Nemitz dos Santos Junior (Junior) Nascimento: Cascavel-PR Mora: Porto Alegre-RS
Formação Acadêmica: Estudante de Jornalismo (ESPM-Sul) Formação Religiosa: Jufrista
Organização: Secretário de Comunicação do Regional Sul III – JUFRA / Secretário de
DHJUPIC Fraternidade São Damião





ESTATUTO DA JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE



ESTATUTO DA JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE

INTRODUÇÃO

O Brasil vive um dos seus piores momentos políticos desde o fim da ditadura militar. Nos últimos anos, temos assistido ao desmonte sistemático das políticas sociais, que vêm sendo violentamente atacadas, criando na população uma péssima concepção da política. Isso tem causado, cada vez mais, o afastamento e o desinteresse da sociedade para com a gestão pública, propagando a aversão à Política e desqualificando seu verdadeiro sentido como a busca do “bem comum”.

Como estudamos na escola, “Política” é uma palavra de origem grega, que tinha a ver com a cidade, a Pólis. Ou seja, a política era o espaço no qual a população participava decidindo a vida da cidade. Atualmente, política é também sinônimo de gestão pública, ou seja, são as leis, os governos, as Casas Legislativas (Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas, etc.), bem como os programas dirigidos a garantir os direitos da população.

Quando falamos em política, geralmente falamos também em políticas públicas para nos referirmos àquelas ações de cada uma das áreas de governo como saúde, educação, segurança pública e tantas outras...

E o que são então políticas públicas de juventude?

A partir da década de 1990, o debate das políticas públicas incorporou também o tema “juventude”, que passou a ser considerado como uma área em relação a qual os governos deveriam realizar ações, medidas e programas específicos. Ou seja, começamos a perceber que os/as jovens precisavam de atenção por parte do Estado e da Sociedade e que para isso era preciso organizar instituições específicas destinadas a pensar, organizar e dirigir as políticas públicas de juventude no país.

Nessa perspectiva, foi criado o Conselho Nacional da Juventude – CONJUVE (2006), bem como a Secretaria Nacional de Juventude, e nos estados e municípios dezenas de coordenações, assessorias, superintendências encarregadas de conduzir as políticas locais destinadas aos/às jovens brasileiros/as.

Do mesmo modo, foi aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidenta Dilma Rousseff o Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013 que determina quais são os direitos dos/as jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro, independentemente de quem esteja à frente da gestão dos poderes públicos. O Estatuto é o principal marco legal para a construção e monitoramento das políticas de juventude no país e é sobre ele que queremos falar um pouco no encontro de hoje.

OBJETIVO

Em nosso encontro, vamos discutir, a partir da realidade das juventudes, a importância do Estatuto da Juventude e das Políticas Públicas voltadas a este segmento.

MATERIAL NECESSÁRIO

Estatuto da Juventude para todos/as os/as participantes, notícias sobre adolescentes e jovens, velas, papéis A4, pincéis, bíblia, imagem de São Francisco e Santa Clara.

AMBIENTAÇÃO

Organizar as cadeiras em forma de círculo e, no meio, colocar os materiais, de forma que todos os/as participantes possam ver, juntamente com as folhas e os pincéis.

ACOLHIDA

A acolhida é muito importante para que todos/as sintam-se bem e tenham uma boa participação no encontro. Iniciaremos com o mantra

*Deus vos salve Deus,
Deus vos salve Deus,
Deus salve a Juventude
Onde Mora Deus,
Vos salve Deus.*

Apos a oração do Pai Nosso e a Ave Maria, o/a coordenador/a acolhe as pessoas presentes com uma saudação apresentando o tema que iremos discutir e destaca a importância de falar das políticas públicas de juventude e sobre como se percebe a presença e a ausência delas em seu município.

Trabalho em Grupo

Depois de um momento de reflexão, o/a coordenador/a motiva os/as jovens a se dividirem em grupos para pensar:

“O que vejo na realidade dos/as jovens da minha comunidade?”. Se na sala em que o grupo estiver reunido houver janelas, as pessoas podem se dividir e, em cada janela, pensar: O que se vê da realidade local a partir desta janela?

O importante neste momento é que o grupo seja provocado a pensar sobre a realidade local. Como vivem os/as jovens da nossa comunidade? Como avaliamos tudo que é possível ser visto? Os direitos dos/as jovens estão sendo garantidos? Todos/as estão tendo acesso a direitos da mesma forma? Negros/as, mulheres, pessoas com deficiência são tratados da mesma forma no acesso a serviços públicos? Jovens LGBTs são vítimas de violência ou de discriminação no acesso a direitos?

Cada grupo partilha um pouco entre si o que conseguiram ver, e, em seguida, o/a coordenador/a convoca os participantes para retornarem ao círculo, a fim de fazer uma breve partilha do que foi possível ver a partir de cada janela.

Após a partilha dos/as participantes, o/a coordenador/a faz a provocação de que temos que enxergar a juventude para além do que nos é apresentado. Em muitas de nossas cidades, só enxergamos os/as jovens como sinal de violência e morte, a maioria das políticas públicas de juventude são para “tirar a juventude da rua e das praças” e não de fazer da rua e da praça espaços de construção do seu projeto de vida. Assim como na dinâmica, que enxergamos somente o que estava exposto, precisamos olhar para os/as jovens como os grandes desbravadores/as de nossas cidades, olhar para cada jovem e perceber a potencialidade dele/a, pensar em uma política de juventude que encante os/as jovens para a arte, a cultura, o esporte e inclusive para a vida pública.

No Estatuto da Juventude temos indicativos de diversas políticas públicas para a juventude, que na maioria das vezes sequer são conhecidas pelos governantes, devido ao fato de não se importarem com os direitos da juventude. O Estatuto pode ser o provocador para olharmos das janelas dos gabinetes e enxergar os/as jovens que estão mais distantes dos centros das cidades, mas não podemos esperar somente dos governantes, podemos ser profetas e profetizas da esperança na construção das Políticas Públicas de Juventude. O que acham disso?

À luz do Estatuto, e à luz das discussões realizadas pelos subgrupos, como podemos avaliar as Políticas Públicas de Juventude em nosso município?

Olhando para a realidade, vemos que grande parte dos/as jovens estão convivendo com a negação e a ausência de seus direitos. Em muitos casos, somente os/as jovens que estão nas salas de aula têm acesso aos programas governamentais; para os/as jovens que estão à “margem da sociedade” as políticas públicas não existem, restando apenas a política de repressão através das forças policiais. Isso acontece em sua comunidade? De que modo?

Para continuar a conversa, podemos ler a palavra de Deus que nos ilumina, inspira e orienta.

ILUMINAR

Canto: Canto: Deixa-me ser jovem (José Luiz Rizzieri)

Deixa-me ser jovem, não me impeça de lutar,
Pois a vida me convida uma missão realizar.

- Deixa-me ser jovem, ser livre pra sonhar;
Não reprima, não reprove o meu jeito de amar.
Fazer também a história e não ser ignorado,
Preservar os meus valores e não ser massificado.
- Muitos jovens sem saber esbanjaram sua idade,
Alienados se entregaram aos dragões da sociedade.
Não me sinto revoltado, mas quero me explicar,
De tanto ser explorado eu me pus a protestar.
- Não nasci para servir como peça de engrenagem,
Nem ser coisa que se vende ou se compre por vantagem.
Quero ser considerado como ser filho de Deus,
Realizar os meus anseios cada vez sendo mais eu.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
https://www.youtube.com/watch?v=eEoM_-o-YQk

Após o canto, o/a coordenador/a pode introduzir a leitura indicada e em seguida, provocar a continuidade da reflexão.

Leitura: Apocalipse 21,1-6 “Uma terra que não tem mais fronteiras.”

Com este texto bíblico somos convidados/as a refletir sobre o novo céu e nova terra que tanto rezamos a Deus para que se torne um dia realidade. Mas a Nova Jerusalém depende de nós! Quem irá construir essa Nova Jerusalém serão os homens e as mulheres que hoje têm a missão nas mãos ao serem batizados/as.

Não podemos dar vida às coisas antigas e velhas. Se a política tem nos desanimado e nos afastado, precisamos fazer coisas novas, ser sinal de nova esperança. Jamais iremos construir a nova Cidade de Jerusalém sem políticas que tenham o rosto dos/as jovens.

Cristo é o nosso ponto de partida e ponto de chegada: sairemos de Cristo para Cristo e com Cristo. Perceber nos/as jovens, que hoje estão mais ausentes dos direitos, a presença do sagrado, é o primeiro passo para que assumamos nosso Batismo na sonhada construção da Civilização do Amor, conforme cantamos na música.

AGIR

Para continuar a conversa, sugerimos como gesto concreto traçar algumas metas para nossa Fraternidade;

1º) Pesquisar quais Políticas de Juventude existem em nossa cidade;

2º) Provocar a criação do Conselho Municipal da Juventude ou, em sua existência, buscar participar ativamente;

3º) Provocar nas estruturas eclesiais o debate sobre os direitos da juventude.

Não podemos nos acomodar perante o Estatuto da Juventude e as políticas de Juventude e não construir nada em nosso chão. Como cantamos, "É missão de todos nós, Deus chama, eu quero ouvir a sua voz." (Zé Vicente)

CELEBRAR

Precisamos ser como velas, ser luz para que ninguém caminhe pela escuridão. Cada participante pega uma vela no centro e ao acender sua vela, irá falar em que vai doar sua vida. A sua vela irá seguir consigo e toda vez que a Fraternidade for discutir a pauta das políticas públicas de juventude, os membros devem trazer suas velas para momento de oração. Assim seremos luzes um/a para o outro/a.

MOTIVAÇÃO FINAL

*"É Jesus este Pão de igualdade,
Viemos pra comungar,
Com a luta sofrida de um povo
Que quer, ter voz, ter vez, lugar.
Comungar é tornar-se um perigo,
Viemos pra incomodar,
Com a fé e a união nossos passos um dia vão chegar"*

Nossa motivação não poderia deixar de partir do Pão que é Jesus. "Comungar é tornar-se um perigo, viemos para incomodar". Vivemos em uma sociedade em que a cultura da morte parece ser a regra, não podemos nos acomodar diante da realidade que vivemos. Temos a missão de sermos vozes para os/as milhares de jovens que tiveram suas vidas ceifadas pela ausência das Políticas Públicas de Juventude.

Para saber mais sobre políticas de juventudes, deixamos aqui algumas dicas para você continuar e se aprofundar...

Que tal dar uma conferida no filme "Uma árvore bonita" do diretor Beto Novaes e da pesquisadora em juventude Regina Novaes? O documentário conta a história de jovens brasileiros – como você – e dos seus desafios na construção de seus sonhos e projetos. Você pode achar o filme no Youtube ou através deste link: <https://www.youtube.com/watch?v=rntkKczZfcY>

Para quem prefere uma boa leitura, existem vários livros legais, alguns disponíveis na internet, que podem ajudar a entender melhor a questão das políticas de juventude, seus limites e suas perspectivas no Brasil. Algumas sugestões:

-"Juventude e Políticas Sociais no Brasil" organizado por Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria de Aquino e Carla Coelho de Andrade e publicado pelo IPEA.

Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5641

-"Juventude em perspectiva: múltiplos enfoques", organizado por Eliane Ribeiro, Diógenes Pinheiro, Luiz Carlos Gil Esteves e publicado pela UniRio

-"Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças" organizado por Regina Novaes, Gustavo Venturi, Eliane Ribeiro e Diógenes Pinheiro e também publicado pela UniRio. Disponível em: <http://polis.org.br/publicacoes/10759-2/>

Mas se você prefere navegar pela internet para se aprofundar sobre o tema, a dica é conferir estes endereços:

-www.acaoeducativa.org.br/

-www.ibase.br/pt/

-www.pj.org.br



Edgar de Araújo Mansur. Edgar Mansur. Betim MG. Assistente Social.
Coordenação Estadual da CEBs MG. Coordenador do Centro de Referência
da População em Situação de Rua.







NÃO ÀS BARRAGENS TAPAJÓS!

CULTURAS E IDENTIDADES DO POVO BRASILEIRO



NENHUM SUJEITO A MENOS!

CULTURAS E IDENTIDADES DO POVO BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Este encontro buscará desenvolver um olhar para a realidade sociocultural brasileira e a formação da identidade do povo brasileiro.

OBJETIVO

Conhecer parte do aporte teórico que contribuiu para perceber a riqueza da diversidade de nosso país, suas múltiplas formas de expressão cultural, bem como a unidade, na busca de uma diversidade de identidade nacional.

MATERIAL NECESSÁRIO

Fotos dos/as integrantes do grupo, de preferência de rosto; papéis coloridos recortados de várias formas e tamanhos; tesoura; cola; tecido ou outro material para montar um painel com as fotos e os recortes; artesanatos, vestes e comidas típicas das diversas regiões do país ou do local, e colcha de retalhos.

AMBIENTAÇÃO

Dentro das possibilidades, deixar o ambiente alegre e festivo com a Bíblia, a bandeira do Brasil, colcha de retalhos, além do material que será utilizado para a dinâmica do grupo.

ACOLHIDA

Escolher alguns cantos animados, em diversos ritmos, que a fraternidade conheça ou que os cantores possam sustentar. Animar a fraternidade a transparecer a alegria, a brasilidade de cada um/a.

Canto: Canto das Três Raças (Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte)

- Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil.
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativo e de lá cantou.
- Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou.
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou.
- E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor.
Ôôôô... Ôôôô...
- E ecoa noite e dia
É ensurdecedor.
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador.
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor.
Ôôôô... Ôôôô...

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE

<https://www.youtube.com/watch?v=Swbt2HGmXmY>



VER

O nosso "continente" Brasil é formado por uma gama diversa de pessoas, culturas e línguas, desde antes mesmo de sua ocupação por portugueses e também espanhóis. "Lá pelos anos 1000 alguns navegadores já falavam da Ilha Brasil". Nestas terras, muitos, mas muitos, povos já aqui habitavam e viviam "Havia uma humanidade indígena [...] uma gente [...]"

que existia para viver a vida, para gozar a vida. A finalidade da vida era viver.” afirma Darcy Ribeiro no Documentário O Povo Brasileiro, que é de grande valia ser assistido.

Depois de 1500, a formação do povo que hoje somos tem em suas raízes três matrizes básicas: Tupi, Luso e Afro. Somos a grande mistura desses povos somada às demais migrações para as terras que muito prometiam. Essas últimas migrações são fugas de situações degradantes na Europa ou na Ásia. Os povos que aqui viviam e os povos que aqui chegaram eram detentores de tradições linguísticas, artísticas, religiosas, étnicas, etc. Essas tradições vão se confluindo com o tempo, ora de forma mais tranquila, ora de forma mais violenta.

Dessa forma não podemos falar de CULTURA no Brasil, e sim de CULTURAS, pois é na multiplicidade que encontramos a nossa unidade, a nossa IDENTIDADE brasileira. Outro assunto de nosso encontro e não fora de contexto, pois uma coisa leva a outra, é a identidade. Identidade social “refere-se a um sentimento de semelhança com (alguns) outros” (DESCHAMPS & MOLINER, 2009, p. 14). Desse sentimento que nos identifica; aquilo que nos torna brasileiros e brasileiras.

Para compreender essa grande diversidade é preciso em um primeiro momento levar em consideração alguns aspectos importantes: o primeiro desses é que não se pode “considerar como cultura brasileira tão-somente aquelas manifestações intelectuais e artísticas da elite” (OLIVEN, 1982, p.75).

Segundo, que é de grande importância para a constituição de uma cultura brasileira, foi o Movimento Modernista de 1922. Nesse período, surge a necessidade de constituir um processo de ressignificação da compreensão de cultura, não mais tendo a Europa como centro e modelo cultural ideal.

Para a construção da ideia de culturas, uma definição pode ajudar na reflexão proposta: “Cultura deveria, portanto, ser um termo empregado no plural, já que não se constitui num complexo unificado coerente, mas sim, num conjunto de ‘significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados’, que são construídos socialmente, variando, portanto, de grupo para grupo e de uma época para outra” (BURITY org., 2002, p.15).

Darcy Ribeiro compara a nossa cultura com uma colcha de retalhos, simplificando essa ideia, já apresentada, de culturas. E, belamente, afirma que essa colcha é formada, sobretudo, pelo que ele denomina de “Povão”. “Povo Novo” formado pela grande mistura de europeus, africanos e sul-americanos e hoje podemos acrescentar asiáticos. Somos o rosto do mundo em um só povo, o POVO BRASILEIRO. Ele afirma que somos o espelho da mistura que deu certo. Essa é a nossa mais valiosa identidade.

ILUMINAR

Jesus foi um homem de seu tempo, viveu conforme sua cultura. Várias vezes o vemos cumprindo preceitos que fazem parte da vida de um judeu de seu tempo. Foi circuncidado (Lc 2,21); apresentado no templo (Lc 2,22-24); esteve em uma festa de casamento (Jo 2,1-11); participou da festa das tendas (Jo 7,10-14) dentre muitas outras coisas. Contudo, foi corajoso, e isso pesou em seu julgamento, pois denunciou os preceitos que nada mais tinham de importância do que cumprir uma formalidade: curou em dia de sábado (Jo 5,1-18), perdoou pecados, e foi acusado de blasfêmias (Mt 9,1-8).

Francisco de Assis também foi um homem de seu tempo. Lutando para defender a sua cidade, acabou preso, como podemos ler na Legenda dos Três Companheiros: “Certa vez, quando ocorria a guerra entre Perusa e Assis, Francisco foi aprisionado com muitos de seus concidadãos e encerrado em Perusa.” (LTC 4,1). Tinha o grande desejo de ser um cavaleiro, de lutar em uma cruzada na defesa da fé (LTC 5,1), mas depois, percebeu que deveria ser um cavaleiro de Cristo.

As referências acima são fundamentais para poder entender que Jesus e Francisco foram gente de seu tempo, inseridos em culturas específicas, em momentos históricos específicos. A Igreja, no último século, teve um grande evento que a marcou profundamente: foi o Concílio Vaticano II, que ousadamente propôs muitas mudanças na Igreja tanto para dentro de sua estrutura como para com sua atuação no mundo.

No documento do Concílio chamado Gaudium et Spes (Alegria e Esperança) que trata da Igreja no mundo de hoje, o respeito pela cultura de cada povo é fundamental: “... se estabeleçam os princípios fundamentais segundo os quais se reconheça e se atue em toda a parte efetivamente o direito de todos à cultura correspondente à dignidade humana, sem discriminação de raças, sexo, nação, religião ou situação social.” (GS 60)

AGIR

Algumas questões podem ajudar na reflexão e podem ser trocadas ou acrescidas outras de acordo com a reflexão da Fraternidade:

1. Quais os principais aspectos culturais em que estou envolto?
2. Como eu vivo a minha cultura?
3. Qual a identidade social que assumo?
4. Quais as músicas, danças, comidas, sotaques que vivo ou conheço?

5. Respeito e/ou preservo minha cultura?
6. Entendo/respeito a cultura do "outro"?
7. O diferente divide ou complementa a nossa Fraternidade?

CELEBRAR

Utilizar vários recortes coloridos de papel ou tecido. Se for possível, ter várias fotos de todos/as do grupo ou de pessoas de diversas matrizes étnicas do Brasil. Assim como falou Darcy Ribeiro, que o povo brasileiro é como uma colcha de retalhos, este é o momento de preparação para confeccionar a colcha da Fraternidade.

Se a Fraternidade for grande, pode-se dividir em dois painéis, mas se quiserem montar um maior único também será interessante. E nesses painéis, fazer a colagem das fotos e dos recortes coloridos até fechar e montar toda a colcha.

Partilhar os alimentos, cantar, dançar, expressar as culturas que estão presentes ou representadas nesse encontro. Festejar, agradecendo a Deus o momento de convívio, a partilha das tristezas e alegrias. Festejar e se alegrar! De fato, a identidade do povo brasileiro é a felicidade na diversidade e na dificuldade. Viva o povo brasileiro! Viva a brasilidade que existe em cada um/a!

MOTIVAÇÃO FINAL

Depois do percurso da reflexão sobre a cultura e a identidade brasileira, a expectativa é a de que este encontro possa ter contribuído para pensar a sociedade brasileira em toda a sua diversidade, nas suas múltiplas formas de expressão da brasilidade. Possa ter ajudado a não mais idealizar um Brasil único, mas os muitos "Brasis" que formam a nossa grande e linda Pátria Amada Brasil. Que essa reflexão seja só o começo, o gostinho, que aguça a vontade de pensar o Brasil a partir dos/as brasileiros/as.

REFERÊNCIAS

- CULTURA e identidade: perspectivas interdisciplinares. Organização de Joanildo A. Burity. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 187p. ISBN 85-7490-117-2.
- DESCHAMPS. JEAN-CLAUDE; MOLINER, Pascal. A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009. 198p. (Psicologia social, 25). ISBN 978-85-326-3914-1.
- FASSINI, Dorvalino Francisco, Coordenação geral. Fontes Franciscanas. Edição João Mamede Filho. Santo André, SP; Editora "O mensageiro de Santo Antônio", 2004.
- GODELIER, Maurice. Comunidade, Sociedade, Cultura: Três modos de compreender as identidades em conflito. [tradução de Mariana Portella]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012. 76p. (Biblioteca Colégio do Brasil, 17). ISBN 978-85-282-0161-1.
- IGREJA CATÓLICA. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II: (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997. 733p. (Documentos da Igreja, 1). ISBN 85-349-0943-X
- OLIVEN, Ruben George. Violência e cultura no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982. 86p.



Wagner José da Rosa. Frade da Ordem dos Frades Menores na Custódia das Sete Alegrias de Nossa Senhora MT e MS. Animador do JPIC e Animador Vocacional. Nascido em Caarapó - MS. Atualmente em Rondonópolis - MT. Formado em Ciências Sociais pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) e acadêmico de Teologia ITF (Instituto Teológico Franciscano)/UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).





SUSTENTABILIDADE E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL



SUSTENTABILIDADE E JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as crises sociais, ambientais e econômicas têm estado em pauta, despertando medo e apreensão. Não sem razão! Vivemos em um mundo em que apenas 62 indivíduos possuem a mesma riqueza que 3,6 bilhões de pessoas! Um mundo muito desigual econômica e socialmente. Muita concentração de riqueza e muitos pobres. Ao mesmo tempo, tem sido cada vez mais frequente a ocorrência de tragédias e catástrofes ambientais: secas, enchentes, furacões e tempestades. Em meio a tanta destruição, são as populações empobrecidas, vivendo em áreas de risco, as que mais sofrem com os fenômenos ambientais extremos. Mas seriam mesmo crises separadas, uma ambiental e outra social? Na importante Encíclica Laudato Sí, escrita pelo Papa Francisco em 2015, afirma-se que “tudo está interligado”: “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental.” (LS,139) Neste encontro, vamos refletir a partir de nossa realidade e das palavras do Papa Francisco, buscando uma compreensão mais profunda quanto aos desafios que enfrentamos para construir um mundo com paz e justiça socioambiental!

OBJETIVO

Refletiremos sobre algumas das principais causas das “crises socioambientais” em curso no nosso país e no mundo, bem como sobre as alternativas que começam a ser construídas. Será nosso objetivo identificar como a perspectiva e a espiritualidade franciscanas contribuem para um mundo com paz e justiça socioambiental. Este é um tema complexo e nosso encontro deve inspirar a continuidade da reflexão.

MATERIAL NECESSÁRIO

Precisaremos de dois tipos de material. Um, para evocar quatro elementos da natureza: ar, água, terra e fogo. Podem ser usadas velas grandes; uma jarra com água salgada ou doce, um vaso de flores, areia ou pedras, por exemplo. Usem os elementos mais comuns na região onde está a Fraternidade. Seria importante se pudéssemos ter um globo terrestre. Precisaremos também de material sobre o tema com o qual vamos trabalhar. Pode ser organizado em um power point ou em material impresso. São necessários alguns gráficos que indiquem os níveis atuais de destruição ambiental. Uma boa fonte é <http://www.stockholmresilience.org>. Também precisamos de dados sobre a concentração de riqueza no Brasil e no mundo. Uma boa fonte é <https://www.oxfam.org.br/publicacoes/uma-economia-para-os-99>

AMBIENTAÇÃO

Caso o grupo se reúna em uma sala onde haja um quintal ou jardim, parte da reflexão poderá ser feita ao ar livre. Caso contrário, devemos arrumar no centro da sala um ambiente com toalhas ou tecidos coloridos, onde serão dispostos os elementos da natureza, bem como o globo terrestre.

ACOLHIDA

Falaremos hoje sobre um tema complexo, que deve ser analisado e tratado sob uma perspectiva de fé e esperança. A acolhida deve ser feita em um ambiente calmo. Podemos utilizar diferentes cantos para esta abertura. Um canto muito interessante, vinculado ao nosso tema, é “Tudo está interligado”, do Padre Cirineu Khun, SVD. Caso seja possível utilizar o espaço externo, a acolhida pode ser feita em um círculo, onde o/a coordenador/a convida a que todos/as busquem, em silêncio, ouvir os sons do entorno. Em seguida, pode ser cantado o mantra “Ó Luz do Senhor”. Neste início, é importante que todos e cada um encontrem uma conexão mais profunda com seu entorno, com a maravilhosa Criação do Deus da Vida, da qual faz parte.

Canto: Tudo está interligado – Pe. Cirineu Khun, SVD

Tudo está interligado como se fôssemos um
Tudo está interligado nesta Casa Comum.

1. O cuidado com as flores do jardim,
Com as matas, os rios e mananciais.
O cuidado com o ar e os biomas
Com a terra e com os animais.
O cuidado com o ser em gestação
Com as crianças um amor especial.
O cuidado com doentes e idosos
Pelos pobres, opção preferencial... Tudo está!
2. A luta pelo pão de cada dia,

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
https://www.youtube.com/watch?v=1do_VBZG9Ps

Por trabalho, saúde e educação.
A luta pra livrar-se do egoísmo
E a luta contra toda corrupção.
O esforço contra o mal do consumismo
A busca da verdade e do bem.
Valer-se do tempo de descanso,
Da beleza deste mundo e do além... Porque tudo está...

3. O diálogo na escola e na família
Entre povos, culturas e religiões.
Os saberes da ciência e da política,
Da fé, da economia em comunhão.
O cuidado pelo eu e pelo tu
Pela nossa ecologia integral.
O cultivo do amor de São Francisco
Feito solidariedade universal... Porque tudo está...

VER

Somos chamados/as à Vida em um Universo maravilhoso: nosso planeta, nossa casa comum, a Terra, integra o sistema solar, situado na galáxia Via Láctea, onde existem bilhões de estrelas. Esta é apenas uma entre outras mais de cem bilhões de galáxias! Somos as primeiras gerações de humanos a saber que vivemos em um Universo imenso e em expansão: novos planetas, estrelas e luas ainda estão sendo criados. Por isso, dizemos que o Universo está cheio do poder criador e do Espírito Santo do Deus da Vida! Nosso planeta, a Terra, é um ser vivo e vivente. O único em todo o universo conhecido como o lugar onde a vida foi gerada.

No entanto, nos últimos séculos, após a expansão do capitalismo e da Revolução Industrial, passamos a utilizar os bens da Natureza de forma desmedida e descuidada. Especialmente depois de 1945, da Segunda Guerra Mundial, houve o que os cientistas chamam de "a grande aceleração", um processo impressionante de urbanização, com a intensificação do uso de recursos naturais como combustíveis fósseis, derrubada de florestas, extração de minérios, poluição das águas, entre tantos outros. Essa forma irresponsável de uso não permite que a Natureza se regenere. Um dos indicadores mais claros desse desastre é o aquecimento global, uma mudança intensa na temperatura média do planeta. Os cientistas têm comprovado e denunciado que, pela ação humana, estamos muito próximos de destruir as condições para a Vida no nosso planeta.

Infelizmente, a riqueza gerada por esse intenso processo de destruição encontra-se concentrada nas mãos de poucos. Assim, vemos em todas as partes do mundo o crescimento dos refugiados tanto das guerras, disputas por petróleo e outros bens, quanto os chamados refugiados climáticos, pessoas que precisam migrar porque as condições ambientais em suas regiões não permitem mais a manutenção de suas vidas. Todo esse processo é feito em nome de um "progresso" que beneficia poucos. O mesmo acontece no Brasil, com os grandes projetos de expansão do agronegócio e da mineração, com a construção de uma infraestrutura imensa: portos, rodovias, ferrovias, barragens, que destroem os ecossistemas e deslocam populações inteiras.

No 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em Roma, 2016, o Papa Francisco afirmou: "Existe um terrorismo de base que deriva do controle global do dinheiro sobre a terra e ameaça toda a humanidade [e a vida]. Tal sistema é terrorista. Nenhuma tirania se sustenta sem explorar nossos medos!"

ILUMINAR

Somos todos/as envolvidos/as e compelidos/as a um consumismo exagerado e ao desperdício. Afirma o Papa na Laudato Sí: "Dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam sendo arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecno-econômico."

Diante dessa realidade, o Papa nos convida a uma "conversão ecológica" (LS,217). Ele fala de uma "revolução cultural" como uma mudança que deve acontecer em muitos planos: pessoal, social e político.

Há um primeiro passo a ser dado por cada um/a de nós, especialmente os franciscanos/as. São Francisco é o modelo e a inspiração principal do Papa na Encíclica Laudato Sí: "Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isto exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou negligências, e arrepender-se de coração, mudar a partir de dentro." (LS, 218) Devemos desenvolver uma relação de gratidão e gratuidade com toda a Criação, que "implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estúpida

comunhão universal. O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres.” (LS, 220).

Ao passo inicial, de modo pessoal, seguem-se outros, pois há uma “responsabilidade que deriva da fé.” (LS, 220) Para agir, é preciso estar em comunhão com outras pessoas que, como nós, despertam uma consciência de justiça socioambiental. Nesse caso, a justiça é antes de tudo a justa medida. O uso dos bens, conscientes dos limites do planeta, com respeito aos ciclos de regeneração da Natureza. Impor limites ao consumo exagerado e à destruição dele derivado é urgente.

AGIR

Estamos envolvidos aqui em dinâmicas sociais, culturais e políticas amplas. Antes de agir, devemos também conhecer os grupos sociais e políticos que atuam em nossa região em defesa da justiça socioambiental. Nesta etapa, vamos conversar a partir da nossa própria realidade. Podem ser organizados grupos para aprofundar a reflexão, caso haja um número significativo de participantes.

Sugerimos que seja montado um quadro no qual se identifiquem quais são os principais problemas sociais e ambientais da cidade ou região onde está situada a Fraternidade, bem como os grupos sociais e políticos que atuam: quais são suas reivindicações? Como estão organizados? Existem grupos de jovens atuando nesta mesma área? Seria possível pensar com eles uma atuação conjunta?

CELEBRAR

Estamos frente a um grande desafio, mas não estamos sós: o Deus da Vida caminha conosco e toda a Criação espera por nós! Como disse o Papa Francisco: “Ainda há tempo! E o tempo é agora”!

Sugestões de leitura:

- Encíclica Laudato Sí;
- Romanos 8,19-25;
- Provérbios 8,22-36.



Moema Maria Marques de Miranda é antropóloga, com Mestrado em Antropologia Social, pelo Museu Nacional, UFRJ. Atualmente é coordenadora do projeto “Diálogo dos Povos – Uma articulação Sul-Sul”, com a participação de entidades e redes da América Latina e da África. Integra o Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração. Participa do Grupo Impulsor da Rede Iglesias y Minería, da Coordenação Nacional do Serviço Interfranciscano de Justiça Paz e Ecologia (SINFRAJUPE) e da Assessoria da Rede Eclesial Pan-Amazônica, REPAM. É professora na Ordem Franciscana Secular, Ministra na Fraternidade do Convento de Santo Antônio do Largo da Carioca, Rio de Janeiro.





DIREITOS HUMANOS



DIREITOS HUMANOS

INTRODUÇÃO

Os direitos humanos constituem a base sobre a qual se constrói a sociedade. Sem esses direitos universais que se estendem a todos, mulheres e homens, o que existe é a “lei do mais forte” – dos ricos, dos que têm poder. A afirmação de que “todos os homens nascem livres e iguais em direitos”, formuladas nas grandes declarações de direitos (da Revolução de Independência Americana, em 1776, e da Revolução Francesa, em 1789), representa a ruptura com uma sociedade baseada na diferença e na desigualdade: uns nascem inferiores (plebeus) e outros nascem superiores (nobres), e assim continuarão por toda a vida. Afirmar os direitos humanos é afirmar que a desigualdade não é natural.

OBJETIVO

Refletir sobre a importância dos direitos humanos hoje em dia, numa sociedade na qual parece haver mais violações do que respeito aos direitos.

MATERIAL NECESSÁRIO

Texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), jornais recentes nos quais se noticiem diferentes tipos de violação aos direitos humanos e cartazes, panfletos e imagens que defendam algum tipo de direito.

AMBIENTAÇÃO

Disposição das pessoas em círculo, seja em cadeiras ou assentados no chão, com a Declaração, os jornais e os cartazes no meio do círculo.

ACOLHIDA

Vamos iniciar esta reflexão lendo os parágrafos iniciais – o preâmbulo – da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que foi adotada pelas Nações Unidas em 1948 e que é um texto de grande atualidade. O que explica o surgimento dessa Declaração é o que havia ocorrido pouco tempo antes: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com 50 milhões de mortos de diferentes países do mundo inteiro, o nazismo, a discriminação e perseguição aos judeus, os campos de concentração, prisões, torturas e eliminação física de muitos.

A Declaração começa assim:

“Preâmbulo

Leitor/a 1: Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo;

Leitor/a 2: Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos do Homem conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do Homem;

Leitor/a 3: Considerando que é essencial a proteção dos direitos do Homem através de um regime de direito, para que o Homem não seja compelido, em supremo recurso, à revolta contra a tirania e a opressão;

Leitor/a 4: Considerando que é essencial encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações;

Leitor/a 5: Considerando que, na Carta, os povos das Nações Unidas proclamam, de novo, a sua fé nos direitos fundamentais do Homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres e se declaram resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla;

Leitor/a 6: Considerando que os Estados membros se comprometeram a promover, em cooperação com a Organização das Nações Unidas, o respeito universal e efetivo dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais;

Leitor/a 7: Considerando que uma concepção comum destes direitos e liberdades é da mais alta importância para dar plena satisfação a tal compromisso:

A Assembléia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos”.
(Em seguida, vêm os artigos da Declaração.)

VER

Qual a situação dos Direitos Humanos no nosso país, no nosso estado, na nossa cidade, na região onde moramos?

Quando assistimos à televisão, ouvimos o rádio ou quando abrimos os jornais, frequentemente ouvimos falar de assassinatos - violações do direito à vida -, seja de jovens negros, seja de camponeses/as ou outras pessoas, ouvimos falar de povos indígenas que foram atacados, que foram obrigados a sair de suas terras - violação do direito à terra,

do direito à moradia -, ouvimos falar de pessoas que foram presas injustamente - tiveram seu direito à presunção de inocência violado -, de pessoas que foram vítimas de preconceito racial, sexual ou religioso - violação do direito à dignidade de pessoa humana.

Parece que há mais violação de direitos do que respeito e garantia dos mesmos.
Vamos fazer um levantamento do que temos visto ou ouvido nos últimos meses.

ILUMINAR

Os direitos humanos surgem na história como uma forma de defender os indivíduos contra a opressão, de afirmar a liberdade contra a tentação opressiva e repressiva do Estado. Liberdade: de pensamento, de opinião, de expressão, de informação. Afirmar os direitos é impor limites ao Estado, limites que o Estado deve respeitar para garantir a liberdade de cada um/a e de todos/as.

Num segundo momento, os direitos vão aparecer como condições para uma vida digna: direito à saúde, à educação, à habitação, ao transporte, ao lazer, à assistência – são os direitos sociais. Aqui, não se trata de impor limites ao Estado, mas de exigir dele que garanta esses direitos através de políticas públicas de saúde, de educação, etc.

Vamos ver dois textos bíblicos que nos ajudam a valorizar os direitos humanos.

João 10, 10 e Isaías 65,17-25.

Canto: Nossos direitos vêm (Zé Rufino)

Nossos direitos vêm! Nossos direitos vêm!

Se não vir nossos direitos, o Brasil perde também!

1. Confiando em Cristo Rei que nasceu lá em Belém
E morreu crucificado porque nos queria bem.
Confiando em seu amor, se reclama até doutor.
Mas nossos direitos vêm.
2. Quem nega nossos direitos, será negado também.
Já chega de mil promessas sem cumprir para ninguém.
Mas com os irmãos unidos, o mundo muda de sentido.
E nossos direitos vêm.
3. Só porque tens muita terra e tens gado com fartura,
Tu negas a teu irmão, este pobre sem figura.
Cuidado com teu mistério: um dia, no cemitério,
Nossa carne se mistura.
4. A cova é tua morada, o verme teu companheiro.
A vida desaparece, pra lá não serve dinheiro.
Quero ver tua defesa, onde está tua riqueza
Que comprava o mundo inteiro!
5. Pra lá tu não levas nada: nem dinheiro, nem teu gado.
Nem teu carro, nem partido, nem pacote arrumado
Lá tu tiras esta máscara. Só leva terra na cara:
Tá aí o resultado.
6. Tu sabes que a morte é justa. Vem toda de uma vez.
Passa um visto em teus crimes. Qual o dia, eu não sei,
Mas tu pagarás dobrado. Não existe advogado
Que te defenda na lei.
7. Aqui termino pedindo ao nosso Pai soberano
Que fez o céu e a terra, sem cometer um engano:
Olha o teu santo universo, cheio de coração perverso
Que nega os direitos humanos.

AGIR

Frente à situação atual, na qual são inúmeras as violações de direitos e na qual a própria centralidade dos Direitos Humanos na organização da sociedade vem sendo colocada em questão:

O que podemos e devemos fazer? Qual o nosso papel como cristãos/ãs?

Vamos levantar atividades e iniciativas que têm sido feitas em defesa dos direitos humanos e atitudes que poderiam e deveriam ser realizadas.

CONHECE ESSA MÚSICA? NÃO?
ACESSE AO LINK NO YOUTUBE
<https://www.youtube.com/watch?v=eaVk-eub5ik>



A encíclica "Pacem in Terris" (Paz na Terra), de João XXIII, publicada em 1963, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, é toda dedicada à questão dos Direitos Humanos. Seleccionamos dois trechos para lermos em voz alta:

Leitor/a 1: "Todo ser humano é pessoa, sujeito de direitos e deveres."

Parágrafo 9. Em uma convivência humana bem constituída e eficiente, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa; isto é, natureza dotada de inteligência e vontade livre. Por essa razão, possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria natureza. Trata-se, por conseguinte, de direitos e deveres universais, invioláveis, e inalienáveis".

Leitor/a 2: "Direito à existência e a um digno padrão de vida"

Parágrafo 11. E, ao nos dispormos a tratar dos direitos do homem, advertimos, de início, que o ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente o alimento, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes de sua vontade".

MOTIVAÇÃO FINAL

Num momento em que estamos vivendo tanta desconsideração pelos Direitos Humanos por parte de muitos representantes políticos, sejam eles governantes, parlamentares ou juizes, que dão preferência aos interesses econômicos do "mercado" em lugar da defesa dos direitos, é fundamental reafirmar a centralidade dos direitos humanos como o pilar sobre o qual se deve construir a sociedade, se quisermos que ela seja justa e democrática.



Ivo Lesbaupin nasceu no Rio de Janeiro, sua atual cidade. É sociólogo, professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador da ONG Iser Assessoria, do Rio de Janeiro. É autor e organizador de diversos livros, entre os quais: Para evitar o desastre: Como construir a sociedade do bem viver (cartilha - 2017); Para além do desenvolvimento: construir outros horizontes utópicos (orgs.: Ivo Lesbaupin e Evanildo Barbosa da Silva) (2017); Uma análise do Governo Lula 2003-2010: de como servir aos ricos sem deixar de atender aos pobres (2010); O Desmonte da nação em dados (com Adhemar Mineiro, 2002); O Desmonte da nação: balanço do governo FHC (org., 1999); As Classes Populares e os Direitos Humanos (1984 – este livro está digitalizado e se encontra disponível no seguinte link: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/1924>).



www.jufradobrasil.org



 jufrabrasil@gmail.com

 [@jufra_brasil](https://twitter.com/jufra_brasil)

 [/jufrabrasil](https://www.facebook.com/jufrabrasil)

 [/JufraBR](https://www.youtube.com/JufraBR)

 [@jufradobrasil](https://www.instagram.com/jufradobrasil)